

FILHAS OUSADAS LIVRO UM

A woman with blonde hair and a pink flower in it is shown from the back, looking over her shoulder. She is wearing a long, voluminous pink gown with lace detailing on the bodice. She is standing in a grand, ornate room with a large arched doorway behind her, a chandelier on the ceiling, and a decorative sofa to the left.

*Ousadas
Ser
Indecente*

EMMA V. LEECH

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Table of Contents

[Árvores Genealógicas](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Epílogo](#)

[Ousando Ser Descarada](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Acertando as Contas com o Diabo \(Em breve\)](#)

[Desafiando um Duque](#)

[O Patife](#)

[Uma Leve Indiscrição](#)

[O Lorde Indomável](#)

[A Chave para Erebus](#)

[O Príncipe Sombrio](#)

[Quer mais Emma?](#)

Ousando Ser Indecente

Por Emma V Leech

Ousando Ser Indecente

Filhas Ousadas – Livro 1

Por Emma V. Leech

Publicado por: Emma V. Leech.

Arte da capa por: Victoria Cooper

Título original: *Dare to be Wicked*

Tradução: Inês Vanmuysen

Preparação de Texto/Revisão: Vânia Nunes

Direitos autorais (c) Emma V. Leech 2021

Nº ASIN: B0D6M374Z7

Todos os direitos reservados. Sem limitar os direitos autorais reservados acima, nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada ou introduzida em um sistema de recuperação, ou transmitida, de qualquer forma ou por qualquer meio (eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro) sem a permissão prévia por escrito do proprietário dos direitos autorais e da editora deste livro. Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares, marcas, meios de comunicação e incidentes são o produto da imaginação do autor ou são usados ficticiamente. A autora reconhece o status de marca registrada e os proprietários de marcas registradas de vários produtos mencionados nesta obra de ficção, que foram usados sem permissão. A publicação/utilização destas marcas comerciais não é autorizada, associada ou patrocinada pelos titulares das marcas comerciais. A versão em e-book e a versão impressa são licenciadas apenas para seu prazer pessoal. A versão em e-book não pode ser revendida ou doada a outras pessoas. Se você quiser compartilhar o e-book com outra pessoa, compre uma cópia adicional para cada pessoa com quem o compartilhar. Nenhuma identificação com pessoas reais (vivas ou falecidas), locais, edifícios e produtos é inferida.

Sobre Mim!



Comecei essa incrível jornada em 2010 com *A Chave Para Erebus*, mas não tive coragem de publicá-lo até outubro de 2012. Para quem já fez isso, saberá que publicar seu primeiro título é uma coisa terrivelmente assustadora! Eu ainda fico nervosa quando um novo título é lançado, mas agora esse terror diminuiu, finalmente. Agora, o meu pavor é quando minhas filhas tiverem idade suficiente para lê-los.

Que pesadelo! (Para ambas as partes, na minha opinião).

No ano de 2017, fiz minha primeira incursão no Romance Histórico e no mundo do Romance Regencial. Meu Deus, que ano! Fiquei encantada com a resposta a esta série e mal posso esperar para adicionar mais títulos. Os leitores de Romance Paranormal não precisam se desesperar, pois há muito mais por vir também. Escrever tornou-se um vício e, assim que um livro termina, fico extremamente animada para começar o próximo.

Como muitas das minhas obras refletem, sou muito influenciada pela bela paisagem francesa em que vivo... Moro aqui no Sudoeste desde 1998, embora tenha nascido e crescido na Inglaterra. Minhas três lindas filhas são todas bilíngues, e eu, meu marido – Pat – e nossos quatro gatos nos consideramos extremamente afortunados por termos feito deste lugar tão lindo o nosso lar.

CONTINUE LENDO PARA DESCOBRIR MEUS OUTROS LIVROS!

Outras obras de Emma V. Leech

Filhas Ousadas



Série – Filhas Ousadas

Filhos Ousados



Série – Filhos Ousados

Damas Ousadas



Série – Damas Ousadas

Patifes & Cavalheiros



Série – Patifes & Cavalheiros

Romances de Mistérios Regenciais



Série – Romances Regenciais de Mistério

A Lenda Francesa dos Vampiros



Série – A Lenda Francesa dos Vampiros

A Lenda Francesa dos Fae



Série – A Lenda Francesa dos Fae

Livros Independentes

[A Amante de Livros](#) (uma novela paranormal)

[A Menina não Está para o Natal](#) (romance regencial)

Audiobooks (títulos disponíveis apenas em inglês)

Não tem tempo para ler, mas ainda precisa de uma dose de romance? A espera acabou...

Depois de muitos pedidos, garanta alguns de seus livros favoritos de Romance Regencial de Emma V. Leech em áudio, interpretados pelos incomparáveis Philip Battley e Gerard Marzilli. Vários títulos disponíveis e mais adicionados a cada mês!

Encontre-os na sua loja de audiobook favorita!



chirp



Agradecimentos

Obrigada, obviamente, à minha editora maravilhosa, Kezia Cole, da [Magpie Literary Services](#).

Para Victoria Cooper, por todo o seu trabalho duro, sua obra de arte é incrível e, acima de tudo, sua paciência sem fim!!! Muito obrigada. Você é incrível!

À minha melhor amiga, assistente pessoal, torcedora de carteirinha e provedora de chocolate, Varsi Appel, pelo apoio moral, por aumentar minha confiança e por ler o meu trabalho, mais vezes do que eu. Eu te amo muito!

Muito obrigada a todas as minhas leitoras beta e apoiadoras! Vocês são as melhores!

Eu fico sempre tão feliz em ouvi-los. Por isso, sintam-se à vontade para enviar um e-mail ou uma mensagem :) emmavleech@orange.fr

Ao meu marido Pat e à minha família... por sempre se orgulharem de mim.

Índice

[Árvores Genealógicas](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Epílogo](#)

[Ousando Ser Descarada](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Acertando as Contas com o Diabo \(Em breve\)](#)

[Desafiando um Duque](#)

[O Patife](#)

[Uma Leve Indiscrição](#)

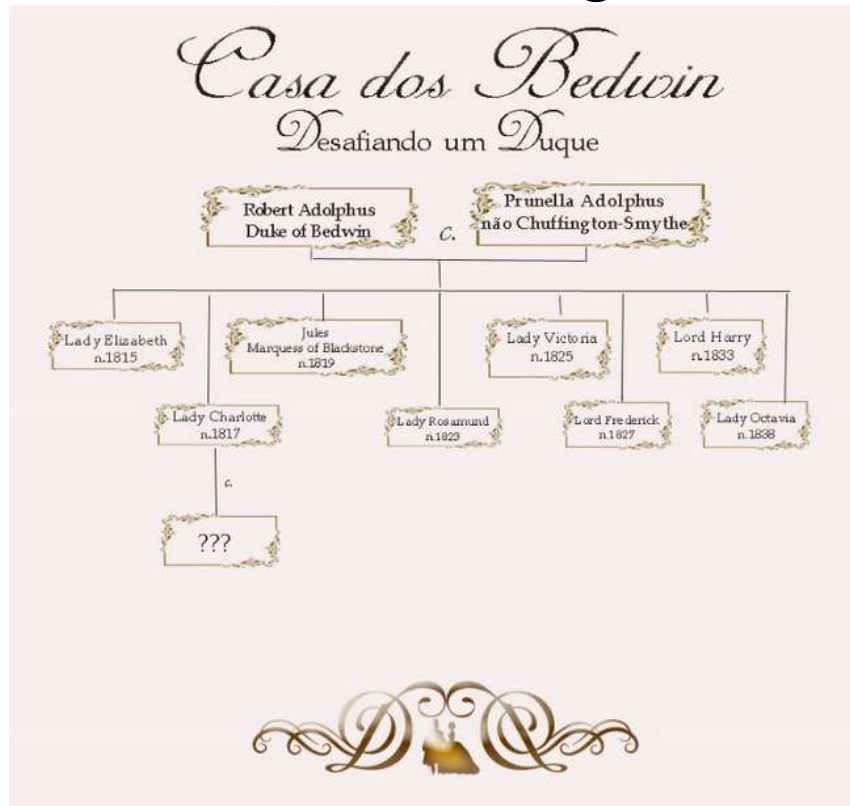
[O Lorde Indomável](#)

[A Chave para Erebus](#)

[O Príncipe Sombrio](#)

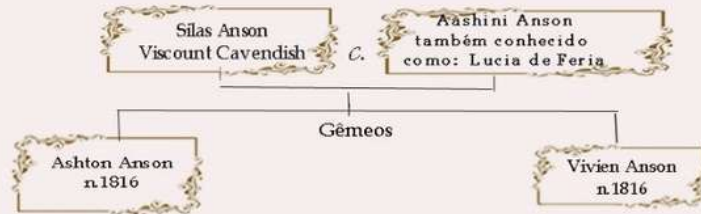
[Quer mais Emma?](#)

Árvores Genealógicas



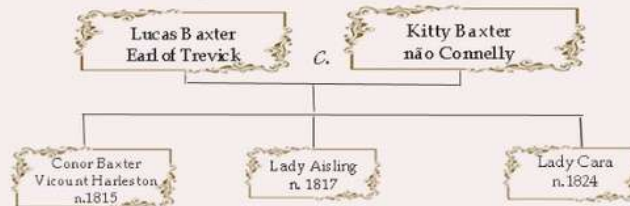
Casa dos Cavendish

Quebrando as Regras



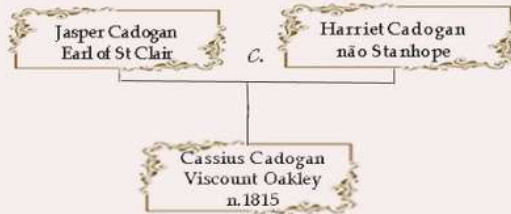
Casa dos Trevick

Seguindo seu Coração



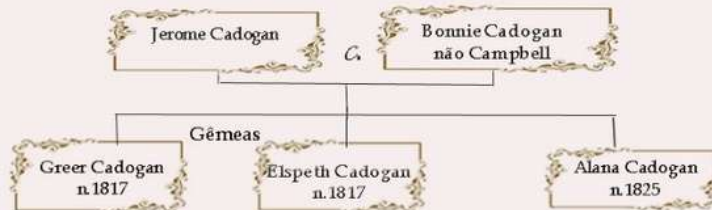
Casa dos St Clair

Apostando um Amor



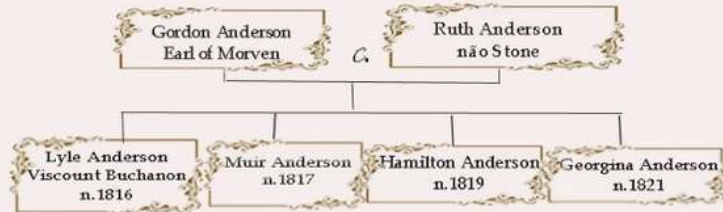
Casa dos Cadogan

Dançando com um Diabo



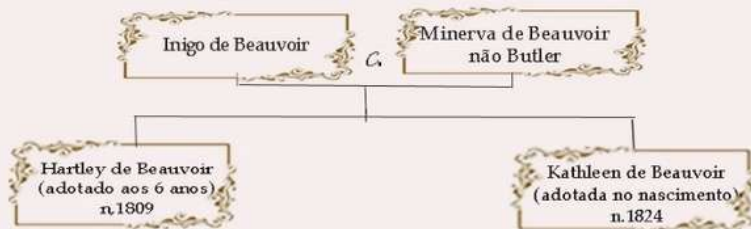
Casa dos Morven

Inverno em Wildsyde



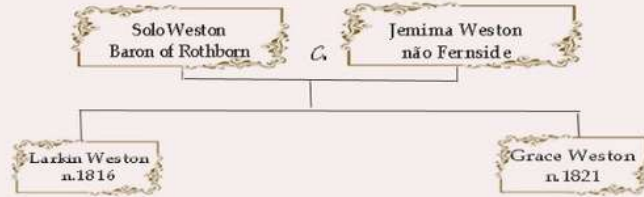
Casa dos de Beauvoir

Experimentando o Desejo



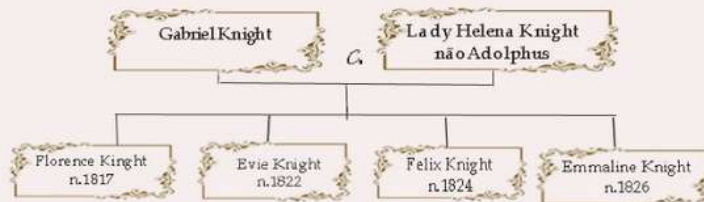
Casa dos Rothborn

Dormindo com o Barão



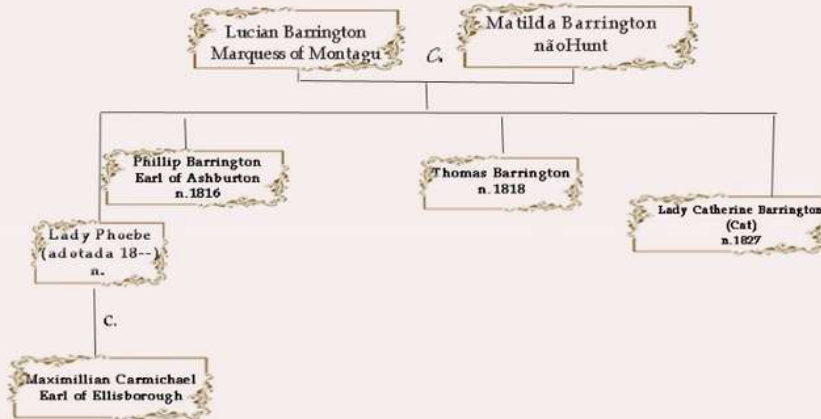
Casa dos Knight

Cavalgando com o Cavaleiro



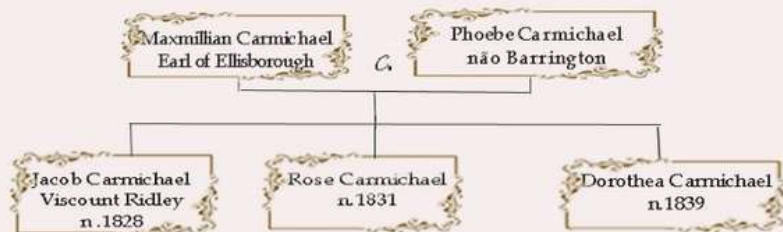
Casa dos Montagu

Caçando o Caçador



Casa dos Ellisborough

Dançando até o Amanhecer



Capítulo 1



É tão injusto!

Por que todos podem ver a coroação da nova rainha, menos eu? Prometi-me comportar e não perder a paciência, mas tenho certeza de que meus irmãos estavam extremamente entediados. Mal posso esperar para me tornar adulta que nem Eliza e Lottie. Pelo menos, vão contar-me tudo quando estivermos em Holbrook. Pip e Tom provavelmente já estarão dormindo.

– Trecho de uma anotação no diário de Lady Catherine 'Cat' Barrington, filha mais nova do Marquês e da Marquesa de Montagu.

28 de junho de 1838, Beverwyck, Londres.

— Oh, como os meus pés doem! — lamentou Lottie, conforme Eliza a arrastava degraus acima até a porta da frente. — Nunca mais vou dançar.

— Se ao menos você nunca mais voltasse a falar — murmurou Eliza. Depois de uma tediosa viagem de carruagem de volta para casa, a empolgação do longo dia deu lugar à exaustão, e sua lendária paciência estava se esgotando rapidamente.

— Se *ao menos* você não tivesse perdido o meu prendedor de cabelo favorito.

— Já pedi desculpas por isso — disse Eliza, calmamente, com admirável comedimento dadas às circunstâncias, e forçando-se a não

ser ríspida. Lottie estava cansada e irritada, só isso. — Vou dar-lhe um novo.

Meu Deus, como seus pés doíam! Sua cabeça também, e ela ansiava pelo santuário de seu próprio quarto e sua confortável cama. Ela não teria perdido a coroação da jovem Rainha Vitória por nada neste mundo; contudo, Eliza estava certa de que se as pessoas encarregadas da cerimônia tivessem a menor ideia de como ela deveria ocorrer, a coisa toda poderia ter durado pouco mais de uma hora. As *cinco* horas que duraram foram intermináveis e carregadas de ansiedade, pois ninguém parecia saber o que se passava. Já havia murmurinhos sobre “mais uma coroação fracassada”. Mesmo assim, nenhum pio de reclamação havia passado por seus lábios. Apesar de seus pais terem sido convidados, seu pai pagou o inacreditável valor de vinte guinéus por pessoa pelos três bilhetes de entrada para seus filhos mais velhos. Na sua opinião, um acontecimento tão histórico como esse era imperdível. Apesar da dor de cabeça e dos pés doloridos, sem mencionar o seu traseiro, Eliza estava grata por ter feito parte disso, mesmo que momentos de completo caos tivessem pontuado toda a pompa e cerimônia.

A farsa quase se tornou tragédia quando o pobre Lorde Rolles – certamente na casa dos oitenta anos – tropeçou ao tentar subir as escadas. Milagrosamente, ele saiu ileso; mas só as ações da rainha, que gentilmente se moveu em direção a ele para impedi-lo de tropeçar novamente, salvaram-no de mais lesões e humilhações.

— Não fui eu que reclamei de estar sendo espremida só porque adormeci.

Eliza suspirou. Lottie ainda tagarelava, aparentemente determinada a esgotar a paciência de Eliza. Lottie era a única pessoa capaz de desestabilizar a calma inabalável de Eliza e, de alguma forma, ela conseguia isso com notável facilidade.

— Você babou no meu ombro — disse Eliza, com sarcasmo.

Lottie corou, fazendo cara feia, e abriu a boca para revidar.

— Oh, parem de brigar, crianças — protestou o irmão delas, Jules, que, aos dezenove anos, era quatro anos mais novo que Eliza e dois anos mais novo que Lottie. — Honestamente, só de ficar na companhia de vocês duas por cinco minutos já fico com a cabeça doendo, ainda mais em um dia como hoje. Mamãe, faça elas pararem.

— *Crianças?* — retorquiu Lottie. — Acho que você foi o único que continuou exigindo saber quando poderia ir para casa.

— Sim, sim. Foi um dia difícil — disse a mãe deles, com o tom tranquilizador e não totalmente alinhado ao olhar mordaz que lançou para os filhos. — Estamos todos cansados e irritadiços, então, por que não controlamos a língua por tempo suficiente até tirarmos nossos chapéus e casacos e irmos para a cama?

— Oh, mas, mamãe, estou morrendo de fome!

Jules bufou e abriu a boca para fazer algum comentário sobre a capacidade de Lottie de comer a qualquer momento do dia ou da noite, antes de notar o olhar glacial de sua mãe e mudar de ideia.

— Mandarei que alguém traga uma bandeja para o seu quarto, querida.

Lottie dirigiu um sorriso malicioso a seu irmão antes de sorrir lindamente para sua mãe. — Obrigada, mamãe.

— Se vocês pudessem permanecer em silêncio até o momento de chegarem aos seus quartos, eu ficaria extremamente grato — observou o pai deles, a diversão em seus olhos verdes atenuando a reprimenda.

A idade não havia suavizado o semblante severo, embora belo, do Duque de Bedwin, nem seu perfil inflexível, que era do tipo que poderia remeter a vilões e atos sombrios. Embora seu cabelo preto e espesso estivesse ficando grisalho, ele ainda era um homem saudável e forte, uma verdadeira força da natureza. A não ser, é claro, que você fosse a mãe de seus filhos. Bastava um olhar dela para ele se derreter. Eliza sorriu para si mesma.

— Claro, papai — disse ela.

— Anjo — murmurou ele, com carinho, enquanto Lottie bufava.

— Você nunca me chama de anjo — resmungou ela, entregando seu chapéu e luvas a um laçao enquanto seu mordomo, o Jovem Jenkins, cumprimentava-os.

— Eu me pergunto por que será — disse papai, erguendo uma sobancelha escura. Ele riu de sua expressão descontente e inclinou-se para beijar sua bochecha. — Vá para a cama, minha querida menina levada. Vou mandar alguém trazer chocolate quente e bolo. Isso vai te deixar mais calma?

Lottie deu um largo sorriso para ele e jogou sua capa para um laçao de aparência divertida.

— Lógico — disse ela, e subiu as escadas, dançando, como se não tivesse quase desmaiado de fadiga apenas alguns segundos antes.

Eliza a observou ir e suspirou. Se ao menos a promessa de chocolate e bolo pudesse trazer-lhe uma explosão de energia... Ela estava prestes a desmaiar de cansaço.

— Você se saiu muito bem hoje, Eliza, eu fiquei orgulhoso de você... de todos vocês — corrigiu seu pai, apoiando a mão no ombro de Jules enquanto observava Lottie desaparecer ao longo do patamar do andar de cima.

Jules cobriu um bocejo com a mão. — Bem, estou deveras feliz; por outro lado, nunca estive tão entediado em toda a minha vida. Espero que a rainha tenha um longo reinado pela frente, pois não desejo passar por essa experiência novamente tão cedo. Boa noite, senhor, mamãe.

— Não se esqueça de que devemos partir para Holbrook antes das dez da manhã — avisou mamãe, enquanto ele subia as escadas.

Ouviu-se um gemido audível de protesto, mas Jules continuou subindo, desaparecendo na mesma direção que sua irmã.

— Bem, boa noite... — começou Eliza, dando lugar a um suspiro de alarme. — Mamãe!

Seu pai se moveu rapidamente, pegando sua mãe pela cintura pouco antes de ela cair.

— Oh! — Mamãe levou a mão à cabeça, seu semblante pálido. — Oh, meu Deus.

— Prue, querida, o que foi? — exigiu saber o duque, abalado.

A mãe de Eliza exibiu uma expressão triste. — Bem, ainda é cedo demais para ter certeza, mas aposto em outra menina, por volta do final de novembro, pelas minhas contas.

— Mamãe!

— Prue! M-mas dissemos... concordamos... em parar — exclamou o pai.

Mamãe bufou e respondeu com um olhar malicioso. — Não me olhe desse jeito. Não é como se eu tivesse feito tudo sozinha.

— *Mamãe* — disse Eliza, em um fio de voz, tentando sufocar uma risada com a mão.

Seu pobre pai aparentava precisar de uma bebida.

— Sete! — disse ele, como se pudesse convencê-la a mudar de ideia sobre isso. — Maldição, sua criatura impossível, concordamos que sete já era suficiente.

Mamãe deu de ombros e se apoiou no duque, seus olhos azuis suaves com adoração. — Mas oito é um número redondo tão agradável. Iremos chamá-la de Octavia.

Papai suspirou e se inclinou para beijá-la.

— Querida — disse ele, impotentemente.

A criada de mamãe apareceu no topo da escada e a duquesa sorriu para ela. — Chegou em boa hora, Sally.

A mulher desceu correndo até sua patroa e deu-lhe um braço para se apoiar.

O duque encarou sua esposa. — Prue, você tem cert...?

— Sou forte como um touro! Só estou um pouco cansada, mas não se preocupe comigo, Robert querido. Ficarei perfeitamente bem — disse a duquesa, com um sorriso jovial. — É como descascar ervilhas — acrescentou, acenando com a mão e dando uma gargalhada ao subir as escadas.

— Descascar ervilhas? Oh, meu Deus, essa mulher... — disse o pai de Eliza.

Ele permaneceu ali, com os olhos lacrimosos, observando-a desaparecer – chocado demais para se mover, suspeitou Eliza.

— Vá para a cama, papai — encorajou-o Eliza.

— Ela não é mais tão jovem como antes — disse ele, com a voz tensa.

— Não, mas ela está totalmente em forma e é forte, além de ser teimosa demais para permitir que qualquer coisa interfira em seus planos para o futuro. Ela vai ficar bem, papai. Tenho certeza disso.

Ele assentiu, e um pouco da tensão deixou seus ombros.

— Ela vai — disse ele, com o ar determinado de um duque cuja palavra era lei. — Ela vai.

— Vamos lá — disse Eliza, entrelaçando o braço no dele. Ela avistou o mordomo, que discretamente havia se ausentado durante a pequena revelação de mamãe. — Jenkins, acho que talvez mamãe também queira um pouco de chocolate quente.

— Imediatamente, Lady Elizabeth. Você também? — perguntou ele, com uma expressão compreensiva em seus olhos.

Eliza sorriu. Bem, por que não? — Sim, por favor.

O Jovem Jenkins – assim chamado para evitar confusão, pois era filho do antigo mordomo – se moveu rapidamente para atender às suas ordens. Ela sorriu para o pai e subiu as escadas ao lado dele. Ele não disse mais nada até que estivessem na metade do caminho.

— Você está animada para ver Cassius amanhã?

Eliza olhou-o de relance, incapaz de esconder o pequeno rubor que sentia aquecer o rosto.

— Estou — disse ela, baixinho.

Seu pai ficou em silêncio e ela teve a sensação irritante de que ele estava prestes a dizer algo que ela não gostaria.

— Não há necessidade de apressar as coisas. Você sabe disso, certo? Ainda é jovem, e ele esteve fora por tanto tempo. Talvez vocês não combinem mais. Por isso... seria bom você esperar um pouco para tentar conhecê-lo melhor.

— Nós nos conhecemos desde sempre, papai, não há pressa — disse ela, rindo, mas sua risada morreu quando percebeu sua expressão.

— Sim, mas...

— *Mas?* Céus, você aprova nossa união, não? — Eliza estudou o rosto de seu pai, alarmada com a preocupação em seus olhos. Por que ele parecia tão ansioso?

— Claro que aprovo — disse ele, dando tapinhas na mão dela. — Mas ele está fora há dois longos anos. As pessoas mudam, os sentimentos mudam e...

O coração de Eliza martelou devido à apreensão. *Ele podia não a amar mais.* As palavras permaneciam não ditas, mas ela as percebia do mesmo jeito. Não. Isso era uma tolice. Cassius era leal até demais, eles se amavam desde sempre, e um lindo futuro estava todo traçado para eles. Há anos já estava. Ele iria ajudá-la a fundar sua instituição de caridade. Eles iriam mudar o mundo e juntos torná-lo um lugar melhor.

Reconhecidamente, Cassius era apenas um visconde. Para realizar tudo o que esperava, um duque teria sido muito melhor, mas... mas ele era o seu amigo mais íntimo, e ela amava-o. Será que papai tinha objeções?

— Ele é seu amigo, Eliza, seu melhor amigo.

— Sim — disse ela, simplesmente, mas perplexa, enquanto ele ecoava seus pensamentos.

Ao chegaram ao topo da escada, seu pai se virou e pegou suas mãos. — Querida, a amizade certamente não é uma base terrível para um bom casamento, longe disso, mas... mas pode não ser suficiente. Só não tome decisões precipitadas. Ainda há tempo. Prometa-me.

Eliza assentiu, bruscamente, desconcertada com toda essa conversa. Ela se casaria com Cassius. Esse sempre fora o plano dos dois. Nunca o disseram com todas as palavras, mas ambos inferiam isso. Cassius lhe disse que esses anos na França seriam suficientes para acalmar seu desejo de viajar e de aventura e que, então, estaria pronto para se estabelecer. Ao voltar para casa da França, iria pedi-la em casamento. Todos sabiam disso. Eles sabiam disso.

Não sabiam?



Inexpressivamente, Lottie encarou o lado de fora da janela da carruagem. Ela tinha dormido profundamente, mas não bem, e seus olhos tinham uma sensação de areia e ardiam. A carruagem também estava abafada e o pequeno Harry fazia movimentos impacientes entre ela e Eliza. Geralmente, Lottie não se importava de viajar; na verdade, ela gostava e nunca se queixava de carruagens desconfortáveis e longas viagens. Hoje, entretanto, ela só queria gritar com o cocheiro para parar e deixá-la sair. Já que a mãe estava cansada e não se sentia bem, os pais viajavam sozinhos em outra carruagem, e Lottie e Eliza espremidas com os irmãos. Como esperado, Jules havia optado por ir a cavalo durante a maior parte da viagem. Assim como Harry, ele odiava ficar confinado em uma carruagem por qualquer período.

— Fique quieto, Harry querido — disse Eliza, enfiando um dos cachos escuros de seu irmão atrás da orelha.

— Eu quero sair — disse o menino, fazendo beicinho e cruzando os braços. Ficar parado por mais de dois minutos seguidos era uma

tortura da pior espécie para a criança.

— Eu sei, mas não podemos, ainda não. E você deve ficar feliz por estarmos a caminho de Holbrook. Cat estará lá.

— Cat? Oh! — disse o menino, animando-se imediatamente ao ouvir o nome de sua pessoa favorita.

Lady Catherine, de dez anos, era amada por todos, uma criança levada, alegre e bonita, e filha mais nova do Marquês e da Marquesa de Montagu.

— Será que os irmãos dela mudaram de planos? — perguntou Ozzie, melancolicamente.

Lottie olhou para os irmãos no assento oposto. Rosamund, Victoria e Frederick – ou Ozzie, Torie e Fred, como eram conhecidos pela família – observavam-na com expressões esperançosas.

— Não, Pip e Tom foram ficar em Mitcham Priory.

Ozzie bufou e olhou furiosamente pela janela, e Lottie sorriu. Ela sabia como a criança se sentia. Era horrível quando as suas pessoas preferidas estavam longe de você. Não que Priory ficasse tão longe assim; era possível fazerem uma visita, se assim o quisessem. No entanto, estar perto de suas pessoas favoritas nem sempre era uma bênção. Às vezes, era um sofrimento insuportável.

Pare com isso, ela repreendeu-se. Ela devia estar feliz por Eliza. Eliza era boa e gentil e nunca dizia nada precipitado. Ela nunca perdia a paciência, ao contrário de Lottie. Já Lottie não era boa nem gentil. Pelo contrário, na verdade; caso fosse, não estaria tão zangada, muito menos sentindo uma inveja tão terrível e louca. Só que não era justo. Cassius tinha partido antes que ela pudesse fazê-lo ver o que estava bem à sua frente. Será que ela era realmente a única que podia ver que Cassius e Eliza não eram feitos um para o outro? Eles eram amigos, sim – melhores amigos, e isso nunca devia mudar – mas... oh, mas não havia paixão, nem desejo, nem amor, não do tipo que Lottie desejava, do tipo que ela via entre seus pais, ou entre Montagu e sua marquesa.

O mundo ainda temia Montagu. Para falar a verdade, ele *era* intimidador, mas a maneira como ele olhava para a esposa... santo Deus, só de pensar nisso, Lottie corava! E eles eram velhos, tinham, pelo menos, quase cinquenta anos. Se eles ainda se sentiam assim, depois de todos esses anos, como devia ter sido quando eram jovens? Por Deus, era um milagre que não pegassem fogo.

Isso era o que Lottie queria. Ela queria ver aquela fome selvagem nos olhos do marido, um desejo que não pudesse ser domado.

— Você está bem, Lottie? Está terrivelmente ruborizada — observou seu irmão mais novo, Fred.

— É claro que estou ruborizada. Está terrivelmente quente aqui dentro — retrucou ela, mortificada.

Ela pegou seu leque e abanou-se vigorosamente. Como era chocante pensar nessas coisas. Lottie olhou de relance para a irmã; elegante, sem um único fio de cabelo fora do lugar e sem aparentar estar com calor e suada e a ponto de estrangular a próxima pessoa que perguntasse se eles já estavam quase lá. Sem dúvida, Eliza não pensava em tais coisas, e era precisamente por isso que ela não era feita para Cassius. Cassius possuía uma beleza masculina natural e, sob a aparência exterior de nobre elegante, ele tinha um âmagô selvagem que clamava por Lottie. Ele ansiava por aventura em lugares selvagens e exóticos e por ver o mundo em todos os seus aspectos. Eliza odiava aventura, ela não a entendia, nunca tinha entendido os mundos de faz de conta que Lottie criava em suas brincadeiras. Diferentemente de Cassius. Eliza nunca entenderia sua necessidade de viajar e não desejaria acompanhá-lo. No entanto, todo mundo sabia que os dois tinham feito uma escolha anos atrás, quando eram pouco mais do que crianças.

Cassius se casaria com Eliza. Ele estava voltando para casa para pedi-la em casamento, não a Lottie, e não havia nada que ela pudesse fazer a respeito.

Capítulo 2



Cassius,

Espero vê-lo novamente no seu regresso. Há rumores de que um pedido é iminente. É verdade?

– Trecho de uma carta para Cassius Cadogan, Visconde Oakley, do Sr. Ashton Anson, filho de Lorde Silas Cavendish e Lady Aashini Cavendish.

29 de junho de 1838, Holbrook House, Sussex.

— Mãe, não entendo sua objeção. Pensava que o seu maior desejo fosse que eu me casasse com Eliza?

Cassius encarou, com apreensão, a expressão conturbada de sua mãe. Ela estava refletindo, e isso era muitas vezes motivo de alarme. Quando criança, ele acreditava que sua mãe tinha o poder de ler sua mente, pois não havia encrenca em que ele tivesse se metido que ela não estivesse mais do que ciente antes mesmo de ele se dar ao trabalho de pensar nela. Surpreendê-la parecia quase impossível. Ela estava sentada em sua poltrona favorita, em seu cômodo predileto: a biblioteca, o lugar onde mais frequentemente poderia ser encontrada quando não estava com seu pai. Naturalmente, havia uma obra incompreensível e pesada em seu colo.

— Meu *maior desejo* é que você seja feliz, e eu não acho que seja sensato apressar-se em nada depois de tanto tempo separados.

Algo que Cassius se recusou a identificar como alívio preencheu seu peito. — Então você me proíbe de fazer o pedido a ela?

Aquilo tinha sido um tom de esperança? Certamente que não.

Os olhos de sua mãe tornaram-se atentos por trás de seus óculos, estudando-o.

— Claro que não — disse ela, imediatamente. — Você é um homem adulto e as *suas* decisões são apenas suas para serem tomadas, mas as decisões têm consequências, Cassius, e não apenas para você. Amo Eliza como se fosse minha própria filha e, se tivesse a certeza de que seriam felizes juntos, não faria a menor objeção.

— Mas você não tem certeza — Cassius virou-se e franziu a testa para a escrivainha de seu pai, passando um dedo sobre uma mancha de tinta na madeira polida.

— Você também não.

Esse era o problema de sua mãe, Cassius refletiu sombriamente. Ela era terrivelmente perspicaz para o gosto de qualquer um e nunca media as palavras. Ele não disse nada, incapaz de contradizê-la, com o estômago revirando com uma mistura ácida de culpa e ansiedade.

— Ela está esperando que eu a peça em casamento. Ela vem esperando por isso esse tempo todo. Como posso...?

— Como você pode se casar com uma mulher com quem seu coração não está totalmente comprometido? Isso seria terrivelmente injusto para ambos.

— Eu não sei se não está — respondeu Cassius, frustrado agora. — Era isso que eu sentia antigamente, mas...

Mas o quê? Será que ele não a amava mais? Não, ele não achava que fosse isso. Não exatamente, pois ele amava Eliza como sempre a havia amado, mas... *mas*, raios.

— Mas foram dois longos anos. Anos em que você mudou drasticamente, vejo isso com os meus próprios olhos. Você se tornou

um homem, viu um pouco do mundo. Visões infantis do que queria para o futuro agora se chocam com a realidade, e isso abalou a sua determinação.

Cassius assentiu, sentindo-se péssimo. Há meses que desejava ver Eliza, para contar-lhe tudo o que tinha visto e feito, mas quanto mais se aproximava de casa, mais pesado se tornava o fardo de seu futuro. O seu peso havia desencadeado um leve ressentimento com relação à sua melhor amiga, algo que não tinha explicação e pelo qual ele se sentia um verdadeiro monstro. Ele prometeu a ela que estaria pronto para se estabelecer em seu retorno, uma promessa que agora percebia ter sido extremamente tola. Seus dois anos fora não haviam diminuído seu desejo de viajar; pelo contrário, o havia aumentado. Ele tinha conhecido tantas pessoas interessantes que lhe contaram histórias de terras distantes que ele desejava explorar. Eliza não era aventureira. Ela não sonhava com lugares distantes. Quando criança, ela nunca tinha entendido muito bem as brincadeiras de faz de conta que a sua irmã Lottie havia inventado sobre viajar por uma terra estrangeira à procura de tesouros perdidos. Eliza sempre ficava um pouco confusa com a ideia, embora ela participasse, corajosamente, no final. Não, Eliza tinha planos para o futuro, grandes ambições que ele admirava e encorajava, mas sempre tinham início em casa.

— O que eu faço? — perguntou ele, sentindo-se impotente. — Não posso magoá-la, muito menos desapontá-la.

Sua mãe ajeitou os óculos no nariz, colocou o livro de lado e levantou-se para se aproximar dele. Sua expressão era séria, mas cheia de simpatia ao segurar as mãos dele nas suas, apertando-as levemente.

— Você não precisa fazer nada, ainda não. Aproveite para ver sua amiga novamente, fale com ela sobre tudo o que fez e deixe essas semanas se desenrolarem naturalmente. Você estará entre amigos e familiares. Ainda há tempo, Cassius. Talvez você perceba que era apenas nervosismo e que ela é quem você quer acima de todas as outras, e pode pedi-la em casamento com um coração leve, ou pode ser que ela

também fique aliviada. Você não é o único que mudou durante o tempo em que estiveram separados.

Cassius assentiu e deu um suspiro profundo. Ele tinha saído com o pai quando Eliza e a família dela chegaram, e as damas foram imediatamente trocar a roupa de viagem.

— Prue foi deitar-se, mas eu sugeri a Bedwin e às meninas que fizessem uma caminhada pelos jardins — disse sua mãe. — Eu sempre prefiro esticar as pernas depois de uma viagem de carruagem, e isso lhe dará a chance de apresentar os amigos que trouxe em um ambiente informal. Imagino que todos estarão à nossa espera a essa altura, por isso, é melhor não nos atrasarmos.

— Será bom ver todos novamente — disse ele, oferecendo o braço.
— As crianças devem ter crescido tanto.

— De fato, elas cresceram. Fred está se tornando um verdadeiro rapazinho, e Harry está dando um pouco de trabalho. Rosamund e Victoria prometem ser tão adoráveis quanto as irmãs, naturalmente.

Cassius guiou sua mãe até o terraço onde seus convidados esperavam, sentados sob uma cobertura à sombra. Uma bandeja de chá foi preparada com jarros de limonada e pratos de bolos e biscoitos arranjados lindamente entre tigelas de cristal contendo orquídeas e rosas. O duque, que estava encostado na balaustrada, endireitou-se e sorriu calorosamente ao se aproximarem.

— Harriet, como sempre, sua hospitalidade é espetacular. Aguardávamos ansiosamente a nossa visita a Holbrook.

— E nós por receber todos vocês aqui. Jasper irá juntar-se a nós em breve, ele está ansioso para voltar a vê-lo.

Bedwin assentiu e virou-se para Cassius. — Bem, meu rapaz, parece que suas viagens lhe fizeram bem. Que bom vê-lo, e com uma aparência tão boa.

— Estou bem, senhor, e é um prazer estar em casa e em companhia tão esplêndida.

A movimentação à esquerda do duque chamou a atenção de Cassius; então, ele virou a cabeça, notando Eliza sorrindo para ele. Ela estava impecavelmente arrumada, a sua presença tão serena e reconfortante, tão familiar como o cheiro de chuva em um dia de verão inglês.

— É bom ter você em casa, Cassius — disse ela, baixinho.

De repente, as suas ansiedades desapareceram, substituídas pelo simples prazer de ver a sua amiga. Eles eram amigos de brincadeiras desde praticamente o berço, e nenhum desentendimento ou briga infantil tinha abalado a solidez do relacionamento deles, que os sustentou através dos altos e baixos da vida.

— Eliza. — Cassius estendeu as mãos para ela e Eliza as aceitou. Ele olhou para baixo por um momento, vendo seus dedos delgados engolfados por suas mãos muito maiores, sua pele branca como marfim contra seu bronzeado dourado. Ela usava um lindo vestido de musselina estampado com padrões pequenos e, um chapéu de tule branco, e rendas e fitas escondiam a maior parte de seus sedosos cabelos escuros. Quando ele encontrou seu olhar, seus olhos verdes se iluminaram com prazer. — É bom vê-la novamente.

Ela abriu um largo e radiante sorriso que o fez sorrir amplamente.

— Ah, e aqui está Lottie, atrasada como sempre — disse Bedwin, com uma risadinha.

Cassius virou a cabeça para cumprimentar a irmã mais nova de Eliza. Dois anos mais jovem que Eliza, ela levava Eliza à loucura quando eram mais jovens, sempre implorando para fazer parte de seus segredos e brincadeiras, mas Cassius sempre gostou dela e de seus planos loucos. A maior parte das encrencas em que foram apanhados quando crianças tinham sido ideias de Lottie.

— Lottie... — começou ele, mas esqueceu o que quer que estivesse prestes a dizer ao fixar seu olhar nela, e sua respiração ficou presa na garganta.

Ele não conseguia respirar, não conseguia pensar. O tempo parou quando uma criatura invadiu subitamente o terraço, tão vivaz e vibrante que todos os outros pareciam ser recortes de papel. Ela irrompeu pelas portas em uma confusão de saias e anáguas, tudo sobre ela era enérgico e ativo, correndo até ele com uma verdadeira expressão de alegria. Antes que ele pudesse falar ou reagir, ela já tinha jogado os braços ao redor do pescoço dele e Cassius viu-se envolvido em suavidade e em um excesso fervilhante de feminilidade. Camadas de renda, seda e anáguas farfalhantes envolviam suas pernas como ondas suaves, e instintivamente suas mãos foram parar na cintura dela e... oh, que cintura. Ela era magra, mas curvilínea em todos os lugares certos, seus quadris largos e... e seus seios pressionavam o peito dele. O desejo bateu-lhe, quente, feroz e totalmente inesperado, desconcertando-o, de tal modo que ele não soube o que fazer, o que dizer. O aroma dela avançou sobre ele, delicado, mas enlouquecedor. O quase imperceptível perfume de jasmim com um toque de algo verde, fresco e primaveril, e – *oh, meu Deus* – o cheiro de uma mulher, não de uma criança, não de uma menina, uma *mulher*.

Quem diabos era essa criatura e o que ela tinha feito com Lottie, a garotinha com joelhos esfolados e braços e pernas finos como gravetos? Onde estava aquela menina sardenta com uma risada contagiante que o fazia rir, por mais desanimado que ele estivesse?

— Cassius! — gritou ela, pronunciando seu nome com tanto deleite, como se ele lhe tivesse dado o presente mais esplêndido possível. — Oh, como sentimos sua falta! Que horrível de sua parte ter ficado tanto tempo fora, e quase nunca ter escrito para nós. O que tem feito esse tempo todo? Você já teve todas as aventuras que esperava? Você já é um artista maravilhoso agora? Você é o assunto da França? Foi a Paris e teve muitos casos amorosos escandalosos?

— *Lottie* — protestou seu pai. — Acalme-se, menina. Deixe o pobre homem em paz e não seja tão impertinente, sua criatura terrível. Deve lembrar-se que é uma jovem dama. Além disso, como o pobre homem

conseguirá responder a uma única pergunta se você continuar adicionando outra antes que ele consiga respirar?

— Desculpe — disse Lottie, repreendida, corando de vergonha.

Para seu pesar, ela soltou seu pescoço e deu um passo para trás. Ele odiou a expressão de mortificação nos olhos dela e quis removê-la, mas ela prosseguiu, agora mais baixinho.

— Sinto muito, Cassius. Não queria constrangê-lo. Eu me empolguei. Só que é tão maravilhoso ter você de novo em casa.

Cassius encarou-a. Seu coração martelava por trás de suas costelas e ele se sentia tonto e desorientado, como se tivesse sido atingido por um raio. O mundo havia mudado à sua volta. Essa nova versão parecia a mesma, mas não era, e ele também não.

— Tudo bem — disse Cassius, encontrando finalmente sua língua, que parecia ter sido temporariamente pregada. Meu Deus, o que aconteceu no tempo em que estive fora? Será que essa... essa *deusa* era realmente Lottie, a garota que ele conhecia a vida toda, a garota com quem ele havia dado boas risadas, ensinado a andar a cavalo e resgatado de mais confusões do que ele podia contar? Quando ela havia se transformado da desajeitada e atrapalhada pequena travessa que ele conhecia em... em...

Seu coração deu uma batida firme e desconfortável por detrás de suas costelas, e Cassius soube sem sombra de dúvida que estava em apuros.



Nicolas Alexandre Demarteau encostou-se na parede, encarando com diversão seu meio-irmão, Louis César de Montluc, o *Comte* de Villen.

— *Arrêtez* — disse Louis, capturando seu olhar no espelho.

Nicolas bufou, ciente de que Louis odiava ser observado enquanto se arrumava. Seu criado, um inglês meticoloso chamado Elton, zanzava

como uma mosca varejeira irritante, ajustando aqui e ali e tirando fiapos invisíveis da impecável aparência de seu patrão. Elton levava seu trabalho a sério, e por que não? O homem considerava-se um artista e, se um artista quisesse mostrar o seu trabalho da melhor maneira, precisava da melhor tela disponível.

Abençoado com cabelos escuros e espessos, e a aparência e o físico de um jovem deus e olhos azuis surpreendentes, Louis César de Montluc era certamente isso.

— Se você já tiver terminado de se embelezar...

— *Oui* — respondeu Louis, estalando impacientemente sua língua.

— Fale em inglês, Louis — repreendeu-o Nic.

Por causa disso, ele foi recompensado com um olhar furioso e glacial.

— Já estou pronto. Obrigado pela paciência, Nicolas. É uma pena que não tenha dedicado cinco minutos a mais no seu próprio toilette ou, de fato, cinco minutos. — Louis tocou com um dedo elegante na gravata de Nic e suspirou. — *Quelle horreur*.

Nic afastou sua mão. — Venha, nós não estamos aqui *parra* nos divertimos.

— Para — corrigiu-o Louis, com um sorriso malicioso.

Nic encarou-o com irritação. — Como você quiser, irmão. Nós não viemos aqui para nos divertirmos.

As sobrancelhas de Louis arquearam. — Não me diga? Pensei que fosse precisamente por isso que estivéssemos aqui.

— Muito bem, se precisa mesmo que eu relembre o motivo de estarmos aqui... Viemos para que você possa conquistar Lady Elisabeth Adolphus e casar-se com a moça assim que possível e ocupar o seu lugar de direito na sociedade.

Louis bufou, com um lampejo de alguma emoção sombria brilhando em seus olhos.

— Meu lugar de direito — disse ele, indignado.

— Mas é seu direito — disse Nic, irritado agora. — E depois de tudo o que fizemos, não vou deixar você estragar tudo agora. O seu sangue é tão puro quanto o do duque, não se esqueça disso.

— É improvável que o faça, quando o meu cão de guarda vocifera a verdade para mim sempre que corro o risco de me divertir — disse Louis, com um sorriso irônico. — Venha, Nic, vamos socializar com as damas e cavalheiros, e tente não arrumar problemas com ninguém.

Nic brindou seu irmão com um sorriso que mostrava dentes demais, e Louis riu enquanto abria a porta e saía.

Eles desceram as escadas e foram recebidos pelo mordomo que os conduziu ao longo do edifício. Nic tentava não olhar para ele como um caipira, mas nunca tinha visto uma casa tão grande, tão luxuosa ou tão antiga como Holbrook. Pelo menos, não à luz do dia. Esgueirar-se pela calada da noite era uma experiência mais familiar.

Os irmãos tinham acumulado uma vasta fortuna em Paris, e Louis César tinha conquistado uma boa reputação para si na sociedade. Não uma *inteiramente* respeitável, mas o casamento com a moça certa ajudaria muito a facilitar o caminho, trazendo-lhe aceitação entre os escalões mais elevados da sociedade, onde seria recebido de braços abertos. Os dois irmãos vinham trabalhando nesse sentido, apesar dos rumores sobre o seu passado e da suspeita que ainda os rondava; mas depois chegara aquela maldita carta, ameaçando arruinar tudo. Eles decidiram que seria melhor deixar Paris. Afinal, a sociedade inglesa era muito mais rígida, exigindo mais respeitabilidade. Se eles pudessem triunfar aqui, ninguém jamais olharia de novo com desdém para Louis César.

Nic não podia dizer o mesmo de si, tendo cometido o hediondo crime da ilegitimidade – como se tivesse tido escolha no assunto – mas não se importava com isso. As pessoas poderiam os olhar com desdém o quanto quisessem, contanto que seu irmão e sua ilustre linhagem estivessem a salvo por um longo tempo. Então, lá estavam eles, após

terem feito amizade com o Visconde Oakley quando o mesmo esteve na França, e ouvirem muito sobre a festa anual na casa de seus pais. O Marquês de Montagu estaria aqui, e eles tinham conhecido a sua filha há alguns anos, em circunstâncias em que o marquês certamente desejaria manter em segredo. Não que eles fossem inventar histórias, mas era uma conexão que tinham toda a intenção de explorar ao máximo. O mais importante, porém, tinham sido as informações relativas ao Duque e à Duquesa de Bedwin e, mais especificamente, às suas adoráveis filhas.

As duas moças mais velhas eram maiores de idade, e Nic se perguntava se Cassius tinha algum interesse em qualquer uma delas. Ele havia contado a Nic e Louis sobre suas belezas e realizações, mas ele sempre falava sobre elas com o tom carinhoso de um irmão mais velho orgulhoso. Nic esperava que fosse esse o caso, já que o visconde tinha se tornado um bom amigo, e entristeceria a ambos machucá-lo interferindo em quaisquer planos românticos que ele pudesse ter. De fato, Nic ficou encantado com as histórias das duas irmãs, especialmente da descrição de Eliza. Pelo que Cassius disse e pelo pequeno desenho a lápis que tinha feito para ilustrá-la, Nic a imaginava como uma visão angelical da bondade. Na opinião dele, ela parecia incorporar todos os atrativos e virtudes que um homem poderia desejar em uma esposa. Ela seria perfeita para Louis. Possuía uma linhagem impecável, era bem-humorada, amável e gentil... a esposa perfeita e uma boa mãe. Como Louis poderia não ser feliz ao lado de uma criatura tão doce? Especialmente se ela fosse tão adorável como Cassius havia indicado.

O mordomo os guiou em direção ao terraço ensolarado e Nic ficou imediatamente impressionado com o quão essencialmente inglês e encantador era. Muito diferente da vida que tinham levado na França.

Nos últimos anos, Louis tinha sido forçado a distanciar-se do mundo que tinham criado no *Rouge et Noir* – o clube mais exclusivo e infame de Paris – mas Nic tinha vivido tudo aquilo plenamente. Uma

vida repleta de infâmia e vícios, e um mundo à parte dessa imagem do perfeito dia de verão inglês, desde o bonito conjunto de chá de porcelana, à mesa arrumada com bolos e biscoitos que davam água na boca, até as tigelas de cristal cheias de orquídeas e rosas e... e... *ela*.

Uma jovem se sentava à mesa, com uma xícara e um pires na mão. Sua cabeça estava inclinada na direção de Cassius, com um vestígio de um sorriso pairando em seus lábios. Sua postura era ereta, sua expressão, serena: a perfeita rosa inglesa. O coração de Nic deu uma batida fora do comum no peito. O desejo cresceu dentro dele como uma onda e, não importava o quanto ele o reprimisse, continuava crescendo dentro dele, pressionando suas costelas. *Non, Non. Dieu ayez pitié, s'il vous plaît pas cela*. Oh, não. Oh, não, não. Pelo amor de Deus. Era absolutamente ridículo...

Cassius levantou-se para cumprimentá-los, e as apresentações foram feitas em torno de Nic, saudações e trocas de nomes. Ele passou por ela atordoado, esperando o momento em que descobrisse seu nome, embora já soubesse; sabia com certo sentimento doentio de inevitabilidade que o universo estava rindo às suas custas.

— E essas adoráveis criaturas você já deve conhecer, porque eu falei muito sobre elas.

— Lady Elizabeth — disse Nic, ouvindo sua voz como se outra pessoa tivesse falado, incapaz de arrancar seu olhar da personificação de seus sonhos mais loucos. O nome dela escapou de seus lábios antes que pudesse contê-lo, revelando a expressão vulnerável que sabia dever ocultar em seus olhos.

— Sim! — disse Cassius, sorrindo. — Viu, Eliza? Sua fama a procede.

A jovem corou e ergueu o olhar para Nic, revelando cílios volumosos nos olhos da cor de absinto, tão provavelmente perigosos quanto a bebida.

— É um imenso prazer conhecê-lo, senhor — disse ela.

Oh, mon Dieu.

Capítulo 3



Querido diário,

É muito bom estar de volta em Holbrook. Toda a família Adolphus está aqui. Gosto muito de Fred, pois temos mais ou menos a mesma idade e ele nunca me trata como se eu fosse uma menina boba, e o pequeno Harry é tão engraçado. Ele me adora – naturalmente – e é maravilhoso estar entre amigos. Espero que Lady Helena e Gabriel também venham, embora papai diga que há algum problema urgente com a construção da linha ferroviária deles, e que talvez seja necessário adiar a sua visita. Espero que não, pois ansiava ver Florence, Evie e Felix, e – suponho – também Emmeline, pois ela é a minha melhor amiga. Mesmo que seja uma sabichona insuportável.

Hoje, conhecemos alguns amigos de Cassius. Um tal de Sr. Demarteau e o seu irmão, que é um conde. O Comte de Villen. Não é um nome maravilhoso? Como um infame sedutor em um romance gótico. Ele parece infame mesmo. Nenhum homem tão bonito pode ser inteiramente bom. Espero que não seja, de qualquer forma, pois quero que aconteça algo empolgante durante as férias. Tomara que haja um romance, ou talvez um escândalo. Nada muito terrível, apenas algo empolgante no qual tudo se resolve no final. Mamãe diz que só posso voltar a ler a Sra. Radcliffe quando estiver mais velha, pois como sou madura para minha idade, irei me tornar uma criatura terrível e irei para o inferno se ela não ficar de olho em mim. Eu acho que ela está brincando comigo.

Todo mundo acredita que Cassius irá pedir Eliza em casamento, mas eu não acho que Eliza irá aceitar. Pelo menos, se aceitar, não deveria ter

corado assim quando foi apresentada ao Sr. Demarteau. Por outro lado, Lottie, meu Deus, se ela não tomar cuidado e parar de olhar para Cassius como se ele fosse o último bolo de creme do mundo, todos saberão que ela está apaixonada por ele. Todos, menos ele, provavelmente, já que minha irmã Phoebe diz que os homens são extremamente lentos para perceber essas coisas.

Mal posso esperar para crescer e apaixonar-me. Espero que seja algo romântico e emocionante, e algo que possamos contar aos nossos filhos como a duquesa escreveu a história de mamãe e de papai em “A Águia e o Cordeiro”. Eles pensam que não, mas eu li. Ler sobre isso nos livros é muito bom, mas viver a experiência... Bem, sou certamente jovem demais, até eu sei disso, então devo me contentar em observar os outros. É claro que lhe contarei tudo sobre isso. Não se preocupe.

Oh, como o verão será incrível!

– Trecho de uma anotação no diário de Lady Catherine 'Cat' Barrington, filha mais nova do Marquês e da Marquesa de Montagu.

30 de junho de 1838, Holbrook House, Sussex.

Lottie desceu à sala de café da manhã, aliviada ao descobrir que era uma das primeiras a levantar-se. Normalmente, Eliza chegava antes dela, mas sua irmã estava com um humor esquisito na noite anterior, estranhamente distraída. No jantar, Lottie percebeu que teve que repetir a mesma pergunta três vezes antes de conseguir uma resposta sensata, o que era algo muito estranho vindo de Eliza. Aparentemente, ela estava com dor de cabeça. Quando Eliza admitia que estava com uma dor de cabeça, provavelmente significava a mais terrível enxaqueca, pois aquela mulher nunca pronunciava uma palavra que causasse a alguém qualquer problema ou desconforto. Ela era muito boa. Às vezes, chegava a ser um pouco revoltante.

— Oh, Cassius! — exclamou Lottie, com prazer, imediatamente recriminando-se mentalmente por fazer tanto alarde ao encontrá-lo

sozinho na mesa de café da manhã. Claro que ele estaria ali. Ele morava ali, não é mesmo?

Por um momento, ele ficou imóvel, lançando-lhe um olhar que ela não conseguia decifrar. Era provável que ele a estivesse mandando ao inferno, pois ela arruinaria seu tranquilo café da manhã. Afinal, ele parecia estar absorto em pensamentos quando ela entrou e, agora, ela estava tão nervosa que não conseguiria parar de tagarelar. Mamãe sempre dizia que ela tagarelava igual um papagaio quando ficava ansiosa. Além disso, Cassius devia preferir a calma de Eliza ao caos de Lottie, se é que eles iriam mesmo se casar. Eliza sempre passava o tempo que estavam juntos tentando fugir de sua irmã. Aquilo era muito injusto, pois ela só queria a companhia deles. Bem, a companhia *dele*.

Ele ficou de pé quando ela entrou, sorrindo educadamente. — Bom dia, Lottie. Que prazer inesperado. O que está fazendo acordada tão cedo?

— Oh, bem, o sol entrou pela janela esta manhã e eu simplesmente não podia ficar na cama em um dia tão bonito. Há tanta coisa que quero fazer e não consigo decidir o que fazer primeiro. O que significa, naturalmente, que não vou fazer absolutamente nada e enlouquecer todo mundo, ao mesmo tempo em que exijo saber o que estão fazendo e pergunto se posso participar. — Lottie fechou a boca, ciente de que tinha feito exatamente o que temia, e deixou sua maldita língua correr solta. Ela lançou um olhar nervoso na direção de Cassius para ver se ele parecia irritado, mas havia uma expressão contida em seu rosto que ela continua sem conseguir decifrar. Provavelmente, ele estava atordoado com o quão irritante ela poderia ser em um curto espaço de tempo.

Ela exibiu um sorriso de gratidão, enquanto Cassius puxava a cadeira ao lado dele, e prometeu a si mesma que tentaria manter sua maldita boca fechada. Ele voltou para o seu café da manhã e, uma vez que se ocupou dele, Lottie lançou-lhe um olhar furtivo por baixo dos cílios. Ela sentiu seu coração apertar no peito. Meu Deus, era tão injusto que um homem fosse tão bonito assim. Doía só de olhar para ele. Em

que mundo uma garota teria chances com um sujeito que andava por aí com uma aparência dessas? Deveria ser obrigatório por lei que ele carregasse um aviso ao redor do pescoço, alertando as jovens impressionáveis a manterem distância.

Por que sua mãe não as mantinha longe dele? Ela geralmente era uma mulher tão sensata. Será que ela não percebia que o filho de sua amiga havia se tornado uma tentação impossível de resistir? Uma beleza como essa era perigosa. Tinha que ser.

Seu olhar voltou para ele. O sol que entrava na luminosa sala fazia seus cabelos loiros brilharem e destacava uma mandíbula forte e quadrada. Ele tinha uma pequena covinha no queixo, e aqueles belos olhos com cílios volumosos – *oh, e que ombros magníficos.*

Ela suspirou.

Bem, ele dificilmente poderia se surpreender se alguém se apaixonasse por ele, não? *Será* que ele ficaria surpreso, ela se perguntou. Será que ele se importava? Ou ele riria e pensaria que ela era uma moçoila boba? A ideia fez suas bochechas esquentarem. Sem dúvida, ela parecia ingênua e desajeitada em comparação a todas as moças que ele havia conhecido em suas viagens. Afinal de contas, ela sabia que ele tinha passado algum tempo em Paris, e imaginava como as sofisticadas francesas teriam reagido à sua beleza masculina. Certamente, elas teriam passado umas por cima das outras para chegar até ele. Ela afastou o pensamento enquanto o ciúme surgia.

— Está um dia lindo — disse Cassius, invadindo seus pensamentos. — E acredito que minha mãe tenha feito planos para entreter todos vocês; sendo assim, não precisa ter receio de ficar entediada. Ela sabe melhor do que ninguém o que as pessoas desejam fazer. É estranho, mas ela está geralmente correta.

— Eu gosto de sua mãe — disse Lottie, esforçando-se ao máximo para evitar um desmaio ou suspirar, tentando comer alguma coisa. Não era fácil. Decidida, ela pegou um pãozinho fresco e concentrou-se na conversa. — Ela sempre foi muito gentil e acolhedora conosco, embora

seja terrivelmente intimidadora. Tenho certeza de que ela me considera uma tola.

Cassius riu, emitindo um som profundo e sonoro que a encantou tanto que a fez deixar cair o pãozinho, fazendo-o quicar do prato para o chão. — Oh, raios!

Um lacaios avançou rapidamente e recolheu o pãozinho antes de oferecer outro a Lottie. *Oh, quanta elegância, querida Lottie.* Ela se encolheu, sem ousar encontrar o olhar de Cassius. Não era à toa que ele queria se casar com Eliza. *Ela* nunca faria algo tão terrivelmente embaraçoso como fazer malabarismos com o seu café da manhã. Ainda bem que sua irmã perfeita não estava ali para ver. Um pequeno consolo.

— Ela não considera.

Lottie olhou para cima, um pouco confusa.

— Minha mãe não considera você uma tola.

— Bem, ainda bem que ela não está aqui esta manhã, ou provavelmente mudaria de opinião — disse Lottie, com um sorriso radiante, embora seu estômago estivesse apertado.

O que ela estava fazendo? Ela devia ter corrido na direção oposta no momento em que encontrou Cassius ali sozinho. Como se não tivesse feito um verdadeiro espetáculo de si mesma ontem, quando o viu pela primeira vez. Não que ela tivesse tido a intenção de fazer aquilo. Lottie pretendia mostrar-lhe como tinha se tornado uma dama elegante como a sua irmã, educada e sofisticada, mas o seu coração teve outras ideias. No momento em que o viu, quis explodir de alegria, e esqueceu de tudo, aparecendo em uma demonstração embaraçosa de adoração que Cassius claramente achou extremamente constrangedora. Ela o deixou tão sem jeito que ele ficou atônito e, desde então, mal a olhava nos olhos. Seguramente, era por isso que Eliza tinha estado tão distante e indisposta ontem à noite, também. Como ela não ficaria quando sua própria irmã fazia papel de tola por causa do homem que *ela* pretendia desposar? A ideia fez o estômago de Lottie revirar.

— Lottie?

Ela piscou, percebendo tarde demais que estava encarando, desoladamente, o prato sem dizer uma única palavra.

— O que há de errado? — perguntou ele.

Ela voltou-se para Cassius, percebendo seu coração se encher de alegria diante da preocupação em seus olhos e do tom suave de sua voz. Os olhos dele tinham uma tonalidade estranha. Turquesa, como os do pai. Eles eram tão belos que a fazia sentir-se angustiada por dentro, e a voz dele... ela suspirou novamente, sabendo que estava sendo ridícula, mas a voz dele era profunda e ressoava encantadoramente. Ela sentiu calafrios, dominada pelo desejo. Será que ela estava enlouquecendo? Parecia uma espécie de loucura, desejá-lo com tanta ferocidade. Antes de Cassius partir, ela o amava com uma paixão infantil devido ao seu senso de aventura, seu riso irreprimível e sua bondade. Agora, no entanto, esse amor tinha um novo elemento: um desejo fervoroso de tocá-lo, de sentir suas mãos sobre ela a ponto de deixá-la nervosa, como se realmente estivesse perdendo a cabeça. A tentação de levantar-se e atirar-se em seu colo, de envolver os braços ao seu redor e exigir que ele a beijasse, era tamanha que temia ser capaz de fazê-lo. Ela se perguntava o que ele faria se ela assim o fizesse, o que ele diria se ela confessasse tudo, se ela lhe dissesse que o amava, irremediável e desesperadamente, e que receava que algo nela murchasse e morresse se ela o visse se casar com Eliza. Ela iria embora assim que se casassem. Talvez ela fosse para a França; melhor não, ela estaria fadada a visitar todos os lugares em que ele tinha estado e se perguntaria o que ele tinha pensado sobre eles, e se ele os teria pintado, e se a luz do sol teria sido exatamente da mesma tonalidade de dourado e... e essa não, ela se sentia repugnante.

— Lottie?

— Nada! — disse ela, dando-lhe um sorriso radiante de tal intensidade que ela ficou surpresa por sua mandíbula não ter se

partido. — Não estou habituada a acordar tão cedo. É um choque para o meu sistema.

Cassius deu uma risada um pouco nervosa e Lottie tentou engolir sua tristeza e mortificação enchendo a boca de pão com manteiga. Ela não sentia o gosto da comida. Sua garganta estava tão apertada que mal conseguia engolir. O pão rapidamente ficou entalado e ela foi obrigada a tomar um grande gole de chá para forçá-lo a descer.

— Bom dia.

Lottie olhou para cima e viu sua irmã entrar na sala. Ah, era só o que faltava.

Eliza estava perfeita como sempre, o que fez Lottie se sentir excessivamente chamativa em seu vestido azul brilhante com fitas e rendas brancas. Hoje, Eliza usava um discreto vestido matinal fulvo de seda com mangas estilo bispo que se estreitavam em seus pulsos delgados. Ele possuía um corte simples e era requintado, bem diferente dos babados, rendas e laços de Lottie, mas ela adorava coisas bonitas e nunca resistia a um babado. Agora, Lottie sentia-se infantil, enquanto Eliza sempre era naturalmente bela. Mesmo que Lottie soubesse muito bem que teria levado uma eternidade para conseguir o emaranhado de cachos escuros e espessos que emolduravam seu adorável rosto. Ela sentiu uma ponta indesejável de inveja e o pedaço de pãozinho parecia um fragmento frio e pesado de chumbo. Ela empurrou o prato para longe, deixando o resto do pãozinho, intocado.

— Tem certeza de que está se sentindo bem?

A voz de Cassius era baixa e cheia de preocupação. Lottie se virou e viu que a estava observando e se odiou por roubar sua atenção quando ele deveria estar se preocupando com Eliza.

— Sim, claro. Apenas não estou com muita fome — disse ela, forçando um sorriso nos lábios. A angústia se intensificou dentro dela, sufocando-a até que ela quisesse ser tragada pelo chão.

Eliza mal tinha se sentado quando o resto da família entrou, com todo o barulho e caos que a prole Adolphus geralmente trazia consigo. Mamãe pegou Harry, que estava enchendo seu prato com bolo de ameixa, e conversou com Fred antes que ele pudesse se entupir de linguiça, e a sala ficou tomada de conversas alegres, pelas quais Lottie se sentia muito grata. Enquanto todos encontravam seus lugares, uma sombra se projetava sobre a sala; ela olhou para cima e encontrou a figura imponente do Sr. Demarteau preenchendo a entrada. Ele era grande, de fato, e não parecia um nobre, mas, então, ela se lembrou de ter sido informada de que Nicolas Alexandre Demarteau era o meio-irmão ilegítimo do belo *comte*. Os dois homens pareciam muito próximos, com Demarteau pairando sobre seu irmão mais novo como um guardião. Certamente, sua expressão era assustadora, e aqueles olhos negros... Lottie estremeceu, e seguiu seu olhar feroz até perceber que ele o havia pousado em Eliza. Ainda havia um lugar ao lado dela, mas Demarteau observou-o, franziu a testa e se virou, optando por sentar-se do outro lado da mesa ao lado de seu irmão mais novo, Harry. Lottie virou-se para Eliza para ver se ela havia notado e viu um rubor vermelho opaco nas bochechas de sua irmã. Uma onda de raiva irrompeu dentro dela ao ver Eliza tão mortificada. Nenhum homem jamais escolheria sentar-se ao lado de uma criança em vez de ao lado de uma bela mulher, a menos que pretendesse menosprezá-la. Como o homem se atrevia a agir assim e por quê? Eliza era elegante e suas maneiras eram perfeitas, por isso, ela não poderia possivelmente tê-lo ofendido.

— Lottie. Lottie, o que está acontecendo? Tem certeza de que está bem?

Lottie virou-se novamente e viu Cassius encarando-a, alarmado, seu olhar fixando-se em sua mão, que parecia ter se apertado em torno da faca de manteiga com tanta força que os nós de seus dedos ficaram brancos. Ela a deixou cair com um barulho, o que fez Eliza estremeecer.

— Desculpe, não, eu... eu acho que estou com uma dor de cabeça. Desculpe-me, acho que vou dar um passeio — disse ela, apressadamente, e saiu correndo da sala antes que pudesse fazer ou dizer qualquer coisa que a tornasse ainda mais ridícula.

— Espere!

Lottie parou do lado de fora da porta e viu que Eliza a havia seguido.

— Posso ir também? Receio que ainda esteja com dor de cabeça esta manhã. Imagino que nós duas fomos afetadas pela emoção da coroação e da viagem de ontem.

— Claro, e sim, tenho certeza de que foi isso — concordou Lottie, não estando na posição de dizer a verdade à irmã.

— Você parece estar doente — disse Eliza, franzindo o cenho com preocupação, colocando as costas da mão na testa de Lottie. — Está passando mal?

O coração de Lottie doeu diante da preocupação na voz de Eliza. Se sua irmã não fosse uma pessoa tão boa, talvez ela não se sentisse uma criatura tão perversa por amar o homem com que Eliza desejava se casar e querer ele para si. Mas Eliza *era* boa; por isso, Lottie precisava fazer o papel da irmã má, pois ela o amava e o desejava, fora que, o que mais ela poderia fazer? Ela sentia que estava a ponto de enlouquecer e eles iriam hospedar-se ali por três longas semanas. A temporada ainda estava a todo vapor e Lottie havia insinuado querer permanecer em Londres, ficando com sua Tia Helena e Tio Gabe, pois os negócios mantinham seu tio na cidade, mas mamãe tinha sido inflexível. Elas vinham aguentando festas intermináveis e eventos sociais desde abril e ela achava que Lottie parecia extremamente exausta. Mal sabia sua mãe que não tinha nada a ver com dançar dia e noite e ir para a cama mais perto do amanhecer do que do anoitecer, mas com as noites sem dormir que passava pensando em Cassius e em tudo o que ela estava prestes a perder. Não que você possa perder algo que nunca foi seu, para começo de conversa.

Ambas deram um suspiro de alívio, uma vez na área externa. Já estava quente e prometia ser um dia glorioso.

Lottie olhou para a irmã, observando o vinco tenso entre as sobrancelhas. Eliza encarou-a de volta. — Você viu, não viu?

Lottie assentiu. — Por que ele fez isso?

Eliza soltou um suspiro. — Ah, graças a Deus. Quer dizer que também não sabe? Eu estava com medo de ter cometido alguma gafe e tê-lo ofendido sem sequer perceber.

Lottie bufou com a ideia. — Não seja boba. Como se você fosse capaz de fazer isso. Você nunca ofendeu alguém em toda a sua vida!

Eliza encarou-a, incrédula.

— Oh, bem, eu sou diferente. Somos irmãs, estamos fadadas a brigar, e você sabe que eu gosto de uma boa discussão e você me provoca por ser tão... tão...

— O quê? — exigiu saber Eliza, com o tom indignado.

— Perfeita pra caramba!

— Lottie! — exclamou Eliza, chocada.

— *Viu?* — disse Lottie, triunfantemente. — Até mamãe diz impropérios quando está terrivelmente irritada.

Eliza bufou. — Bem, por que ele fez isso, então? Ele praticamente me ignorou totalmente, só que ontem, quando ele me viu pela primeira vez, eu...

— Você o quê?

Eliza balançou a cabeça, franzindo a testa. — Oh, não sei. Estou sendo tola e lendo demais, tenho certeza.

— Bem, aquilo *foi* estranho.

— O que foi estranho? — disse uma vozinha.

— Oh, bom dia, Cat — disse Lottie, estendendo a mão para a menina.

Cat aceitou-a, acompanhando o passo delas. — Quer dizer, o Sr. Demarteau?

— Oh, meu Deus, todos perceberam? — indagou Eliza, horrorizada.

Cat balançou a cabeça. — Oh, não. Todo mundo estava com muita fome, mas eu tinha tomado café da manhã horas atrás. Só voltei para dizer a Fred para me encontrar nos estábulos quando ele acabasse. Quer dizer, se é que ele irá conseguir se mexer depois de comer tantas linguças.

— Ele gosta mesmo de linguças — disse Lottie, com um sorriso carinhoso.

— Eu acho que você deve fazê-lo lembrar.

— De linguças? — perguntou Lottie, franzindo a testa.

— O quê? Oh, não — disse Cat, balançando a cabeça. — De alguém que ele amava.

— Quem é que Fred amava? — perguntou Eliza, alarmada.

— Fred, não! — Cat lhes lançou uma expressão de pura exasperação. — O Sr. Demarteau! Acho que ele deve ter amado alguém que se parecia com você. Talvez ela tenha morrido no Período do Terror. Ela pode ter sido uma aristocrata que teve a cabeça decapitada, e ele ainda sente sua falta.

— Meu Deus, menina, como você tem uma imaginação fértil — disse Eliza, rindo, apesar de sua mão ter ido até a garganta. — A Revolução foi há mais de quarenta anos. Quantos anos acha que ele tem?

— Uma idade avançada — admitiu Cat.

Lottie engasgou. — Querida, ele não deve passar dos trinta e cinco anos.

— Isso é uma idade avançada — protestou a menina, o que as fez cair em gargalhadas.

— Oh, estou tão feliz que você tenha vindo, Cat — disse Eliza, suspirando. — Sinto-me muito melhor.

Capítulo 4



Querido diário,

Tenho certeza de que está acontecendo alguma coisa.

Eliza deseja falar a sós com Cassius, mas ele a está evitando e Lottie fica tão nervosa quanto um cordeiro indo para um abate sempre que Cassius está por perto. Eliza não consegue afastar os olhos do Sr. Demarteau e o Sr. Demarteau sai do cômodo assim que ela entra. Enquanto isso, todos podem ver que Eliza chamou a atenção do comte e ele pretende cortejá-la.

Isso vai ser muito divertido. Muito melhor que a Sra. Radcliffe!

– Trecho de uma anotação no diário de Lady Catherine 'Cat' Barrington, filha mais nova do Marquês e da Marquesa de Montagu.

30 de junho de 1838, Holbrook House, Sussex.

— Então, é aqui que você está se escondendo.

Cassius olhou para cima, sentindo uma onda de calor indesejável subindo lentamente pelo pescoço. Eliza era contornada pela porta da casa de verão, sua figura esbelta destacada pela luz do sol da tarde do lado de fora. Suas palavras fizeram algo quente e desconfortável se contorcer em seu estômago, pois embora ela o estivesse provocando sem um único traço de reprovação, ele, de fato, estava se escondendo dela.

— Minha mãe me deu permissão para usar a casa de verão como meu ateliê — disse ele, gesticulando para o caos de caixas com

embalagem cheias de tintas e materiais de arte, e as telas que ele trouxe da França empilhadas contra as paredes.

— É um lugar perfeito para um ateliê — observou ela, assentindo, olhando ao redor com interesse.

— Sim, as grandes janelas tornam-no maravilhosamente iluminado e nunca me cansarei da vista para o lago. Também está longe de casa e livre de distrações.

— Oh — disse ela, hesitando no limiar. — Eu...

— Oh, não! — disse Cassius, apressadamente. — Eu não quis dizer você. Você nunca poderia ser uma distração para mim, Eliza. É... quero dizer...

O que diabos ele *queria* dizer? Ele ponderava sobre isso enquanto Eliza olhava para ele com uma expressão confusa. A questão é que ele tinha estado completamente distraído desde o momento em que Lottie irrompeu no terraço e voltou à sua vida. Ele não tinha sido capaz de pensar em mais nada além da vivacidade que tinha visto em seus olhos, sua evidente alegria em vê-lo, e... e não pôde deixar de pensar se...

Eliza deu-lhe um sorriso amável. — Deve ser estranho estar em casa depois de suas aventuras. Sem dúvida, levará uma semana ou mais para se readaptar depois de toda a diversão que você experimentou.

Cassius soltou o fôlego e pegou um dos pequenos potes de cerâmica em que guardava as tintas para mantê-las frescas. Era típico de Eliza ter o poder de dissipar qualquer tensão, para deixá-lo à vontade. Era o que ele mais gostava nela, como era fácil estar em sua companhia, como ela amenizava os percalços da vida com uma palavra suave e um gesto gentil. Era um dom que poucas pessoas possuíam.

— Sim, admito que estou um alvoroço só. Eu pareço incapaz de me contentar com qualquer coisa, mesmo pintando, então, pensei em arrumar o ateliê.

— E, talvez, organizar sua mente desordenada ao mesmo tempo — disse Eliza, com um brilho nos olhos.

Cassius riu. — Exatamente.

Ele a observou enquanto ela se movia pelo ateliê, tocando as cerdas dos pincéis enfiados em um pote e inspecionando frascos de óleo de nozes.

— Cassius — disse ela, a maneira como falou seu nome claramente o prelúdio de algo significativo.

O estômago dele apertou-se.

— Oh, aqui está você!

Lottie apareceu na porta e Cassius levou um susto. O sol refletia no dourado de seus cabelos, cintilando nas extremidades, conferindo-lhe a aparência de um anjo com um halo de luz ao seu redor. O calor precipitou-se sobre ele, com memórias da Lottie que ele conhecia há tanto tempo se chocando com a visão diante dele. Uma Lottie levada, trazendo o caos e fazendo-o rir, provocando-o e pregando peças se fundiram nessa visão mística que ele queria pintar, queria tocar, queria fazer coisas infames, coisas muito infames. O desejo tomou conta dele, sua força arrancando o ar de seus pulmões. De tal maneira que Cassius deixou o pote em suas mãos cair.

O objeto atingiu o chão com um estrondo e as dúzias de bexigas de porco armazenadas no interior explodiram com o impacto. Azul-cobalto e carmim explodiram contra o amarelo-cádmio e verde viridiano, laranja-cromo e branco-de-chumbo. Um arco-íris de cores respingou em tudo, desde as suas botas à lareira vazia até a bainha do vestido de Eliza.

— Oh! — disse ela, consternada, pulando tarde demais para trás para tentar evitar o salpicar de tinta a óleo destruidora contra a delicada seda fulvo de seu vestido.

— Eliza! — exclamou Cassius, mortificado. — Meu Deus, eu sinto muito, eu... maldição, eu sou um baita idiota!

Eliza olhou para ele em choque. — É só um pouco de tinta, Cassius.

— Mas está arruinado — disse ele, com a garganta apertada. — Totalmente arruinado.

— É apenas um vestido, Cassius. Tenho muitos mais, e a minha criada é uma maravilha. Sem dúvida, ela terá algum método inteligente para limpar ou uma maneira de disfarçar os danos. Não tem problema.

Cassius viu Eliza correr para reparar os danos causados ao seu vestido, ciente de que não estava falando do vestido. Ele arruinaria tudo, prejudicaria uma amizade que durava a vida inteira, caso cedesse a esse desejo avassalador pela irmã dela. Cassius ergueu os olhos e viu Lottie hesitando na porta, torcendo as mãos, nervosamente.

— A culpa é minha, não? — disse ela, tristemente.

— O quê? — indagou ele, alarmado, perguntando-se se seus sentimentos estavam tão na cara.

— Eu entrei de repente como... como um furacão e... — Ela soltou uma gargalhada infeliz e gesticulou para a bagunça de cores no chão. — Eu deixo sempre um rastro de destruição, não? Você só deve lembrar isso de mim. Estava sempre me intrometendo no meio de vocês dois, arruinando as suas brincadeiras.

Cassius não se lembrava de ela ter arruinado nada. Agora que ele pensava bem, percebia que ela tornava tudo mais divertido, encontrando aventura quando Eliza teria ficado mais perto de casa. Ele olhou para a tinta, pois não conseguia olhar para ela. Todas as bexigas estavam do tamanho de uma noz e haviam estourado, criando uma explosão de tintas. Ele olhou para baixo, sentindo um sorriso insinuar-se em sua boca ao ver o padrão criado: um brilho alegre e vibrante de cor contra o fundo opaco do chão. Era uma analogia perfeita demais à criatura deslumbrante diante dele e o efeito que ela tinha no mundo ao seu redor.

— Eu acho que é lindo.

Lottie balançou a cabeça, sentindo-se claramente péssima. — Você está apenas sendo gentil. Está uma terrível bagunça.

— Não. Veja.

Ele estendeu a mão para ela, gesticulando para que ela chegasse mais perto. Ela se aproximou, e ele ficou momentaneamente sem fôlego quando ela colocou os dedos sobre os dele.

— Veja como o amarelo explodiu sobre o verde e o azul, e aquelas pequenas manchas de vermelho e branco ali parecem estrelas.

Lottie soltou uma risadinha de deleite e o som o excitou por dentro. Iluminou-o, tocando seu coração, fazendo-o se sentir mais leve, como se nada fosse impossível.

— Fogos de artifício! — disse ela, virando-se para encará-lo, com seus grandes olhos azuis se iluminando de prazer.

— Fogos de artifício — repetiu ele, inexplicavelmente ofegante, encarando-a enquanto algo semelhante explodia em seu peito, pequenas explosões de emoções iluminando-o por dentro porque ela estava perto dele, fitando-o como se ele fosse uma pessoa extraordinária. Ela gostava dele. Bem, ele sabia que ela sempre o tinha admirado, de uma forma espantosa e infantil. Será que ainda era... era da mesma maneira, ou era...?

Ela desviou o olhar de repente e retirou a mão do seu alcance. A distância entre eles aumentou à medida que ela recuava, indo em direção à porta. Ele queria segui-la.

— Ainda assim, está uma terrível bagunça — disse ela. — Você deve me castigar fazendo-me limpar tudo isso sozinha. Minha mãe o faria, garanto-lhe.

— Acho que vou deixar como está até secar; dessa forma, sempre me lembrarei de você.

Não que houvesse algo no mundo capaz de fazê-lo esquecer, ou a maneira como ela fazia todo o seu mundo se incendiar na mais extravagante mistura de cores que ele poderia imaginar. Será que tinha sido apenas ontem? Ainda assim, ela sempre esteve lá. Ele simplesmente não havia se dado ao trabalho de perceber isso. Lottie

sempre esteve em sua vida, fazendo-o rir, entretendo-o com sua natureza alegre e seu instinto para encrencas. Foi ela quem arrastou ele e Eliza em escapadas, e foi ela quem forçou Eliza a pensar em suas próprias aventuras com o intuito de se livrar dela.

— Sim, você pode se lembrar de mim e da terrível bagunça que causei por onde passo — retrucou ela, com tanta amargura que ele ficou sem fôlego.

— Lottie, eu não quis dizer...

— Eu preciso ir.

Ela correu para fora em uma confusão de saias, mas Cassius pensou ter ouvido sua voz tremer com algo frágil e desesperado que ele não conseguia suportar.

— *Lottie!*

Ele foi atrás dela, mas não queria pisar na tinta, então, teve que recuar e dar a volta, espremendo-se entre caixotes, e quando chegou à porta, ela já estava fora de vista.



Lottie alcançou a irmã, arrastando-a pelo braço. — Você deve falar com Agatha antes que a tinta seque, talvez ela tenha sorte.

— Lottie, você sabe tão bem quanto eu que não tem como remover tinta a óleo deste vestido de seda. Só não queria que Cassius se preocupasse com isso. Ele parecia tão mortificado, o pobre homem.

— Sim, e foi tudo culpa minha.

Lottie sentia-se repugnante. Ela ficou louca de ciúmes quando percebeu que sua irmã estava dentro do ateliê, sozinha com Cassius. Embora ela não tivesse a intenção de bisbilhotar, ouviu o jeito como Eliza disse o nome dele, reconhecendo seu tom e pressentiu que ela estava se preparando para abordar um assunto delicado. Lottie sabia que Eliza queria discutir o noivado e reagiu sem pensar, querendo

apenas atrasar o inevitável. Ela poderia muito bem se jogar na frente de um trem em movimento na esperança de pará-lo, pois faria a mesma diferença. Eliza e Cassius rumavam nessa direção há muitos anos, e todos sabiam disso. Se ela se envolvesse, se tentasse interferir, passaria vergonha, iria se revelar a criatura horrível e invejosa que era e causaria desgosto a todos, especialmente a Eliza e Cassius. Era impensável. Ela perderia a irmã e o homem que amava e ficaria sozinha, sem nada nem ninguém.

Ela queria chorar. Não. Não, não devia.

— A culpa também não foi sua, sua boba — disse Eliza, com uma risada, pegando seu braço.

Lottie engoliu em seco e se esforçou para que sua voz não tremesse. — Claro que foi. Eu dei um susto nele.

— Que disparate, o pote estava escorregadio por causa do óleo, como tudo o mais no ateliê — acrescentou, segurando as luvas que tinham marcas de gordura na ponta dos dedos.

— Oh, aí estão vocês, meninas. Céus, Eliza, o que você estava aprontando?

As irmãs olharam para cima enquanto a mãe as abordava, encarando consternada para o vestido arruinado de Eliza.

— Um pequeno acidente com um pouco de tinta, mamãe.

A mãe olhou de soslaio para Lottie.

— Sim, a culpa foi minha — disse Lottie, desoladamente. Pronto, até sua mãe sabia que qualquer desastre era mais do que provável que ela tivesse provocado, mesmo que ela nunca a censurasse por isso. Ela era um acidente ambulante à espera de um lugar para acontecer, geralmente onde pudesse haver a maior devastação possível.

— Bem, não importa, acidentes acontecem. Você sabe que eu perdi *dois* pares de luvas desde que chegamos, e não sei onde eles foram parar. Sally está terrivelmente zangada comigo.

Ela estendeu os dedos sujos de tinta e as duas riram. Sua querida mamãe era uma escritora de certo renome, e seus dedos geralmente estavam manchados de tinta. Ela tentava escondê-los com luvas, mas, como não podia escrever com luvas e a vontade de anotar uma ideia acontecia nos momentos mais estranhos, ela pegava seu caderno e tirava as luvas, conseqüentemente. Elas apareciam nos lugares mais peculiares. Quando crianças, sua história favorita para dormir era uma que sua mãe havia escrito sobre um par de luvas separadas por acidente e as aventuras que haviam enfrentado antes de serem novamente reunidas. Ela parecia convencida de que tinham vida própria. Quando criança, Lottie também acreditava nisso.

— De qualquer forma, vá se trocar. O *comte* perguntou se podia acompanhá-la em uma caminhada até a aldeia.

— Acompanhar-me? — perguntou Eliza, surpresa.

— Não, minha menina, eu estava falando de Harry... claro que você! Por que não? Ele é um bom partido, e um espécime belíssimo também, se é que tenho alguma autoridade no assunto.

— Mamãe! — disseram elas, em uníssono.

A duquesa sorriu para elas. — Meninas, ainda não estou senil e não sou cega. Além disso, é difícil não notar um homem desses.

— Mas ele não é um pouco... infame? — disse Eliza.

Lottie observou o rubor crescente nas bochechas de sua irmã e percebeu que ela estava nervosa.

— Ah, bobagem. — Mamãe acenou com a mão, irritada. — O seu pai também era. Você deve descobrir por si mesma que tipo de homem ele é, e é apenas um passeio. Matilda, Harriet e eu iremos acompanhá-los, por isso, não é nada excepcional. Estou certa de que Cassius não teria convidado pessoas para sua casa se tivesse qualquer suspeita sobre elas. Lottie, também pode vir fazer companhia ao seu irmão. Bem, eu acredito que ele é um tanto infame, mas vou ficar de olho para que não haja nada com que se preocupar.

— Vamos, Eliza. Será divertido — insistiu Lottie, recusando-se a considerar sua própria motivação para fazer com que sua irmã passasse um tempo com um homem que não fosse Cassius.

Eliza deu de ombros. — Muito bem. Vou me trocar e descer logo em seguida.

Capítulo 5



Querida Harriet,

Imagino como você deva estar tão feliz por ter Cassius de volta em casa. Neste exato momento, eu certamente desejaria que meus filhos estivessem na França, pois nunca há um momento de paz no castelo. Não estou falando sério, é claro, mas ficaria satisfeita se conseguissem controlar seus gênios por mais de cinco minutos seguidos. Quatro jovens tão obstinados fazem com que o castelo pareça demasiado pequeno para abrigar a todos nós. Lyall e Georgina gostam especialmente de fazer as velhas paredes vibrarem, gritando entre si. Estou mais do que tentada a aceitar as ofertas que recebi de várias das Senhoritas Peculiares e a enviá-los em diferentes direções. É claro que, no momento em que o fizer, vou me arrepender e sentir muitas saudades deles.

– Trecho de uma carta a Harriet Cadogan, Condessa St. Clair, de sua melhor amiga Ruth Anderson, Condessa de Morven.

30 de junho de 1838, Holbrook Village, Sussex.

— Receio que você ache a aldeia singular e um tanto monótona depois de seu tempo em Paris — disse Lottie, olhando para as feições ameaçadoras do homem que andava ao seu lado enquanto se aproximavam do aglomerado de edifícios amontoados ao redor do parque da cidade.

— Por que você pensaria assim?

Lottie hesitou, um tanto assustada com o intimidador Nicolas Alexandre Demarteau. Suas sobrancelhas grossas se uniram quando a olhou e, embora ela nunca tivesse se considerado uma criatura covarde, não se sentia totalmente confortável em sua presença.

— Bem, deixe-me ver... há um padeiro e um açougue, um fabricante de velas, um ferreiro e, mais adiante, virando a esquina, você encontrará um armarinho. — Ao ver sua expressão confusa, ela se apressou em explicar. — Esse é um lugar onde você pode comprar tecido e pequenos itens, como botões, fitas e linhas. Há o pub, mas imagino que não seja muito impressionante para um homem que dirige um clube como o *Rouge et Noir*.

Ele lançou um olhar curioso em sua direção. — O que você sabe sobre o *Rouge et Noir*?

— Oh, bastante coisa — disse Lottie, imediatamente, e depois corou quando aquelas sobrancelhas escuras arquearam. — Quero dizer... isto é... bem, Phoebe – Lady Ellisborough – nos contou tudo sobre ele. Ela gostou tanto de sua visita a Paris, e a sua descrição de *Rouge et Noir* cativou a todas nós. Acho que ela tem vontade de voltar a jogar cartas com você novamente.

O Sr. Demarteau sorriu maliciosamente. — Acredito que é a meu irmão que ela quer desafiar, não a mim.

Enquanto falava, seu olhar deslizou para o irmão que caminhava um pouco à frente deles com Eliza. Eliza estava com a mão no braço do *comte* e observava-o, rindo de algo que ele havia dito. Eles formavam um casal extremamente deslumbrante. O olhar do Sr. Demarteau fixou-se neles por um momento enquanto seus olhos se tornavam sombrios com alguma emoção intensa, e sua mandíbula se apertava. Lottie sentiu seu coração saltitar. Oh, meu Deus. O homem realmente tinha desenvolvido aversão por sua irmã, mas ela não conseguia entender como a gentil Eliza poderia tê-lo ofendido, e em tão pouco tempo. A menos que Cat realmente estivesse a par de algo e sua irmã o lembrasse de alguém que havia partido seu coração.

Ela ponderou sobre isso por um momento antes de perguntar: — Você espera encontrar uma esposa inglesa enquanto estiver aqui, Sr. Demarteau?

Ele virou a cabeça tão rapidamente, e a expressão em seus olhos mostrou tanta indignação que pegou Lottie completamente de surpresa.

— Não — disse ele, ou talvez *vociferou* fosse uma melhor descrição da maneira como ele pronunciou as palavras.

Lottie engoliu em seco e sentiu uma onda de raiva em relação ao homem. Como ele se atrevia a olhar com tanta fúria para a irmã dela? Será que ele estava tão iludido a ponto de pensar que Eliza não era boa o suficiente para se casar com seu irmão? Louis César de Montluc podia muito bem ser um *comte*, mas Eliza era a filha mais velha de um duque.

— Eles formam um casal esplêndido, não? — disse ela, estudando seu rosto por uma reação. — Tenho muita sorte de ter uma irmã como Eliza. Todo mundo a ama, sabe. Ela é a mulher mais meiga, gentil e maravilhosa do mundo. Ela será a esposa perfeita para algum homem de sorte, pois nunca diz a coisa errada e está sempre preocupada com o conforto de todos acima do seu. Ela me deixa envergonhada, pois não sou nem de longe tão talentosa quanto ela. Ela costura lindamente e fala francês e italiano, é a melhor pessoa que eu já ouvi tocar piano e tem uma voz adorável ao cantar. Ah, e ela adora crianças, e elas a ela, naturalmente. Sei que ela deseja uma família tão grande quanto a nossa. Claro que ela poderia ter *qualquer um* que desejasse. Ela teve tantos pedidos de casamento nesta última temporada que perdi a conta. Você sabia que tanto um duque *quanto* um marquês a pediram em casamento? Mas mamãe disse-lhe que não precisava se apressar em tomar decisões.

Lottie franziu a testa. Em vez de aliviar quaisquer preocupações ridículas que o homem pudesse abrigar sobre o valor de sua irmã, suas palavras pareciam piorar ainda mais as coisas. O braço debaixo da sua mão se tornou rígido de tensão.

— Sr. Demarteau... — começou Lottie, decidindo que a única maneira de lidar com isso seria enfrentando a questão de frente.

— Se você me der licença, Lady Charlotte — disse ele, antes que ela pudesse dizer outra palavra. Ele fez uma rígida reverência e foi sozinho para a aldeia.

— Ora essa! — exclamou ela, encarando-o, chocada.

Nunca em sua vida tinha se deparado com um comportamento tão rude, nem mesmo quando o merecia.

— Lottie, o que você disse ao homem?

Lottie virou-se e viu sua mãe andando de braços dados com Harriet e Matilda.

— Nada, mamãe, juro. Estava apenas dizendo-lhe como Eliza era maravilhosa e ele saiu pisando furiosamente.

— Que estranho — disse Matilda, observando o homem desaparecer na aldeia. — Você tem alguma ideia do porquê?

— Não. — Lottie mordeu o lábio, imaginando se deveria confessar suas suspeitas. — Eu sei que parece ridículo, mas acho que ele não gosta de Eliza, ou, pelo menos, ele acredita que ela não é boa o suficiente para seu irmão.

Isso provocou uma explosão previsível de exclamações de todas as três mulheres.

— Por que você acha isso? — exigiu saber sua mãe.

Lottie deu de ombros. — Só sei que ele a olha com tanta raiva e, sempre que ela entra em um local, ele sai. É como se ele não suportasse estar perto dela.

— É mesmo? — murmurou Matilda, com interesse.

— Bem — disse sua mãe, fungando. —, *ele* pode não gostar dela, mas Louis César parece ter toda a intenção de cortejá-la.

Lottie olhou para ela, surpresa. — Meu Deus. Ele disse isso?

Ela franziu a testa, querendo perguntar por que sua mãe estava permitindo isso quando todos sabiam que Eliza se casaria com Cassius. A vizinha perversa em sua cabeça que ela não gostava tanto murmurou, lembrando-a de que não importava o *porquê*, só que se Eliza se casasse com outra pessoa, Cassius estaria livre.

— Ele não disse com todas as palavras que queria cortejá-la. Pelo menos ainda não, mas a sua intenção estava bastante clara. Ele fez de tudo para ser agradável tanto comigo quanto com seu papai, e um homem como esse não faz nada sem um bom motivo. Sei que Phoebe gostou muito dele e do Sr. Demarteau quando esteve em Paris com Max, e tem uma ótima opinião sobre ambos. Ela também é uma excelente juíza de caráter, senão eu nunca teria permitido que o *comte* se aproximasse de Eliza.

— De acordo com Cassius, o Sr. Demarteau é muito protetor com relação ao irmão — disse Harriet, com o tom pensativo. — O título do *comte* é antigo e distinto, mas a família perdeu tudo durante a guerra. Pelo que entendi, o *comte* teve uma infância difícil e creio que os dois irmãos adquiriram uma certa reputação devido à forma gananciosa como mudaram a sua sorte e, claro, com a posse daquele escandaloso clube deles. Uma união com uma mulher que recebeu uma excelente criação como Eliza seria exatamente o que o *comte* precisaria para encontrar aceitação na sociedade novamente.

— Se é assim, por que o Sr. Demarteau olha para ela com tanta ferocidade? — disse Lottie.

— Por que, de fato? — perguntou Matilda, com um brilho curioso em seus olhos.

Lottie bufou e seguiu em direção às lojas.

— Vou acabar descobrindo — prometeu.

Depois de examinar as lojas e comprar algumas luvas novas para sua mãe, Lottie saiu novamente em direção ao parque da cidade. Era um cenário encantador, com patos brincando ao redor de uma pequena

lagoa. Os sinos da igreja badalaram a hora e o murmúrio de conversa fluía da porta aberta do *The King's Head*. Com o passar da manhã, o dia foi ficando mais quente e Lottie encontrou um local sombreado sob um grande castanheiro para se sentar e esperar que os outros aparecessem. Ela não tinha visto Eliza e o *comte*, mas sabia que mamãe ficaria de olho neles, então, não se preocupou mais com isso. Em vez disso, ela fechou os olhos e recostou-se no tronco da árvore, imaginando o que diabos ela deveria fazer. O futuro parecia ser um lugar sombrio, cheio de inveja e ressentimentos com relação à irmã, o que era totalmente injusto. Afinal, não era culpa de Eliza ter nascido primeiro, ser tão amiga de Cassius, a tal ponto que eles se casariam por causa disso. Lottie deu um suspiro desanimado.

— Meu Deus, é tão ruim assim, querida Lottie?

Seus olhos se abriram e ela arquejou ao ver o jovem elegante diante dela.

— Ashton! — deu um gritinho, levantando-se apressadamente e lançando os braços ao redor de seu pescoço.

Ashton riu, protestando, enquanto ela derrubava seu chapéu no chão com seu entusiasmo. — Pare, Lottie. Meu Deus, como você é escandalosa. Vai fazer com que a aldeia toda fale de nós dois se não tomar cuidado, e não faz nem um minuto que eu cheguei.

Lottie o soltou e recuou novamente, enquanto ele se inclinava para recuperar seu chapéu, limpando a poeira dele.

— Desculpe, Ash — disse ela, ainda com um enorme sorriso. — Oh, é tão bom vê-lo, mas onde está Vivien? — Ashton era raramente visto sem sua irmã gêmea, os dois eram quase inseparáveis.

— Tirando uma soneca — disse ele, com um bufo. — Ela me fez ficar acordado até altas horas conversando sobre um assunto, mas, ao contrário de mim, ela não tem tanta energia.

— Seus pais estão aqui?

— Não. Eles devem vir depois, mas se comprometeram em comparecer a uma festa ou outra. Acho que será um evento entediante. Dever em vez de prazer. Mamãe não ficou nada satisfeita.

Lottie sorriu. Os pais de Ash, Aashini e Silas Anson – Lorde e Lady Cavendish – eram bastante escandalosos e muito divertidos, e Lottie sempre gostava de vê-los. Ash e sua irmã eram bons amigos, então, ela dificilmente poderia ficar desapontada.

— Então, por que você estava suspirando tão dramaticamente? — perguntou-lhe Ash.

Ele a observou com interesse e Lottie retribuiu seu escrutínio. Ela se perguntou por que não havia se apaixonado loucamente por ele. Ele era bonito: alto e ágil, com pele bronzeada que falava da herança indiana de sua mãe, e cabelos pretos como a asa de um corvo. Seus olhos eram como os do pai dele, um azul-índigo escuro que na opinião de Lottie conseguia enxergar diretamente através de sua mente, pois ele era uma das pessoas mais perceptivas que ela já conhecera. Algumas pessoas na sociedade recusavam-se a aceitar a sua mãe, mas ninguém podia negar que Aashini ainda era uma das mulheres mais bonitas do país, com exceção talvez de sua filha, Vivien. Embora o pai de Aashini fosse um conde, sua mãe era filha ilegítima de uma mulher indiana, e causou um grande escândalo quando se casou com o Visconde Cavendish. Ash e a sua irmã gêmea tinham decidido, ainda muito jovens, que também podiam desfrutar de sua notoriedade, e frequentemente estavam metidos em uma confusão ou outra.

— E então? — pressionou Ash, claramente relutante em deixar o assunto para lá. — Por que a pessoa mais alegre que conheço está sentada à sombra como uma flor murcha e suspirando como se seu coração estivesse partido?

— Talvez seja isso — disse Lottie, apenas para provocar, e desviou rapidamente o olhar de Ash quando percebeu que havia expressado sentimentos demais por trás das palavras.

— Lottie? — Ash pegou sua mão, forçando-a a se virar para olhar para ele.

Lottie engoliu em seco, de repente desesperada para desabafar com alguém. Ao olhar sobre seu ombro viu que Eliza e o resto de sua pequena comitiva caminhava em direção a eles.

— Aqui não — disse ela, pegando seu braço.

Eles se apressaram, retornando a Holbrook em um ritmo acelerado, até que Lottie olhou para trás e assegurou-se de que todos estavam fora de vista.

— Em que tipo de problema você se meteu, sua danadinha? — perguntou-lhe Ash, com um tom tão gentil que ela soube que não seria julgada por ele.

— Oh, Ash, do pior tipo — lamentou ela, balançando a cabeça. — Sou uma tola, mas prometo que não o fiz de propósito. É possível apaixonar-se de propósito?

— Eu não faço ideia, mas por quem você se apaixonou e por que você parece tão desolada com isso? Preciso acabar com a raça de alguém? Pois eu irei, se ele tiver te magoado.

Lottie deu uma risada sem graça e balançou a cabeça. — Não, não. Nada disso. A única pessoa que se comportou mal fui eu, receio. Ele não me ama. Eu nem acho que ele saiba que eu existo... bem, a menos que eu esteja causando confusão e fazendo as coisas explodirem na cara dele.

Ela suspirou novamente e, em seguida, viu que Ash estava lutando bravamente para não rir.

— Não é engraçado — exclamou ela, bufando para ele.

— Não — disse ele, com a voz tensa e os lábios contraídos. — Só que é por isso que te amamos. Explodir as coisas e causar confusão é o que você faz de melhor, querida Lottie.

— Eu sei! — lamentou ela, jogando as mãos para o ar. — Mas desta vez não estarei apenas incomodando, estarei arruinando *tudo*. Ash,

estou apaixonada por Cassius.

Ash parou subitamente, fitando-a boquiaberto por um longo momento e depois soltou o fôlego. Ele estendeu a mão para ela, colocando-a cuidadosamente em seu braço, e eles caminharam novamente.

— Quem mais sabe? — perguntou ele.

— Ninguém — disse Lottie, baixinho. Ela olhou-o de soslaio, imaginando se ele a odiava agora. — Você me despreza?

Ash a encarou. — Por que diab...? Claro que não, sua criatura ridícula. Só me pergunto como é que nunca percebi isso antes. Se tivesse, teria lhe ajudado.

— Teria me ajudado? — Agora foi a vez de Lottie parar de repente e Ash bufou, olhando para trás, vendo que os outros estavam se aproximando.

— Vamos — insistiu ele. — E sim, por que eu não iria ajudá-la? Cassius é um dos meus melhores amigos, e você sabe que eu adoro Eliza, mas...

— Mas? — repetiu Lottie, consciente de que era errado desejar o que ele iria dizer a seguir.

— Mas eu não acho que eles combinem. Eliza é muito tranquila para ele. Todo mundo sabe que Cassius deseja viajar e a pobre Eliza odiaria isso.

— Oh, Ash! — Ela se atirou em seus braços novamente e Ash emitiu um som exasperado.

— Meu Deus, mulher. Tem mesmo que me tratar com tanta rudeza? Vai arruinar minha gravata.

— Que diabos está acontecendo?

Lottie levou um susto e ambos se viraram dando de cara com Cassius, que tinha virado a esquina, enquanto eles estavam ocupados. Ele permaneceu ali, olhando furiosamente para eles. Lottie deu um

grito de alarme e tentou se afastar, mas para seu choque, Ash a segurou, com as mãos na cintura dela.

— Ótimo te encontrar, Cassius, meu velho. Lottie estava me contando como estava feliz em me ver.

Lottie olhou de relance para Ash e viu um olhar perverso cintilando em seus olhos azuis. Ela empurrou seu peito e ele a soltou desta vez, embora não desviasse o olhar de Cassius.

— É mesmo? — disse Cassius, com o tom neutro. — Bem, tente mostrar menos entusiasmo em público, Charlotte. Você sabe como as fofocas se espalham pela aldeia.

Charlotte? Ela fitou-o boquiaberta, em estado de choque. Nunca ninguém lhe chamava de Charlotte. Certamente não Cassius, e por que diabos ele a estava tratando com tanta formalidade?

— Eu pensei que você estivesse pintando — disse ela, ciente de que parecia estar na defensiva agora.

Cassius deu de ombros. — Ouvi dizer que Ash tinha chegado e estava na aldeia. Pensei em ir encontrá-lo.

— Meu Deus, como estou popular hoje. Vocês dois devem ter cuidado, tanta atenção vai me subir à cabeça.

— Estou bastante seguro de que não há mais espaço para nada aí dentro — resmungou Cassius.

— Bem, o que posso fazer se sou amado por todos? — Ash estendeu as mãos como se quisesse chamar a atenção para sua magnificência em geral.

— Você está com uma aparência esplêndida — disse Lottie, já que eles estavam combinando, fora que não era nada além da verdade. — Esse colete é muito...

— Vulgar — observou Cassius, com as sobrancelhas loiras se unindo em consternação ao observar o colete amarelo-brilhante

bastante chamativo com bordados pretos. — Francamente, Ash, em que você estava pensando?

— Apenas que se eu quisesse chamar um pouco de atenção da Lottie aqui, deveria usar algo que a fizesse me notar.

Ash piscou para ela e Lottie só conseguiu fitá-lo boquiaberta, espantada. Ele estava flertando? Com *ela*? O que estava acontecendo?

Cassius claramente não tinha ideia também, como evidenciado pelo olhar carrancudo de desagrado que lançou a Ash, e eles andaram o restante do trajeto para casa em silêncio.

Capítulo 6



Querido diário,

Acho que é hora de revelar o meu trunfo – como diria a minha irmã Phoebe.

Mal posso esperar!

– Trecho de uma anotação no diário de Lady Catherine 'Cat' Barrington, filha mais nova do Marquês e da Marquesa de Montagu.

30 de junho de 1838, Holbrook House, Sussex.

— Estou cheia até a boca — reclamou Rosamund, desabando em uma poltrona no quarto de Eliza, enquanto Victoria arrumava o tabuleiro de damas em uma mesinha, colocando cuidadosamente cada peão em seu devido lugar.

— Você me lembra um dia no circo — observou Lottie, ao que Torie soltou uma gargalhada.

— As damas nunca estão cheias até a boca, Ozzie — reprovou-a Eliza, embora houvesse um tom de diversão em suas palavras.

— Não, mas os circos sim, e Rosamund é uma palhaça. — Torie riu entredentes.

Ozzie bufou para sua irmã mais nova, que respondeu como sempre fazia, mostrando a língua.

— Por que vocês estão todas no meu quarto, afinal? — indagou Eliza. — Não é hora de já estarem na cama?

— Oh, não seja tão maçante. Por que você deve ser sempre tão certinha e seguir as regras? — perguntou Ozzie para sua irmã mais velha. — Além disso, Cat nos disse para virmos aqui, lembra? Ela tem uma surpresa para nós.

Eliza franziu os lábios, mas não disse nada.

— Bem, e por que ela não nos mostrou lá embaixo? — perguntou Lottie, sufocando um bocejo.

Estava longe de ser tarde, mas ela não tinha dormido bem e tinha acordado cedo. Sem mencionar o quão cansativo era tentar não sentir inveja de sua irmã, e depois se sentir culpada por falhar miseravelmente. Ela estava se complicando toda fingindo estar feliz, fingindo estar contente por Eliza, por quão popular ela era, além de adorável e perfeita até o talo.

Ah, ela era uma pessoa horrível.

— Porque é só para meninas.

Todas fitaram Victoria, que olhou por cima do tabuleiro de damas. — Bem, foi o que ela disse.

Lottie suspirou e observou Eliza tirar as dezenas de grampos de seus cabelos, com as espessas e escuras mechas se desenrolando, formando uma cortina reluzente de mogno sobre suas costas.

— Como estava o *comte*? — perguntou-lhe Lottie, não ousando esperar que o homem pudesse ter conquistado o afeto de sua irmã.

— Divertido e diabolicamente encantador — disse Eliza, olhando diretamente nos olhos de Lottie através do espelho. — Eu só consigo imaginar a reputação que ele deve ter na França.

— Oh, uma terrível — disse Ozzie, com os olhos arregalados de alegria. — Ouvi os criados conversando esta manhã, quando estavam retirando a mesa, e eles disseram...

— Ozzie — disse Eliza, balançando a cabeça. — Você sabe como mamãe se sente sobre ouvir fofocas e bisbilhotar.

Lottie sentiu uma onda imediata de vergonha por ter feito exatamente a mesma coisa naquela manhã. Para compensar, ela decidiu salvar Ozzie da gentil bronca de sua irmã.

— Bem, agora ela já ouviu, então, qual o problema de sabermos o que estão comentando?

Eliza suspirou, mas ficou quieta, voltando-se para o espelho.

Ozzie deu um largo sorriso. — Só que ele teve muitas amantes e que duas mulheres duelaram por ele.

— Mentira! — Eliza e Lottie disseram em uníssono enquanto Eliza virava-se rapidamente no banquinho em que estava.

— Oh, eu pensei que você não quisesse ouvir as fofocas, Eliza querida — disse Ozzie, piscando os olhos para a irmã mais velha e parecendo inocente como um cordeirinho.

— Espertinha — murmurou Eliza. — Conte-me tudo.

— Bem, não há muito mais para contar. Só ouvi um pouco sobre esse assunto, mas aparentemente duas damas casadas apaixonaram-se loucamente por ele, mas ele escolheu uma em vez da outra. A que ele rejeitou enlouqueceu e desafiou a outra para um duelo, e ela aceitou. De acordo com os rumores, ele descobriu o que estava acontecendo e pôs fim à situação antes que alguém fosse ferido, pois a amante rejeitada era uma atiradora de primeira.

— Oh, que bobagem — disse Eliza, rindo. — Parece uma das histórias de mamãe.

— Você não acredita? — perguntou Lottie, surpresa.

— Claro que não. É só um mexerico.

— Oh, não sei. Eu travaria um duelo por ele. Ele é muito bonito. Só que o irmão dele parece terrivelmente infame também, então, qualquer um dos dois serviria — disse Torie, com um sorriso sonhador.

— *Victoria!*

Desta vez, tanto Eliza quanto Lottie exclamaram, desconfortáveis ao ouvirem sua irmã de treze anos falar desse jeito. Assim como Lottie, Torie tinha um lado um tanto selvagem e não precisava de muito encorajamento para causar problemas.

— Bem, é verdade — disse Torie, emburrada, voltando sua atenção para o tabuleiro de damas.

Uma batida suave na porta fez Eliza se levantar rapidamente para atender.

— Eu encontrei esta bela criatura — disse uma voz cadenciada do corredor. — É sua?

Lottie ouviu a irmã rir.

— Suponho que deva ser. Entre.

Ela se virou e viu a irmã gêmea de Ashton, Vivien, entrar com Cat, que estava segurando uma grande caixa de chapéu.

— O que você tem aí, Cat? — exigiu saber Ozzie.

— Oh, mas vocês conhecem Vivien, ela estava conosco no jantar — disse Cat, com um sorriso atrevido.

Vivien riu e deu um beliscão na orelha dela. — Sua menina terrível. Queremos saber o que tem dentro da caixa.

— Uma surpresa — disse Cat, parecendo muito alegre. — Mas todas vocês devem sentar-se em um círculo e, só então, eu revelarei.

Não querendo estragar a diversão da menina, e muito intrigadas para discutir, elas fizeram o que lhes foi pedido. Cat pediu que Torie empurrasse o tabuleiro de damas para um lado e abaixou solenemente a caixa de chapéu como se contivesse algo frágil e precioso.

— Bem... — disse Cat, parando para dar um efeito dramático. Honestamente, a menina era tão teatral que devia estar em cima de um palco. — Todas nós conhecemos a história das Senhoritas Peculiares, não?

Todas reviraram os olhos.

A história das Senhoritas Peculiares era uma lenda entre suas famílias. Um grupo de mulheres incompatíveis, as tímidas, as que nunca receberiam uma proposta de casamento, aquelas moças estranhas que se viam entre as jovens invisíveis em todos os bailes, temporada após temporada. Elas tinham se reunido para se juntarem a uma espécie de clube do livro, embora nunca parecessem passar muito tempo discutindo livros. Para selar suas amizades, todas elas tinham passado por um rito de passagem, tirando um desafio de um chapéu e esperando, de alguma forma, assumir o controle das suas próprias vidas. Esses desafios trouxeram amor e aventura, para não mencionar um pouco de escândalo, e solidificaram amizades que resistiram a todas as provações.

Todas olharam para Cat enquanto ela sorria para elas e, em seguida, tirava a tampa da caixa com um floreio.

— *Tchan tchan tchanrã!*

— Oh! — exclamou Eliza, ficando de pé. — Isso... isso é...?

— Sim! — Cat estava dando pulinhos agora. — É o chapéu. Exatamente o mesmo chapéu, e vocês não sabem a melhor parte!

— Diga — disse Lottie, com uma estranha sensação se agitando em sua barriga.

— Ainda está cheio de desafios!

Elas olharam umas para as outras, com os olhos arregalados.

— E então? — exigiu Cat. — O que vocês estão esperando?

— Eu vou pegar um! — disse Torie, levantando-se apressadamente.

— Não, você não vai! — disseram Lottie e Eliza em uníssono, e depois começaram a rir.

— Você não pode tirar um desafio antes de ser apresentada à sociedade, sua boba — disse Cat, embora houvesse simpatia em seus olhos.

Lottie não duvidava que Cat estivesse ansiosa para concluir um desafio.

Eliza encarava o chapéu com preocupação, como se ele tivesse algo que pudesse morder.

— Você acha que devemos? — disse ela, duvidosamente.

— Por que não? — disse Lottie. — Meu Deus! Mamãe também participou. Caso contrário, não estaríamos aqui.

Eliza mordeu o lábio, claramente nada convencida.

Lottie suspirou e virou-se para Vivien. — Você vai participar, não vai?

Um sorriso lento curvou-se sobre a boca da jovem e Lottie ficou sem fôlego. Céus, como ela era adorável.

— Eu acho que vou.

Cat deu um gritinho de empolgação e se apressou.

— Oh, não. Eu primeiro! — disse Lottie, acenando com a mão no ar. Se alguém precisava disso, era ela.

Qualquer coisa para se distrair da terrível situação em que se encontrava. Talvez, se ela ousasse, encontrasse outra pessoa por quem se apaixonar, ou se envolvesse em um escândalo tão grande, não teria tempo de lamentar Cassius. Qualquer coisa era preferível a lamentar-se, certo?

— Ah, Lottie, sério? — disse Eliza.

— Sim, sério.

Cat segurou o chapéu na frente dela e Lottie respirou fundo antes de enfiar a mão. Os pequenos pedaços de papel estavam amarelados pelo tempo e o chapéu cheirava a mofo, mas o coração de Lottie batia forte e rapidamente enquanto os papéis farfalhavam entre seus dedos. Com os olhos fechados, ela agarrou um pedaço de papel e o tirou.

— O que diz? — gritou Cat, entusiasmada, enquanto todas as outras ecoavam o sentimento.

Lottie engoliu em seco e abriu cuidadosamente o papel, que parecia correr o risco de se desintegrar a qualquer momento. Ela semicerrou os olhos para ler a escrita, amarronzada e borrada pelo tempo. Era quase ilegível, desbotada e desgastada nos lugares onde o papel havia sido dobrado.

— Eu... não consigo entender. Diz “ouse...”, o que está escrito aqui, Vivien?

Vivien pegou o papel dela e encarou-o, segurando-o de diferentes maneiras. — Incisiva, indulgente... indecente! Ouse ser *indecente*.

— Oh, não — disse Eliza, horrorizada. — Não pode estar dizendo isso. Dê-me aqui.

Ela olhou para o que estava escrito, sua carranca se aprofundando. — Bem, parece que é isso mesmo, mas... mas não pode ser. Os desafios eram todas coisas específicas a fazer. Dance em um jardim à meia-noite, diga algo ultrajante a um homem bonito...

— Aposte algo que você não deseja perder — disse Vivien, com um sorriso.

Todas riram, tendo ouvido uma das histórias mais escandalosas e ainda achando difícil de acreditar que a mãe de Cassius, Harriet – dentre todas as pessoas – tinha sido flagrada com o Conde de St. Clair na casa de verão. Eles tinham sido forçados a se casarem, não que qualquer um deles quisesse fazer qualquer outra coisa. O Conde de St. Clair ainda era um homem de aparência magnífica, e seu filho certamente havia herdado sua boa aparência. Lottie não podia culpar Harriet, longe disso. Na verdade, ela só podia invejar o seu extraordinário golpe de sorte.

— Talvez devêssemos escrever novos? — ponderou Eliza.

Lottie deu um bufo. — Se escrevermos, você não irá participar. Você não tem um pinga de ousadia correndo em suas veias.

— Tenho, sim! — respondeu Eliza. — Eu *vou*!

Lottie pegou o chapéu e estendeu-o para a irmã. — Vá em frente, prove.

Eliza hesitou. — Não adianta, estão ilegíveis.

— Estão bastante claros. Meu desafio é ser indecente — disse Lottie, com algo verdadeiramente indecente se agitando dentro dela e tornando-a imprudente.

— Oh, não, Lottie, você não pode. Afinal, o que isso significa?

Eliza fechou a boca ao perceber o que estava refletido nos olhos de Lottie e bufou.

— Muito bem, então — disse ela, levantando o queixo.

Lottie sorriu e empurrou o chapéu para ela novamente.

Com uma respiração nervosa, Eliza enfiou a mão trêmula entre os pedaços de papel.

— Oh, meu Deus — disse ela, e tirou um desafio.



Cassius encostou-se na janela da casa de verão, encarando a escuridão lá fora. Uma fina lua crescente cortava o céu, como um rasgo no veludo preto e, abaixo, a água escura do lago cintilava aqui e ali. Seu estômago estava revirado, provavelmente não ajudado nem um pouco pela garrafa de conhaque que tinha afanado de casa, e que era sua atual companhia.

O maldito Ashton havia flertado descaradamente a noite toda. Não apenas com Lottie, para ser honesto; Eliza também recebeu uma boa dose de sua atenção. De fato, Ash e Louis César vinham disputando o título de “os mais encantadores” a noite toda, malditos sejam. A única pessoa que parecia mais revoltada do que ele era o irmão de Louis. Nic se desculpou saindo o mais cedo possível sem parecer terrivelmente

rude, e Cassius o viu esgueirando-se na direção do pub. Ele dificilmente poderia culpar o homem.

Cassius tinha presumido que o duque iria impor sua autoridade e lhes dizer para não fazerem papel de bobos por causa de suas filhas. Mas ele não o fez. Em vez disso, ele observou tudo com um brilho divertido nos olhos e não parecia ter a menor intenção de matar ninguém. Tinha sido uma terrível decepção.

Ele suspirou e olhou para a fina lua. Não havia como escapar da verdade. Ele amava Eliza, mas apenas como amiga, não da maneira como desejaria amar uma esposa. Ele não podia se casar com ela. O mundo o chamava, clamando para que ele viesse explorá-lo e desvendá-lo. Ele havia visto apenas uma pequena parte dele, e já estava inquieto, desesperado por mais. No entanto, esse tipo de vida nômade tornaria Eliza infeliz, da mesma forma que passar o resto de seus dias na Inglaterra. Seria tão injusto para ela quanto para ele. Ela era uma mulher linda e maravilhosa que merecia nada menos do que a adoração do marido, e ele não podia dar-lhe isso. Ele levou a garrafa de conhaque aos lábios e tomou outro gole. Quanto mais cedo ele lhe dissesse isso, melhor. Não que ela fosse ficar zangada com ele. Não, Eliza seria gentil e compreensiva, assegurando-lhe que ele não precisava se preocupar por tê-la decepcionado... o que era muito, muito pior do que vê-la zangada com ele.

Maldição.

Capítulo 7



Louis César,

Finalmente recebi a sua carta. Demorou um pouco para chegar em minhas mãos, pois eu estava no sul da França quando você partiu, e perdi toda a diversão. Admito que fiquei surpreso com a sua fuga de Paris. Suponho que haja uma mulher envolvida de alguma forma, e a história é delicada demais para que você possa dar, por escrito, algum detalhe ao seu velho amigo. Espero que não seja outra dama enciumada ameaçando atirar em sua amante, ou em você. Foi você o centro da confusão desta vez, ou Nic é o culpado?

Um passarinho me contou que é hospede do Conde de St. Clair e que pretende casar-se com a filha de um duque. Felicito-o pelas suas escolhas. Bedwin seria um aliado poderoso e silenciaria as línguas tagarelas que insistem em revirar os detalhes de seu passado. Pergunto-me se ele me reconheceria depois de todos estes anos. Quem sabe eu também não devesse deixar Paris e pensar em voltar a frequentar a alta sociedade? Estou entediado a ponto de considerar que possa ser divertido. Isso sim, iria lhes dar algo sobre o que falar.

– Trecho da carta dirigida a Louis César de Montluc, Comte de Villen, assinado... Wolf.

1º de julho de 1838, Casa de Verão, Holbrook, Sussex.

Cassius gemeu e agarrou a cabeça.

— Puxa vida — murmurou ele, piscando contra a intensa claridade que inundava o ateliê. Quando a porta se abriu, semicerrou os olhos e focou na figura indistinta que apareceu.

— Como eu imaginava — disse seu pai.

— Oh, por favor, pai, não me repreenda, prometo que já estou sendo bastante punido.

— Como se eu fosse fazer isso — retrucou seu pai, segurando uma cesta no alto. — Trouxe café.

— Graças a Deus. Você é o melhor pai do mundo, senhor — murmurou Cassius, desabando de volta na cadeira e esfregando as têmporas.

O conde assentiu e começou a desembalar a cesta. — Isso é verdade, então, não me preocupo em fingir modéstia.

— Mamãe que te mandou?

— Não foi necessário. Observei ontem à noite como você estava melancólico, para não mencionar o fato de que claramente queria arrancar os belos olhos de Ashton com uma faca afiada.

— Maldição. Estava tão óbvio assim?

O pai dele olhou-o com um sorriso irônico, e Cassius gemeu e fechou os olhos.

— Você já falou com Eliza?

Cassius abriu os olhos novamente e viu seu pai estendendo uma caneca de café para ele. Ele pegou-a, envolvendo as mãos ao redor dela, e tomou um gole hesitante. Estava quente, forte e extremamente adocicado.

— Não.

Seu pai não disse nada por um momento, voltando para encher sua própria xícara de café antes de pegar uma cadeira e posicioná-la ao lado do filho. Ele sentou-se e tomou um gole da bebida, olhando para o filho

com uma expressão benevolente que, no entanto, era capaz de fazer Cassius se sentir um traidor.

— Eu vou — disse Cassius, com o estômago se contorcendo novamente em um nó górdio. — Eu juro que vou, só... só que ela será tão gentil e compreensiva e, honestamente, eu preferiria que ela gritasse comigo e me dissesse que eu sou um brutamontes desalmado. Tenho certeza de que mereço isso.

O conde sorriu, com tanta simpatia aos seus olhos que Cassius sentiu-se mais miserável do que nunca. — Não, você não merece. Vocês dois tinham uma visão encantadora do que o futuro poderia ser, mas eram crianças, e essa ideia não amadureceu com vocês. Vocês não fizeram promessas um ao outro, e seu coração não pode ser manipulado para amar alguém só porque você acha que *deveria*. Também não é culpa sua que tenha se apaixonado pela irmã dela, embora eu admita que isso é estranho e complique bastante as coisas.

Cassius fitou-o boquiaberto.

— Ah, por favor. Estava na cara. Que outra razão você poderia ter para querer assassinar um dos seus melhores amigos? Admito que o colete de Ashton era um tanto extravagante, mas não acredito que fosse tão escandaloso a ponto de causar a emoção intensa que vi em seus olhos durante o jantar.

— Mais alguém reparou? — exigiu saber ele, sentindo-se péssimo agora.

Seu pai deu de ombros. — Eu não tenho ideia, mas eu reparei, e outros vão e, no fim das contas, Eliza vai perceber. Por outro lado, acho que ela não está tão inconsolável como você suspeita.

Cassius sentou-se mais ereto. — Por que você diz isso?

— Você não viu a forma como ela observa o seu amigo, o Sr. Demarteau? Ela parece bastante fascinada, mas eu não tenho certeza se ela está interessada ou apenas aturdida com o quão rude ele é com ela.

— Nic? — disse Cassius, horrorizado. — Meu Deus, não. Ele é... ele é... e Eliza é...

— Meu Deus, você ficou branco como um papel, Cass. Admito que ele é um sujeito rabugento, mas eu gosto muito dele, e presumi que fosse alguém em quem você confiava. Diga-me, você não o teria trazido aqui se ele fosse inaceitável, não é?

Cassius balançou a cabeça, sem saber o que dizer. — Nic é um sujeito decente por baixo do exterior carrancudo, honrado à sua maneira e um bom amigo, mas... mas a vida que ele levava em Paris... Jesus. Ele *não é* o tipo de homem com quem Eliza gostaria de se casar. Ele não é muito benquisto pela alta sociedade. Não que eu me importe com isso, mas Eliza...

Seu pai deu de ombros e ficou de pé. Ele sorriu para Cassius e repousou a mão em seu ombro por um momento. — As mulheres podem te surpreender, Cass, e talvez não conheça Eliza tão bem como imagina. De qualquer forma, isso é assunto dela, não seu. Mas fale com ela, e faça isso logo. Talvez ela fique tão aliviada quanto você.

Cassius assentiu.

— Eu vou — prometeu ele. — Você tem a minha palavra.

Depois de beber seu café, Cassius considerou voltar para a casa para se arrumar, mas todos estariam tomando café da manhã e ele ainda não estava pronto para ver ninguém. Em vez disso, ele foi nadar no lago, esperando que um mergulho revigorante na água fria clareasse sua mente e o ajudasse a enfrentar Eliza.

Ele nadou por meia hora, sentindo-se mais calmo a cada minuto que passava. Quando saiu da água, estava se sentindo menos como se estivesse prestes a ir subir os degraus de Tyburn e mais como se precisasse ter uma conversa séria com uma boa amiga. Ele faria isso esta tarde, decidiu. Talvez ele pudesse convidar Eliza para dar um passeio com ele, e...

— Cassius?

Cassius levou um susto ao ouvir o som da voz feminina, de repente muito consciente do fato de que ele estava nadando apenas com suas roupas íntimas, que ficavam quase transparentes quando molhadas.

— Santo Cristo, Lottie! — exclamou ele, cobrindo suas partes íntimas o melhor que pôde com as mãos e procurando loucamente por suas roupas.

— Meu Deus, Cassius, você está mais... *corpulento*.

Lottie estava olhando para ele com intensa fascinação, suas bochechas um pouco rosadas, mas seus olhos sobre ele, francos e cheios de admiração.

Apesar de se sentir totalmente ridículo, Cassius percebeu que era bastante superficial a ponto de sentir uma onda de orgulho com as palavras dela, e mais ainda com a expressão em seus olhos quando viajaram de seu peito até a barriga, e depois abaixaram antes de subirem novamente. A inspeção lenta e minuciosa de sua pessoa fez com que o calor irrompesse sob sua pele e o desejo corresse pelo seu sangue. Maldição, essa situação ficaria realmente estranha se ele não cortasse o mal pela raiz de uma vez por todas.

— Onde estão as minhas roupas? — resmungou ele, fechando a cara na direção do chão. Ele sabia que as tinha deixado ali em algum lugar.

— Oh, você quer dizer essas aqui? — Graciosamente, Lottie deu um passo para um lado e revelou uma pilha arrumada com seus pertences, que suas saias volumosas haviam escondido.

— Sua diabinha, você fez isso de propósito. Eu não as havia dobrado.

Ela deu de ombros, sem arrependimentos. — Bem, você as espalhou por todo lado, qualquer coisa poderia ter acontecido com elas. Alguém poderia até as ter roubado.

Lottie arregalou os olhos para ele e fingiu arquejar em choque com a ideia.

— Nem pense nisso — alertou-a.

Eles olharam um para o outro por um longo momento e, então, Cassius avançou. Lottie gritou e pegou suas roupas, fugindo dele. Ela morria de rir enquanto ele corria atrás dela, através das árvores, de volta para a casa de verão. Felizmente, estavam fora do campo de visão da casa. De repente, Cassius foi transportado de volta no tempo, para as memórias de correr atrás de Lottie pelos jardins depois que ela propositalmente dizia ou fazia algo ultrajante para provocá-lo.

— Peça-me gentilmente e talvez eu as devolva — gritou ela, esquivando-se de suas mãos.

— Devolva-as ou você se arrependerá, sua danadinha — avisou Cassius, tentando agarrar a perna da calça pendurada na pilha em seus braços, mas ela estava fora de seu alcance.

— Mas por que eu faria isso? — perguntou ela, seu olhar ardente percorrendo-o como um afago. — É uma visão tão encantadora.

Cassius sentiu a respiração falhar e parou de repente. Seu peito estava arfando, mas ele suspeitava que era menos pelo esforço de persegui-la e mais porque ela havia admitido abertamente que queria olhar para ele, que gostava de olhar para ele... que o desejava.

— Gosta do que vê, Lottie? — perguntou ele, ciente da mudança em sua voz.

Ela parou, permanecendo na luz que filtrava através das folhas dos galhos de um carvalho. O rubor rosado que tinha tingido suas bochechas intensificou-se, e ela inspirou profundamente. Houve uma pausa que pareceu significativa, durante a qual Cassius estava ciente do sangue correndo em suas veias e do som da batida de seu coração em seus ouvidos.

— Eu sempre gostei — disse ela, a admissão um tanto ofegante enquanto encontrava seu olhar, com algo instantaneamente vulnerável e desafiador brilhando em seus olhos. — Você que nunca me viu, Cassius.

Seu coração doía com a verdade disso, com o pesar que ouvia em sua voz.

— Eu vejo você — disse ele. — Eu vejo você claramente agora, Lottie.

— É mesmo? — sussurrou ela.

Ele assentiu.

Ela lambeu os lábios e o desejo de diminuir a distância entre eles e beijá-la era tão tentador que sua pele formigava com a necessidade de fazê-lo. Eliza merecia mais do que isso, e Lottie também.

— É melhor você me devolver minhas roupas — disse ele, desejando que ela o fizesse desta vez. A maneira como ela o olhava estava dando ideias terríveis ao seu lado menos civilizado, e ele estava mais do que tentado a ceder.

— Estraga-prazeres — disse ela, mas sorriu para ele, com tal expressão em seus olhos que Cassius teve certeza de que ela não lhe negaria um beijo se ele decidisse roubar um.

Comporte-se, ele disse para si mesmo, lutando para permanecer imóvel e não estender a mão em sua direção enquanto ela se aproximava. Lottie se abaixou, colocando as roupas no chão diante dele.

— Aí estão. Vou esperar por você na casa de verão — disse ela, antes de se virar e se afastar.



— Então você tem três pretendentes? — perguntou Vivien, ao final do café da manhã.

Ela havia seguido Eliza, que havia escapado com um livro, com a intenção de se sentar ao sol no terraço até que sua irmã fosse localizada. Elas deveriam estar a caminho da aldeia Bodiam para um piquenique, mas Lottie havia sumido.

— Três? — Eliza colocou seu livro de lado para olhar para Vivien, que se sentou ao lado dela. Ela estava primorosa, trajando um simples vestido de musselina branca com botões de rosa bordados em toda parte. — O que quer dizer?

Vivien emitiu um som de desaprovação e balançou a cabeça, com seus cachos pretos brilhantes quicando em torno de seu rosto. — Ora essa, não seja tímida, Eliza. Todos podem ver que o *Comte* de Villen lhe está dando uma atenção especial, sem mencionar que todos dizem que está praticamente noiva de Cassius.

Eliza franziu a testa para seu livro. O *comte* tinha sido muito atencioso, isso era verdade. Cassius, no entanto, mal tinha falado com ela. Antes de deixar a França, ele escrevia com frequência, dizendo-lhe o quanto estava ansioso para vê-la novamente, o quanto ele tinha para dizer a ela, e agora, ele estava se mantendo fora de vista. Era estranho e pouco característico dele e... e ela não sabia o que pensar disso. Será que ela havia feito alguma coisa, dito alguma coisa, para o fazer querer evitá-la? Será que ela o havia ofendido? Talvez da mesma forma que ela tinha ofendido o Sr. Demarteau, já que não conseguia compreender por que o homem a encarava tanto e a evitava. Ela devia ter dito ou feito alguma coisa para o fazer ignorá-la tão abertamente.

— Eliza, você está me ouvindo?

— O quê? Oh, peço desculpa, Viv. Não, eu estava distraída e, por favor, não me diga que Ashton é o meu terceiro pretendente, pois vou rir da sua cara. Eu não sei o que ele estava fazendo ontem à noite, mas era claramente algum joguinho.

Um joguinho que havia deixado Cassius muito zangado. Na verdade, ele demonstrava estar com ciúmes de que Ashton estava lhe dando tanta atenção, mas se assim o fosse, por quê...? Meu Deus, ela não estava chegando a lugar algum.

— Claro que não. Os motivos de meu irmão são só dele e geralmente tão claros quanto lama, embora eu vá descobri-los,

naturalmente. Ele não consegue esconder um segredo de mim. No entanto, não o considero um pretendente.

Eliza olhou para ela, franzindo a testa para a amiga. — Então, eu não tenho a menor noção de quem você está falando.

Ela olhou fixamente para os olhos azuis de Viv e fitou-a boquiaberta enquanto uma sobrancelha preta elegantemente arqueada se levantava.

Eliza permaneceu fitando-a. — Não pode estar querendo sugerir que o Sr. Demarteau esteja interessado em me cortejar.

— Por que não?

— Meu Deus, o homem não consegue suportar ficar no mesmo lugar que eu. Desde que fomos apresentados, ele mal me dirigiu a palavra, além de um grunhido em resposta a uma pergunta direta e, em uma ocasião em que tentei envolvê-lo em uma conversa, praticamente me ignorou.

— Exatamente! — disse Vivien, batendo palmas, alegremente.

— Seu cérebro não funciona da mesma maneira que o meu, minha querida Viv — disse Eliza, balançando a cabeça.

— O cérebro dela é uma coisa intrincada, projetada para nos enganar, nós, meros mortais, Eliza. É melhor aceitar logo isso.

Eliza olhou para cima e viu que Ashton vinha se juntar a elas.

— Eu acredito que você possa estar certo — disse ela, rindo.

— Claro que estou. Sempre tenho razão. É uma maldição que tenho que carregar. Eu faço isso bravamente, como você pode ver — acrescentou, sorrindo para ela.

— É verdade, você faz — respondeu Eliza, impassível. — Estamos todas extremamente impressionadas.

— Fale por si mesma — respondeu a irmã dele.

Ashton deu um sorriso deslumbrante e sentou-se ao lado delas. — Estamos todos prontos, então? Pensei que íamos a algum lugar?

— Sim, mas Lottie sumiu e ninguém consegue encontrá-la — disse Eliza, com um bufo. — Talvez eu devesse procurá-la. Pensei que ela tivesse ido dar um passeio e já devia estar de volta a essa hora. Acho que ela pode ter ido à casa de verão para encontrar Cassius. Ele também não estava no café da manhã, e...

— Não há necessidade — disse Ash, levantando-se imediatamente. — Eu vou.

— Oh — disse Eliza, um pouco assustada com a força de sua declaração. — Bem, isso é muito gentil da sua parte, Ash, mas...

— Sem problemas — disse Ash, rapidamente, não dando a ela mais chance de protestar enquanto caminhava em direção aos jardins.



Cassius vestiu-se apressadamente e voltou para a casa de verão. Lottie estava lá como prometera, esperando por ele. Ela estava inspecionando as telas empilhadas contra as paredes. Ele esperou, com o coração batendo rápido de nervoso, imaginando o que ela pensaria de seu trabalho. Embora ela devesse estar ciente de sua presença, não se apressou, demorando-se diante de uma pintura de mulheres trabalhando em um campo.

— Isso é maravilhoso, Cass. Você é mesmo um artista.

Ele soltou o fôlego, apenas no momento em que percebeu a importância da opinião dela.

— Há algo emocionante acontecendo na França, na arte — disse ele, de repente explodindo com o desejo de contar a ela, de explicar. — É uma rejeição a todos os tradicionalistas do mundo da arte e das mentiras que contam idealizando e aperfeiçoando aquilo que nunca foi ideal nem perfeito. É um desejo de pintar a verdade, Lottie, pintar a vida como ela é, mesmo que nem sempre seja bonita, nem sempre como gostaríamos que deveria ser.

Lottie olhou novamente para a pintura das mulheres e ele viu o que ela via: mãos e roupas sujas, trabalho árduo sob um sol implacável que deixava a terra árida, as mulheres suadas e exaustas. Ele sentiu a ansiedade percorrer seu corpo, o medo de que ela não enxergasse a beleza em uma cena rural como aquela. Afinal, estava longe de ser glamuroso. Eliza entendia seu desejo de ver o mundo como ele era. Era uma das razões pelas quais ele acreditava que combinavam tanto, pois ela nunca se afastara das realidades da vida, como algumas pessoas de sua posição. Eliza queria fazer do mundo um lugar melhor para aqueles que não tinham nada, e Cassius queria que aqueles que tinham tudo confrontassem a verdade.

— É honesto — disse Lottie, finalmente. — Uma representação honesta do que você viu. Não é uma representação imaginária de um acontecimento histórico, de modo algum idealizada. Não está fazendo comentários sobre o que significa, nem orientando o espectador a pensar como você pensa. Simplesmente... é.

Ele ficou momentaneamente sem fôlego, com uma exclamação de surpresa e deleite presa na garganta ao perceber que ela tinha entendido, aceitado tão facilmente o que homens discutiam em debates acalorados por toda a Europa.

— Eu posso sentir o calor do sol — disse ela, olhando para sua pintura como se ele tivesse aberto uma janela entre dois mundos. — Posso sentir o cheiro da terra árida e imaginar com quanto calor e o quão cansadas elas estão, como suas costas devem doer. É uma maravilha, Cassius... e esse é um dos campos de lavanda! Quem me dera os ter visto com você, porque parecem gloriosos. O perfume era adorável?

— Era — disse ele, atordoado demais para elaborar. Ele só conseguia observá-la com o coração se enchendo de alegria em seu peito, profundamente tocado pelo entusiasmo dela, pela empolgação com o que ele havia conquistado, seu deleite em tudo o que via. Ela observou tela após tela, exclamando com cada uma, e Cassius estava tão

encantado com ela que não pensou em impedi-la antes que ela chegasse às que estavam escondidas no fundo.

— Oh — disse ela, olhando para uma pintura de uma mulher nua reclinada em um divã.

Ela olhou para cima, encontrando os olhos dele.

— Ela é muito bonita.

Ele queria dizer-lhe a verdade, que não havia ninguém no mundo que ele achasse tão bonita como ela, mas ele ainda não podia fazê-lo. Maldição, por que ele não havia resolvido imediatamente essa situação ridícula?

— Ela era sua amante?

Cassius hesitou, por um tempo um pouco longo demais, aparentemente.

Ela sorriu e voltou-se para a pintura. — Tomarei isso como um sim. Bem, ela parece ter ficado muito satisfeita com a experiência, a moça sortuda.

— Lottie! — disse ele, com a voz rouca, atordoado pelas palavras que tinham alcançado seu interior e acendido uma faísca que ameaçava queimar intensa e furiosamente. — Lottie, eu...

Ele não sabia o que queria dizer, mas se aproximou, chegou tão perto que o cheiro dela o atingiu. Era sutil e feminino, aquele toque de jasmim e algo fresco e tentador que fez seu peito apertar de nostalgia.

Lottie olhou para ele e ele foi capturado, preso em olhos tão azuis que foi transportado de volta para o Mediterrâneo.

— Lottie — disse ele, novamente, atordoado agora, bêbado com a proximidade dela, tonto de desejo.

— Cassius. — Ela suspirou seu nome quase como se o dissesse em voz alta, e ele se aproximou um pouco mais, atraído como se puxado por um fio invisível, mas ela desviou o olhar, quebrando o encanto.

— Você deve me pintar — disse ela, com a voz um pouco alta demais, a cor em suas bochechas dizendo que ela estava tão ciente quanto ele da tensão que fervilhava entre eles. — Exatamente como eu sou. Com todos os defeitos — acrescentou, olhando novamente para ele com um brilho nos olhos.

— Ninguém vai acreditar que eu pinto a verdade se eu chegar perto de capturá-la. Eles me considerarão um romântico, pois nada poderia ser tão adorável.

Ela abriu a boca, seu rubor intensificando, e ele ficou dividido entre querer beijá-la e o desejo de capturar exatamente aquela tonalidade de rosa pink.

— Não há necessidade de me lisonjear — disse ela, mas as palavras saíram ofegantes. — Você deve me pintar como eu sou, como você me vê. Acha que consegue?

A luz do sol atravessava a janela em diagonal, dourando a elegante curva de seu pescoço, realçando o pequeno nariz reto e polindo seu cabelo para que brilhasse como ouro antigo.

— Sim — disse ele, incapaz de fazer o contrário.

— Cassius!

Eles se separaram e, embora estivessem apenas conversando, a reação deles os declarava culpados de algum crime hediondo. Cassius virou-se e viu Ashton fulminando-o com o olhar.

— Maldito seja, Cassius. Todos estão esperando pelos dois e vocês têm muita sorte que fui eu que pensei em vir encontrá-los. O que diria a sua mãe se te encontrasse sozinha aqui, Lottie, ou a sua *irmã*?

Cassius virou-se e viu Lottie empalidecer com a ideia.

— É melhor eu ir — disse ela, correndo em direção à porta. — Obrigada, Ash.

Ela tocou em sua manga ao passar ao seu lado, e Ashton suspirou, sua expressão suavizando-se.

— De nada. Só não quero ver você magoada, querida. Você sabe disso.

Lottie assentiu e lançou um olhar de culpa para Cassius antes de retirar-se.

— Maldito inferno — praguejou Ashton, no momento em que Lottie estava fora do alcance de sua voz. — Você está brincando com fogo, Cass.

— Estávamos apenas conversando — respondeu Cassius. — Nada mais. Eu estava explicando sobre o meu trabalho e...

— E foi por isso que vocês dois deram um pulo quando entrei, não foi? A tensão era palpável, seu imbecil.

Cassius enfureceu-se, irritado. — Qual o seu problema, Ash? Está com ciúmes? Acho que não deveria ficar surpreso depois de como você a bajulou na noite passada.

— Para provocá-lo a resolver esta situação, seu diabo estúpido. Meu Deus, é como ver um acidente de carruagem. Você sabe que vai acontecer, mas não há nada que se possa fazer para evitá-lo.

— Não é tão ruim assim — disse Cassius, afastando o comentário como espantava um inseto irritante. — Vou falar com Eliza esta tarde e resolver as coisas com ela.

— Assegure-se de fazer isso. Ela é nossa amiga, Cass. Não vou permitir que a chateie ou constranja.

— Ela é *minha* amiga! — respondeu Cassius, incomodado. — Eu não disse nada *porque* não suporto vê-la magoada. Eu me sinto péssimo com toda essa maldita situação. Foi ridículo de nossa parte acreditar que eu poderia ficar fora por dois anos e voltar como se nada tivesse acontecido, mas acreditamos nisso, o que não é culpa minha.

Ash soltou um suspiro e deu um tapinha no ombro de Cassius. — Eu sei disso. Eu odiaria ver vocês dois perderem essa amizade. Sei que

ela significa muito para você. Estou apenas preocupado por você. Detestaria te ver também chateado, sabe.

Cassius bufou. — Se isso fosse verdade, você nunca teria usado esse colete. Bom Deus, Ash, o que há de *errado* com você?

Ash olhou para o artigo ofensivo e afagou-o, carinhosamente. — Pouquíssimos homens conseguiriam usar algo assim, só para você saber.

— Há tantas respostas a essa afirmação que mal sei qual escolher — murmurou Cassius. — Mas suspeito que esses poucos homens provavelmente estão confinados em Bedlam, levados até lá por esse padrão extravagante.

Ash deu de ombros, observando seu reflexo em uma das janelas e observando o padrão geométrico em vermelho, preto e dourado que estava deixando Cassius bastante enjoado.

— Eu gosto dele — disse ele, antes de virar-se para Cassius. — E um homem vestindo uma camisa amassada que parece ter dormido com ela, e que não tomou banho nem fez a barba, realmente não deveria ter nenhuma opinião sobre assuntos relacionados à indumentária. Você está um verdadeiro desastre, Cass.

Cassius olhou para si mesmo e passou a mão sobre a barba por fazer.

— Tem razão — admitiu ele. — Vamos, então, você pode me acompanhar de volta para a casa. Só ande na minha frente, por favor. Dessa forma, não consigo ver o seu colete.

— Idiota — resmungou Ash, mas o guiou porta afora.

Capítulo 8



Querida Phoebe,

Espero que estejam bem. Como sabe, ficaremos hospedados com os St. Clair durante as semanas que antecedem o grande baile que dão todos os verões. Você virá? Espero vê-la.

Temos a companhia de Louis César de Montluc, Comte de Villen, e de seu irmão, o Sr. Demarteau. É claro que nos lembramos de suas histórias sobre conhecê-los em Paris naquele infame clube deles. Admito que eles são tudo o que você descreveu. Mas o que sabe deles? O comte não escondeu o seu desejo de me cortejar, e ele é realmente muito encantador. Seu irmão, no entanto, é rude e grosseiro e... totalmente fascinante. Eu preciso saber mais sobre ele e por que diabos ele me detesta tanto. Antes que você proteste, devo dizer que é verdade, e não sou a única pessoa que notou isso. Eu garanto que não sou o tipo de mulher que espera ser adorada por todos, mas ele parece incapaz de suportar estar no mesmo lugar que eu. É irritante e frustrante não entender o que o faz me repudiar. Então, por favor, Phoebe, conte-me tudo o que sabe.

– Trecho da carta de Lady Elizabeth Adolphus à Muito Honorável Phoebe Carmichael, Condessa de Ellisborough.

1º de julho de 1838, a caminho de Bodiam Castle, Robertsbridge.

— Lottie, você ouviu alguma palavra do que eu disse?

— O quê?

Lottie virou-se e viu sua irmã cavalgando ao seu lado, com exasperação evidente em seu rosto.

— Qual é o problema? — indagou Eliza. — Você está com um humor tão estranho ultimamente, e agora mal consegue se concentrar por dois minutos seguidos. Perguntei-lhe duas vezes onde esteve esta manhã e ainda não obtive uma resposta.

Lottie sentiu um nó de ansiedade em sua garganta e ela tentou engolir para aliviá-lo, mas em vão.

— Fui dar um passeio — disse ela, sentindo-se a pior e mais perversa criatura do mundo. Que tipo de mulher flertava com o homem que deveria se casar com a própria irmã?

— Lottie.

Lottie virou-se, cheia de vergonha ao ver a preocupação nos olhos verdes de Eliza.

— Você não vai me dizer o que a está incomodando, querida?

— Não é nada. Apenas uma dor de cabeça, é tudo — mentiu Lottie, antes de incitar seu cavalo a meio galope, desesperada para estabelecer uma distância entre Eliza e ela. Para sua frustração, Eliza a seguiu, de modo que ela desacelerou novamente, virando-se e vendo que Louis César, seu irmão, e os gêmeos Anson – Ash e Vivien – estavam logo atrás delas.

— O que você acha de Louis César agora? — perguntou a Eliza, ainda esperando desesperadamente que sua irmã pudesse se apaixonar por qualquer homem que não fosse Cassius.

Eliza sorriu, o que fez o coração de Lottie saltar, esperançosamente.

— Ele é muito charmoso e engraçado, e eu suspeito que ele seja muito mais inteligente do que deixa transparecer. Pedi para jogar cartas com ele, mas ele não aceitou. Ele deve saber o que Phoebe nos contou sobre sua viagem a Paris e como ele ganhou dela com facilidade, e todo mundo sabe como Phoebe é habilidosa com as cartas.

— Ele quer se casar com você — disse Lottie, observando a reação de sua irmã, mas Eliza apenas riu.

— Claro que quer. Sou filha de um duque, com um grande dote — disse ela, com um leve traço de amargura.

— Tenho certeza de que essa não é a única razão.

Eliza deu de ombros. — Ele precisa de um casamento respeitável para restaurar a reputação de sua família na sociedade. Há algum escândalo envolvido, tenho certeza, e não apenas relacionado ao infame clube que ele administra com o irmão. Não que eu consiga fazer o irmão dele falar mais do que duas palavras comigo. Oh, espere, ele disse, “Sim, Lady Elizabeth”, quando lhe perguntei se o chapéu que eu tinha pegado do chão era dele. Juro que quase desfaleci com a condescendência dele em falar comigo.

Lottie ergueu as sobrancelhas ao perceber a fúria contida na voz de Eliza. Sua irmã nunca perdia a paciência com ninguém. Ela não pôde dizer mais nada, pois de repente os dois irmãos estavam ao lado delas, com Ash e Vivien logo atrás. Louis César exibiu um sorriso deslumbrante para Eliza e piscou para ela.

— Te desafio a uma corrida até aquele grande carvalho do outro lado do campo — disse ele, antes de instigar seu cavalo a avançar sem esperar que ela aceitasse.

— Oh! — exclamou Eliza, e, então, riu, esporeando sua própria montaria a persegui-lo.

Lottie observou os dois, admirando a imagem que faziam à luz do sol. Eliza estava em excelente forma hoje. Seu vestido de montaria azul-claro abraçava suas curvas exuberantes e seus cachos escuros e brilhosos saltavam enquanto ela cavalgava. Ela virou-se para perguntar ao Sr. Demarteau por que ele era tão rude com sua irmã, mas se surpreendeu com o seu olhar observando Eliza e seu irmão galoparem pelos campos.

Oh, meu Deus.

Lottie arquejou, pois nunca viu um desejo tão explícito em toda a sua vida.

Demarteau virou a cabeça e viu-a olhando para ele em estado de choque e sua expressão mudou em um instante, tornando-se fechada, fria e distante. Foi uma mudança tão surpreendente que ela se perguntou se talvez tivesse imaginado o desejo que havia visto. Ele virou a cara e esporeou seu cavalo, seguindo o irmão.

— Você também viu, não?

Lottie virou-se para Vivien, cujos olhos brilhavam, triunfantemente.

— Viu o quê? — indagou Lottie, incerta agora com o que tinha visto.

— Demarteau. Ele deseja Eliza. Está devorando-o por dentro vê-la com o irmão.

— Mas... mas por que ele não...?

Vivien revirou os olhos e estendeu a mão para acalmar seu cavalo, uma criatura nervosa que havia se incomodado com um canteiro de margaridas alegres que dançavam de um lado para o outro. — Ele é ilegítimo, Lottie, e seu irmão precisa se casar com ela para retornar à sociedade. Você viu como ele protege o sujeito, como se ele fosse uma espécie de anjo da guarda.

Lottie bufou. — Ele é o homem menos angelical que já vi na minha vida, mas entendo o seu ponto de vista. Você acha que ele está sendo honroso.

Vivien deu de ombros. — Provavelmente ele não acha que tem chance, de qualquer maneira, e ele se ressentia com o fato. É por isso que ele está sendo tão terrível com a pobre Eliza. Ele assume que ela o olharia com superioridade antes que lhe desse uma chance.

— Oh, mas Eliza nunca...! — exclamou Lottie.

— Não, mas ele não sabe disso, não é mesmo? Ele deve pensar que ela é igual a todas as outras belas bonecas de porcelana da nobreza.

Você sabe como algumas reagiriam se um homem assim ousasse sequer olhá-las nos olhos, essas bonequinhas de luxo.

Lottie bufou, sabendo exatamente o que ela queria dizer. Elas tiveram muita sorte com os pais que tinham. Embora seu pai fosse um duque e muito consciente do respeito merecido devido ao seu título, ele não era nem pomposo nem pretensioso. Se por acaso agisse com o mínimo de arrogância, sua mãe, muito mais prática, rapidamente o trazia de volta à realidade. Ela nunca permitiu que seus filhos tivessem frescuras, e detestava soberba.

Na verdade, Tia Helena tinha se casado com um homem que teve êxito na vida sem ajuda, nascido em um orfanato. A família sabia que papai não estava satisfeito com o casamento e tentou separá-los, mas quando ficou claro que Helena e Gabriel Knight estavam realmente apaixonados, ele cedeu. Knight não era benquisto pela alta sociedade, mas era tão rico que ninguém poderia ignorá-lo. Assim, embora seus pais nunca encorajassem o homem, e certamente não veriam com entusiasmo um casamento entre uma de suas filhas e um homem como Demarteau, eles não deixariam de tratá-lo com respeito e cortesia. Vivien tinha toda a razão: o Sr. Demarteau não sabia disso.

— Vamos lá, vamos alcançá-los — disse Vivien. Ela se virou para olhar por cima do ombro, descobrindo que seu irmão vagava um pouco mais atrás, com a cabeça inclinada para trás para aproveitar o sol. — Ash, sua lesma, venha ou vamos deixá-lo para trás.

Ash suspirou e reuniu as rédeas, e logo todos estavam galopando pelos campos, e o humor de Lottie melhorou. O sol brilhava, o campo resplandecia com diversas cores, e ela estava entre amigos. Ela devia aproveitar isso e rezar para que não fizesse nada que causasse alguma desavença entre eles.



Cassius alcançou seus amigos assim que eles se acomodaram para o piquenique. Depois de ter se lavado e se barbeado, sua dor de cabeça

havia diminuído o suficiente para ir atrás deles. Eles sentaram-se à sombra de um arvoredor ao lado do fosso que rodeava o magnífico Bodiam Castle. Andorinhas rasavam suavemente sobre a água, ao passo que o canto dos pássaros e o relinchar distante dos cavalos criavam um pano de fundo tranquilo enquanto ele se sentava na manta ao lado de Ash e Vivien, o mais longe possível de Lottie. Mas era difícil de resistir à tentação de vê-la, especialmente porque a imagem que ela criava o deixava com vontade de pintá-la. Suas abundantes saias de montaria eram adornadas com faixas cor-de-rosa, e o torçal verde-escuro, de estilo militar, destacava sua cintura fina e o volume de seus seios. A cavalgada até ali foi suficiente para remover alguns dos grampos de seu cabelo, e o penteado estava um pouco desarrumado, com espessos cachos dourados caindo sobre seus ombros. Tudo isso combinado com o rubor causado pelo calor da tarde, dava-lhe a aparência de ter sido desarrumada em um abraço selvagem. Cassius sentiu a boca ficar seca.

O som da risada de Eliza chamou-lhe a atenção, e ele afastou o olhar, passando a observar a amiga com Louis César. Ele não tinha certeza de como se sentia sobre os dois, e o fato de que Louis estava obviamente flertando com ela. Não que ele pudesse sentir ciúmes de qualquer um deles. Louis não sabia de seu acordo com Eliza, e ele vinha evitando-a tão claramente que dificilmente poderia culpá-la por não rejeitar um homem como o belo e rico *Comte* de Villen. Louis César era um amigo e alguém a quem respeitava e gostava, mas Cassius havia ouvido rumores de que os irmãos eram perigosos. Ele nunca deu importância a tais histórias, não vendo nada no comportamento deles que lhe desse motivo para levantar suspeitas. Louis era belo e certamente seria motivo de ressentimento e, conseqüentemente, de fofoca. Tanto ele quanto Demarteau eram mais velhos que o restante do grupo – com Nic na casa dos trinta anos – eles exibiam uma aura saturada, como se já tivessem visto e feito de tudo. Será que ele poderia confiar em Louis para ser o marido que Eliza merecia? Sua reputação indicava o contrário, mas Cassius mal estava em posição de alertar

Eliza. Ele tinha que falar com ela hoje, independentemente de qualquer coisa. Sua atenção voltou-se para a conversa.

— Mas como alguém tem um caso amoroso na Inglaterra? — queixou-se Louis César, confuso. — É impossível ficar sozinho com uma jovem por um instante sequer. Elas estão sempre acompanhadas, e nunca estão longe dos olhos vigilantes de suas mães diligentes. É muito irritante.

Vivien riu de sua consternação, embora seu tom contundente indicasse que ela não discordava nem um pouco. — De fato, não é como nos dias de nossos pais, que, segundo dizem, protestavam bastante. As normas de boas maneiras tornaram-se excessivamente rigorosas. Para segui-las corretamente é preciso ser uma jovem perfeita e se casar com um homem sem nunca ter tido uma conversa em particular com ele, muito menos roubado um beijo – isso nem pensar! – pois só uma mulher indecente pensaria em fazer uma coisa tão vulgar. Se você tiver sorte, poderá tocar-lhe na mão quando ela precisar de ajuda para descer da carruagem, o que é suficiente para fazer a pobre criatura desmaiar.

O irmão dela deu uma risada baixa e balançou a cabeça. — Então, *comte*, você tem sorte que a duquesa seja transgressora.

Vivien riu do irmão e assentiu.

— Nossa escandalosa mamãe também e todas as Senhoritas Peculiares, Ash, sejamos honestos — disse ela, arrancando uma uva do cacho que segurava e colocando-a na boca.

— *Mon Dieu* — respondeu Louis César com uma expressão de alarme, levando a mão ao pescoço. — Devo temer perder a cabeça?

— Claro que sim — respondeu Lottie, compartilhando um olhar com Vivien que Cassius não conseguiu decifrar. — Todo mundo perde a cabeça com Eliza.

— Não esquecendo a incomparável Srta. Anson e você, *bien sûr* — acrescentou o *comte*, com um sorriso tão encantador que Cassius

sentiu-se um pouco menos amigável em relação a ele.

— Oh, que isso — disse Lottie, com uma risada. — Não fale por mim! Eu sou uma presença demasiadamente perturbadora para a alta sociedade. Sou sincera demais e acabo incomodando a todos ao dizer ou fazer a coisa errada. Mamãe teme que eu seja um escândalo à espera de acontecer. Em comparação, Eliza é muito mais inteligente e faz com que eles acreditem que ela é uma adorável tolinha para que não tenham medo dela, e assim ela consegue escapar impune.

— Lottie! — exclamou Eliza, ultrajantemente divertida. — Você me faz parecer extremamente maquiavélica.

Lottie franziu a testa e balançou a cabeça. — De modo algum. É a isso que as mulheres inteligentes são reduzidas: fingir ignorância para que não alarmemos a sociedade. Também o faria se pudesse, mas não tenho metade de seu cérebro, e sabe que não consigo controlar a minha língua. Você tem a paciência de uma santa, Eliza, e sabe muito bem disso.

— Pode falar o quando quiser essas bobagens sobre mim, mas vou provar que você está errada, sua danada — disse Eliza, roubando uma uva do cacho que Vivien segurava e lançando-a em sua irmã.

Lottie riu quando quicou em seu nariz. — Oh, caramba. Bom arremesso, Eliza.

— É tudo uma encenação?

Todos ficaram imóveis e a atmosfera amigável dissipou-se quando o Sr. Demarteau falou, pois até agora ele tinha ficado em silêncio. Sua voz era cavernosa, seu sotaque francês tocava as palavras e as suavizava, embora seu tom fosse tudo, menos suave. Além disso, o fato de ele ter se dirigido diretamente a Eliza deixou a todos fascinados.

— Desculpe, pode repetir? — respondeu Eliza, paralisada, seu comportamento imediatamente se tornando mais frio.

Os olhos de Demarteau brilhavam com algo sombrio e feroz e ele se inclinou para Eliza enquanto falava, com a voz baixa. — A aparência da

perfeita dama inglesa, com boas maneiras e um temperamento doce. É realmente quem você é ou é uma encenação como sugeriu sua irmã?

— Não foi isso que eu quis dizer — disse Lottie, corando com a implicação de que havia sugerido que sua irmã era falsa, quando, na verdade, Eliza estava apenas fazendo o que todas as mulheres precisam fazer para sobreviver às restrições da sociedade.

— Acredito que o Sr. Demarteau saiba disso, Lottie querida — disse Eliza, com um sorriso tenso. — Ele só quer me cutucar com uma vara curta para ver se eu mordo.

— E você morde?

Havia uma veemência na pergunta que Cassius não gostou.

— Nic — disse ele, seu tom mordaz. — Eu lhes disse que tipo de mulher Lady Elizabeth é, e que ela é minha melhor amiga. Não creio que necessite de mais explicações do que a prova daquilo que está à sua frente.

Demarteau desviou o olhar de Eliza para Cassius e inclinou a cabeça.

— Muito bem, Cassius. Perdoe-me. — Ele voltou-se para Eliza, com o rosto ilegível. — *Mille* perdões. Sinto muito, milady, as minhas maneiras não são adequadas à sua companhia. Irei me retirar.

Ele se levantou e saiu, e Cassius voltou-se para Eliza, notando suas bochechas coradas e seus olhos brilhando, mas seu queixo estava levantado, suas costas retas enquanto ela o observava se afastar.

— Eliza — começou ele, mas Louis César já tinha alcançado a mão dela.

— Perdoe-o, Eliza — disse ele, baixinho. — Não sei por que ele age assim, mas meu irmão não tem sido o mesmo ultimamente. Falarei com ele.

— Não há realmente necessidade de se incomodar. Vou ignorar o ocorrido — disse Eliza, afastando todo o incidente como se não fosse

nada, embora sua voz não estivesse totalmente firme.

— Mesmo assim — disse Louis, e se levantou, seguindo seu irmão em direção ao caminho que levava ao castelo.

— Bem — disse Vivien, com os olhos cheios de malícia enquanto olhava para Lottie. —, isso foi *esclarecedor*.

— Divertido, certamente — disse Eliza, com um tom frágil que Cassius não reconheceu como sendo de sua amiga. — Acho que vou esticar as pernas. Tenho de abrir o apetite antes de fazer justiça a esse esplêndido piquenique.

Ela se levantou, alisando sua saia, e Cassius sabia que precisava falar com ela, pelo menos para garantir que ela não havia ficado muito chateada com o comportamento estranho de Nic. Louis César tinha razão, o homem não estava agindo normalmente.

— Eu irei com você — disse ele, aliviado quando Eliza lhe deu um sorriso de gratidão e assentiu.

— Obrigada, Cassius, eu gostaria disso.



Eliza não sabia muito bem o que estava sentindo enquanto caminhava ao lado do fosso, dando uma volta no castelo para acalmar seu coração agitado. Como o homem teve coragem? Ele não lhe dirigia uma maldita palavra e quando finalmente abria a boca ele... ele... Bem, ela não sabia muito bem como descrever a situação. Isso porque não tinham sido apenas as suas palavras – que pareciam exigir que ela revelasse que não era a dama respeitável e bem-educada que todos conheciam, mas uma espécie de megera por baixo do exterior civilizado – tinha sido o olhar que ele lhe lançou, a sensação de ser o foco total daqueles olhos tão escuros, e a ferocidade da sua atenção. Era como ser encurralada por algo selvagem e belo, com medo de que o movimento errado pudesse vê-lo sangrando com uma mordida selvagem, mas não querendo se afastar de uma criatura tão rara e poderosa. Ela

perguntava-se agora se tinha sido correto reagir com tanta arrogância e raiva, se, de fato, ele tinha a intenção deliberada de provocá-la e constrangê-la, ou se havia uma questão mais séria envolvida. Se fosse esse o caso, sua resposta honesta era que ela não sabia. Ela não tinha certeza sobre quem ela era e o que queria. Por tanto tempo ela acreditou que tinha sido Cassius e uma vida com ele, seu melhor amigo. Agora, porém, Cassius a estava evitando, e o Sr. Demarteau lhe fazia perguntar-se se...

— Você está bem, Eliza?

Eliza afastou seus pensamentos do irritante Sr. Demarteau e focou no homem ao seu lado. Ela olhou para o rosto bonito de seu melhor amigo, o homem que ela pensava amar acima de todos os outros e deu um suspiro de alívio. Ela amava-o. Cassius era gentil e familiar e nunca a provocaria ou faria perguntas tão irritantes.

— Estou muito melhor em sua companhia — disse ela, enlaçando o braço ao dele. Recordava tanto a vida que tinham antes de ele ter partido que ela sentiu uma onda de nostalgia. — Isso não é maravilhoso? Como nos velhos tempos.

Ele não respondeu, e ela olhou de soslaio para ele.

— Sim — disse ele, apressadamente e sorrindo. — Muito parecido com os velhos tempos.

Eliza franziu a testa, sentindo-se inquieta com seu tom. Ele não parecia totalmente à vontade em sua companhia e, agora que estava se acalmando, ela lembrou que ele a vinha evitando. Honestamente, ela sentia como se todos soubessem de algo que ela não sabia. Com Vivien e Lottie trocando olhares conspiratórios, o comportamento estranho do Sr. Demarteau e Cassius a evitando, ela estava começando a ficar um pouco paranoica. De repente, sua lendária paciência a abandonou e ela se virou para Cassius.

— Diga-me — disse ela, perguntando-se por que seu coração estava batendo tão descontroladamente.

— Dizer-lhe o quê? — perguntou ele, com tanto alarme em seus olhos que ela se perguntou o que poderia descobrir.

— Bem, por que não começamos com o motivo pelo qual você tem me evitado? Eu tenho uma dúzia de cartas, todas professando o quão ansioso você estava para me ver e me contar tudo o que fez, e você mal me dirigiu uma dúzia de palavras desde que chegou em casa. Para um homem que insinuou que me pediria em casamento quando voltasse das suas viagens, isso me parece um pouco estranho, não acha?

Pronto, ela havia falado. Ela encarou-o, esperando que ele lhe desse uma explicação perfeitamente razoável e negasse que houvesse algum problema. Cassius lhe diria que nada havia mudado, e ela podia ficar noiva dele e esquecer-se dessa inquietante e incômoda sensação de que estava vivendo a vida de outra pessoa.

— Eu... — começou ele, e depois limpou a garganta. Ele estendeu a mão para ela, apertando-as. — Eliza, eu me comportei mal e devo pedir seu perdão, só... só que você realmente é minha melhor amiga no mundo, e eu não consigo suportar a ideia de machucá-la, e... e eu tenho sido um covarde, e...

— Você não quer se casar comigo.

Eliza encarou-o em choque quando viu a verdade em seus olhos, ouviu o que ele estava desajeitadamente tentando dizer a ela. Ele não a desejava. Ele tinha partido e deixado de amá-la, mas tinha sido incapaz de enfrentar a verdade e dizer a ela.

Ela respirou fundo, lembrando-se das palavras de seu pai, lembrando-se de comentários que outras pessoas haviam feito, e a verdade fez com que a humilhação queimasse seu pescoço.

— Todos sabem, não? — disse ela, subitamente sentindo seu espartilho muito apertado. Ela pressionou a mão contra a caixa torácica, ainda capaz de sentir seu coração disparando sob a indumentária e as várias camadas de tecido. — Todos, menos eu.

— Não, Eliza — protestou, balançando a cabeça. — Isso não é verdade.

— Seus pais sabem? — exigiu saber ela.

Ele hesitou e ela soube que tinha razão.

— E Ash e Vivien? — Ela deu um suspiro ao ver a culpa brilhar em seus olhos. — Oh... oh, meu Deus. Eu deveria ter percebido, deveria ter notado, mas eu não notei nada até que estivesse bem na minha cara, não é? Eu não tenho imaginação, como você sempre disse. Sempre se queixou disso, certo? Caramba, como devo parecer uma tola.

— *Não!* Não, Eliza, isso nunca — exclamou Cassius, apertando sua mão com mais intensidade, mas ela a arrancou, incapaz de suportar seu toque. Ela estava à deriva, incerta do que deveria fazer. Tudo na vida dela que acreditava ser certeza agora parecia ter sido construído sobre areia movediça, e seu mundo ordenado tinha sido arrancado de seus pés.

— Deixe-me em paz — disse ela, horrorizada ao descobrir que ia chorar. Ela nem tinha a certeza do porquê. Não era ela que vinha se questionando se Cassius era certo para ela, se ele era realmente o que ela queria? Mas tudo aconteceu tão de repente, e ela não suportava que todos soubessem o que ela não sabia. Como ela tinha sido cega.

— Eliza, não vá. Eu... ah, meu Deus, querida, lamento tanto. Devia ter-lhe dito imediatamente, mas...

— Sim — disse ela, agarrando-se à sua dignidade por um fio. — Sim, você deveria.

— Por favor, entenda...

— Não. Não, não quero entender. Ainda não. Eu vou, com certeza, mas, neste momento, quero estar muito brava, Cassius. Então, faça-me o grande favor de ir embora e *me deixar em paz*.

Ela tinha acabado de pronunciar as furiosas palavras, quando sua voz começou a tremer; então, ela ergueu as saias pesadas de seu traje

de montaria e saiu correndo.

Capítulo 9



Querida Tia Helena,

Como queria que estivesse aqui. Preciso muito de alguns conselhos. Estou tão zangada e confusa, mas receio estar zangada com a pessoa errada e pelas razões erradas. O meu mundo está virando de cabeça para baixo e isso me assusta. Não sei o que fazer, nem mesmo o que quero.

Sei que o trabalho de Tio Gabe está impedindo vocês de virem a Holbrook, mas espero que possam vir em breve.

– Trecho de uma carta de Lady Elizabeth Adolphus à Lady Helena Knight.

1º de julho de 1838, Bodiam Castle, Robertsbridge.

Lottie correu até Eliza ao vê-la disparando em direção aos cavalos.

— Eliza, o que houve? Qual o problema?

— Nada — disse Eliza, o que era uma mentira deslavada. — Ajude-me a montar, por favor?

Lottie fitou-a boquiaberta, imaginando como diabos fazer isso.

— Mas você não pode simplesmente cavalgar por aí!

— Vamos ver então se não posso — retrucou Eliza, com tanta fúria brilhando em seus olhos que Lottie se espantou.

Eliza nunca perdia a paciência. Nunca. *Ela* sim, mas Eliza, não; ela era muito doce, muito calma, também...

— Você vai apenas ficar olhando ou vai me ajudar?

Lottie assustou-se, encarando Eliza em choque. — Se... se é realmente isso que você quer, mas Eliza, você precisa me dizer...

— Cassius não quer se casar comigo, e parece que todos sabiam disso, menos eu.

Lottie engoliu em seco quando o olhar verde furioso de Eliza pousou nela, e a risada amarga que se seguiu fez seu coração doer.

— *Et tu, Brute?* — disse Eliza, balançando a cabeça.

O rubor que queimava as bochechas de Lottie era alimentado pela culpa e angústia que ela sentia, e ela não queria nada além de se encolher e morrer de vergonha. — Eliza, eu...

— Não. — Sua irmã levantou a mão em sinal de aviso. — Agora... agora não. Nos falamos mais tarde, prometo, mas agora, se não puder sair daqui e ficar sozinha, sinto que posso fazer algo precipitado. *Por favor*, Lottie. Ajude-me.

Lottie assentiu, até porque, como não poderia? Ela odiava a si mesma, odiava que Eliza tivesse sido magoada e humilhada – pelo menos aos seus próprios olhos – e odiava a possibilidade de ter contribuído para que Cassius tivesse mudado de ideia. Como ela poderia admitir seus sentimentos por ele agora, quando Eliza estava tão obviamente magoada?

Elas manobraram o cavalo de Eliza para ficar ao lado de um tronco de árvore, e Lottie a ajudou com suas saias pesadas enquanto ela montava.

— Devo te acom...? — começou ela, não gostando nada de Eliza cavalgando sozinha em um estado tão fragilizado.

Eliza lançou um olhar tão intenso para sua irmã que Lottie engoliu as palavras.

— Promete tomar cuidado? — perguntou ela, hesitando.

A expressão de Eliza suavizou-se e ela pegou a mão de Lottie. — Não se preocupe, querida. Não vou fazer nada de estúpido. Irei direto para casa para chorar um pouco, e quando voltarem, já terei voltado a ser eu mesma.

Lottie assentiu, sentindo um nó na garganta, mas havia algo na expressão de sua irmã que fez Lottie acreditar que ela poderia nunca mais voltar a ser a mesma.



Quando Lottie voltou ao piquenique, encontrou apenas Cassius e os gêmeos à sua espera. Estava na cara que Cassius lhes havia contado a sua conversa com Eliza. Ele olhou para ela com tanta agonia em sua expressão que ela não conseguiu repreendê-lo pelo que ele havia dito para magoá-la tanto. Às vezes, a verdade era dolorosa o suficiente, não importava com quanto cuidado as palavras eram ditas. Lottie sabia que Cassius não machucaria Eliza por nada neste mundo, assim como ela também não machucaria; então, ela sufocou uma verdade que carregava. Ela não poderia admitir seus sentimentos por Cassius enquanto Eliza estivesse se recuperando do choque de perdê-lo. Talvez não por algum tempo depois disso. Ela encontrou seus olhos, entendendo silenciosamente que ele havia chegado à mesma conclusão.

— Bem, isso não saiu como esperado — disse Vivien, e Lottie se viu aliviada com a natureza muitas vezes sem tato de sua amiga.

— Não — disse ela, baixinho.

— Ela está bem? — perguntou Viv, com preocupação em seus olhos.

— Devo ir atrás dela? — indagou Ash, fazendo o movimento para se levantar.

— Não! — disse Lottie, depressa, balançando a cabeça. — Não. Ela quer ficar sozinha por um tempo. Receio que ela sinta que foi feita de boba, por ter sido a última a saber.

Ash lançou a Cassius um olhar mordaz de irritação e Cassius empalideceu.

— Eu sei, eu sei — disse ele, passando a mão pelo cabelo. — Se extirpar meu maldito coração ajudasse, eu faria isso. Foi a única razão pela qual posterguei, mas você estava certo. Eu deveria ter contado a ela assim que possível, e agora... oh, meu Deus, Lottie, ela me odeia.

Lottie balançou a cabeça. — Não seja bobo. Ela nunca irá te odiar, e vai perceber que foi melhor assim quando se acalmar. Vocês nunca combinaram desse jeito. Essa é a única razão pela qual todos adivinharam com tanta facilidade, e eu sei que ela vai ver isso assim que pensar sobre isso com calma.

Cassius assentiu, mas parecia tão desolado que ela desejava poder confortá-lo, mas isso não era possível. Agora não. Agora, ela teria que ficar bem longe dele, ou arriscaria perder a irmã para sempre.

Todos se viraram quando Louis César voltou até eles sozinho, sem sinal de seu irmão. Ele franziu a testa ao ver que Eliza não estava com eles.

— Onde está Lady Elizabeth? — perguntou ele.

— Ela voltou para casa — respondeu Cassius, com a voz instável.

— Ah — disse Louis César, com um sorriso irônico. — Que coincidência.



Eliza cavalgava com afinco, instigando seu cavalo. Lágrimas amargas ardiam em seus olhos enquanto o vento chicoteava seu rosto, e ela só queria cavalgar mais rápido, mais longe. Ela nunca foi imprudente, nunca fazia nada de forma impulsiva, e, de repente, estava sufocando com o desejo de fazer algo selvagem. Lottie e Cassius sempre se queixaram de sua falta de imaginação, e ela sabia que sua franca mãe a via como se ela fosse uma estranha no ninho. Mamãe era, afinal, uma romancista com uma imaginação maravilhosa e uma natureza franca,

mas Eliza sempre preferiu a realidade e não chamar atenção. Como era a filha mais velha de um duque e de uma duquesa, ela estava sob constante escrutínio da sociedade, e achava excruciante a ideia de que poderia fazer ou dizer qualquer coisa para causar constrangimento aos seus pais. Ela não sabia o porquê, pois eles nunca seriam duros com ela e sempre ficariam do seu lado. Até recentemente, as regras a faziam sentir-se segura, protegida da tempestade, mas agora, parecia que ela *era* a tempestade, enfurecida contra as grades de uma jaula que não tinha percebido que se ressentia tão amargamente. Ela não iria para casa, ela decidiu, ainda não. Em vez disso, ela seguiu um caminho que a levaria às ruínas de Bayham Abbey. Era uma ruína gótica romântica a mais de uma hora de viagem, mas ela adorava lá e precisava da liberdade.

Um movimento à direita fez com que ela virasse a cabeça, e ficou sem ar ao ver o Sr. Demarteau. Seu robusto cavalo galopava ao lado de sua montaria mais leve com uma graciosidade surpreendente, devorando o terreno como se deslizesse pelo ar. Ela encontrou os olhos de Demarteau e, pela primeira vez, não viu nada parecido àquela expressão indiferente e crítica com a qual ela se acostumara. Em vez disso, seus olhos estavam cheios de compreensão, cheios do mesmo desejo de escapar. Ele emitiu um som agudo de incentivo para seu cavalo, que acelerou repentinamente. As orelhas de sua montaria ficaram para trás e ele saltou para a frente com o desejo de seguir seu companheiro. Eliza soltou uma gargalhada surpresa, com o coração se enchendo de alegria e deu rédeas soltas à criatura.



— O que diabos você estava fazendo? — exigiu saber Lottie, correndo para Eliza quando ela entrou na casa.

O piquenique havia durado pouco depois que Eliza e Demarteau foram embora, já que ninguém estava no clima para se divertir. Lottie correu diretamente para o quarto de Eliza e descobriu que ela ainda

não havia retornado. Ela havia se preocupado tanto nas últimas horas que estava prestes a organizar uma equipe de busca para procurá-la quando Eliza entrou decididamente na casa.

Ela estava corada e desarrumada, com um brilho estranho nos olhos que Lottie nunca tinha visto.

— Cavalgando — disse Eliza, calmamente, entregando o chapéu e as luvas a um lacaios. — Eu precisava clarear minha mente.

Ela seguiu em direção às escadas, certamente parecendo muito mais confiante do que quando deixou o piquenique.

Lottie correu atrás dela. — Você está bem mesmo? Aconteceu alguma coisa? Você viu o Sr. Demarteau?

— Quem? — Eliza lançou um olhar desprezioso na sua direção. — Oh, ele. Sim, passamos um pelo outro. Eu acredito que ele ainda esteja cavalgando.

Lottie franziu a testa, não gostando do tom calmo de Eliza por razões que ela não conseguia identificar exatamente.

— Ele não disse mais nada para te aborrecer?

— Não. Sério, Lottie, para de se preocupar comigo. Preciso me lavar e me trocar antes do jantar, e você também — acrescentou, lançando um olhar crítico para Lottie.

Lottie sentiu seu temperamento se inflamar. — Eliza, você nos deixou emocionalmente abalados e disse que estava voltando para casa para chorar um pouco. Eu esperava te encontrar chorando no seu quarto.

Eliza deu de ombros. — Bem, eu mudei de ideia. Afinal, não tem por que chorar, certo? Cassius não quer se casar comigo, e percebo agora que ele tinha toda a razão, que não teríamos combinado. Papai tentou me dizer isso antes de irmos para cá, mas eu não dei ouvidos a ele. Bem, agora estou dando ouvidos, e percebo que ele tinha razão. Ele deve ter, pois todos os outros também podiam ver isso.

— E é só isso? O homem que você acreditava estar apaixonada terminou tudo e você não sente nada? — Lottie não sabia por que estava tão irritada com as palavras de sua irmã, mas estava. Se Cassius tivesse terminado com ela, estaria desolada de angústia, inconsolável, e essa postura fria que Eliza havia adotado era desconcertante e pouco característica.

— Você prefere me ver prostrada de tristeza? — quis saber Eliza, virando-se para ela.

— Não, claro que não! Só que...

— Só que é o que você espera de mim, porque é assim que as moças se comportam em tais circunstâncias? Ou esperava que eu fosse gentil e fingisse que a minha humilhação não importava, para que todos se sentissem melhor, assegurando-lhes que Cassius continua a ser meu amigo e que não há ressentimentos?

Lottie hesitou, percebendo que era exatamente o que ela esperava. Ela havia presumido que Eliza choraria em particular e, depois, acertaria tudo assegurando a Cassius que ainda eram amigos, e que tudo poderia continuar como antes – mesmo que não fosse verdade. Isso era o que Eliza fazia: ela resolvia conflitos, recebia todos calorosamente e os deixava à vontade, era paciente com parentes difíceis e pessoas mal-educadas. Agora, Lottie via aquela mesma irmã dar um bufo de diversão.

— Bem, talvez eu o faça, mas já vou avisando, Lottie, estou cansada de fazer o que todos esperam de mim. Estou cansada de ser a dama perfeita. No fim das contas, você estava completamente certa. *Era* um fingimento, não realmente quem eu sou. Não foi o Sr. Demarteau que percebeu isso? Não me admira que ele me despreze. Ele deve me considerar uma terrível fraude, e não o culpo por isso.

— *Eliza!* — exclamou Lottie, realmente assustada agora. — Como você pode dizer isso? Isso está longe de ser a verdade. Você é minha irmã e te conheço melhor do que a mim mesma. Sim, enquanto você

controla a língua, eu digo algo chocante, mas isso é porque você é gentil e paciente.

— É mesmo? — indagou Eliza. — Ou será porque não tenho coragem de dizer o que penso? Sinceramente, Lottie, não sei quem sou, mas acho que talvez seja hora de descobrir. Agora, se me der licença, tenho que me trocar, ou irei chegar atrasada no jantar.

Lottie observou Eliza correr para o seu próprio quarto. Ela hesitou no corredor, sem saber o que fazer. Ela se virou ao ouvir passos atrás dela e sentiu o coração acelerar ao ver Cassius. Para sua frustração, lágrimas brotaram em seus olhos e ela engoliu em seco.

— Lottie — disse Cassius, sua expressão sombria, a desolação evidente em cada aspecto de sua postura. — Eu estraguei tudo.

Lottie sentiu um soluço brotar pela garganta, e mais do que tudo ela queria correr até ele, se jogar em seus braços e encontrar conforto ali, mas não podia. Sua irmã estava magoada, por mais que afirmasse o contrário com frieza, e Lottie não poderia agravar sua traição se jogando nos braços do homem que a tinha rejeitado. Em vez disso, ela balançou a cabeça e correu para seu próprio quarto.



Cassius *suportou* o jantar, não se poderia dizer de outra forma. Eliza parecia estar totalmente recuperada e de bom humor, flertando com Louis César e rindo com Ash e Vivien, que pareciam felizes em encorajá-la. Ela usava um vestido de cetim branco com os ombros à mostra, realçando seus cabelos escuros e olhos verdes. Na verdade, ela estava belíssima. Ela não o ignorou como ele merecia, nem disse ou agiu de nenhuma forma para fazê-lo sentir-se culpado ou desconfortável. Ainda assim, ele estava desesperado. Ele se perguntou se era seu orgulho que estava ferido – se talvez ele tivesse esperado, e até mesmo desejado, que ela parecesse triste e apática – mas ele precisava acreditar que era melhor do que isso. Por enquanto, bebia demais e tentava não olhar para Lottie, que, pelo contrário, estava tão quieta e retraída como era de

se esperar da irmã dela. Seu peito doía com o desejo de falar com ela, de segurá-la, pois toda a vida e vivacidade que normalmente brilhavam em seus olhos tinham desaparecido. Ela parecia perdida e vulnerável, e tão adorável que olhar para ela machucava seu coração.

— Mas onde está o seu irmão? — perguntou Eliza ao conde, com o tom indiferente. — Eu esperava vê-lo me encarando com raiva durante o jantar. Estou bastante decepcionada por descobrir que ele está ausente, pois estava determinada a debater com ele novamente se ele me desse a oportunidade.

Louis César franziu a testa e balançou a cabeça. — Receio ter que pedir desculpas em nome de meu irmão mais uma vez, milady. Ele partiu.

Choque passou pelos olhos de Eliza, presente apenas por um instante antes de seu habitual autocontrole retornar, mas Cassius notou e se perguntou sobre isso.

— Partiu — disse ela, com um ar tranquilo, levantando uma sobrancelha. — Tão de repente? Meu Deus, ele *deve* me achar repreensível por ter permitido que eu o afastasse.

— *Não!* — respondeu Louis César, balançando a cabeça. — Eu lhe asseguro, nada poderia estar mais longe da verdade, embora eu admita que Nic não estava sendo ele mesmo nos últimos tempos. Não, na verdade, ele tinha negócios para resolver em Londres. Ainda espero que ele volte, mas... veremos. Ele transmite as suas sinceras desculpas a todos por sua partida abrupta.

— Perfeitamente — disse Eliza. — Mas você deve me chamar de Elizabeth, pois agora somos amigos, não?

Louis César sorriu para ela, o tipo de sorriso que havia levado mulheres a se envolverem em escândalos e duelos por causa dele, e Cassius não podia culpar Eliza pelo rubor que se formou em suas bochechas quando toda a sua atenção foi direcionada para ela. Droga, o homem era uma maldita ameaça.

— *Eleezabet* — disse Louis, pronunciando seu nome com um sotaque francês e fazendo-o soar íntimo e sedutor. — Eu ficaria honrado.

Capítulo 10



Querido diário,

Eu acho que não deveria ter ansiado pelas diversões que esperava encontrar neste verão. Apaixonar-se e encontrar um marido é muito mais difícil do que eu pensava.

Eliza não está sendo ela mesma, e pobre Lottie deseja Cassius, mas ninguém o vê na casa há quase uma semana. Ele deve estar escondido na casa de verão. Tentei falar com ele, mas ele estava de mau humor e, mesmo que não tenha sido nem um pouco indelicado, não fui chamada para entrar em seu ateliê. Ele se entregou de corpo e alma à pintura e ao desenho, recusando-se a retornar à festa, apesar dos fortes apelos de sua mãe. Juro que não estava bisbilhotando, apenas passando pela casa de verão e a porta estava aberta. Era impossível não ouvir o tom de sua voz, mesmo que eu não tenha ficado para ouvir o que foi dito. Estava orgulhosa de mim mesma, pois era muito tentador ouvir, mas continuei a caminhar e não olhei para trás.

Eu só quero que todos sejam felizes novamente. Papai diz que não devo interferir e que todos encontrarão a solução para seus problemas sem a minha ajuda. Estou tentando ser boazinha e acreditar nele, mas todos estão complicando tanto as coisas.

– Trecho de uma anotação no diário de Lady Catherine 'Cat' Barrington, filha mais nova do Marquês e da Marquesa de Montagu.

6 de julho de 1838, Holbrook House, Sussex.

Lottie olhou para a lua e suspirou. Todos tinham ido a Mitcham Priory para visitar o Barão e Lady Rothborn e seu filho e filha, Larkin e Grace. Eles jantariam juntos e passariam a noite, voltando no meio da manhã do dia seguinte. Os filhos de Matilda e Montagu estariam lá também e, em circunstâncias normais, Lottie teria adorado estar presente, mas não estava com vontade. Ela alegou uma dor de cabeça e disse à sua mãe e a Eliza que iria para a cama cedo, uma mentira com a qual ela se sentia desconfortável, mas o que mais poderia fazer? Eles continuavam pressionando-a para explicar qual era o problema, mas ela não conseguia contar-lhes. Sua mãe lhe lançou um olhar muito direto e disse que, seja qual fosse o problema, Eliza podia confiar nela para mantê-lo em segredo, caso Lottie quisesse falar sobre ele com ela. Lottie sabia que isso era verdade, mas sentia tanta vergonha pela situação que havia surgido, que não conseguia. Ela não achava que era a culpada pelo que tinha acontecido, mas... mas ela não podia ter certeza, e essa incerteza a fazia sentir-se repugnante e péssima.

Ela realmente teve que ir para a cama, pois sua criada era muito esperta para não perceber quando ela estava contando mentiras. No entanto, depois de uma hora revirando-se na cama, ela estava tão cansada de seus próprios pensamentos que levantou, decidiu fazer uma visita à biblioteca para encontrar um livro. Afinal, era muito cedo para dormir, então, ela envolveu-se em um xale, calçou as sapatilhas e desceu as escadas. Alguém deixou uma cópia de *A Lenda do Cavaleiro sem Cabeça* em uma das mesas de canto, e Lottie a pegou. Talvez se ela se assustasse o suficiente, parasse de sentir tanta pena de si mesma. Levou precisamente dez minutos para descobrir que tinha lido a primeira página três vezes e ainda não sabia o que dizia. Com um suspiro, ela abaixou o livro e avistou um tântalo no aparador com três decantadores de cristal. Lembrando como sua mãe costumava tomar um copo de conhaque para ajudar a dormir na noite antes da publicação de um novo livro, ela levantou-se e foi investigar. A sorte estava sorrindo para ela quando descobriu que o tântalo estava destrancado.

Na primeira dose, bebericou um pouco, enquanto se acostumava ao sabor desagradável. A segunda desceu mais facilmente e um agradável calor começou a se espalhar no fundo de seu estômago. A terceira dose foi maior, e ela sentiu a biblioteca subitamente abafada e quente demais, Lottie se dirigiu ao jardim para aproveitar o ar fresco da noite, caminhando sem destino.

Embora não tivesse sido sua intenção fazê-lo, ela se viu em frente à casa de verão antes de perceber o que havia feito, e não pôde forçar seus pés relutantes a fazerem-na se virar. Ela não era tola a ponto de espiar seu amado, embora desejasse muito entrar. Em vez disso, ela se sentou no gramado ao lado do lago e ouviu as criaturas noturnas chilrearem e correrem. Lottie fitava sem ver a água escura diante dela, ciente de que Cassius estava por perto... e isso era tudo o que lhe era permitido.



Cassius jogou o carvão no chão com um palavrão e se afastou de mais uma tentativa fracassada. Ele não conseguia se contentar com nada, pintando na última semana o que considerava uma natureza morta medíocre e uma pintura tolerável do sol nascendo no lago no lado de fora da casa de verão. Ele passou o dia tentando decidir sobre um novo projeto, mas nada o inspirava. Nada além dela, para falar a verdade. Em seu coração, tudo o que ele queria era pintar Lottie. Ele ansiava capturar como o sol havia acariciado seu cabelo e o iluminado como um halo quando ela ficou parada na entrada do ateliê, ou sua aparência no piquenique, com suas saias cor-de-rosa dispostas em suaves pregas ao redor dela.

Praguejando, ele caminhou até a grande folha de papel que prendera e a rasgou, colocando uma folha em branco em seu lugar. Ele pegou o carvão novamente. Desta vez, a imagem veio com uma facilidade risível, a linha elegante do pescoço, a suave ondulação dos seios e as curvas exuberantes da cintura e dos quadris. Apesar de

trabalhar usando apenas a memória e imaginação, ele sabia que a havia capturado, sua essência vibrante e cheia de vida. A imagem dela era uma que ele nunca tinha visto na realidade, embora a tivesse sonhado todas as noites desde que voltou e a viu pela primeira vez. A expressão em seus olhos era tudo o que ele ansiava, sua postura provocativa. Ele se afastou, respirando com dificuldade, com o desejo brotando dentro dele, quente, feroz e sufocante. Com um gemido, ele jogou o carvão de lado mais uma vez, enojado consigo mesmo, e abriu a porta, saindo, pisando duro até o lago e jogando a camisa de lado enquanto caminhava. Ele duvidava que um mergulho fosse ajudar muito a acalmar seu desejo, mas não sabia mais o que fazer.

Cassius estava se movendo tão rapidamente e com tanta determinação que quase trombou na figura adormecida e foi obrigado a dar um passo para o lado para evitar a colisão.

— Que diabos...? — exclamou ele.

A figura a seus pés soltou um gritinho de alarme e sentou-se, encarando-o. O coração de Cassius saltou para a garganta.

— Lottie?

— Cassius!

Os dois olharam um para o outro, sem se moverem nem falarem. Entretanto, Cassius não se atrevia. Vê-la ali fora, adormecida na grama, toda de branco virginal como uma rainha das fadas, era mais do que sua força de vontade estava preparada para enfrentar. Afastar-se dela e fugir da tentação era uma coisa, mas resistir ao que estava à sua frente era outra bem diferente.

— Devo ter adormecido — disse ela, enquanto Cassius tentava não olhar para a pesada trança loira que caía entre seus seios, ou notar que sua camisola e seu xale eram do mais puro algodão e não tão opacos como ela poderia pensar sob a luz do luar.

Ele engoliu em seco, forçando seu cérebro a funcionar e pensar em algo para dizer que não resultasse em um comportamento inadequado.

Não era fácil.

— À beira do lago? — conseguiu dizer ele, esperando ter alcançado o tom divertido que pretendia, e torcendo para que o som rouco e áspero de desejo em sua voz fosse apenas sua imaginação.

— Fui dar um passeio e vim parar aqui. Não me lembro de ter escolhido vir aqui só que... uma vez aqui, não pude ir embora.

— Lottie — disse ele, querendo dizer-lhe para voltar direto para casa, mas as palavras morreram em sua garganta quando ela se levantou e aproximou-se dele.

— Eu senti sua falta — disse ela. — Eu gostaria que você não se escondesse aqui. Tenho certeza de que Eliza também se sente desolada. Ela não quer que seja infeliz.

Ele bufou ao ouvir isso. — Isso é porque ela não sabe a verdade. Se soubesse, compreenderia o quanto me comportei mal.

— Você não fez isso — disse Lottie, imediatamente. — *Nós* não nos comportamos mal. Nada aconteceu e não escolhemos nos sentir assim de propósito. Por que devemos nos sentir tão consternados?

— Porque ferir Eliza é impensável — disse ele, com um encolher de ombros.

Lottie suspirou. — Sim.

— Você devia ir.

— Eu sei.

Mas ela apenas o fitou, a tentação encarnada, vestida de branco translúcido, com tanto desejo em seus olhos que seu corpo doía e ele ansiava por tocá-la. Cada partícula de seu ser parecia inclinar-se na direção dela como se fosse atraído por alguma força invisível, embora ele se mantivesse imóvel.

Ela se virou de repente, caminhando propositadamente em direção à casa de verão.

— Lottie! — exclamou ele, não ousando segui-la, pois seu autocontrole estava se esgotando rapidamente. Então, ele percebeu com um susto o que ela veria se entrasse lá dentro. — Oh, santo Cristo!

Ele saiu correndo, mas ela já estava na porta, entrando. Ele entrou às pressas atrás dela, na esperança de arrancar o desenho da parede antes que ela o visse, mas chegou tarde demais.

— Sinto muito — começou ele, sentindo-se um verdadeiro canalha por tê-la desenhado dessa maneira.

Ela encarava a imagem, com os olhos arregalados de choque e a boca aberta em um pequeno “o” de surpresa.

— Sou eu — disse ela, com a voz trêmula. — É-é assim que você me vê.

— Lottie, eu... — Ele não sabia o que dizer, pois *era* assim que a tinha imaginado, desarrumada entre os lençóis de sua cama, sua expressão convidando-o a voltar e fazer amor com ela.

Ela se aproximou do desenho, e ele se perguntou se ela iria arrancá-lo e atirá-lo nele com fúria. Além de perder a melhor amiga, iria perder também a mulher por quem estava se apaixonando, ambas na mesma semana? No entanto, ela não fez nenhum movimento para destruí-lo. Ela apenas fitou-o, com o ritmo rápido da sua respiração fazendo seu peito subir e descer.

— É um retrato muito bom — disse ela, depois de um longo momento, durante o qual Cassius percebeu que estava prendendo a respiração. — Mas...

Ele se preparou, aguardando uma repreensão furiosa, ou a reprimenda mordaz que certamente se seguiria.

— Mas se você está preparando esboços para uma pintura, acho que deveria trabalhar tendo como ponto de partida a vida real.

— O-o quê? — Ele soltou o fôlego que estava prendendo em um suspiro, ao ver o xale cair de seus ombros e a camisola deslizar para

formar um monte macio de algodão branco aos seus pés. Ele fitou-a boquiaberto enquanto observava a curva elegante de sua coluna, sua cintura delicada e, então... então o traseiro mais delicioso e perfeitamente redondo do mundo. Seu olhar ficou preso ali, e demorou um pouco antes que ele pudesse sequer considerar as pernas longas e bem torneadas. Então, seu cabelo dourado caiu livremente pelas costas, e ele percebeu que ela havia soltado a trança.

Cassius não conseguia se mover, não conseguia pensar, não conseguia fazer nada além de encarar em assombro a imagem diante dele, uma imagem que ficaria gravada em sua mente até o dia em que morresse. Ela olhou por cima do ombro para ele, com suas bochechas rosadas, mas com os olhos azuis calmos.

Meu Deus, como ela era corajosa. Ela se entregava à vida, às coisas que desejava, e sempre era completamente honesta, não importando o risco para si mesma. Ela preferia se tornar vulnerável a se esconder atrás de regras e convenções, como a maioria das pessoas fazia. Ele a admirava por isso, mais do que podia expressar. Só agora ele percebia que sempre admirara isso nela, aquele espírito destemido, a alegria que ela encontrava na vida, tornando até um dia comum mais brilhante. Estar com ela seria sempre uma aventura, não importava onde estivessem.

Sua respiração se acelerou, com seu coração batendo de forma errática em seu peito enquanto ela se movia em direção ao divã que ele mandara trazer da casa. Ele o havia coberto com tecidos luxuosos, veludo e cetim, e almofadas em cores vibrantes, e ele mal conseguiu conter um gemido de desejo quando ela se deitou nele. Ela ergueu um braço acima da cabeça e Cassius emitiu um soluço abafado do qual não se orgulhava muito, mas que qualquer homem com sangue nas veias entenderia perfeitamente. Seus seios eram cheios e sedosos, adornados com delicados mamilos rosados e, oh, meu Deus... oh, meu Deus do céu, ele estava perdido. Ele não devia olhar. Ele... olhou. Ele continuou olhando e não conseguiu parar. Ele deveria cobri-la com seu casaco,

virar as costas e... e fugir como o diabo foge da cruz, mas ele não iria fazer isso.

— Assim? — perguntou ela, com a voz fraca e nervosa enquanto se ajeitava para ele.

Cassius tentou engolir em seco, mas sua boca estava ressecada.

— Lottie — sussurrou ele, o peito subindo e descendo como um maldito fole de ferreiro.

— Você não quer me desenhar? — perguntou ela, com desafio nos olhos.

— Se eu *quero*? — disse ele, com uma risada incrédula. — É claro que eu quero, e quero pra caramba.

Ele não deveria ter falado daquele jeito, mas estava tão fora de seu habitual padrão de comportamento que mal se importava. O que ele queria era juntar-se a ela no divã e sentir toda aquela pele sedosa quente por todo o seu corpo, beijar cada centímetro acetinado e mapear suas curvas da cabeça aos pés com a língua.

— Muito bem, então — disse ela, erguendo o queixo. — P-pense em mim como uma tigela de frutas. Você é um profissional, certo?

— Lottie, se alguém vir...

— Então, certifique-se de que eles não vejam — disse ela, com a voz feroz. — É apenas para os seus olhos, Cassius.

— Pode apostar que sim! — exclamou ele. — Você acha que eu deixaria qualquer outra pessoa ver...

— Não — disse ela, antes que ele se deixasse levar pela ideia. — Não. Não sei. Então... isto é para você, Cassius. Pinte-me como sou, sem adornos, sem disfarces, ou artifícios. Pinte a verdade e saiba que só você viu o que eu realmente sou.

— Você acha que eu sei? — perguntou ele, curioso sobre isso. — Você acha que eu vejo tudo o que você é?

Um sorriso lento curvou-se sobre a boca dela. — Você se lembra daquele verão antes de partir? Estávamos todos no terraço. Havia sido um longo e quente dia e estávamos com sono, cochilando ao sol. Você me falou de todos os lugares que ia visitar na França. Eu senti tanta inveja, e te disse que também queria viajar, especialmente para ver o Egito e visitar as pirâmides. Falamos sobre isso por horas.

Cassius assentiu. Ele lembrava-se, com uma clareza espantosa. Será que teria começado naquele momento, sem que ele percebesse, pois ele recordava a paixão em seus olhos enquanto falava sobre o grande explorador italiano Belzoni e todas as suas descobertas. Ele estava tão envolvido na conversa quanto ela, mas então chegara a hora de se vestir para o jantar e... teria ele esquecido? Ou ele sabia que estava brincando com fogo? De qualquer forma, ele estava prestes a viajar por dois anos, então talvez ele simplesmente não tivesse se permitido pensar... considerar...

— Eu não sei tudo sobre você — disse ele, ofegante, tanto por entusiasmo de repente compreendido quanto com a gloriosa criatura deitada diante dele. — Não mais do que você sabe tudo sobre mim, mas eu acho que nós dois gostamos de aventura e surpresas, e caminhar para o desconhecido. Eu acho que você poderia viver uma vida diferente e encontrar alegria nela. Acho que podemos fazer isso... juntos.

Ela suspirou, com seus olhos brilhando de felicidade e ele sabia que estava certo, sabia que essa mulher surpreendente era corajosa o suficiente para enfrentar a vida que ele queria viver. Não, não apenas para enfrentá-la, mas para desfrutá-la, assim como ele faria. Eliza queria mudar o mundo em que vivia, mas esse mundo estava na Inglaterra. Cassius queria ver tudo, registrar o mundo na sua totalidade, e Lottie também queria isso, e essa era a diferença entre eles.

— Você quer partir novamente, não? — perguntou ela.

Cassius assentiu, sabendo que ele poderia admitir isso para ela. Ele estava tão feliz por estar em casa, por ver a sua família e as pessoas que

amava, mas também havia um desejo dentro dele, algo que cutucava a sua alma e o chamava para fazer as malas e ir embora.

— Eu também. A Inglaterra é sufocante às vezes. Há tantas regras, e eu já me meti tantas vezes em problemas por quebrá-las. Gostaria de ver lugares onde a vida é diferente.

— Nós vamos — prometeu a ela, embora não tivesse o direito de fazê-lo, ainda não. — De alguma forma. Vamos conseguir, Lottie.

— Espero que sim, Cass. Estou contando com isso. Agora, é melhor você continuar e me desenhar, com defeito e tudo, lembra? — disse Lottie, com uma risada. Ela suspirou de felicidade e se esticou no divã, e Cassius conteve um gemido. Talvez ele fosse fraco. Certamente, era repreensível não insistir para que ela se vestisse e voltasse para a casa, mas Cassius não conseguia desviar o olhar da visão diante dele, assim como não conseguiria voar até a lua. Até mesmo seu desejo por ela foi deixado de lado enquanto trabalhava, embora ele se manifestasse em cada traço suntuoso de sua mão ao reproduzir a beleza diante dele com especial atenção aos detalhes. À medida que as horas passavam, ele fazia esboço após esboço, cada um mais refinado que o outro, com o coração vibrando de alegria, cheio de amor por essa bela criatura, essa deusa, fazendo-o se sentir vivo e inspirando-o a alcançar mais alto do que jamais ousara sonhar.

O último esboço foi o seu favorito, a imagem que carregaria para sempre em seu coração, gravada ali até o fim de seus dias. Isso porque sua amada havia adormecido, sua linda boca se abria em um suspiro, com seu cabelo caindo sobre seus seios e os mamilos espreitando timidamente. Ela estava relaxada, segura em sua presença, e a honra de sua confiança nele foi suficiente para fazer sua garganta se apertar. Ele recolheu a camisola e o xale dela, dizendo a si mesmo com firmeza que ela se vestiria e ele a acompanharia de volta para casa. Isso seria tudo. Bom Deus, como se ele não tivesse sido uma pessoa desprezível o suficiente por uma noite.

Com esse pensamento em mente, ele foi até o divã e a cobriu com o xale antes de se inclinar para acordá-la.

— Lottie — disse ele, baixinho, sem ousar tocá-la, sem sacudi-la para acordá-la, pois se sua pele tocasse a dela, ele certamente estaria perdido. — Lottie, querida, acorde.

— *Hmmm* — murmurou ela, sonolenta enquanto suas pálpebras tremiam.

Cassius viu um lampejo deslumbrante de lápis-lazúli que o fez ansiar por alcançar suas tintas, mesmo que não tivesse dormido e estivesse quase amanhecendo. Ele sorriu para ela, com o desejo ainda mais forte de puxá-la para seus braços, embora também negasse isso a si mesmo.

— Acorde, querida.

Ela piscou, concentrando-se nele finalmente enquanto sua boca se curvava e ela o alcançou, enrolando os braços em volta do pescoço dele.

— Lottie — disse ele, emitindo o nome dela mais como um grunhido de desespero, enquanto ela puxava seu pescoço, abaixando sua cabeça, e pressionava seus lábios contra os dele.

Capítulo 11



Wulfric,

Você é louco de pensar em voltar e mexer em outro vespeiro. Isso porque mesmo que não fosse essa a sua intenção, a sua presença irá inevitavelmente causar problemas, como sempre. Mantenha o seu anonimato, meu amigo. Tem sido útil para você todos esses anos.

Devo acrescentar que Nic me deixou aqui sozinho. Acho difícil de compreender, depois de ele ter sido minha sombra por tanto tempo, mas algo o afastou de mim, e eu não sei o que foi. Eu suspeito que uma mulher esteja por trás disso, mas você precisa concordar que parece tão ridículo que mal consigo acreditar. Estamos aqui há apenas alguns dias, e... mas eu preciso fazer algo para resolver a situação. Se ao menos eu soubesse o que fazer.

– Trecho de uma carta de Louis César de Montluc, Comte de Villen, dirigida a um amigo anônimo.

Amanhecer. Manhã do dia 7 de julho de 1838, Casa de Verão, Holbrook, Sussex.

Cassius sentiu-se perdido no momento em que seus lábios tocaram os dele, reduzido a um adolescente trêmulo nos braços de sua primeira namorada. Ele sempre atraiu a atenção das mulheres. Seu pai tinha alcançado uma reputação infame ainda jovem, embora protestasse que estava longe de ser verdade, mas ele ainda era visto como um dos homens mais bonitos da sociedade. Cassius era feito à sua imagem,

como todos diziam. Embora seu pai o tivesse dado diversos sermões severos sobre os perigos de flertar com a criadagem feminina da casa – algo que ele tinha obedecido – não tinha sido uma tarefa fácil. As mulheres gostavam dele e eram atraídas por ele com pouco esforço de sua parte, e ele também gostava delas. Nada o agradava mais do que fornicar na cama de uma parceira disposta, especialmente uma que soubesse do que gostava e estivesse preparada para reivindicar o que quisesse.

Lottie, no entanto...

Lottie deixava-o eufórico. Quando a via, só conseguia pensar em poesia, na necessidade de captar a sua imagem em todos os aspectos, no desejo de levá-la para a cama e nunca a deixar ir. Ela despertava algo dentro dele que o fazia querer guardar suas tintas e partir rumo a uma aventura sem destino definido.

Ele sabia que Eliza não gostaria de uma vida assim; por isso, antes de se estabelecer, havia decidido passar dois anos fora para curar seu desejo de viajar. Só que não que tinha funcionado. Sua ausência apenas reforçou a certeza de que uma vida estável o deixaria completamente louco. Ele tentou fingir o contrário, tentou convencer a si mesmo de que era apenas nervosismo, e que passaria, mas quanto mais próximo de casa e de Eliza ele chegava, mais desanimado ficava.

Lottie não desejava isso dele. Ela não pediria que ele ficasse em um lugar fixo, mas o seguiria em um piscar de olhos. Ele sabia disso agora. Agora que ela o lembrou desse fato, as memórias retornaram, sobrepondo-se umas às outras. Ele lembrou-se dos dias que antecederam a sua partida, com Lottie estudando com atenção mapas e perguntando se ele visitaria esse ou aquele lugar. Lembrava-se agora, do desejo nos olhos dela, do desejo de ir com ele. Como diabos ele tinha esquecido disso? Ela estava tão entusiasmada por ele, tão obviamente invejosa e ele... ele podia dar-lhe isso. Lottie não se importaria com carruagens desconfortáveis ou de dormir em quartos que não eram muito respeitáveis nem em visitar lugares que nunca tivessem recebido

um turista. Lottie viveria isso com ele, *exigiria* ir junto e não ser deixada para trás, assim como fazia quando eram crianças, determinada a ser incluída.

— Querida — murmurou ele contra os lábios dela, tentando recuar, sabendo que aquilo era perigoso para os dois de muitas maneiras... mas ele cometeu o erro de olhar para ela.

Cassius se viu afogado em um mar azul, nas faixas do manto de Maria, o brilho intenso de um martim-pescador planando sobre o lago em um límpido dia de verão.

— Oh, meu Deus.

Ele gemeu e pressionou um beijo em sua têmpora, seu nariz e bochecha. Ele buscou a pele quente e delicada abaixo da orelha dela, que a fazia prender a respiração quando ele a beijava, e forçou suas mãos a permanecerem apoiadas no divã e não nela. Suas palmas desejavam sentir sua pele quente, sentir suas mãos nela e se perder no prazer dela. No entanto, ele já havia estragado tudo. Ele seria um maldito cavalheiro, mesmo que o matasse. E era bem provável que isso fosse acontecer.

— Não podemos fazer isso.

Lottie emitiu um som semelhante a um soluço de frustração e ele quis chorar também, pois certamente enlouqueceria se não pudesse tê-la. Agora. Imediatamente.

— Não podemos... Eliza... — disse ele, sentindo-se impotente.

Era a única coisa que ele poderia dizer que os traria de volta à realidade, tão brutal quanto um balde de água fria atirado sobre suas cabeças.

— Sim — disse Lottie, conformada. — Eu sei.

Cassius soltou uma respiração irregular e forçou-se a afastar-se. Ele virou as costas enquanto Lottie se levantava e se vestia, com o farfalhar

de tecido fornecendo à sua imaginação informações suficientes para atormentá-lo.

— Vejo você de manhã, então — disse ela, com a voz desanimada.

Cassius virou-se, querendo tirar a tristeza que podia ver nos olhos dela. — Eu irei acompanhá-lo de volta.

Ela balançou a cabeça imediatamente. — Não. Alguém pode nos ver. É só o jardim, e cheguei aqui com bastante facilidade. Está tudo bem. Boa noite, Cassius.

Mil palavras se aglomeraram na ponta de sua língua: protestos, pedidos para que ela ficasse, palavras de amor e promessas que ele não tinha o direito de pronunciar. No final, porém, ele não disse nenhuma delas. Ele tinha estragado tudo e não estragaria isso. Se tivesse que esperar para declarar as suas intenções, que assim fosse. Ele tinha que esperar. Então, ele simplesmente assentiu e a observou sair, acompanhando-a com o olhar até que ela estivesse fora de vista, com o macio tecido branco de seu xale desaparecendo na escuridão como um sonho adorável e fantasmagórico.



Pelo menos ninguém duvidava que ela estivesse doente, pensou Lottie com um sorriso irônico. Ela chegou à cama um pouco antes do amanhecer e mergulhou em um sono exausto, só despertando depois do meio-dia. Quando ela finalmente abriu os olhos, descobriu que estava ficando irritada e que uma fraca dor de cabeça latejava nas têmporas. Era fácil para ela e Cassius falarem e sonharem com um belo futuro, mas nesta manhã a realidade parecia um desafio grande demais para enfrentar. O desânimo se abateu sobre ela, como se um manto de desesperança a estivesse envolvendo. Ela sentia-se letárgica sob o peso disso e irritada com o mundo em geral, e era demasiado fácil fingir que tinha sido acometida por alguma doença misteriosa. Após fazer sua primeira refeição no quarto e descobrir que a tristeza não afetava seu apetite, ela desceu as escadas.

A tarde estava um pouco mais fria do que nos dias anteriores, com nuvens feito algodão macio movimentando-se rapidamente pelo céu e, em intervalos, escondendo o sol da vista. Como não gostava muito de sua própria companhia neste momento, achou melhor não a impor a mais ninguém e dirigiu-se para a biblioteca. Embora fosse um cômodo encantador, geralmente estaria vazio em uma tarde de verão, já que a condessa havia organizado entretenimentos para seus convidados. Hoje, haveria uma área reservada para o arco e flecha, e havia burburinhos sobre andar de barcos no lago, mas Lottie não se deu ao trabalho de descobrir o que haviam decidido. Em vez disso, ela entrou na biblioteca, com a intenção de sentar-se e olhar pela janela. Estava pensando na noite passada e no fato de já ter completado o seu desafio, não que pudesse contar a ninguém. Oh, céus, nem pensar, mas... mas ela *tinha* sido indecente. Não havia dúvida disso.

Para sua frustração, e com o desagradável sobressalto de uma consciência culpada, Lottie descobriu que Eliza havia chegado antes. Sua irmã estava encolhida em uma poltrona confortável, com um livro no colo e o olhar fixo no céu lá fora. Lottie hesitou e quase decidiu sair correndo antes que Eliza olhasse para cima e a visse.

— Pare de hesitar na porta e sente-se. Não mordo.

A vergonha se intensificou dentro de Lottie ao perceber que Eliza provavelmente desejava sua companhia, alguém para confidenciar sobre Cassius e sua rejeição. Lottie não tinha oferecido isso, como teria feito em qualquer outra circunstância.

— Você está bem, Eliza? — perguntou ela, hesitante.

Sua irmã voltou seus expressivos olhos verdes para Lottie, levantando uma sobrancelha escura. — Não, estou pensando em me jogar no lago e acabar com tudo isso.

Ao ouvir Lottie suspirando de choque, Eliza bufou e revirou os olhos, algo tão pouco característico dela que Lottie só conseguiu fitá-la boquiaberta.

— Ah, sente-se, Lottie. Apenas ponha o traseiro na cadeira. — disse Eliza, balançando a cabeça.

Ela fez um gesto impaciente em direção à poltrona ao lado dela e Lottie foi sentar-se, observando-a com cautela. Não era comum Eliza fazer comentários sarcásticos e observações cínicas, e essa nova versão de sua irmã era perturbadora.

— Você se divertiu ontem à noite? — arriscou ela, covarde demais para enfrentar de frente essa criatura desconhecida.

Eliza deu de ombros. — Suponho que sim. Louis César é muito divertido, muito atencioso. Todos acham que ele vai me pedir em casamento.

— Tão cedo? Você vai aceitar? — perguntou Lottie.

Eliza arrancou com irritação um fio solto na poltrona estofada em que estava encolhida.

— Não sei. Acha que devia? — Ela voltou o olhar para Lottie, uma carranca franzindo suas sobrancelhas escuras.

— Você não o ama — disse Lottie, assustada ao descobrir que Eliza consideraria tal coisa.

— Não.

— Certo.

— Certo — disse Eliza, distraidamente, virando o rosto e observando as nuvens que passavam, com o dedo traçando o padrão em relevo na capa de couro do livro que ela não estava lendo. Ela ficou em silêncio por um longo momento. — Você acha que ele vai se juntar a nós novamente, ou eu o assustei?

Lottie pestanejou diante da mudança repentina de assunto, mas aproveitou a oportunidade para consertar as coisas. — Você não o assustou. Ele sente-se terrivelmente culpado por ter-lhe aborrecido tanto. Nunca foi sua intenção. Ele preferiria morrer a te machucar, é por isso que ele não conseguia te contar. Sei que ele sente saudades de você.

É a melhor amiga dele, Eliza, e agora ele não pode te enfrentar porque se sente extremamente desolado. Ambos sabemos que Cassius não é cruel nem desumano.

Ela soltou um suspiro, aliviada por ter sido capaz de dizer algo para defendê-lo.

Eliza virou-se com uma expressão confusa.

— Cassius? — murmurou ela, e, então, sua expressão relaxou. — Oh. Sim, Cassius.

Um leve rubor de cor tingiu suas bochechas e ela colocou o livro de lado, ficando de pé.

— Aonde você está indo? — indagou Lottie, perplexa com o comportamento estranho de sua irmã.

— Indo? Oh, bem... dar um passeio, acredito — disse Eliza, acenando vagamente com a mão ao deixar Lottie sozinha.

Lottie ficou olhando para ela, completamente aturdida. Ela não ficou sozinha por muito tempo. Por que diabos a biblioteca estava tão popular nesta tarde?

— Ah, aqui está a bela adormecida — disse Ash, entrando na biblioteca e jogando-se casualmente na poltrona ao lado dela.

De alguma forma, ele ainda parecia primorosamente elegante, esparramado com as longas pernas esticadas diante de si e os braços caídos de ambos os lados, mesmo com a adição de seu colete ultrajante. Hoje, ele estava vestindo seda lilás, com folhas de hera bordadas em fios dourados que se entrelaçavam pelo peito. Sua irmã o seguiu e estalou a língua ao ver sua pose desleixada, antes de fixar seu olhar em Lottie com um brilho travesso nos olhos.

— Olhe para ele. Ele se acha tão glamoroso como um marajá, tão impressionante como um magnífico príncipe indiano. Receio que ninguém vá se deitar em almofadas de seda e descascar uma uva para você, Ashton querido, não importa o quanto você deseje isso.

— Não desejo tal coisa — disse ele, com indignação em seus olhos azuis. — Eu só quero ser adorado incondicionalmente. É pedir demais?

— Sim — disseram Lottie e Vivien em uníssono.

— Mas eu *sou* adorável — respondeu Ash, parecendo perplexo com a resposta delas.

— Sim, meu querido — respondeu Vivien, com um tom tranquilizador e um toque de condescendência, como se estivesse tentando acalmar uma criança difícil. — Em algumas ocasiões, isso *pode* acontecer, mas o único tipo de garota que o adoraria incondicionalmente também o entediaria profundamente, seu bobo. Você precisa de alguém que o desafie, alguém que o motive a se esforçar.

— Isso não me parece nem um pouco confortável — respondeu Ash, cruzando os braços.

— Não — disse Vivien, com um sorriso presunçoso. — Não mesmo, certo?

— Por que você quer que eu seja infeliz? — exigiu saber dela, sentando-se corretamente agora.

Vivien riu do olhar em seu rosto. — Oh, sua criatura tola. Não é isso. Quero que seja feliz, e nunca será se for muito fácil para você. Você é muito parecido comigo, assim como mamãe, para dizer a verdade. Nós nos entediamos facilmente.

Ash bufou, e, em seguida, como se de comum acordo – embora nada tivessem sido dito – eles voltaram a atenção para Lottie.

— E então? — perguntaram os dois.

Ela já tinha notado que muitas vezes pareciam saber o que o outro estava pensando sem dizerem uma palavra. — Você sabe que é assustador quando vocês fazem isso — reclamou ela, olhando para eles.

Eles riram e Lottie bufou. — Muito divertido, com certeza.

— Responda à pergunta — disse Ash, impacientemente.

— Isso foi uma pergunta? — quis saber Lottie, perguntando-se se ela não tinha escutado alguma coisa.

— Oh, está bem — disse Vivien, dando um suspiro dramático. — Cassius não veio conosco na noite passada e no último momento você desistiu alegando uma enxaqueca, e nunca ouvi falar que você sofre disso. Você sempre está absurdamente saudável e cheia de alegria.

Ash concordou com a cabeça. — O que significa que você tinha um motivo oculto.

Lottie corou. Na verdade, era bastante injusto que ela se sentisse tão terrivelmente culpada, pois não havia ficado para trás para aproveitar a oportunidade de ver Cassius. Ela já se sentia envergonhada o suficiente sem planejar encontrá-lo escondido de sua irmã. No entanto, ela o *tinha* visto, tinha o beijado, tinha ficado nua e permitido que ele a contemplasse como nenhum homem jamais fizera. Pior do que isso, ela queria desesperadamente que ele fizesse muito mais do que olhar. Ela ainda desejava isso. Lottie estava inquieta, ansiosa e agitada, e sentia-se como se pudesse explodir a qualquer momento. Ele mal a tocara, mas a expressão em seus olhos tinha sido bastante eloquente, e agora, o doloroso desejo por ele era tão perturbador que ela não sabia se queria gritar ou chorar. Não... ela sabia. Ela queria correr para a casa de verão e exigir que ele acabasse com sua angústia. Agora. *Imediatamente!*

— Oh, meu Deus. É pior do que eu pensava — murmurou Ashton, com uma expressão conhecedora em seus olhos que a fez sentir calor por toda parte.

— Não é. — Ela ergueu o queixo, fulminando-o com os olhos. — Eu *não* fiquei para trás para vê-lo!

— Mantenha a voz baixa — sibilou Vivien, gesticulando para a porta aberta.

Lottie gemeu e colocou a cabeça nas mãos. — Oh, eu sou horrível. Sou uma pessoa horrível e não mereço ser feliz.

— Bem, eu sei que você é horrível, obviamente — respondeu uma voz de fato que só poderia pertencer a um irmão.

Lottie sentou-se mais ereta enquanto seu irmão entrava. Ela não tinha visto muito Jules, que tinha sido muito vago sobre o seu paradeiro desde que chegaram e nunca podia ser encontrado. Ela suspeitava da bartender que trabalhava no *The King's Head*. Cochichos entre os funcionários a levaram a acreditar que ela era uma moça bonita e “muito prestativa”. Isso geralmente era dito com um piscar de olhos e um tom de diversão que levavam Lottie a tirar suas próprias conclusões.

— Oh, vá embora, Jules — disse ela, irritadamente.

— Por que eu deveria? — exigiu saber ele. — Você acabou de admitir que é uma pessoa horrível, o que tenho dito há anos, mas estou fascinado por saber por que de repente percebeu que estou correto.

Lottie encarou-o furiosamente. Aos dezenove anos, ele tinha toda a desenvoltura e autoconfiança que um jovem bonito, rico e intitulado se sentia no direito de possuir. Ele era alto e tinha uma aparência tão sombria e marcante quanto a de seu pai, mas ainda não tinha adquirido completamente a postura de adulto. Ele era alto e possuía pura elegância atlética, o que a deixava furiosa ao ver suas amigas falando sobre ele como um bando de papagaios bobos, quando na verdade ele era um verdadeiro idiota. No entanto, eles sempre estiveram em desacordo, talvez, eram demasiado semelhantes e com idades demasiadas próximas para serem amigos.

— Talvez agora não seja o melhor momento — começou Ash, pois era um ser humano sensato e estava ciente da crescente tensão no ambiente.

— Agora é o momento perfeito para que a minha irmã confesse seus pecados — disse Jules, com um sorriso.

De maneira ridícula e para sua imensa frustração, Lottie sentiu seus olhos arderem. Por quê? *Por quê?* Quando Jules estava apenas sendo

Jules, o irmão mais novo irritante e impossível que ela regularmente queria acertar com um objeto pesado e cego? No entanto, ele chegou perto demais da verdade. Ela desejava confessar seus pecados, pois realmente amava a sua irmã, e Eliza estava magoada e ela... e ela tinha...

Lottie começou a chorar e fugiu da sala.

Capítulo 12



Querido diário,

Mal posso esperar pelo baile de verão. Precisamos de mais convidados. Talvez, se a casa estiver cheia de amigos e de suas famílias, esse clima estranho desapareça. Quero muito fazer alguma coisa, mas papai repreendeu-me e disse que, se eu interferisse, ficaria muito desapontado comigo, e todos sabem que saber que papai está desapontado com você é o pior sentimento do mundo. É muito pior do que vê-lo irritado, o que quase nunca acontece.

– Trecho de uma anotação no diário de Lady Catherine 'Cat' Barrington, filha mais nova do Marquês e da Marquesa de Montagu.

8 de julho de 1838, Holbrook House, Sussex.

Jules levou menos de vinte minutos para encontrá-la. Lottie murmurou um palavrão. Ela já devia saber. Ele sempre foi muito melhor em pique-esconde do que qualquer um deles quando criança. Ele tinha esse tipo de habilidade mental.

Jules encarou a parte superior do celeiro onde o feno era armazenado, vendo suas pernas penduradas na borda, e colocou as mãos nos quadris.

— Vou ter que subir ou você será uma criatura sensata e descerá?

— Eu não vou descer — disse ela, cruzando os braços.

Jules suspirou e lançou um olhar arrependido para o brilho espelhado de suas botas antes de subir e se arrastar pelo feno para se

sentar ao lado dela. Ele esticou seu corpo longo até que também estivesse sentado, com as pernas balançando sobre a borda. Eles ficaram em silêncio por um longo tempo, com Lottie encarando o vazio e Jules lançando em sua direção olhares ansiosos. Em outras circunstâncias, poderia ter sido divertido, mas ele obviamente lamentava chateá-la. Apesar de ele ser um irmão desagradável, realmente não era uma má pessoa, apenas uma pessoa irritante.

Ele se inclinou em sua direção e bateu no ombro dela.

Lottie o encarou furiosamente e não disse nada antes de se virar.

Ele voltou a fazê-lo.

E outra vez.

— Oh, pelo amor de Deus! — exclamou ela. — Esta é a sua ideia de um pedido de desculpas?

— Claro que sim — retorquiu ele. — Você não espera que eu *realmente* diga as palavras, não?

Ela encarou-o sem acreditar e ele gemeu.

— Oh, muito bem — disse ele, cruzando os braços. — Lamento a ter aborrecido, Lottie, mas honestamente, não entendo o que fiz. Falo sempre assim com você, e nunca abriu esse berreiro todo. Normalmente, você bate em mim.

Ela bufou ao ouvir isso. Era verdade.

— Tudo bem — disse ela, sem olhar para ele. — Não foi culpa sua.

— Não foi? — Jules ficou imediatamente animado. — Ótimo! Bem, então, o que houve?

Ele percebeu a expressão dela e fechou a boca abruptamente.

— Oh, apenas vá embora — disse ela, deixando os ombros caírem.

Jules se remexeu por um momento antes de se inclinar e colocar um braço desajeitado em torno de seu ombro. — Há algo de errado, mana?

Para seu horror, Lottie sentiu seu lábio tremer. Ela assentiu.

Jules parecia vagamente horrorizado, mas respirou fundo e endireitou os ombros. — Oh, meu Deus. Bem, acho que devo fazer alguma coisa com relação a isso, então. Afinal, sou seu irmão.

— Irmão mais novo. — Ela fungou. — Não conta.

— Claro que conta! — respondeu ele. — Os irmãos cuidam de suas irmãs, independentemente de serem mais velhas ou mais novas. É uma daquelas coisas de regras implícitas. Eles... bem, eles simplesmente cuidam. Então, diga-me em quem eu preciso bater. Imagino que haja algum rapaz em algum lugar no meio de tudo isso.

— Em algum lugar — concordou ela.

— Oh! — disse ele, obviamente sem ter esperado essa resposta. — Oh. Bem. Certo, então. Diga-me quem é o canalha que eu vou fazer picadinho dele.

— Não posso.

Para surpresa dela, ela acabou refletindo sobre o assunto. Bem, não sobre a parte de fazer picadinho – Cassius não tinha feito nada de errado – mas talvez contar ao irmão sobre a sua infelicidade e essa terrível situação. O fato de ela considerar confiar em Jules em vez de Eliza era simplesmente risível, até que ela pensou por que não poderia confiar em Eliza.

Lá se foi a vontade de rir.

— É por isso que você não apareceu ontem à noite? — perguntou Jules, mais uma vez lembrando-a de que ele não era tão burro quanto ela pensava.

Ela assentiu. Houve um breve silêncio.

— Você falou com ele, não? Ontem à noite.

Lottie virou a cabeça surpresa e, quando os olhos verdes de Jules encontraram os seus, ela descobriu que não conseguia esconder seu rubor.

— Caramba, Lottie! — exclamou ele, evidentemente chocado. —
Você falou? Como diabos...?

Lottie prendeu a respiração, percebendo tarde demais que seu irmão não era nem um pouco burro e que não levaria muito tempo para ele entender as coisas.

— O desgraçado! — exclamou ele, correndo em direção à escada.

— Jules! Jules, não... *não*! Você não entende...

— Eu entendo perfeitamente bem — resmungou ele, pulando da metade da escada para o chão.

Lottie ainda lutava com suas saias pesadas e um número ridículo de anáguas. Subir a maldita escada tinha sido quase impossível e nada apropriado para uma dama; descer parecia ainda mais complicado.

— Cassius partiu o coração de Eliza e agora está flertando com você, eu vou matá-lo.

Lottie assistiu, horrorizada, enquanto Jules saía do celeiro. Ela gritou atrás dele, tentando convencê-lo de que estava enganado, que ele era um idiota teimoso e uma dúzia de outros insultos... nenhum dos quais teve qualquer efeito.

Ah, céus. O que diabos ela tinha feito?



Cassius fixou o olhar na tela em branco à sua frente e tentou não o deixar viajar para o canto do cômodo. Empilhados atrás de telas e amarrados dentro de pasta de couro estavam os desenhos de Lottie. Ele desejava que houvesse um lugar mais seguro para guardá-los, mas não podia levá-los para casa, onde criadas curiosas poderiam espiar seu trabalho. Nenhum dos criados tinha permissão para limpar seu ateliê, e nenhum dos seus amigos ou familiares se atreveria a bisbilhotar sem permissão. Seus dedos latejavam com o desejo de tirá-los, usá-los para criar uma pintura da mulher que ele estava agora certo de que seria sua musa até o dia de sua morte.

Ela fazia coisas com ele. Coisas estranhas, maravilhosas, que ele não conseguia explicar. Seu riso fazia seu coração disparar e seu sorriso o iluminava de felicidade. Agora que ele refletia sobre a vida que tinha vivido antes de partir, lembrava-se de dezenas de ocasiões em que ela o havia feito rir tanto que mal conseguia respirar, quando ela persuadiu ele e Eliza a deixá-la se juntar a eles e depois os convenceu a participarem de alguma aventura boba que terminou com um ou todos eles levando uma bronca, sem um único arrependimento. Estar com ela era como ser envolvido por uma onda e ser jogado ao léu. Era capaz de deixar um homem eufórico e desorientado, e muito contente com isso.

Então, por que ele tinha tido tanta certeza de que deveria se casar com Eliza? Porque ele tinha sido feliz, mais feliz do que havia percebido, na companhia dela. Eliza era maravilhosa, sua companhia reconfortante, e ela era sua amiga. Todos sabiam que Eliza seria a esposa perfeita. Ela já tinha recebido dezenas de propostas, nenhuma das quais ela sequer considerou por um momento... por causa dele. Ela era impecável, o tipo de garota por quem homens com títulos dariam o braço direito para se casar, e ele teve a oportunidade de tomá-la para si. Ele simplesmente assumiu que a amizade deles se transformaria em amor. Ambos eram jovens demais para entender o tipo de atração magnética possível entre duas pessoas, do tipo que eles não tinham.

No entanto, não tinha sido com Eliza, apesar de ser sua amiga mais querida e confidente, por quem ele tinha se apaixonado. Seja qual fosse o motivo, não havia como negar a verdade disso. Ele tinha cometido um erro de julgamento, um grave, e agora estava magoando duas das pessoas com que mais se importava no mundo, o que o estava deixando desolado.

— Então, é aqui que você está se escondendo, é?

Cassius virou-se e viu o irmão delas, Jules, na entrada. Ele se virou com um sorriso apesar de seu desânimo, pois gostava muito de Jules. A atitude despreocupada escondia um bom coração, e um rapaz que levava as coisas muito mais a sério do que as pessoas imaginavam.

Cassius levantou-se para cumprimentá-lo e então parou ao ver o brilho furioso em seus olhos.

— Jules — disse ele, sentindo seu coração acelerar enquanto a tensão no local se tornava palpável.

— Eu não quebrei seu nariz quando você terminou com Eliza porque entendi que dois anos separados haviam mudado seus sentimentos. Eu sabia que você nunca tinha feito uma proposta formal, e tinha certeza de que você nunca machucaria minha irmã de propósito — disse Jules, entrando no ateliê e inspecionando alguns itens organizados em uma mesa perto da porta. Era uma confusão de panos manchados de tinta, pincéis e potes vazios, e coisas que tinham chamado a atenção de Cassius: o crânio de um texugo, um grande vaso amarelo que ele havia trazido da casa, um espelho quebrado. Jules passou a mão por algumas coisas, pegou o crânio e o inspecionou. Ele o jogou de volta na mesa e olhou novamente para Cassius. — Você não faria isso, faria, Cass? Brincar com minhas irmãs? Fazê-las se apaixonarem por você e, depois, partir seus corações?

— Não — disse Cassius, com uma sensação doentia revolvendo seu estômago, sabendo que era exatamente o que ele tinha feito, o que estava fazendo. Não, ele não tinha a intenção de fazer isso. Ele teria cortado seu próprio coração fora antes de machucar qualquer uma delas, mas...

— Então, diga-me, por que Eliza está agindo de maneira tão estranha? A doce e paciente Eliza agora está frágil como uma casca de ovo prestes a eclodir, sem mencionar Lottie...

Jules encarou seu olhar e Cassius sentiu o calor subir pelo pescoço. Ele podia ver o desejo de Jules de puni-lo por seus atos. O desejo queimava nos olhos do jovem e Cassius não podia culpá-lo. Uma parte dele até mesmo recebia isso de braços abertos, sentia que merecia, mas, ainda assim, ele se moveu ao redor do ateliê, aproximando-se da porta. Se eles fossem brigar – e isso parecia inevitável – ele preferia não destruir seu ateliê.

— Eu a deixei no celeiro, chorando — comentou Jules, despreocupadamente, embora não houvesse dúvidas de quão furioso ele estava por sua irmã ter sido magoada.

— Chorando? — repetiu Cassius, alarmado. — M-mas por quê? O quê...?

— Por que você não me conta?

Seu tom tornou-se sombrio, a exigência brusca e furiosa. Cassius engoliu em seco. Será que Lottie estava arrependida do que tinha feito? Bem, obviamente ela estava. Tinha sido algo louco da parte dela, louco e imprudente, e ela ficaria arruinada se alguém descobrisse. Ele deveria tê-la impedido. Ele sabia disso, droga. Meu Deus, Jules estava certo, ele era um verdadeiro canalha. Será... será que ela *havia contado* ao irmão dela? Não. Não, se ele soubesse, não estaria ali discutindo isso. Não haveria prelúdio para violência, nenhuma chance para Cassius se explicar.

— Jules — começou ele, surpreso ao descobrir que parecia um pouco ofegante.

Não que ele tivesse medo de uma briga. Ele tinha se metido em algumas confusões nos últimos anos, e antes disso fazia parte de sua vida, já que sempre brigava com os meninos na escola. Ele sabia se defender. Na verdade, embora tivessem mais ou menos a mesma altura, ele era mais pesado que Jules, que ainda possuía o corpo magro do início da idade adulta. Não, não era medo, era porque Jules estava certo. Jules estava defendendo aquelas que amava, com o desejo furioso de proteger suas irmãs irradiando dele, e como poderia ele lutar contra isso?

— O que foi, Cass? Vai me dizer que você não a encontrou ontem à noite? Que não tomou liberdades?

— Não, eu... eu...

Bem, ele talvez não tivesse feito amor com ela, mas *tinha* tomado liberdades. Ela ficou nua, pelo amor de Deus.

Jules emitiu um som incoerente de fúria e se lançou contra ele. Cassius desviou e correu para a porta.

— Volte aqui, seu covarde! — gritou Jules atrás dele.

Ora, calme aí.

— Estou aqui — disse Cassius, parando no gramado diante da casa de verão. — E não vou a lugar algum. Você pode ter sua briga se quiser, Jules. Deus sabe que eu mereço, mas eu preciso te dizer...

Ele não teve a chance de dizer mais nada, pois foi derrubado no chão. O ombro de Jules acertou em cheio seu plexo solar e ele caiu com um estrondo que arrancou o ar de seus pulmões. Cassius respirou profundamente e teve perspicácia suficiente para bloquear o punho que vinha em direção ao seu nariz. Ele se contorceu, momentaneamente desalojando Jules. Um soco acertou sua mandíbula, fazendo sua cabeça girar para o lado.

— Jules — gritou ele, tentando fazer-se ouvir, mas ainda estava sem ar e Jules não estava com disposição para deixá-lo recuperar o fôlego. — Jules, espere...

Com um movimento que Cassius não estava esperando, Jules o jogou de volta ao chão. Cassius conseguiu se libertar e lutou para se afastar, mas Jules segurou seu braço. Ele o torceu para trás, causando muita dor. Contrariado, Cassius jogou a cabeça para trás, não o bastante para quebrar o nariz do tolo, mas o suficiente para ambos ficarem com dor de cabeça.

Jules gritou de dor e Cassius aproveitou sua distração, pressionando o cotovelo livre no estômago do rapaz. Proferiu-se um palavrão e o aperto em seu braço se afrouxou. Cassius se soltou e se levantou rapidamente, colocando distância entre eles.

— Jules, espere — sussurrou ele, apoiando as mãos nos joelhos. Eu sei que você está com raiva, e isso é compreensível...

— Que gentil de sua parte ser tão solícito — vociferou Jules, preparando-se para outra investida.

Seu nariz sangrava e suas roupas estavam tortas. Cassius não tinha se saído muito melhor; estava sujo e coberto de manchas de grama, e a manga de sua camisa tinha rasgado no ombro.

— Eu a amo! — exclamou Cassius.

— Qual delas? — exigiu saber Jules, com um resmungo. Era uma pergunta justa.

— Ambas — respondeu Cassius, antes de perceber rapidamente que essa tinha sido a resposta errada. Ele falou rapidamente, tentando pronunciar as palavras antes que Jules falasse sério e o matasse com brutalidade. — Mas eu estou *apaixonado* por Lottie. Eu quero me casar com ela.

Isso fez com que ele parasse por um momento, e Cassius soltou um suspiro ofegante.

— Eu a amo — repetiu ele, novamente, apenas no caso de Jules não ter entendido da primeira vez. — Eu pensei que fosse por Eliza, e eu a amo também, mas... apenas como amiga, Jules. Minha melhor amiga em todo o mundo, mas... mas com Lottie...

Jules estendeu a mão, aborrecido. — Poupe-me dos detalhes, meu velho, mas se isso for verdade, se suas intenções forem honrosas, por que Lottie estava chorando?

Cassius deu de ombros. Ele não estava prestes a contar a Jules sobre a noite passada, mas aquilo não seria o único motivo para a tristeza de Lottie. — Eu não sei, mas... mas eu acho que toda essa situação está machucando a todos nós profundamente. Nenhum de nós suporta causar mais dor a Eliza, mas isso significa que não podemos contar a ninguém como nos sentimos e... e isso significa que estamos mentindo para todos. Lottie está angustiada por esconder segredos de todos vocês. Nós dois estamos.

Jules encarou Cassius por um longo momento, claramente avaliando o quanto ainda desejava quebrar o nariz dele. Ele soltou um

suspiro e passou as mãos pelos cabelos escuros, que estavam todos desarrumados após a briga deles.

— Maldição, Cass — murmurou ele, indignado. — E agora, eu também estou envolvido nisso.

— Envolvido em quê? O que diabos está acontecendo aqui?

Ambos os homens se sobressaltaram ao serem repreendidos por uma voz feminina. Eles trocaram um olhar de pânico antes de fazerem o melhor para se endireitarem, por mais inútil que fosse. Ao virarem-se, encontraram o olhar desconfiado de Eliza.

— Vocês... vocês estavam *brigando* — perguntou ela, encarando-os, ultrajada.

— Só um pouco — disse Jules, tão mal-humorado como um menino enquanto observava sua irmã mais velha, que o olhava como se pretendesse mandá-lo para a cama sem jantar.

— Sobre o que diabos se tratava essa briga? — exigiu saber ela, com seu olhar atônito se movendo de um para o outro repetidamente.

Bem, essa sim era uma pergunta difícil para responder.

— *E então?* — Eliza cruzou os braços, encarando os dois com fúria.

— Arte — disse Cassius, já que era a única coisa que conseguia pensar e o único assunto que o deixava irritado o suficiente para perder a paciência. — Jules disse um monte de idiotices para me provocar e eu reagi de forma bastante tola. Estupidez da nossa parte. Já passou. Ninguém se feriu.

Ele não ousou olhar para Jules.

— *Foi* estupidez da sua parte — retrucou Jules, com um tom sarcástico na observação que prometia retaliação de uma forma ou de outra em um futuro próximo. — Eu estava apenas implicando com você. Não havia necessidade de você agir como um maldito homem das cavernas, não é?

Cassius cerrou os dentes.

— Peço desculpas, Jules — disse ele, sabendo que devia isso ao diabo, por mais irritante que fosse. — Eu me comportei inadequadamente, mas vou *consertar* as coisas. Você tem minha palavra.

Mas como diabos ele ia fazer isso, realmente não tinha a menor ideia.

Jules emitiu um som de insatisfação, mas pareceu aceitar suas desculpas.

— Certifique-se de fazer isso — murmurou ele, e se afastou.

Cassius engoliu em seco quando Eliza voltou sua atenção para ele. Ela lhe lançou um olhar penetrante, direto o suficiente para que ele sentisse que ela podia ver através dele.

— Eu realmente não te conhecia, não é? — disse ela, com a voz cheia de tristeza.

— Sim, você me conhecia, Eliza. Melhor do que qualquer pessoa. Nós éramos apenas jovens demais para perceber que não combinaríamos. Nós queremos coisas diferentes.

Eliza assentiu, olhando para a água escura do lago. — Você quer viajar, ver o mundo. Eu sempre soube disso, mas... acho que pensei que fosse um capricho juvenil, que você iria superar. Mas não é isso, certo?

Cassius balançou a cabeça. — Não.

— Você nunca disse isso.

— Você sempre parecia saber o que era certo, Eliza, e eu estava empolgado com todos os planos que você fazia para nós. Eu sei que você é capaz de grandes coisas e eu esperava fazer a minha parte. Você sempre foi tão firme em suas convicções enquanto eu era hesitante. Eu acreditava na sua visão de um futuro melhor, no mundo que você queria criar, mas agora, sou um homem, não mais um menino. Eu sei o que eu quero e isso... — Ele fez um gesto amplo para a paisagem bucólica ao redor deles. — Isto aqui não é. Pelo menos, não ainda. Talvez um dia

seja. Eu espero que sim, mas acho que ainda vai levar um tempo até que seja.

— Eu não poderia viver assim, sempre em movimento.

— Eu sei.

Eles ficaram em silêncio por um longo momento e Cassius sentiu o abismo entre eles como um fardo, uma dor na sua alma.

— Eu sinto sua falta, Eliza. Há tanto que eu queria poder te dizer. Eu quero explicar tudo e esclarecer e ouvir seus conselhos sensatos, mas...

— Mas...? — disse ela, tristemente.

— Você vai me perdoar algum dia?

Ela abriu um sorriso torto e triste ao ouvir isso. — Sim, mas meu orgulho foi ferido, Cass. Você precisa esperar para que as feridas se curem.

Cassius a observou se afastar e se perguntou como diabos eles poderiam suportar infligir mais dor um ao outro.

Capítulo 13



Nic,

Onde diabos você se meteu? Estou endereçando à hospedaria em que ficamos na cidade na esperança de que você esteja lá, e sabe-se lá onde e fazendo o quê. Rezo para que você não esteja se metendo em encrenca. Você se lembra que deveria estar comigo, ajudando-me, e não por aí emburrado sobre o que quer que seja que o tenha deixado tão irritado. Ainda não consigo entender por que você não confiou em mim. Sempre contamos tudo um ao outro, não é verdade? É assim que sobrevivemos até hoje. Irmãos de armas, certo? Não sou mais uma criança e sei que fui impaciente com relação às suas preocupações comigo como se fosse uma velha, mas confesso que estou magoado pela maneira como me abandonou. Concordei em fazer isso mesmo sem ter vontade. Aceitei que esse deveria ser meu destino, mas pensei que você me ajudaria a enfrentá-lo.

Descobri que Eliza e Cassius iam se casar. Embora nada tenha sido formalmente anunciado, todos sabiam na família que era essa a intenção deles. Cassius desde então disse a Eliza que não deseja mais se casar com ela. Para mim é um alívio, pois se soubesse que ele era meu rival, não teria me sentido nada tranquilo. Gosto dele e teria lamentado tê-lo como oponente. No entanto, parece que Eliza ficou muito abalada. Ela não está nada serena nem feliz, diferentemente de quando chegamos. Estou fazendo o possível para animá-la, mas nem mesmo eu consigo curar um coração partido. Mas não tema, irmão. Cumprirei meu dever e a farei esquecer-lo.

– Trecho de uma carta de Louis César de Montluc, Comte de Villen, para seu meio-irmão, Monsieur Nicolas Alexandre Demarteau – traduzido do francês.

14 de julho de 1838, Holbrook House, Sussex.

— Todos estão chegando, papai!

Lottie levantou os olhos da cópia da *The Lady's Magazine* que estava se esforçando para ler, facilmente distraída pelo anúncio animado de Cat. Seu pai, o Marquês de Montagu, desviou o olhar da carta que estava escrevendo e encontrou o olhar de sua esposa. Ela sorriu para ele, com um sorriso tão íntimo que Lottie sentiu que não deveria ter visto, muito menos a luz travessa que dançava nos olhos do marquês em resposta. Mesmo assim, ele deixou sua carta de lado e se levantou para ficar ao lado da filha na janela.

— É verdade. Você acha que vai explodir de empolgação antes desta noite?

— É possível — respondeu Cat, séria. — Mal posso esperar.

— Você vai comparecer? — perguntou Lottie, espantada, ao que Cat respondeu com uma gargalhada.

— Claro que não, sua boba. Sou muito jovem para ir a um baile, o que é tão injusto, mas mamãe disse que eu posso assistir do balcão.

— Por um tempinho, se você se comportar muito bem — corrigiu seu pai, com um tom severo que não combinava com o olhar em seus estranhos olhos prateados, que brilhavam de diversão.

— Oh, mas tenho me comportado, e continuarei — disse Cat, com o rostinho sério enquanto olhava para o pai a quem claramente idolatrava.

Montagu assentiu com aprovação. — Vamos descer e cumprimentá-los, então? Acredito que seja a carruagem de Helena e Gabriel, o que quer dizer que seus amigos estão aqui.

— E os seus também — disse Cat, animadamente, pegando na mão do pai e arrastando-o para fora do cômodo. — Porque Gabriel é seu melhor amigo, eu acho, mesmo que ele o irrite terrivelmente. É igualzinho com Emmeline, sabe. Eu gosto dela, mas ela me deixa tão brava às vezes...

Montagu riu enquanto sua filha o puxava, e Lottie observou sua esposa, Matilda, enquanto ela os olhava, sua adoração evidente. Como devia ser sentir-se casada com um homem que você ama profundamente, ter enfrentado tempestades, criado filhos e vivido anos juntos, e ainda sentir exatamente o mesmo que anos atrás? Ela sempre sentiria esse nervosismo louco no coração toda vez que visse Cassius? Será que seu coração sempre dispararia de animação? Ela acreditava que sim, e por isso esse sentimento simplesmente não desapareceria, e se Cassius sentisse o mesmo...

Eles não poderiam manter o segredo guardado indefinidamente. Eles tinham ficado em silêncio para evitar magoar Eliza, mas e se ela descobrisse de qualquer maneira? Como ela ficaria furiosa por ter ficado no escuro novamente.

Ah, mas o que podiam fazer?

Cassius e Jules quase arruinaram tudo com sua briga estúpida na semana passada, e ela ainda estava muito irritada com eles, os idiotas. Por que os homens sempre acham que resolver problemas através da violência é uma abordagem válida? Ambos eram uns imbecis, e ela os havia chamado assim, embora, verdade seja dita, tivesse ficado tocada ao descobrir que Jules teria corrido em seu socorro sem hesitação. Ainda assim, Eliza os havia surpreendido, e somente um rápido raciocínio de Cassius havia acalmado a situação. Lottie não pôde deixar de se perguntar se eles haviam feito o certo, se não deveriam ter confessado tudo desde o início. Oh, meu Deus, que confusão.

— Você deve estar animada para esta noite.

Lottie olhou para cima, arrancada de seus pensamentos confusos pela voz suave de Matilda.

— Lembro-me da emoção de um baile, de me preparar e esperar ansiosamente para ver todos os meus amigos, e pensar se encontraria um certo cavalheiro, é claro — disse ela, com um sorriso. — Você vai dançar com Cassius?

Lottie suspirou profundamente. Ai, Senhor. Ela sabia.

Matilda balançou a cabeça. — Não fique tão apavorada. Não disse nada, e nem direi, embora eu não ache que você manterá seu segredo por muito tempo. Você mostra seus sentimentos abertamente e o olha como se ele fosse a pessoa mais extraordinária do universo.

Lottie engoliu em seco.

— Eliza está muito distraída para notar, ou já teria feito até agora. Não consigo evitar sentir que seria melhor se você apenas lhe dissesse a verdade. Ela é sua irmã.

— N-não consigo suportar machucá-la — disse Lottie. — Queria não o amar. Queria poder fazer isso parar, que pudesse ser qualquer outra pessoa, mas...

Matilda respondeu com um sorriso de tanta compreensão que a garganta de Lottie se apertou. — Mas o amor acontece onde tem que acontecer e talvez não compreendamos o porquê, apenas que é assim.

— Sim.

— Eu sei — disse Matilda, com um suspiro. — Lembro-me como se fosse ontem. Odiei Lucien por tanto tempo, mas havia tantos segredos, tantas mentiras e coisas que eu não compreendia. A verdade tornou muito mais fácil amá-lo, mesmo que estivesse longe de ser fácil.

Ela se levantou e alisou o vestido. — E agora, eu devo começar a me arrumar para o baile desta noite. É triste admitir, mas agora leva muito mais tempo do que antes.

— Não acredito nisso — disse Lottie, falando sério. — Você é linda e tão elegante.

Matilda exibiu um sorriso deslumbrante. — Oh, obrigada, minha menina. Você tornou a noite perfeita antes mesmo de ela começar.

— É verdade, e obrigada — disse Lottie sinceramente. — Por seus conselhos. Vou pensar sobre isso.

Matilda assentiu, dirigindo-se para a porta e, então, parou.

— Você tirou um desafio? — perguntou ela.

Lottie corou ao lembrar-se, mas assentiu.

— Que perfeito — disse Matilda, alegremente. — Que comecem os jogos.

E, com esse comentário enigmático, ela deixou Lottie sozinha.



— Como vai, Cass?

Cassius virou-se ao sentir a mão em seu ombro e viu seu Tio Jerry sorrindo para ele.

— É bom te ver — disse ele, apertando a mão do tio. — Tia Bonnie está aqui?

— Sim, provavelmente causando caos entre seus convidados, ou tentando encorajar nossas meninas a isso. Vejo que sua mãe continua tão organizada como sempre.

Cassius olhou para onde sua mãe estava ticando os últimos itens de uma lista tão longa quanto seu braço, com precisão e calma enquanto os criados se apressavam em obedecê-la. Seu pai estava relaxando em uma cadeira, girando despreocupadamente uma taça de vinho e observando-a com uma expressão absorta. Cassius sorriu.

— Wellington não seria capaz de superá-la.

— Pronto — disse sua mãe, abaixando a lista com um sorriso satisfeito e ajustando os óculos que caíam no nariz. — Acredito que tudo está em ordem, e eu mereço uma taça de champanhe.

— Harriet, você é assustadoramente eficiente — disse Jerry, mas obedientemente serviu uma taça para ela.

— Verdade, eu sou, não? — disse ela, aceitando a taça com um sorriso e dando um gole. — Ah, assim é melhor. Agora, Jasper, Cassius, é melhor descermos. Os convidados chegarão em breve.

Embora muitos de seus amigos mais próximos tivessem chegado mais cedo naquele dia e fossem pernoitar, muitos outros viriam dos arredores para participar de um evento considerado um dos pontos altos do verão. A Condessa de St. Clair era vista como excêntrica, e ninguém parecia ter a menor ideia de como ela tinha conquistado o coração do homem mais cobiçado da alta sociedade todos aqueles anos atrás, mas seus bailes de verão se tornaram lendários. Alguns até diziam que ela fazia um trabalho melhor do que sua antecessora, a falecida Condessa Viúva de St. Clair, o que era o maior elogio que qualquer um poderia dar.

Cassius normalmente gostava muito dos bailes. Era uma oportunidade para encontrar seus amigos e familiares, rir, flertar e dançar com várias moças bonitas. Mas esta noite seria um teste de resistência, pois ele não ousava passar muito tempo com Lottie, com medo de que poderia revelar a verdade. Evitá-la tinha sido quase uma tortura na última semana, e Cassius tinha decidido que já bastava. Eles precisavam contar para Eliza o mais rápido possível. Manter segredos só pioraria as coisas a longo prazo e ele precisava aprender com seus erros. Provavelmente, a tarde do dia seguinte seria a oportunidade mais próxima possível e eles deveriam aproveitá-la. Ele pretendia passar tempo suficiente com Lottie esta noite para persuadi-la a aceitar a ideia. Ele sabia que ela não iria gostar nada dela, mas ela odiava ainda mais enganar sua irmã, e ele sentia que seria um alívio para ela colocar tudo em pratos limpos. Certamente, Eliza não poderia ficar brava com Lottie por muito tempo. Ele a conhecia bem o suficiente para ter certeza disso. Ou, pelo menos, ele *tinha* conhecido. Ela estava agindo de forma tão estranha ultimamente.

Eu realmente não te conhecia, não é?

Isso doeu mais do que ela podia imaginar. Porque ela o conhecia, melhor do que qualquer pessoa, exceto Lottie. Embora talvez ele devesse dizer o mesmo para ela, pois não reconhecia a garota que ela tinha se tornado desde que ele admitiu que não queria se casar com ela. Ela estava distraída e irritada, assim como Jules tinha dito. Seria tudo culpa dele?

Ele não teve tempo para considerar o assunto, pois era hora de cumprimentar os convidados.

Cassius estava tão distraído que a maioria deles passou em um borrão de amenidades educadas, mas alguns se destacaram.

A irmã mais velha de Cat, Phoebe, e seu marido, Maximillian Carmichael, Conde de Ellisborough, estavam entre aqueles que ele estava muito feliz em receber.

— Seu pai está no salão de baile — disse ele para Phoebe. — Ele tem sido pior do que a pequena Cat, exigindo saber as horas, de tão impaciente que está em vê-la.

Phoebe riu de deleite e puxou o braço de seu marido. — Oh, vamos, Max. Mal posso esperar para ver todo mundo.

Cassius observou divertido enquanto Phoebe levava o marido em busca de Montagu e de sua mãe. Minerva e Inigo de Beauvoir chegaram em seguida, com seu filho adotivo, Hartley, que era alguns anos mais velho que Cassius.

— Cass — disse Hart, com um sorriso forçado, parecendo como se estivesse sendo escoltado para a forca para ter seu pescoço quebrado. Bailes realmente não eram sua ideia de diversão. Seu pai também não gostava muito de tais eventos.

— Mamãe separou uma seleção de títulos que podem te interessar na biblioteca — sussurrou Cassius para o pai de Hart, Inigo. O homem se animou perceptivelmente com essa possibilidade até sua esposa repreendê-lo.

— Nem pense em desaparecer ainda. Você me prometeu pelo menos duas danças — disse ela, batendo com seu leque de brincadeira no braço dele.

— Oh, como você me tortura, esposa. De que outra forma irei suportar o tédio?

Pelo olhar brilhante em seus olhos, Cassius tinha certeza de que o homem não teria problema algum em lidar com isso.

Cassius riu e estava prestes a cumprimentar o Barão e Lady Rothborn e seu filho, Larkin, quando algo o fez se virar. Sua respiração ficou presa na garganta ao ver Lottie descendo as escadas, e todo o resto dos convidados se tornou um borrão indistinto de som e movimento atrás dele.

Oh, meu Deus.

Oh, meu Deus, como ele poderia sobreviver a mais um segundo escondendo seus sentimentos? E, ainda assim, ele não estava escondendo-os, não naquele momento. Ele *não* conseguiria. Sua respiração tornou-se curta e sua boca seca, com o coração batendo erratically em seu peito. Pensamentos inteligentes de todo tipo levantaram uma bandeira branca e se renderam aos sentimentos. Eram muitos – amor e desejo e orgulho e culpa – desestabilizando seu equilíbrio, enviando ondas de desejo que queimavam como mil relâmpagos, derretendo o pouco que restava de seu cérebro em uma calda espessa, como açúcar dissolvido em água quente.

Ela estava vestida de rosa. Seu vestido e corpete, que expunham os ombros e uma provocante visão do decote, eram de um luxuoso cetim rosa. A cintura estava definida, revelando suas curvas, e a túnica aberta revelava uma anágua de renda com babados que flutuavam de maneira encantadora enquanto ela se movia. Ela estava uma delícia: com a roupa mais bonita que já existiu, apenas esperando para que ele a despisse.

Cassius engoliu em seco.

Ela deve ter identificado corretamente a expressão em seus olhos, pois suas bochechas coraram.

— Boa noite, Cassius — disse ela, e, então, baixou a voz. — Não me olhe assim.

— Não consigo evitar — murmurou ele. — Você está... você está... Esse vestido...

Ela olhou para si mesma e alisou com a luva de seda rosa os babados, suspirando de prazer, o qual não ajudou em nada a situação dele. — Ele é lindo, não?

— É indecente — disse ele, sentindo-se impotente. — Você fez isso para me torturar.

Ela olhou para ele, com uma expressão curiosa em seus olhos.

— Eu nunca... — protestou ela, e depois riu ao perceber que ele estava brincando.

— Como vou suportar ver você dançar com todos aqueles outros rapazes enquanto eu devo permanecer afastado?

Sua expressão animada desvaneceu, e ele se xingou mentalmente por diminuir o prazer dela naquela noite.

— Tudo bem — disse ele, rapidamente. — Eu vou sobreviver. Quero que você se divirta.

— Não podemos continuar assim. Eu não posso. Tenho que contar a ela — disse ela, com o lindo rosto determinado, embora houvesse medo em seus olhos.

Cassius sentiu um imenso alívio ao perceber que não teria que persuadi-la a fazer isso. — Eu sei. Também não posso mais. Amanhã. Vamos fazê-lo juntos, querida. Não precisa fazer isso sozinha.

Ela soltou um suspiro e assentiu.

— Vá, agora — disse ele, embora lhe doesse mandá-la embora. — Vá se divertir.

— Você vai dançar comigo? — perguntou ela, com um apelo nos olhos. — Vai parecer estranho se você não dançar comigo pelo menos uma vez.

Cassius assentiu. — Sim. Guarde para mim a última valsa.

Ela lhe deu um sorriso radiante que o fez sentir-se atordoado e zozzo e saiu andando com uma confusão de rendas e fitas cor-de-rosa convidativas.



Lottie acenou na direção do balcão onde seus irmãos mais novos e Cat estavam reunidos, observando atentamente as belas damas em seus vestidos encantadores e os cavalheiros, em trajes noturnos dramáticos em preto e branco, dançando com graciosidade. Ela se virou para sorrir para a irmã mais velha de Cat, Phoebe, que se juntou a ela, acenando para os espectadores acima. Phoebe já tinha filhos, não muito mais novos que Cat, que foram uma surpresa para seus pais.

— Deus nos ajude quando ela for maior de idade — disse Phoebe, com diversão dançando em seus olhos azuis. — Acredito que papai está mais alarmado com essa perspectiva do que estava com a minha apresentação, e isso não é pouca coisa. Ela tem algumas ideias terrivelmente perigosas sobre amor e romance e redimir homens infames. Tenho medo só de pensar nisso.

Lottie riu, embora suspeitasse que as preocupações de Phoebe fossem bastante válidas. Todos sabiam que Cat tinha sede de romances e que iria atrás deles, não importando o quanto seus pais a repreendessem. A própria história deles era lendária, imortalizada pela mãe de Lottie em seu romance, *A Águia e o Cordeiro*. O livro havia sido uma sensação e nunca saiu de circulação. Não era de se estranhar que a garota tivesse tais ideias.

— Como está Eliza? — perguntou Phoebe, com preocupação em seus olhos, fazendo a culpa pesar no estômago de Lottie como um pedaço frio de chumbo.

— Oh, ela está bem. Incrivelmente linda, é claro — disse Lottie, despreocupadamente, odiando-se por isso.

Phoebe lhe lançou um olhar inquisidor que a fez se sentir bastante mal.

— Ela se recuperou do que aconteceu com Cass, então?

Lottie engoliu em seco.

— Não sei — disse ela, desoladamente. — Para ser honesta, não falamos muito sobre isso, mas... mas ela não está sendo ela mesma no momento.

— Não está. Eu também achei isso. Cumprimentei-a mais cedo e acho que ela perdeu totalmente o brilho — disse Phoebe, pensativamente, e, então, sua expressão mudou para uma de alegria evidente ao avistar Louis César com Eliza no braço, movendo-se em direção a elas.

— Louis César! — exclamou Phoebe, enquanto o homem também ria com prazer.

— Condessa Ellisborough. Parece que foi ontem. Você não mudou nada.

— Oh, que exagero — disse Phoebe, rindo enquanto o olhava descaradamente, de cima a baixo. — Você certamente *amadureceu* em dez anos, mas naquela época você era um belo jovem, então, isso não me surpreende. Minha nossa.

Louis César riu. — Eu prezo minha vida, madame. Não desejo que seu marido me desafie para um duelo.

— Ela está flertando novamente? — perguntou uma voz grave atrás de Lottie.

Ela se virou e viu o marido de Phoebe, Max, se juntar a eles. Ele segurou firmemente a mão de sua esposa.

— Você é incorrigível, sua criatura terrível. Deixe o pobre homem em paz e venha dançar com seu marido velho e chato.

Phoebe deu uma risadinha, mas permitiu-se ser arrastada – embora de forma nada relutante – para a pista de dança.

— Talvez possamos nos juntar a eles? — perguntou o *comte* a Eliza, que inclinou a cabeça e deu-lhe um sorriso que Lottie não achou que alcançasse aos olhos.

— Eu ficaria encantada — disse ela.

Lottie observou, com o coração aflito, enquanto eles se juntavam aos outros na pista de dança.

Capítulo 14



Querido diário,

Bailes são maravilhosos. Mal posso esperar para crescer e usar vestidos lindos e me divertir com meus amigos – oh, e me apaixonar, é claro! Há tantas pessoas aqui, todos os nossos amigos e familiares e muitas que eu não conheço também. Meus irmãos, Philip e Thomas, vieram e certamente eram os homens mais bonitos aqui esta noite, com exceção, é claro, de papai e, suponho, Louis César. Talvez eu seja um pouco parcial a favor de Pip e Tom, pois eles são os melhores irmãos do mundo.

– Trecho de uma anotação no diário de Lady Catherine 'Cat' Barrington, filha mais nova do Marquês e da Marquesa de Montagu.

14 de julho de 1838, Holbrook House, Sussex.

Eliza olhou para trás, aliviada ao descobrir que tinha conseguido evitar Louis César. Ela devia estar fora de si. Ele era deslumbrante, espirituoso, charmoso, e havia uma aura de perigo nele que ele geralmente escondia, mas ela capturava alguns vislumbres disso ocasionalmente. Ao invés de ser desencorajador, isso apenas contribuía para torná-lo atraente. No entanto, ela não conseguia parar de pensar em um certo homem muito mais perigoso, um que não se dava ao trabalho de esconder o que era. Por que será que ela estava tão impressionada com um sujeito que parecia odiá-la, ela simplesmente não conseguia entender. Seria orgulho ferido, talvez? Será que ela esperava que todos os homens que a conhecesse a admirassem? Talvez descobrir um que não a admirasse fosse como uma pedra no sapato,

uma irritação constante. Eliza considerou essa ideia, tentando ser honesta consigo mesma. Não. Não, ela não era tão convencida assim. Só que era algo tão inesperado. Ela tinha sido educada e acolhedora, e o olhar nos olhos dele quando a viu pela primeira vez...

Oh, ela era uma grande boba. Não havia outra palavra para descrever o que era.

— Boa noite, Eliza.

Ela se sobressaltou, surpresa por ser abordada diretamente por Cassius. A situação era tão ridícula – especialmente considerando que ele tinha sido seu melhor amigo a vida toda – que ela sentiu um aperto na garganta.

— Cassius — disse ela, com um tom um pouco mais frio do que pretendia. Ela forçou um sorriso para compensar.

— Você está linda esta noite.

Ela sorriu de verdade desta vez, embora quisesse chorar. Geralmente ele a insultava, da forma que amigos muito próximos faziam, com palavras provocadoras que a faziam rir, o que tornavam o sério negócio de ser a dama perfeita um pouco mais suportável.

— Não pareço um bolo de noiva exageradamente decorado, então?
— disse ela, tristemente.

Algo acendeu nos olhos dele. Seria esperança?

— Bem, eu não queria dizer nada, mas...

Sua voz era grave, sua expressão séria e, apesar de tudo, Eliza riu. Ah, que alívio foi conseguir se livrar um pouco da sua agitação e rir com uma amiga – sua melhor amiga.

— Azul, Eliza? Sério? Existem outras cores no mundo.

— Ah, mas eu não tenho imaginação, como você bem sabe.

Ele sempre a provocava com isso. Lottie era a que tinha imaginação. Lottie, que inventava histórias mirabolantes e tramava aventuras ridículas que Eliza nunca realmente entendia. Era ela que queria se

molhar e se sujar e depois ser repreendida pelo simples prazer da coisa, quando se podia muito bem passar um tempo perfeitamente agradável e se manter limpa sem se meter em encrenca alguma. Só que agora ela desejava *ter* se metido em mais encrencas. Talvez, se tivesse feito isso, essa estranha e inesperada sensação de estar presa em uma armadilha feita por ela mesma não a atormentasse tanto.

Cassius a encarou e, de repente, o clima entre eles ficou novamente desconfortável. Ela desejava que ele se afastasse. Era muito perturbador estar com ele, esse homem que havia sido seu amigo, mas que agora parecia estar escondendo segredos dela.

— Eliza — disse ele, com um tom de súplica na voz. — O que você disse...

— Ah, e aqui está você, Cassius, e a bela Lady Elizabeth também! Meu cálice transborda.

Eliza gemeu internamente quando um parente de Cassius apareceu. O homem era um primo distante do pai de Cassius, Eliza se lembrava bem do sujeito; mas sua mente divagava, as palavras deles a envolvendo enquanto ela buscava uma brecha para se afastar.



Cassius queria socar o primo de seu pai de tanta frustração que sentia, uma reação com a qual ele sabia que seu pai se simpatizaria, pois o sujeito era um chato prosaico. Como as boas maneiras não apenas não permitiam isso, mas o forçavam a suportar a ladainha do homem com um sorriso no rosto, ele apenas fervia de impaciência. Ele podia ver que Eliza esperava a primeira oportunidade para escapar. A qualquer momento, ela sairia correndo como um galgo atrás de uma lebre. Por um momento, parecia como nos velhos tempos, e ele queria isso de volta. Se ele tivesse se apaixonado por qualquer pessoa que não fosse Lottie, sabia que poderia ter lidado com toda essa situação muito melhor. Sem dúvida, até agora, Eliza estaria lhe oferecendo conselhos

sobre como resolver essa situação ridícula, exceto que, se ela soubesse da verdade, não haveria situação para resolver.

Argh.

Ele, então, percebeu como era estranho ver Eliza claramente entediada com a situação e querendo se afastar. Até algumas semanas atrás, ela teria ouvido atentamente o sujeito terrível, demonstrando interesse em cada palavra proferida. Mesmo que estivesse desesperada para escapar do terrível primo de seu pai e de uma história presunçosa sobre quanto dinheiro ele havia gastado em um magnífico cavalo e o quão exímio cavaleiro ele era, ninguém seria capaz de perceber. Lottie teria se movido impacientemente e feito o seu melhor para ser cortês antes de inventar uma desculpa urgente para estar em outro lugar. Eliza teria aguentado. Até agora.

Ele a viu respirar profundamente, preparando-se para interromper o fluxo interminável de baboseiras do homem e fugir, quando seus olhos se arregalaram. Todo o sangue desapareceu de seu rosto e, em seguida, retornou em uma onda frenética de rosa que subiu pelo peito e pescoço e se instalou bem no alto de suas bochechas.

Cassius seguiu seu olhar e viu Louis César se aproximando deles, com seu irmão Nic.

— Você nos daria licença? — disse ele, aproveitando a oportunidade para se livrar da conversa tediosa. — Acabo de ver um convidado que ainda não cumprimentei, e não posso esquecer minhas boas maneiras. Acompanhe-me, Eliza.

Ele puxou o braço dela, olhando para ela com surpresa quando ela não aproveitou a oportunidade para escapar com ele. Ela estava enraizada no local e, quando ele colocou a mão em seu braço, sentiu-se certo de que ela tremia.

— Eliza? Você está bem?

— Sim — disse ela, com a voz fraca, em seguida, respirou profundamente e ergueu o queixo. — Sim, claro que estou.

Cassius franziu a testa para ela, mas ela lhe lançou um olhar impaciente, e eles foram encontrar Louis e Nic.

— Que bom que se juntou a nós, velho amigo — disse Cassius, apertando a mão de Nic. — Foi algo que dissemos?

Os olhos escuros de Nic estavam semicerrados, não revelando nada, mas ele deu de ombros. — Eu tinha que *trrratar* de negócios.

Lentamente, seu olhar foi de Cassius para Eliza. — Devo-lhe um pedido de desculpas, Lady Elizabeth, por partir tão abruptamente. *Esperro* que me perdoe.

— Na verdade, você não me deve nada — disse Eliza, com a voz fria e mordaz. — Você deve pedir desculpas a Lorde e à Lady St. Clair por desaparecer daquele jeito. Eu sou apenas uma convidada aqui. Suas idas e vindas não são da minha conta, posso lhe assegurar. Com licença, senhores, *Sr. Demarteau*.

Cassius fitou-a boquiaberto, claramente surpreso com seu desdém, olhando para o perfil arrogante de Eliza enquanto ela se afastava. Ele virou-se para Nic, que a observava se afastar, com algo brilhando em seus olhos que Cassius não gostou. Louis César soltou uma gargalhada.

— *Mon Dieu*, você certamente causou uma impressão ali, e não pela primeira vez.

Nic resmungou e encarou, aborrecido, a taça de champanhe em sua mão. — Está muito quente aqui dentro, e *prreciso* de uma bebida decente.

— Preciso, Nic. Não pronuncie o “r” arrastado. Devemos falar inglês corretamente — disse Louis, com um tom de zombaria.

Seu irmão o encarou com raiva e Cassius sorriu.

— Vamos para a casa de verão — sugeriu ele. — Tenho uma garrafa de conhaque guardada lá que acho que pode ser do seu agrado.

Era evidente que Nic estava de mau humor naquela noite e, como Cassius conhecia bem o homem, isso sempre significava problemas à

vista. Dadas as circunstâncias, era melhor levar Nic o mais longe possível dos convidados.



Cassius encheu seu copo novamente. Sem dúvida, ele se arrependeria disso pela manhã, e tinha certeza de que levaria uma bronca da mãe por ter desaparecido tão cedo na noite. No entanto, era bom estar com seus amigos novamente. Isso o lembrava de muitas noites na França com seus amigos, bebendo demais e falando besteiras metade do tempo, discutindo ferozmente sobre arte e livros, e a vida em geral. Geralmente, acabava com ele mencionando sua casa, à medida que a nostalgia crescia conforme ele ficava mais embriagado. Ele falaria com entusiasmo sobre Holbrook, sobre sua vida lá e sua família, e mais frequentemente sobre Eliza e Lottie e como sentia falta de ambas. Como era estranho, estar de volta ali, finalmente, com seus amigos, e, ainda assim, sentir tanta falta de Eliza e Lottie que seu peito chegava a doer. Ele precisava voltar para casa em breve, pois havia prometido uma dança a Lottie. Embora fosse uma coisa perigosa a se fazer, ele não perderia isso por nada neste mundo.

— Isso é horrível — disse Nic, olhando com repugnância para a natureza morta que ele havia pintado outro dia.

Cassius corou. Nic tinha um bom olho para arte e sabia do que estava falando. Sua opinião importava para Cassius e o comentário doeu, pois ele sabia que era verdade.

— Sim, é. Eu sei — disse ele, franzindo a testa para o copo. — Não consigo me concentrar em mais nada.

— Consciência pesada?

Cassius olhou para Nic surpreso, um pouco desconcertado pelo tom do sujeito, ele parecia irritado. Ele então olhou para Louis César, que pigarreou.

— Eu contei a ele sobre Eliza.

— Você enlouqueceu? *Fils à Putain!* — exclamou Nic, com tanta fúria que Cassius só conseguiu encará-lo. — E por que diabos você nunca nos contou que estava noivo dela?

— Porque eu não estava! — retrucou Cassius. — Foi apenas um acordo que fizemos quando ainda éramos crianças, e para a sua sorte, Louis César parece ter assumido rapidamente o meu lugar.

Ele soube imediatamente que não deveria permanecer ali quando viu Nic ficar petrificado, mas antes que as coisas pudessem sair do controle, Louis César interveio, como costumava fazer quando Nic estava prestes a explodir.

— Cassius, acho que deveríamos tomar um pouco de ar fresco. Vamos deixar Nic aproveitar para criticar seu trabalho em paz. Pensar em algumas observações cortantes vai fazê-lo se sentir melhor. Quando voltarmos, ele poderá dizer o quão terrível é, e você poderá dizer a ele que ele é um idiota, e tudo ficará bem, sim?

Sem esperar por uma resposta, Louis pegou Cassius pelo braço e o arrastou para fora à força. Ele não parou até que estivessem ao lado do lago, encarando a água preta cintilante.

— O que diabos há de errado com ele? — exigiu saber Cassius.

— Não faço a menor ideia — disse Louis. — Ele não quer me contar. Você o conhece bem o suficiente agora para entender que Nic tem uma alma atormentada. Ele não tem paz de espírito. Ele não é naturalmente descontraído, e seu temperamento é instável, na melhor das hipóteses, mas... mas não tenho certeza do que está acontecendo. A menos que...

Louis César balançou a cabeça, frustrado, e olhou para o lago, perdido em pensamentos.

Eles ficaram em silêncio por um bom tempo.

— Você pretende se casar com Eliza?

Ele sentiu Louis César se virar para olhá-lo.

— Se ela me aceitar — disse ele, baixinho. Louis soltou uma leve gargalhada. — O que, para minha consternação, acho que não irá acontecer. Eu não acho que sua Eliza esteja muito impressionada com meu charme. É um golpe terrível para o meu ego, eu lhe asseguro.

— Ela não é *minha* Eliza — disse Cassius.

— Não. Para meu grande alívio. Eu não desejaria tê-lo como oponente na briga por seu coração.

— Você será um bom marido para ela? — Cassius virou-se para olhar seu amigo nos olhos. Ele nunca tinha visto olhos de azul tão intenso quanto os de Louis César, e olha que ele tinha pintado o *comte* mais de uma vez, tentando capturar o espírito volúvel que via ali.

— Não sei — respondeu Louis, com sua habitual franqueza. — Só posso prometer que vou tentar.

— Espero que se esforce muito, Louis — disse Cassius, sabendo que Louis ouvia a ameaça por trás de suas palavras. — Ela é minha amiga, e não vou permitir que seja magoada ou humilhada.

Louis arqueou uma sobrancelha, e Cassius sentiu um aperto no estômago.

— Você não precisa me dizer que fiz exatamente isso. Estraguei tudo. Acredite em mim, sei que sou um completo canalha. Eu me odeio.

Louis deu de ombros. — Você não pode evitar se não a ama, ou... há mais alguma coisa? Outra mulher talvez?

Não foi a primeira vez que Cassius xingou a perceptividade de Louis. Só podia esperar que Louis não tivesse adivinhado a identidade da mulher. Tentando mudar de assunto, ele fez um gesto na direção da casa de verão. — É melhor voltarmos. Ele já viu tudo o que fiz na França e é tudo do mesmo. Se não nos apressarmos, ele decidirá que é tudo imprestável e colocará fogo em tudo.

Ele não teve certeza se conseguiu distrair Louis do assunto, mas seguiu Cassius de volta à casa de verão. Ao se aproximarem, Cassius viu

Nic através da porta aberta, a luz de velas iluminando suas costas, com uma pasta de couro aberta em suas mãos.

Capítulo 15



Minha querida Kitty,

Vou sentir sua falta no baile deste ano. Você se lembra daquele verão aqui em Holbrook anos atrás, quando vestimos o urso de pelúcia de Jasper com trajes de gala? Meu Deus, como isso parece ter sido há tanto tempo, e, ainda assim, é como se fosse ontem. O verão sempre parece ter um toque de romance, como se o ar estivesse cheio de possibilidades, precisando apenas de uma faísca para se inflamar. Meu Deus, olha para mim escrevendo sobre romance! Jasper está me contagiando após todos esses anos. Ainda assim, não posso deixar de me perguntar que emoções o baile deste ano nos trará. Certamente há algo no ar.

– Trecho de uma carta de Harriet Cadogan, Condessa de St. Clair (mãe de Cassius), para sua velha amiga e Senhorita Peculiar, Kitty Baxter, Condessa de Trevick.

14 de julho de 1838, Holbrook House, Sussex.

Lottie olhou de soslaio para o pai. Estava ficando terrivelmente abafado dentro de casa e ele tinha levado ela e Eliza para um passeio no jardim para tomar um pouco de ar fresco. O pai de Cassius, o conde, também tinha vindo, e ambos os homens estavam profundamente envolvidos em uma conversa.

Lottie e Eliza os seguiam, apreciando o ar mais fresco. Lottie tinha dançado a noite toda, fazendo o possível para aparentar normalidade, como se estivesse se divertindo, mas seu coração estava com Cassius.

Não conseguia evitar pensar nele, por mais que tentasse. Oh, como ele estava esplêndido esta noite. O marcante traje de gala em preto e branco realçava sua beleza dourada e havia sido perfeitamente ajustado ao seu físico impressionante. Ela permitiu que sua mente voltasse ao dia em que o pegara nadando nu no lago e lembrou-se de seus ombros largos, aqueles braços fortes e peito musculoso, e a forma como a água escorria por seu corpo, indo em direção ao...

— Tem uma luz acesa na casa de verão — disse Eliza, com a voz divertida. — Cassius deu uma escapada.

Lottie sentiu o calor subir pelo pescoço enquanto Eliza falava de Cassius exatamente quando ela estava pensando nele nu, molhado, esplêndido e... meu Deus. Algo no seu baixo ventre se contraiu de desejo ao pensar na casa de verão, em seu olhar sobre ela, quente e palpável de desejo enquanto a desenhava, esparramada na seda e veludo do divã.

— Vocês voltaram a ser amigos? — perguntou Lottie, fazendo um esforço sobre-humano para manter seus pensamentos longe de assuntos tão pecaminosos, mas fracassando miseravelmente. Tudo o que conseguia ver era Cassius, tudo o que queria era sentir sua pele na dela, o peso de seu corpo pressionando-a para baixo. Oh, céus, ela iria explodir se continuasse assim.

— Não exatamente — disse Eliza, com um suspiro. — Mas voltaremos. Só estou... Oh, Lottie, eu só queria que ele tivesse sido honesto comigo. Eu sei que ele estava certo, não estávamos apaixonados, não do jeito que deveria ser, e ele estava certo em dizer aquilo, só que agora eu me pergunto sobre tantas coisas. Como pude ignorar tão completamente a verdade, e ao fazer isso, perceber quão bem conheço a mim mesma. Todas as coisas em que confiava se foram e eu estou... estou perdida.

— Eliza — disse Lottie, com o coração batendo muito rápido. Ela sabia que Cass queria que eles contassem juntos a Eliza, mas não suportava mais. — Eliza, posso te contar uma coisa, por favor?

— Claro — respondeu Eliza, com preocupação no olhar, e ali estava a irmã que Lottie conhecia e amava, aquela que faria qualquer coisa por quem ela se importasse. — Você sabe que pode confiar em mim, Lottie. Então, por favor, diga-me por que você tem estado tão desanimada esses últimos dias? Espero que não tenha sido por minha causa.

— Em parte — admitiu Lottie, reunindo coragem. Estavam se aproximando da casa de verão e ela podia ver duas figuras caminhando do lago. — Mas não vamos discutir isso aqui. Podemos voltar para dentro? Podemos ir para o meu quarto e...

Ela parou de falar subitamente ao ouvir um brado de fúria. O som era selvagem e primitivo, e ambas olharam para a casa de verão e viram...

Meu Deus, era... era o Sr. Demarteau e...

Lottie assistiu, horrorizada, enquanto Demarteau voava na direção de Cassius e o socava na altura do estômago. Cassius se dobrou, recuando e endireitando-se, para em seguida se lançar na direção do Sr. Demarteau.

Eliza gritou e saiu correndo, mas seu pai e o conde foram mais rápidos, entrando na briga e despartando os dois homens com dificuldade enquanto eles se debatiam e resistiam, e Louis César interveio para ajudar.

Lottie correu até Cassius, cujo lábio estava sangrando. Ele respirava com dificuldade, e seu rosto estava vermelho. Um tanto surpreendida, viu Eliza correr na direção do Sr. Demarteau e, então, parar abruptamente a certa distância dele.

— O que você estava pensando? — exigiu saber dele.

Demarteau não disse nada, seu olhar fixo em Cassius.

— O que diabos está acontecendo aqui? — perguntou seu pai, e Lottie estremeceu.

Na maioria das vezes, aquele homem feroz era simplesmente o *papai* a quem adoravam. Ele era amoroso, indulgente e terrivelmente superprotetor, mas, de vez em quando, eram lembradas exatamente de quem e o que ele era.

Nenhum dos homens falou, apenas encararam-se ressentidos.

— *E então?* — vociferou o pai. — Respondam-me, maldição!

Como permaneciam teimosamente em silêncio, ele voltou sua atenção para Louis César.

— Não faço ideia — disse o *comte*, parecendo tão atordoado quanto todos os outros.

— Cassius — disse o conde. — Do que se trata isso?

Lottie viu a mandíbula dele se contrair, mas ele nada disse, então o conde virou-se para o Sr. Demarteau.

— Acho que você deve partir.

— Não — disse Cassius, quebrando o silêncio. — Não. Isso... isso não foi culpa dele.

— Não foi culpa dele? — retrucou seu pai. — Vimos ele sair furioso da casa de verão e te atacar!

Cassius cerrou os dentes, mas falou novamente. — Ele foi provocado.

O duque desconsiderou isso. — Mesmo assim, não podemos permitir tal comportamento. Um cavalheiro não sai por aí espancando seu anfitrião em um baile. Vocês poderiam pelo menos esperar pelo momento e lugar adequados, e agir como cavalheiros.

— Pistolas ao amanhecer — zombou Demarteau, não se ajudando muito.

— *Ta gueule!* — murmurou Louis César, olhando fixamente para o irmão.

Demarteau fechou a boca abruptamente, com um músculo em sua mandíbula pulsando.

— Alguém vai explicar o que está acontecendo?

Todos olharam para Eliza com surpresa, espantados por seu desabafo.

— Bem, é evidente que algo está acontecendo — disse ela, levantando as mãos. — Todos nós sabemos disso, só não sabemos o que é.

— Não há nada acontecendo — disse o Sr. Demarteau, embora parecesse estar se contendo com esforço para não avançar novamente contra Cassius. — Simplesmente eu não sou um cavalheiro, como você pode perceber, e tenho conceitos um tanto distorcidos sobre o significado de comportamento honroso. Sinto muito mais uma vez, milady. Deixo você com seus passatempos.

Ele fez uma reverência rígida e se afastou. Louis César correu atrás dele e Eliza os observou partir por um longo momento. Então, ela se virou novamente para Cassius.

— Vocês estão todos loucos! — exclamou ela, com raiva, e saiu correndo com um farfalhar frenético de saias.



Já era tarde quando Lottie acompanhou Eliza até seu quarto e permitiu que ela desabafasse sobre homens idiotas e seu comportamento ridículo e bárbaro. A maioria dos convidados que havia chegado de carruagem já havia se despedido, e aqueles que ficaram tinham subido para seus quartos. Felizmente, apenas seu pai e o conde testemunharam a cena entre Demarteau e Cassius, então, ninguém mais ficou sabendo. Parecia que o Sr. Demarteau havia partido imediatamente, retornando a Londres, ela imaginava, ou onde quer que estivesse todo esse tempo. Lottie não conseguia entender por que ele havia atacado Cassius. Eles eram amigos. Não fazia sentido.

Embora estivesse cansada, Lottie não queria ir para a cama. Ela desejava que o baile não tivesse acabado ainda, pois tinha perdido sua dança com Cassius, já que o pai dele o havia levado para seu escritório. Ela não tinha dúvidas de que o conde queria uma explicação completa e franca do que havia acontecido, e sentia pena de Cassius por ter que passar por isso. Com um suspiro de frustração, ela perambulou pela vasta casa até chegar à sala de aula. Estava vazia agora, as crianças já tinham ido para a cama há muito tempo, mas estava cheia de memórias. Esse era o contexto de muitas das reminiscências de sua infância, quando o tempo estava muito ruim para brincar lá fora, ou quando Lottie não conseguia persuadir Eliza a se juntar a ela em qualquer travessura que ela tivesse sugerido.

Havia um sofá velho e surrado no canto, com uma mesinha de cada lado. A mesinha estava empilhada com livros, como sempre. Eles costumavam se amontoar ali juntos para ouvir Eliza ler para eles, já que ela era a melhor nisso. Ela interpretava os papéis, mudando sua voz para combinar com os personagens e fazendo com que eles rissem às vezes com o jeito cômico como ela dizia as coisas. Eliza talvez não tivesse muita imaginação, mas observava com perspicácia as pessoas e seus maneirismos. Lottie se jogou no sofá com uma confusão de saias e anáguas e suspirou, inclinando a cabeça para trás e fechando os olhos.

— Engraçado, sabia que te encontraria aqui.

— Cassius! — exclamou ela, de olhos arregalados. — O que diabos aconteceu?

Ele balançou a cabeça e veio sentar-se ao lado dela. — Vou te contar daqui a pouco. Só... espere um pouco. Minha cabeça ainda está zumbindo depois da *conversinha* com meu pai.

— Ele ficou muito bravo?

— Não muito. Acho que meu pai nunca fica *muito* bravo – bem, a menos que alguém irrite minha mãe. Não, ele só estava frustrado porque eu me recusei a dizer sobre o que se tratava.

Lottie queria desesperadamente perguntar a mesma coisa, mas ele havia dito que precisava de um momento, então, controlou a língua. Ela o observou, à luz do luar, que destacava os contornos bem-definidos de seu perfil, o nariz longo e reto e sua mandíbula marcada, aqueles lábios esculpidos que eram tão macios e...

— Maldição, Lottie, não me olhe desse jeito. Já estamos metidos em problemas suficientes — disse ele, com pesar.

— Desculpe — sussurrou ela. — Não consigo evitar. Não consigo parar de pensar em você, na outra noite.

— Eu também não. — Ele estendeu a mão e entrelaçou os dedos deles. — Fale sobre algo divertido — disse, com um suspiro, inclinando a cabeça para trás e encarando o teto. Lottie fez o mesmo, mas virou a cabeça para observá-lo.

— Estava recordando desta sala e de estarmos aqui quando éramos crianças. Você se lembra da Eliza lendo para nós e fazendo todas aquelas vozes? — perguntou ela.

Cassius riu. — Lembro, sim. Como ela era engraçada. Ela ainda faz isso?

— Não com frequência — admitiu Lottie. — Embora ela faça para as crianças se mais ninguém estiver por perto para ouvir. Ela tem pavor de fazer papel de boba.

Ele virou a cabeça para encontrar o olhar dela e, embora a sala estivesse escura, ela não precisava de luz para lembrar exatamente da cor de seus olhos, aquele marcante tom turquesa que a fazia pensar em lugares quentes e ensolarados e mares exóticos.

— Você nunca se importou com isso, não é?

Lottie balançou a cabeça. — Não penso nisso. Apenas reajo, o que nem sempre é bom. Sou muito impulsiva.

— Como tirar suas roupas em uma casa de verão na frente de um sujeito indecente.

— Na frente do homem que eu amo — corrigiu ela, e ouviu a respiração dele falhar.

— Você me ama, Lottie?

Ela assentiu, as palavras carregadas de emoção. — Sempre amei, e foi tão terrível, Cass, fingir que não me importava que fosse Eliza que você queria. Eu estava com tanta inveja, e me senti tão péssima por ser uma criatura tão odiosa, por invejar minha própria... minha própria *irmã*.

Sua voz ficou rouca e trêmula, e Cassius passou o braço ao redor dela e puxou-a para perto.

— Você nunca poderia ser odiosa. Você não fez nada de errado. A culpa é toda minha por ser um imbecil e não ver o que estava bem na minha frente.

Lottie balançou a cabeça, incapaz de concordar com aquilo. — Oh, não. Nunca te culpei. Claro que você desejava Eliza. Ela é muito mais amável do que eu. Ela é gentil e tranquila e nunca perde a paciência, e ela é... t-tão perfeita que chega a ser irritante.

Cassius riu e Lottie emitiu um som de exasperação.

— Viu? Eu te disse que não sou amável.

— Eu acho que você é amável — disse ele, suavemente. — E acho que você é perfeita também, um tipo diferente de perfeita.

— Sim, do tipo imperfeito — retrucou ela, com um pequeno resmungo.

— Perfeita para mim. — Ele estendeu a mão e traçou o contorno dos lábios dela com a ponta do dedo. — Quando eu estive longe, aproveitei muito. Nos primeiros seis meses, eu estava imerso no meu trabalho e em tudo o que estava descobrindo. Fiz novos amigos, viajei, vi as paisagens mais belas, mas, pouco a pouco, percebi esse desejo por... por algo. No começo, achei que estava apenas com saudades de casa, de minha família e amigos, então, descobri que era de você e Eliza,

e era verdade. Só que... era você, Lottie, e só percebi isso naquele dia que você irrompeu pelo terraço.

Lottie sentiu o rosto esquentar.

— Eu queria me comportar bem e agir como uma dama. Eu queria mesmo, de verdade. Só que eu tinha guardado meus sentimentos por tanto tempo e quando te vi, tudo isso... tudo meio que explodiu dentro de mim. — Ela balançou a cabeça. — Papai diz que sou tão discreta quanto um elefante em uma loja de cristais, e ele está certo, sabia?

— Eu sei — disse ele, sorrindo enquanto ela lhe lançava um olhar indignado. — Eu gosto disso!

— Oh, impossível — protestou ela. — Eu sou terrivelmente desajeitada.

— Eu gosto disso em você — disse ele novamente, com firmeza. — É honesto. Você é honesta sobre o que sente e diz o que pensa. Eu admiro isso.

Ela ficou em silêncio por um momento, pensativa. — Você se lembra das Senhoritas Peculiares e do chapéu delas?

— Você quer dizer das amigas de nossas mães e seu chapéu com desafios?

Lottie assentiu. — Cat o encontrou, e Eliza e eu pegamos um desafio cada. O meu... o meu era ser indecente. Foi por isso que eu me despi para você. Bem, em parte por isso. Isso *foi* indecente, não foi?

Cassius ficou muito quieto, e ela observou o pomo-de-Adão dele subir e descer.

— Sim — disse ele, com a voz baixa e rouca.

Lottie sentiu um arrepio percorrer seu corpo, a excitação se agitando em seu ventre.

— Mas não tenho certeza se foi indecente o suficiente. Sabe... para completar o meu desafio.

Ela prendeu a respiração, observando-o fitá-la.

— Não foi?

Lottie sabia que não deveria, e tinha... bem, *tinha* sido indecente, mas esse era o desafio, não é mesmo? E qual seria o sentido de aceitar um desafio se fosse para mostrar covardia?



Eliza andava de um lado para o outro em seu quarto. Havia algo acontecendo, algo que não lhe estavam contando e isso a deixava furiosa. Todos sabiam que Cassius não queria se casar com ela e ela não seria pega de surpresa novamente. Desta vez, ela seria a primeira a descobrir.

Quando ela tinha visto o Sr. Demarteau e Cassius juntos mais cedo naquela noite, estavam perfeitamente amigáveis. Eles tinham escapado juntos do salão de baile com Louis César, sem dúvida depois de ela ter sido tão absurdamente rude com o Sr. Demarteau. Ela ainda não conseguia acreditar que tinha feito isso. Pior do que isso, ela tinha gostado. Ela tinha querido provocá-lo intensamente e tinha sido... libertador. Depois de anos e mais anos sendo educada, simpática e controlando a língua, ela tinha sido deliberadamente rude e... tinha sido maravilhoso. Ela queria fazer aquilo de novo. O mais rápido possível, e, preferencialmente, com o Sr. Demarteau. Ela ficou sem fôlego ao lembrar da expressão nos olhos dele.

Pare com isso.

Agora não.

Agora, ela queria saber por que ele tinha atacado Cassius, já que apenas alguns momentos antes haviam sido tão amigáveis. O Sr. Demarteau tinha estado sozinho na casa de verão, então, não poderia ter sido algo que Cassius tinha dito, a menos que talvez estivesse escrito ou....

Eliza parou de andar enquanto considerava isso. Poderia ter sido um desenho ou uma pintura que tivesse despertado sua raiva? Mas o

que poderia possivelmente...?

Bem, só havia uma maneira de descobrir.



Cassius estava prestes a sofrer um ataque do coração. Essa bela e terrível garota o mataria, e mesmo que ela não o fizesse, se alguém descobrisse sobre eles, o duque sem dúvida o faria. O duque arrancaria sua cabeça e a espetaria em uma estaca do lado de fora da porta da frente de Beverwyck como aviso para qualquer outro tolo presunçoso que pensasse em brincar com uma de suas filhas. Bedwin era conhecido por ser protetor com suas meninas. Só que as regras nunca tinham se aplicado a Cassius porque ele era da família. Todos tinham crescido juntos, brigaram, brincaram e escalaram árvores, mas... mas como aquela garota com joelhos esfolados e um espaço entre os dentes era a mesma que agora o chamava como uma sereia, tentando-o a se espatifar nas rochas quando caísse? Ele *iria* cair, era inevitável. Droga, ele já tinha caído, tinha se jogado de cabeça nesse seja lá o que fosse desde o momento em que tinha posto os olhos nela novamente.

Novamente.

Como poderia ser “novamente” se a sensação era como vê-la pela primeira vez? Ainda assim, era a mesma Lottie, e ao mesmo tempo não era. Ela ainda estava lá, aquela menina travessa brincando de pique-esconde e espiando pelos olhos dessa nova criatura que ela se tornara, essa tentação pecaminosa. Ele podia ver o brilho diabólico em seus olhos, ver a travessa curva de seus lábios, que repuxava os cantos. Cassius queria beijá-la ali, nos cantos da boca, ao longo do contorno elegante de seu pescoço, da ondulação seus seios...

— Não foi suficientemente indecente? — Sua voz era profunda e rouca de desejo, sua respiração acelerando-se.

Ela balançou a cabeça, fazendo os cachos dourados quicarem. Como se por conta própria, sua mão levantou para segurar um deles,

puxando-o levemente e observando com fascinação enquanto ele voltava a se enrolar.

— Você tirou toda a sua roupa — disse ele, lembrando da cena com uma clareza dolorosamente nítida para sua paz de espírito. — Cada peça.

— Não foi difícil — disse ela. — Eu só estava usando minha camisola e um xale.

Ele assentiu. — Mal estava usando. Ela era transparente.

— Era? — perguntou ela, com os olhos arregalados.

Ele assentiu novamente. Falar estava se tornando complicado e exigia muito poder cerebral quando seu sangue estava sendo redirecionado para lidar com demandas mais urgentes.

Lottie sentou-se, ajoelhando-se no sofá ao lado dele. Ele deveria ir embora. Oh, Senhor, ele já tinha passado por aquilo antes, perguntando-se “*o que devia fazer*”, mas o diabinho em seu ombro sabia exatamente o que ele ia fazer. Seu vestido farfalhava enquanto ela se movia, as camadas abundantes de anáguas, tule, seda e aqueles babados provocativos o atraíam, tentando-o a se aproximar, tentando-o a tocar.

— Ensine-me algo indecente — sussurrou ela, na escuridão. — Ensine-me algo que aquelas garotas estrangeiras gostavam, porque estou com muito ciúme delas.

Cassius estava consciente de seu coração acelerando, a expectativa tomando conta dele enquanto seu corpo ficava tenso e visões de tudo o que ele poderia ensiná-la dançavam em sua mente.

— Você não precisa ficar com ciúme — disse ele, falando sério. — Elas eram adoráveis e divertidas, e nos divertimos juntos, mas... mas não eram... não era *você*, Lottie, não significavam...

Ele hesitou e, então, pronunciou as palavras.

— Eu te amo. Acho que devo te amar há muito tempo, mas não sabia. Como eu podia não saber disso?

Ele sabia que soava perplexo, e estava. Como esse sentimento, que o havia engolido inteiramente da mesma forma que a baleia engoliu Jonas, poderia ter escapado à sua percepção? Como algo tão avassalador poderia não ter sido claramente óbvio? Ele não se enganava quanto à sua sagacidade. Com uma mãe como a sua, ele estava muito ciente de que sua mente não era nada fora do comum. Ele herdara o talento artístico de seu pai, mas não fora abençoado com a inteligência de sua mãe. No entanto, ele era inteligente o suficiente, certamente não era um idiota, nem um imbecil, ou pelo menos nunca pensara isso de si mesmo. Mas a coisa mais importante que já lhe ocorrera parecia ter acontecido sem que ele soubesse. Essa vasta emoção se instalara dentro dele e ali jazia como uma besta adormecida, pronta para saltar e sacudir seu coração com suas mandíbulas salivantes quando ele menos esperava.

— Você não precisa, Lottie — disse, embora a pequena voz em sua cabeça estivesse ameaçando batê-lo com o objeto pesado mais próximo se ele não se calasse. — Você não precisa fazer isso, fazer qualquer coisa, eu...

Mas, antes que ele pudesse dizer mais alguma coisa, ela se inclinou e beijou-o, e seu cérebro se transformou em geleia, enquanto tinha o efeito oposto em outras partes. Ela se afastou e ele se perdeu nos olhos dela, que cintilavam como um mar iluminado pela lua na escuridão, e no perfume dela: uma mistura provocante de jasmim e aquela essência cativante que ele não conseguia identificar, algo verde e herbal que lhe fazia salivar.

— Mostre-me algo indecente.

— Venha aqui — sussurrou ele, com a voz rouca, puxando-a para perto, incentivando-a a montar em suas coxas. Ela o fez, e camadas de tecido se agitaram enquanto ela se sentava, fazendo-o sentir como se abraçasse uma nuvem, uma sensação que não foi ajudada conforme seu perfume se tornava mais forte e se misturava com o perfume quente e delicioso de uma mulher, *dela*. Ele invadiu seus sentidos, tão potente

quanto a fumaça de ópio, diminuindo o pouco de racionalidade que lhe restava.

— Cassius — disse ela, olhando para ele, um pouco intimidada, mas determinada também, e era tão típico dela se jogar em algo imprudente por puro prazer, porque ela era a pessoa mais vivaz que ele já conhecera.

— Diga-me para parar e eu paro — prometeu ele, rezando para que ela não o fizesse, enquanto ele enfiava a mão por baixo das várias camadas de tecido.

Mas sob o vestido havia camadas demais, camadas e mais camadas com bordas de renda tremulando enquanto ele tentava encontrar seu caminho e era frustrado, descobrindo a cada vez um novo nível de tormento enquanto sua pele lhe era negada. O tecido provocante farfalhava enquanto ele colocava de lado cada anágua, com suas mãos frenéticas para encontrar um caminho por baixo delas.

— Meu Deus, Lottie, que espécie de artimanha diabólica é esta? — exigiu saber ele, rindo de frustração enquanto tentava em vão se enterrar por baixo delas. — Você está tentando me enlouquecer?

— É a moda — disse ela, com um suspiro impaciente. — É um incômodo também, são tão pesados e difíceis de andar, quanto mais dançar e... *oh!*

Finalmente, ele conseguiu, e sentiu uma onda de vitória tão grande como se tivesse escalado o maldito Everest. Certamente estava tão sem fôlego quanto. Como não poderia estar, quando suas mãos encontraram membros quentes e delgados, macios como seda? Suas mãos se demoraram na pele delicada atrás dos joelhos dela, movendo os dedos para frente e para trás. Lottie estremeceu.

— Eu ansiava por tocar você — disse ele, lutando para falar, pois sua respiração estava tão acelerada. — A imagem de você deitada no divã está gravada na minha mente. Eu a vejo constantemente, é um tormento para mim, tê-la tão perto e...

Ele não conseguiu dizer mais nada. Lottie claramente decidiu que ele já havia falado o suficiente. Ela inclinou a cabeça e pressionou a boca contra a dele, e Cassius suspirou. Ele se entregou a ela, permitindo que ela tomasse a iniciativa, como ela costumava fazer. Ela o beijou, inicialmente com timidez e, depois, com crescente confiança. Suas línguas se entrelaçaram, deslizando e movimentando-se juntas, e Cassius permitiu que seus dedos percorressem para cima e para baixo as costas das coxas dela, aventurando-se, toda vez, um pouco mais alto. Ela prendeu a respiração quando suas palmas deslizaram sobre suas nádegas impecáveis, e, então, ela se afastou, olhando para ele.

— Isto é tão perfeito — disse ele, com um sorriso, apertando uma generosa quantidade de carne enquanto ela ria e então ajeitou o semblante, olhando para baixo com uma expressão arrogante.

— Fico tão feliz que você aprove — murmurou ele, sarcasticamente, embora a risada dançasse em seus olhos.

— Eu não *aprovo* — disse ele, com um muxoxo, fazendo-a estreitar os olhos para ele enquanto ele deslizava um dedo pela dobrinha de suas nádegas.

Ela estremeceu.

— Certamente uma deusa deseja mais do que uma mera aprovação? Você merece, no mínimo, adoração. Quando nos casarmos, eu vou encher essa peça de arte primorosa de tanta atenção que você não terá dúvidas da minha devoção.

— Casarmos? — repetiu ela, ofegando um pouco.

— Isso mesmo, casarmos — respondeu ele, olhando para ela. — Você não achou que eu flertaria com você por diversão? Eu te amo, por isso, devemos nos casar. Bem, isto é... se você aceitar?

Ela o encarou, com seus olhos brilhando intensamente. — *Sim!* Sim, por favor. Claro que aceito, mas...

— *Mas?* — repetiu ele, indignado. — Não existe “mas”!

— Bem, desta vez existe. — Ela estalou a língua e pressionou um dedo contra os lábios dele para silenciá-lo. — Mas... primeiro, você precisa me ajudar a completar meu desafio.

Ele relaxou, encantado por ela. — Ah, sim. Algo indecente.

— Sim — sussurrou ela em vez de falar a palavra, e Cassius se moveu, encontrando seus quadris sob as camadas e camadas e virou-a de lado para trás. Ela gritou e ele a silenciou enquanto se deitava ao lado dela. Ela riu, cobrindo a boca com a mão.

— Você é terrível — disse ele, balançando a cabeça enquanto sua mão subia cada vez mais ao longo do joelho dela, sobre a pele sedosa.

— Sim.

— Nunca pare de ser terrível — murmurou ele, enquanto sua palma encontrava a pele macia e delicada de sua coxa interna, incrivelmente suave.

— Não vou.

— Promete?

— Prometo — disse ela, e então arfou quando seus dedos percorreram seus pequenos cachos dourados que ele sabia serem de um tom glorioso de dourado.

— Oh — disse ela, enquanto seu toque delicado explorava, movendo-se para baixo, procurando o lugar que ele tanto ansiava. — Oh, Cassius, isso... isso é realmente *indecente*.

Ele riu, enterrando o rosto no pescoço dela e rindo de pura alegria, dela, intoxicado pelo seu perfume, pela sensação dela, pela perfeita genialidade de estar na presença dela.

Seus dedos fizeram carinho nela, procurando o lugar que era o centro do seu prazer, e a provocaram suave e lentamente, circulando e deslizando mais profundamente, mergulhando no núcleo aquecido dela enquanto ele abafava um gemido de desejo. Ele imaginou a noite em que poderia fazer mais do que isso, tomar mais do que isso, enquanto

oferecia o prazer a ela, deleitando-se dos sons suaves que ela emitia até que ele tivesse que parar de pintar essas imagens lascivas em sua mente antes que ele se desfizesse. Sua respiração falhou e ela o agarrou, com os quadris se inclinando em direção ao seu toque, querendo mais enquanto perseguiu a sensação. Cassius a observou, dominado pelo amor, pelo desejo, humilhado pela confiança dela nele, sabendo que era um maldito diabo por ter feito isso antes mesmo de estarem noivos, e de todo o mundo saber suas intenções. No entanto, ela tinha pedido, e ele não podia negar nada a ela, muito menos algo que ele também desejava desesperadamente.

Ela gritou, seu corpo se arqueando e tremendo, e ele a silenciou, acalmou-a, ajudando-a a atravessar e encontrar cada pedacinho de prazer até que finalmente ela ficou quieta. Ela olhou para cima, sua expressão suave e turva, e deu um suspiro, seu hálito quente tremulando sobre ele.

— Isso foi... esplêndido — disse ela, com um sorriso satisfeito curvando em sua boca deliciosa.

Para sua diversão, ela parecia satisfeita consigo mesma, a diabinha.

— Fico feliz que aprove.

— Oh, certamente. Uma deusa sempre aprova tais demonstrações de devoção. Não sabia disso?

Cassius bufou, puxando-a para perto enquanto se inclinava para beijá-la.

— Espertinha — disse ele, afetuosamente.

— Ora, ora — veio uma voz fria da porta enquanto eles se separavam e viam Eliza encarando-os, friamente. — Pelo menos eu não sou a última a saber desta vez.

Com isso, ela jogou a pasta de couro no chão da sala de aula, virou-se e saiu.

Capítulo 16



Querida Eliza,

Lamento profundamente. Por favor, converse comigo.

– Trecho de um bilhete de Lady Charlotte Adolphus para sua irmã, Lady Elizabeth Adolphus, deslizado por baixo da porta de seu quarto.

Tarde de 15 de julho de 1838, Holbrook House, Sussex.

— Entre e sente-se, por favor.

— Mas, mamãe, eu... — começou Lottie, procurando freneticamente uma desculpa para escapar, pois seus instintos lhe diziam que sua mãe queria falar sobre algo muito específico.

— Agora, por favor — disse a duquesa, com um tom firme e sem rodeios, abrindo mais a porta e fazendo um gesto para que Lottie entrasse.

Os instintos de Lottie se mostraram corretos quando ela deu um passo relutante para dentro da sala e parou. Cassius estava de pé perto da lareira, parecendo tão desconfortável quanto um homem poderia estar, e Eliza estava sentada na cadeira ao lado do fogo.

— Certo. — Mamãe fechou a porta e conduziu Lottie até a cadeira em frente à sua irmã. — Acho que precisamos ter uma conversinha, não acham?

— Sinceramente, mamãe — disse Eliza, com sua expressão mais educada no rosto. — Eu não vejo...

— Elizabeth Minerva Adolphus, a menos que esteja preparada para falar honesta e abertamente comigo, vai ficar em silêncio e ouvir.

Eliza arregalou os olhos para sua mãe, com as bochechas coradas.

— Então — disse a duquesa, cruzando os braços. —, você pode achar que sou uma velha tola, mas eu lhe asseguro que não sou. Eu já fui jovem uma vez – não faz *tanto* tempo quanto você imagina – e estou bem ciente de toda a imprudência e idiotice envolvidas nas questões do coração.

— Sinceramente, mamãe — protestou Eliza, mexendo-se na cadeira. — Eu não acho que preciso...

Sua mãe lhe lançou um olhar fulminante e Eliza fechou a boca abruptamente.

— Esta manhã, Cassius visitou seu pai — continuou ela, dirigindo-se a Lottie. — E pediu sua mão em casamento.

Lottie arquejou, sua mão indo cobrir seu pobre coração, que batia erratically agora. Seu olhar voou para Cassius, que lhe enviou um pequeno sorriso, e então ambos olharam para Eliza, que estava cuidadosamente evitando olhar para qualquer um deles.

— O-o que o papai disse? — arriscou Lottie.

Por um momento, o rosto de sua mãe suavizou. — Ele disse sim, é claro, sua tolinha. Nós esperávamos há muito tempo que Cassius fizesse parte de nossa família, só que...

Eliza deu uma risada sem humor e todos se viraram para olhá-la. Ela ergueu o queixo, cruzou os braços e os encarou de volta.

— Exatamente — disse a mãe delas. — Isso foi um pouco surpreendente para todos nós, creio eu, que não seja com Eliza que ele esteja se casando.

— Eu também não desejo me casar com ele — retrucou Eliza.

A duquesa deu um sorriso irônico. — Tenho certeza de que isso é um alívio para todos. O problema é que suspeito disso há algum tempo

e parece que isso não explica o estado de desânimo em que Eliza tem estado. Venho tentando descobrir ao longo da última semana ou mais o que a está deixando tão abatida, e esta manhã a descobri no meio de um ataque de raiva como nunca visto.

— Mamãe, eu já pedi desculpas por isso... — começou Eliza, sua mortificação evidente.

— Basta! — disse sua mãe, irritada. — Já era hora. Já desisti de você faz tempo, minha querida. Nunca gostei nem entendi o semblante passivo que você mostra ao mundo. Pode até ser moda entre as jovens agirem como uma mistura de santa mártir e uma bela pintura em aquarela, mas eu não apoio isso. Tal comportamento atrairá o tipo totalmente errado de homem, para começar, aquele que espera submissão e uma mulher que nunca o desafiará. Onde diabos estava esse espírito desafiador e irritadiço? Você passou toda sua vida tentando agradar ao mundo, Elizabeth, e já passou da hora de parar com isso. Nunca fiquei tão aliviada em ver alguém se entregar a um acesso de raiva como estive esta manhã.

Apesar de tudo, Lottie riu ao ver a expressão de espanto no rosto de Eliza.

— Ah, pare com isso — falou Eliza, impacientemente.

Lottie se calou.

— Não abuse da sorte — disse sua mãe, com o tom seco. — A questão continua sendo que o acesso de raiva e o repentino pedido de casamento de Cassius claramente estão conectados, e eu não vou sair desta sala até saber o porquê. Eu presumo que até recentemente você, Eliza, assim como todos nós, não estava ciente de nenhum romance entre sua irmã e Cassius?

— Até ontem à noite, não.

— E o que aconteceu ontem à noite que a fez tomar conhecimento da situação?

A duquesa olhou ao redor da sala: para Cassius, que estudava deliberadamente a lareira vazia como se ela contivesse as respostas do universo; para Eliza, que estava aproximadamente da cor de um tomate maduro; e, então, para Lottie, que sabia que devia estar da mesma cor de mortificação e agora começando a ficar marrom-arroxeadada. Ela se contorceu sob o olhar inquisitivo de sua mãe.

Sua mãe emitiu um som que Lottie estava quase certa de ser um risinho, mas que rapidamente se transformou em uma tosse, deixando-a incerta.

— Cassius, traga-me uma bebida — instruiu a duquesa, com a voz um tanto tensa.

Cassius se apressou em atender ao pedido, alcançando o xerez.

— Não, não essa porcaria. O conhaque, pelo amor de Deus.

Cassius quase deixou o decantador cair, mas serviu uma dose generosa. Ele entregou o copo de conhaque para a mãe delas e respirou profundamente.

— Isso tudo é culpa minha — disse ele, com o semblante pálido e sério. — Eu estraguei tudo. Eu realmente acreditava que queria me casar com Eliza até recentemente, quando estava chegando em casa. Quanto mais perto eu chegava, mais incerto eu ficava, e então... quando cheguei aqui e a vi, percebi o quanto ela era querida para mim, e que não poderia me casar com ela porque ela *era* minha amiga mais querida, e ela merecia mais do que amizade do marido. Sinto muito pela dor que foi causada, e, o fato de eu tê-la causado parte meu coração, mas ela merece ser amada completa e incondicionalmente por um homem que possa apreciar o quão extraordinária ela é.

A duquesa sorriu. — Excelente colocação, Cassius. Eliza?

Eliza olhou para sua mãe, com os olhos muito brilhantes, e, então, olhou para Cassius, Lottie suspeitava que pela primeira vez desde que entrara na sala. Ela fez um sinal com a cabeça para ele, aceitando suas palavras e seu pedido de desculpas.

— E quanto a Lottie? — perguntou mamãe.

Cassius deu uma risadinha.

— Eu não estava preparado — disse ele. — Foi como ser atropelado por um trem. Qualquer bom senso que eu considerava ter me abandonou, e... e eu a amo. Não foi intencional, certamente não esperava, mas a amo.

— Lottie? — Sua mãe lhe lançou um olhar ansioso.

Lottie assentiu, sua garganta tão apertada que não conseguia falar, embora soubesse que precisava. — Sim. Eu sempre o amei. Mantive em segredo todos esses anos, pois sabia que não poderia tê-lo, mas... sim.

Eliza olhou para sua irmã, indignada. — Você o amava? Sempre o amou e... e nunca *me disse* nada?

— Como poderia? — quis saber Lottie. — Ele era seu, e eu também amo você. Tanto. Não suportaria te magoar.

Lottie deu um salto como se tivesse sido agredida pelo som mordaz que Eliza emitia.

— Eliza — começou Cassius, movendo-se para intervir, mas a duquesa o segurou, encarando-o para que se calasse.

— Afinal, quando *exatamente* você decidiu que poderia suportar? — A voz de Eliza era cortante e meticulosa, sua expressão fria, e Lottie queimava de vergonha e terror de que sua irmã nunca a perdoasse.

— Não planejei isso — disse ela, com a voz mal passando de um sussurro. — Mas quando percebi que ele... ele sentia o mesmo, e depois que ele disse que não se casaria com você...

— Foi quando você se despiu para ele?

Lottie arfou, abraçando o próprio corpo, ainda atordoada que Eliza, dentre todas as pessoas, pudesse traí-la na frente de sua mãe.

— Ainda acha que estou tentando agradar o mundo, mamãe? — quis saber Eliza, embora sua expressão estivesse devastada e lágrimas escorressem por seu rosto.

Com isso, ela se levantou em um salto e saiu da sala, batendo a porta atrás de si.

O silêncio que se seguiu foi ensurdecedor.

— Bem — disse a duquesa, com um suspiro. — Isso correu melhor do que eu esperava.



Lottie encarou o lago e se perguntou quantas outras pessoas haviam chegado à beira da água com desespero no coração. Ela deveria estar radiante. Cassius havia pedido para se casar com ela, e seus pais haviam concordado, e isso... isso era tudo com o que ela sempre sonhou. Mas como poderia aproveitar isso às custas da felicidade de sua irmã? Ela sabia que não estava roubando Cassius de Eliza, e estava certa de que Eliza também não via dessa forma, mas a maneira como tudo havia acontecido...

Ela gemeu e arrancou uma pedrinha da terra, jogando-a furiosamente na água onde caiu com um estatelar inconsolável, o que não era nada satisfatório. Ela desejava ser um homem e poder bater em alguma coisa.

— Lady Charlotte?

Lottie virou-se em choque, não tendo ouvido ninguém se aproximar e frustrada ao descobrir que alguém a havia encontrado, já que não estava se sentindo nem um pouco sociável.

— Oh, boa tarde, Louis César. Espero que me perdoe, mas não sou uma boa companhia hoje. Deveria ir embora enquanto ainda pode.

Ele deu uma risada suave e balançou a cabeça. — Acredito que seja por isso que Cassius se apaixonou perdidamente por você. Não há nada além de honestidade em seu coração, e ela se manifesta em suas palavras com muito pouco para moderá-la.

Lottie corou, um pouco indignada, mas Louis César levantou a mão.

— Isso foi um elogio, caso não tenha compreendido. Afinal, você podia ter fingido estar contente com minha companhia e me deixado tagarelar, o que teria sido constrangedor. Seu jeito é de longe preferível.

— Bem, é verdade, então você pode fazer o que quiser, mas já vou avisando que posso muito bem arrumar uma briga com você, ou até mesmo chorar. Então, já sabe.

Ele se acomodou no chão ao lado dela e tirou um lenço do bolso, colocando-o sobre o joelho.

— Eu gosto de uma boa briga, e sempre estou preparado para tais eventualidades — disse ele, fazendo um gesto sério com o lenço.

Lottie bufou.

— Nic encontrou os desenhos — disse ele, lançando-lhe um olhar de desculpas.

Por um momento, depois de tudo o que havia acontecido nas últimas vinte e quatro horas, Lottie não entendeu o que ele estava dizendo. Então, a compreensão surgiu e, pela segunda vez naquele dia, ela sentiu-se corar intensamente, em um tom vermelho pouco atraente.

— Oh! — disse ela, mortificada. — Oh, meu Deus...

Louis César deu de ombros. — Não contei a você para te deixar desconfortável, e não se preocupe que nenhum de nós jamais mencionará isso, juro pela minha honra. Apenas não queria que você pensasse mal de meu irmão pelo que ele fez. Ele pode ser... *difícil*, mas nunca age sem motivo, e ele sentiu que Cassius não tratou Lady Elizabeth com o respeito que ela merece. Nic, é claro, não sabia que Cassius estava apaixonado por você ou que pretendia se casar com você. Agora que o expliquei tudo, e ele sabe que agiu precipitadamente – *félicitations à vous deux*, por falar nisso.

— Obrigada — respondeu Lottie, embora mal conseguisse encontrar seus olhos.

Quando o fez, viu um traço de diversão neles.

— Somos franceses, milady — disse ele, com um tom provocador. — Prometo que não estamos nem um pouco chocados. Estou apenas impressionado que você tenha conseguido sob os olhares de tantos acompanhantes.

— Eles nunca acharam que eu precisasse de supervisão com Cassius. Eles assumiam que ele fosse como um irmão para mim. Com Eliza também — acrescentou ela, com tristeza.

Para sua surpresa, Louis César estendeu o braço e acariciou sua mão. — Não se preocupe, *ma chère*, sua irmã não é do tipo que guarda rancor. Eu sei que ela está magoada e com raiva, e talvez com o orgulho ferido acima de tudo, mas ela vai te perdoar. Lady Elizabeth tem um coração bom e gentil demais para não o fazer.

— Ela tem, não é?! — disse Lottie, com a voz tremendo, e ela não tinha certeza se estava concordando ou perguntando. — Eliza é tão gentil, a melhor irmã do mundo, e eu... eu não suportaria se...

Silenciosamente, Louis César lhe entregou o lenço. Lottie enterrou o rosto nele, rindo e chorando ao mesmo tempo.

— Espero que ela se case com você — disse ela, assim que conseguiu se recompor. — Foi muito gentil da sua parte vir falar comigo, explicar as coisas, e aguentar meu choro. Muitos homens correriam para longe antes de aguentar isso.

Louis César franziu os lábios, considerando. Ele soltou uma risadinha, que Lottie achou ter um tom de amargura.

— *Non, non*. Não, acho que seja *muito gentil*, mas também não sou tão *terrível* assim, e espero que ela se case comigo também.

Havia um brilho nos olhos dele quando piscou para ela, e Lottie riu como era esperado, mas não estava totalmente certa do que achar disso.

— Vamos — disse ele, levantando-se e estendendo a mão para ela. — Não é aceitável que uma bela dama fique sozinha em um momento de tristeza. Vou acompanhá-la de volta à casa e tentar te animar. Talvez

eu possa ajudar a promover uma reconciliação entre você e Lady Elizabeth.

Lottie sorriu e permitiu que ele a ajudasse a se levantar.

— Não sei. Apesar de sua natureza tranquila e meiguice, ela pode ser notavelmente teimosa quando está de mau humor. Só que ela faz isso tão graciosamente que ninguém percebe. Não que eu a culpe — acrescentou ela, rapidamente.

Louis César assentiu. — Ela é uma jovem mulher inteligente, muito mais do que se percebe à primeira vista, mas acho que, pelo menos por enquanto, ela não está no clima para ser agradável.

— Realmente — disse Lottie, com ironia. — Também reparei nisso. Acho que nunca a vi perder a paciência antes. Nenhum de nós viu. Fomos todos pegos de surpresa. Quando criança, eu era quem tinha acessos de raiva e Eliza era o modelo de bom comportamento.

Ela tomou o braço dele e eles caminharam juntos de volta para casa. Ao entrarem pelas portas principais, Lottie respirou aliviada com o ar mais fresco dentro da grande casa, e, então, parou ao ver Eliza observando-os.

— Ah, aqui está, *Monsieur le Comte* — disse Eliza. — Eu estava procurando por você há horas, pois temos uma convidada à sua espera, e aí está você... *com Charlotte*. Que divertido.

Lottie corou ao perceber a irritação cintilando nos olhos de sua irmã, consciente da implicação. Afinal, Louis César deveria estar cortejando Eliza agora.

— Sim, uma feliz coincidência — disse Louis César, suavemente. — Eu estava caminhando perto do lago e encontrei essa pobre menina chorando, então achei melhor trazê-la diretamente para sua irmã para confortá-la.

— Oh — disse Eliza, sua expressão calma vacilando e sua voz fraca. — Oh, Lottie, eu...

Ela deu um passo em sua direção, estendendo as mãos, mas antes que pudesse dizer mais uma única palavra, uma voz francesa estridente e com um sotaque carregado atravessou o grande salão.

— *Alors! Enfin*, e por que não me *surpreende* descobrir que tenho estado à sua *esperra* enquanto se diverte com uma bela dama?

Lottie virou-se surpresa em direção à voz rouca e viu uma mulher deslumbrante. Ela era excepcionalmente adorável, talvez na casa dos trinta anos, com cabelos pretos como a penugem de um corvo, formando cachos espessos ao redor de seu rosto. Seu vestido de viagem estava na moda e era de tafetá verde-esmeralda. As mangas ostentavam uma extravagância de babados bufantes, e uma linha suntuosa de babados e laços fluía na frente do vestido e balançavam com fúria enquanto a dama avançava na direção de Louis César como um anjo vingador.

Louis César ficou paralisado e não pareceu nem um pouco satisfeito em vê-la.

— Madame Lafitte, eu não sabia que você havia sido convidada para Holbrook House.

Ela soltou muxoxos e abriu com estalo o leque preto de seda que carregava, agitando-o furiosamente e erguendo o queixo. Lottie percebeu que aquela dama não era inteiramente respeitável e se perguntou sobre sua audácia de ir atrás de Louis César em uma festa privada. Ousadia era pouco. Seria ela sua amante?

— É claro que eu não fui convidada, mas é a isso que eu fui reduzida. *Regardez-moi, chères dames* — disse ela, fitando Eliza e Lottie com olhos suplicantes. — Isso é o que um homem faz com a gente. Sou forçada a seguir esse daí e o seu irmão infame através dos mares em nome da minha *honrra*.

Louis César emitiu um som de engasgo e ela o encarou.

— *La Manche, ma chère* — disse ele, secamente. — O Canal da Mancha não é exatamente o Oceano Atlântico e temo que você tenha

perdido seu tempo. Meu irmão não está aqui e não lhe deve nada.

— Ele está me devendo *praticamente tudo* — sibilou ela. — E não pense que não vou contar todas as suas histórias sórdidas se ele não fizer o que a *honrra* exige.

— Venha, Eliza — disse Lottie, lembrando-se das boas maneiras pela primeira vez antes de sua irmã, que encarava a madame intensamente. Para falar a verdade, aquilo era melhor que a ópera, então Lottie mal podia culpá-la. — É melhor deixarmos Louis César falar com a madame em particular.

— Mas a madame abomina a privacidade — disse Louis César, com frieza. — Ela deseja uma plateia diante da qual possa derramar seu veneno com o máximo efeito.

— Eu não compreendo isso... — disse a dama, fingindo ignorância, embora estivesse corando o suficiente para que Lottie deduzisse que ela entendia muito bem. Em vez disso, ela voltou sua atenção para Eliza e Lottie mais uma vez, seus olhos se estreitando. — Meu inglês não é tão bom, mas aqui está uma visão tão bonita, tão *innocente*, eu me pergunto... *non*, não diga. Pelo visto sim. *Voilà, c'est Lady Elizabet, n'est-ce pas?*

Lottie se aproximou de Eliza enquanto a mulher se aproximava de sua irmã.

— Madame — disse Louis César, e ele também se moveu, dirigindo-se a ela com raiva. — As damas não fazem parte disso. Deixe-as em paz. Se deseja discutir isso...

— Mas essa menina é muito doce *parra* um homem de sua natureza, Louis. Ela não é o tipo que vai lhe dar *prazer* — disse ela, com a voz baixa e sedutora. — Você *serria* um tolo em se casar com ela. Você vai achar ela entediante, e você, *ma jolie fille*, ele só quer que você limpe seu nome sujo e o torne respeitável novamente.

Eliza arquejou ao ouvir a amargura na voz da mulher, e Lottie segurou sua mão com força.

— O que diabos está acontecendo aqui?

Lottie soltou um suspiro de alívio ao ver seu pai e Lorde St. Clair aparecerem, saindo claramente do escritório do conde, atraídos pela voz agressiva da mulher. Madame Lafitte deu um passo para trás, mas não recuou diante do duque, pelo que Lottie teve que lhe dar crédito.

— Quem pensa que é, madame, entrando aqui e falando assim com minha filha? — exigiu saber ele, puxando Eliza e Lottie para trás de si.

Madame Lafitte fez uma profunda e luxuosa reverência, baixando os cílios e olhando timidamente para o pai delas. Lottie sabia que ele ainda era um homem bonito e mal podia culpá-la por tentar, mas a mulher estava completamente enganada se pensasse que qualquer tipo de flerte iria influenciá-lo.

— *Monsieur le duc* — murmurou ela, levando uma mão trêmula à testa. — Perdoe-me. Estou fatigada e esqueço-me das minhas boas *maneirras*, mas esse daqui... ele e seu irmão, eles me *trratam* muito mal, com tanta *crrueldade*. Vim apenas para avisar a *la pauvre demoiselle*, *parra* que tenha cuidado, pois eles são infames e *mentirrosos*.

O conde olhou para Louis César com uma expressão franzida de consternação. Lottie não estava surpresa. O irmão do *comte* já havia causado uma cena com seu filho, e agora isso. Ela desejou que Cassius estivesse ali, pois tinha certeza de que ele poderia resolver as coisas.

— *Monsieur le Comte?* — disse o conde, com educação, mas claramente descontente. — Você conhece essa mulher? Ela está falando a verdade?

Louis lançou um olhar de desprezo para Madame Lafitte. — Sim, eu a conheço, Lorde St. Clair, e continuo convencido de que madame não saberia da verdade nem que ela estivesse bem na cara dela, muito menos entenderia o conceito de honra. No entanto, receio ter causado uma cena desagradável e não desejo prolongar minha estadia. Vou mandar buscar minha carruagem. Se o senhor puder providenciar para que meu valete traga minhas coisas.

— Certamente — disse o conde, visivelmente aliviado. — Madame Lafitte?

Madame Lafitte lançou a Louis César olhar de intensa ira que Lottie meio esperava que queimasse sua imaculada gravata, mas ele apenas a enfrentou com um olhar glacial.

— Você vai se arrepender disso, Louis, e pode dizer ao seu irmão que sua queda *serrá* culpa dele.

Com isso, ela saiu do hall de entrada em um movimento furioso de saias pesadas: uma saída dramática digna de qualquer heroína injustiçada em um teatro exagerado.

— Meu Deus. — Lottie suspirou, uma vez que a mulher havia desaparecido e Louis César subia as escadas às pressas para se preparar para partir. Eliza o observou ir, com uma pequena ruga de preocupação formando-se entre as sobrancelhas suaves.

— Eliza, sinto muito.

Eliza afastou as desculpas com um gesto. — Não importa. Recuso-me a escutar qualquer coisa que essa criatura horrível tenha a dizer. Imagine, ir atrás de um homem até uma festa privada e constrangê-lo tão terrivelmente. Não importa o quão zangada ela esteja, uma dama nunca se comporta de maneira tão vulgar.

— Isso não foi coisa de uma dama, minha querida — disse o pai delas, claramente irritado.

— Não — respondeu Eliza, com um tom pensativo. — Isso foi feito para causar o máximo de dano ao conde e ao irmão dele. Eu não darei importância a isso.

— Ainda assim — disse o duque, seu semblante não escondendo seu descontentamento com a cena desagradável. —, vou me informar mais sobre esses irmãos, e, até então, você deve ficar longe deles. Está claro?

Para sua surpresa, em vez de concordar docilmente com a exigência de seu pai, Eliza se irritou.

— Não, papai. É improvável que eu veja qualquer um deles até a temporada, mas não os evitarei. O conde foi gentil, encantador e muito atencioso, e não vou retribuir isso ouvindo fofocas e cortando relações com ele ou seu irmão. Fora que se você pensasse um pouco mais sobre isso, perceberia que mamãe ficaria muito zangada com você por sugerir isso.

Ela saiu de maneira que nem Madame Lafitte poderia superar, deixando seu surpreso pai e Lottie a observando enquanto se afastava.

— Misericórdia — murmurou o pai. — Esta versão mais determinada de sua irmã pode agradar sua mãe, mas eu prevejo que será difícil de se conviver com ela.

— Calma, calma, papai — tranquilizou-o Lottie, pegando seu braço. — Se você pode lidar com mamãe, tenho certeza de que não precisa se preocupar com Eliza.

— *Hmph* — resmungou seu pai, enquanto ela o levava para encontrar sua mãe.

Capítulo 17



Querida Phoebe,

Não sei se você já ouviu falar de todo o drama dos últimos dias, mas estou prestes a esclarecer para você.

Caso os boatos ainda não tenham chegado aos seus ouvidos, devo informar que não me casarei com Cassius. No entanto, Lottie sim. Admito que foi algo inesperado para mim, mas acho que talvez seja como deve ser. Eles estão claramente muito apaixonados, o que nunca aconteceu entre mim e Cassius. Não posso fingir o contrário.

Admito que ainda estou um pouco perdida, mas logo me reerguerei, sem dúvida.

Uma notícia muito mais interessante: o misterioso Comte Louis César e seu irmão estão no centro do último escândalo em Holbrook, embora ninguém de fora da família saiba. Portanto, em troca de eu te contar todos os detalhes do que aconteceu, insisto que você responda imediatamente a esta carta e me conte tudo o que você sabe!

– Trecho de um bilhete de Lady Elizabeth Adolphus à Muito Honorável Phoebe Carmichael, Condessa de Ellisborough.

17 de julho de 1838, Holbrook House, Sussex.

Lottie reunia coragem enquanto ficava parada do lado de fora da porta do quarto de sua irmã. Embora Eliza certamente tivesse se mostrado mais receptiva em relação a ela, elas ainda não haviam tido a oportunidade de falar em particular. Ou talvez a oportunidade tivesse

surgido, mas nenhuma das duas estava completamente pronta para aproveitá-la. Agora, Lottie sabia que precisavam abordar a tensão persistente entre elas, com medo de que se agravasse e prejudicasse um relacionamento que ela valorizava acima de tudo. Ela levantou a mão e bateu na porta, esperando até que Eliza a chamasse para entrar.

Lottie a encontrou sentada no assento na janela, olhando para um dia que amanhecera nebuloso e úmido, ameaçando trazer chuva.

— Eu trouxe aquele livro de volta — disse Lottie, estendendo um romance que Eliza havia lhe emprestado algumas semanas atrás.

— Oh, obrigada. Você gostou dele?

Lottie hesitou e colocou o livro na mesinha ao lado da cama, sentando-se na beirada do colchão. — Na verdade, eu... ainda não o li, mas eu queria uma desculpa para vir te ver.

Eliza a encarou. — Você precisava de uma desculpa — disse ela.

Lottie desviou o olhar ao ver a expressão surpresa de sua irmã e alisou nervosamente suas saias, percebendo que suas mãos estavam suadas. — Verdade.

— Por quê?

— P-porque eu não tinha certeza de que você queria me ver — disse Lottie, horrorizada ao perceber que sua voz e seu lábio inferior tremiam.

— Oh, querida! — Eliza se levantou com um farfalhar de saias e correu até sua irmã.

Era muito estranho sentar tão perto sem que suas saias volumosas amassassem, mas nenhuma delas se importou. Eliza abraçou Lottie, que começou a chorar, jogando os braços em torno de sua irmã com tanto alívio que sentiu um peso abandonar seus ombros.

— Eu sinto muito, Eliza. — Ela chorava, enquanto Eliza lhe entregava um lenço, pois é claro que Eliza tinha um lenço pronto para

tal ocasião. Lottie sempre perdia os seus. — Eu me odeio por te fazer infeliz.

— Oh, não. Oh, Lottie, não. Eu... eu estava me sentindo irritada e rancorosa, e estou bastante envergonhada de mim mesma.

Lottie assoou o nariz com força e sentou-se, observando sua irmã. — Não diga isso! Mamãe está tão orgulhosa de você por falar o que pensa.

Eliza bufou. — Falar o que penso é uma coisa, e devo admitir que... oh, Lottie, é tão libertador fazer isso. Eu nunca percebi... mas deixe pra lá. Não é preciso ser cruel para ser sincera, apenas estava tão irritada.

— Comigo — disse Lottie, concordando.

— *Não!* — disse Eliza, com um suspiro resignado. — Se eu estiver sendo honesta, então sim. Sim, eu estava irritada, mas só porque parecia que você estava me escondendo segredos. Quando refleti sobre isso, percebi que não tinha o direito, já que... já que eu estava fazendo o mesmo.

Lottie fungou e se endireitou um pouco mais, observando-a com interesse. — Você estava?

Um rubor tingiu as bochechas de Eliza e ela se levantou, indo até a cômoda e pegando outro lenço limpo.

— Aqui — disse ela. — O outro está encharcado.

— Obrigada — disse Lottie, enxugando os olhos e assoando o nariz novamente. — Mas que segredo, Eliza?

Eliza hesitou. — Conte-me o que aconteceu com Cassius. Conte-me tudo, e... e, em troca, eu te contarei meu segredo.

Desta vez, Lottie corou, o calor subindo pelo pescoço e queimando suas bochechas. Eliza sorriu para ela.

— E é bom que você esteja corando, sua criatura terrível. Nunca me senti tão chocada até encontrar aqueles desenhos de você... bem, de

você completamente nua! Como você ousou fazer isso? Não consigo imaginar ter a coragem de fazer uma coisa dessas.

Lottie riu. — Esse *foi* o meu desafio.

Eliza arregalou os olhos para ela. — Charlotte! Nunca se tira as roupas por um *desafio*!

Lottie gargalhou com o espanto nos olhos de sua irmã. — Não! Bem, pelo menos não só pelo desafio, mas me deu um motivo, a coragem para fazer isso. Mas eu queria, Eliza, eu... oh, minha querida. Tenho tanto para te contar.

Eliza voltou para a cama, e as duas se sentaram bem juntas enquanto Lottie explicava tudo o que tinha acontecido desde que chegaram a Holbrook. Conforme ela falava, todas as reservas e ressentimentos que haviam crescido entre elas desapareceram, como se os últimos dias nunca tivessem ocorrido. Quando Lottie sussurrou os detalhes mais delicados do que havia experimentado nos últimos dias, Eliza estava com os olhos arregalados de admiração.

— Meu Deus — disse ela, olhando para Lottie.. — Está falando sério?

— Estou — disse Lottie, sorrindo para ela.

— Meu Deus.

Ambas estavam coradas e, quando Eliza encontrou o olhar de sua irmã, elas começaram a rir. Elas não pararam de rir até estarem segurando seus espartilhos e implorando por misericórdia porque tudo doía.

— Oh, meu Deus — disse Lottie, enxugando os olhos. — Pare com isso. Vou me machucar se você me fazer rir assim de novo.

— Bem feito por apertar demais seu espartilho — observou Eliza, ao que Lottie mostrou a língua. Eliza respondeu da mesma forma.

— Ah, Eliza, senti sua falta.

— E eu de você, Lottie — disse Eliza, estendendo a mão e segurando a da sua irmã. — Vamos prometer nunca mais ficar tão zangadas uma com a outra.

Elas ficaram em um silêncio agradável por um momento até que Lottie lembrou de seu acordo.

— Muito bem, então — disse ela, fitando Eliza com seu olhar mais penetrante. —, conte-me tudo.

— Oh — disse Eliza, parecendo de repente desconfortável enquanto traçava o dedo sobre o padrão da colcha da cama. — Bem, na verdade não há muito o que contar, apenas... apenas...

— Sim? — disse Lottie, quase pulando de impaciência.

Eliza suspirou e se jogou de volta no colchão. — Oh, Lottie, eu sou uma idiota, mas... mas acho que estou apaixonada por um homem que me despreza.

Lottie arregalou os olhos.

— Não pode ser verdade — disse ela. — Você não pode estar querendo dizer...?

Eliza assentiu, tristemente. — Sim, estou. Sou a maior tola do mundo, mas não consigo tirá-lo da minha cabeça, e agora papai me proibiu de falar com qualquer um deles e...

— Sr. Demarteau — disse Lottie, imaginando como diabos Eliza poderia se apaixonar por um homem que não apenas mal conhecia, mas que tinha sido terrível com ela.

Eliza assentiu. — E não me peça para explicar, pois juro que não consigo. Não sou uma criatura boba e fantasiosa. Nunca sonhei com cavaleiros em armadura brilhante ou um príncipe encantado... o que é bom, já que ele não é nada disso.

— Não, ele não é. Na verdade, acho ele terrivelmente intimidador.

— Eu sei! — lamentou Eliza. — Ele é infame e terrível, e toda vez que penso nele, sinto uma sensação estranha, lá no fundo do estômago,

e fico pegando fogo e é difícil respirar.

— Oh, querida — disse Lottie, em um fio de voz, imaginando como sua sensata irmã tinha se metido em uma confusão dessas.

— Exatamente — concordou Eliza.

Elas ficaram em silêncio enquanto Lottie digeriria tudo isso.

— Não tenho certeza se você deveria fazer algo com relação a uma paixão desse tipo — disse ela, sentindo-se terrivelmente ansiosa pela irmã.

— Bem, e o que eu poderia fazer, de qualquer maneira? — quis saber Eliza, com um resmungo. — É um caso complicado e sem perspectivas, especialmente agora que papai está tão furioso com os dois, e Louis César é supostamente o irmão respeitável! Depois daquela cena com Madame Lafitte, terei sorte se conseguir chegar perto dele novamente, quanto mais do irmão dele. Embora talvez seja melhor assim.

— Acho que realmente é, Eliza. Você quer realizar algo em sua vida, lembra? Pense em todos os planos que fez, todas aquelas instituições de caridade que deseja fundar, sem mencionar o Movimento Cartista. Você tinha planos de se casar com um duque ou marquês para ter influência suficiente para realizar tais coisas, e o Sr. Demarteau mal é tolerado pela sociedade. Ele é ilegítimo e não muito respeitável. Se ele e seu irmão não fossem tão bonitos e intrigantes, e se Louis César não fosse tão encantador, eles nunca teriam sido aceitos.

— Eu sei! — exclamou Eliza, tão irritada que Lottie sabia que ela já havia considerado isso.

— Bem — disse Lottie, tranquilizando-a. —, é improvável que você o veja novamente por um bom tempo. Talvez tenha sido apenas um episódio excêntrico. Como o verão em que Fred se recusou a comer qualquer coisa vermelha. O sentimento pode passar até a próxima vez que você o veja.

Eliza lançou-lhe um olhar duvidoso. — Talvez.

Ambas olharam para cima ao ouvirem uma batida na porta. A mãe delas entrou.

— Ah, que ótimo — disse ela, sorrindo ao encontrá-las juntas. — Estou tão feliz que vocês fizeram as pazes. Vocês fizeram as pazes, não? Tem alguma porcelana quebrada ou objetos pontiagudos escondidos debaixo dos travesseiros?

Lottie revirou os olhos. — Fizemos as pazes, mamãe.

— Excelente, e não revire os olhos para mim, mocinha. Precisamos organizar esse casamento e, pelo visto, quanto mais cedo, melhor, se é que o que Eliza diz é verdade... e, falando nisso, quando *exatamente* você tirou suas roupas, sua menina travessa? E se houve algo mais do que posar para um desenho, é melhor me contar imediatamente.

— Não, mamãe! — Lottie sentiu um calor seguido de um calafrio repentino e não se sentiu completamente tranquila com a evidente diversão nos olhos de sua mãe.

— Oh, pare de fazer essa carinha de moça ofendida — disse a duquesa com um estalar de língua. — Vocês se amam, então algo estava destinado a acontecer. Mas, Eliza, nem por um momento pense que eu aprovo esse comportamento, porque não aprovo.

— *Mamãe!* — disse Eliza, indignada com a maneira como sua mãe estava balançando um dedo repreensivo para ela.

— Bem — disse a duquesa pensativamente. —, parece que vocês duas são mais parecidas com a sua terrível mãe do que qualquer um supunha, então, acho que é melhor estarmos preparadas. Lottie, você foi tola, mas Cassius é, pelo menos, um cavalheiro e alguém em quem se pode confiar. Muitos homens não são, como mulheres infelizes descobrem com frequência.

— Eu não sou estúpida, mãe — respondeu Eliza, soando impaciente e perturbada com a conversa.

— De fato, você não é, mas as mulheres mais inteligentes podem se meter em situações complicadas quando o desejo surge. Basta

perguntar à sua futura sogra — disse ela, piscando para Lottie.

Eliza lançou-lhe um olhar carrancudo, parecendo surpreendentemente amuada. — Não há perigo nisso, pois meu único pretendente foi enxotado de forma humilhante.

— Seu único pretendente — respondeu sua mãe, com um riso irônico. — Apenas lembre-se, minha menina: um homem que se casa com você, a possui. Não só seu dinheiro, mas tudo. Suas roupas e pertences se tornam dele, seu corpo não é mais seu. Se ele quiser espancá-la ou trancá-la em seu quarto, ele está livre para fazê-lo e ninguém pode impedi-lo. Você precisa ter muita certeza antes de se entregar aos cuidados dele. Admito que Louis César seria uma verdadeira tentação para qualquer mulher, mas você precisa conhecer a alma de um homem, assim como seu coração, antes de se permitir confiar nele.

— Sim, mamãe — disse Eliza, agora séria.

Elas sabiam que a mãe tinha bons motivos para temer por elas, pois ela havia testemunhado em primeira mão os perigos de um casamento ruim. Seu pai havia abusado de sua mãe e tornado sua vida um inferno. Não. Nenhum homem podia ser julgado pela aparência. Lottie sentiu um tremor de inquietação enquanto olhava para sua irmã e pensava no mal-educado Sr. Demarteau. Elas já haviam visto que ele era capaz de violência. Seria esse o tipo de homem pelo qual sua adorável e bondosa irmã deveria se interessar? Não, certamente não, e Lottie deveria fazer tudo ao seu alcance para garantir que Eliza não se deixasse levar por quaisquer ideias tolas sobre ele.



Sua mãe não estava brincando quando disse que um casamento rápido era necessário. Ao meio-dia, eles já tinham uma data – daqui a duas semanas – e concordaram que o casamento poderia acontecer em Holbrook House. Muitos de seus amigos moravam perto, e como a família já estava na residência, parecia inútil ir para outro lugar. Elas

começaram a lista de convidados e organizaram uma visita a uma nova modista que Matilda havia descoberto e com a qual estava bastante encantada para discutir o enxoval e o vestido de noiva.

A princípio, Lottie estava preocupada, imaginando se Eliza iria se ressentir do fato de que todo o alvoroço e empolgação deveriam ser para ela; no entanto, Eliza parecia genuinamente feliz e ansiosa para participar. Finalmente, parecia que tudo daria certo.

— Ainda bem que a chuva parou — disse Eliza, olhando pela janela depois de se reabastecerem com chá e alguns pratos tentadores de queijos duros servido com maçãs verdes azedas e ameixas. — Acredito que o sol também irá aparecer. Vou dar uma volta e respirar um pouco de ar fresco, acho que todo esse planejamento e organização me deu dor de cabeça. Você vem?

Lottie bocejou e se espreguiçou, sabendo que um pouco de exercício e ar fresco seria uma boa ideia, mas ponderando que não havia visto Cassius o dia todo e que prometera visitá-lo na casa de verão.

Eliza riu antes que Lottie pudesse responder. — Deixe para lá. Vá vê-lo antes que morra de saudades. Sabe, agora percebo a sorte que tivemos. Nunca desejei estar com Cassius da maneira que vejo você deseja. Não há nada minimamente romântico entre nós, e só agora aprecio a diferença. Papai estava certo. Casar-se com seu amigo talvez não seja uma coisa ruim, mas é preciso haver mais do que isso... *eu* mereço mais do que isso.

— Sim — respondeu Lottie, bastante séria em sua resposta. — Sim, você merece.

Eliza assentiu, deu a Lottie um sorriso irônico e se apressou para se trocar.

Capítulo 18



Querido diário,

Estou tão aliviada que todos estejam felizes novamente. Cassius e Lottie vão se casar! É tão emocionante, especialmente agora que Lottie e Eliza fizeram as pazes, e Eliza não guarda ressentimentos nem de Lottie nem de Cassius. Tudo está como deveria e eles irão se casar aqui em Holbrook, o que significa que podemos ficar mais tempo. Que verão perfeito. Os gêmeos, Ashton e Vivien, também vão ficar, o que é maravilhoso, pois Ash é tão divertido. Eu o adoro. Só queria que Louis César voltasse, talvez até o Sr. Demarteau, pois eles trouxeram um pouco de emoção, talvez porque sejam novos e imprevisíveis. A vida é sempre mais emocionante quando não se tem ideia do que acontecerá a seguir.

– Trecho de uma anotação no diário de Lady Catherine 'Cat' Barrington, filha mais nova do Marquês e da Marquesa de Montagu.

17 de julho de 1838, Holbrook House, Sussex.

— Assim?

Cassius sentiu a respiração falhar quando Lottie inclinou a cabeça conforme instruído. O sol, que havia saído tão timidamente após as nuvens se dissiparem, agora estava quente e forte e iluminava as espessas madeixas do cabelo dela, dando-lhe um brilho dourado e iluminando seu perfil. Ela parecia um anjo. Soava banal, tanto que ele mal podia suportar dizer em voz alta, mas era verdade. Olhá-la doía o seu coração, fazia algo dentro dele doer de ternura, com o desejo de

amá-la e protegê-la para sempre. Incapaz de resistir à tentação, ele foi até ela, inclinou a cabeça e a beijou, apenas um leve toque de lábios que, ainda assim, foi um erro, pois o deixou agitado e ofegante.

— Perfeito — disse ele, afastando-se com dificuldade. — Na verdade, poderia ser um pouco menos perfeita? Meu desejo de pintá-la está sendo superado por outros desejos menos benéficos.

— *Sério?* — disse ela, com os olhos brilhando de interesse. — Isso me parece fascinante.

— É, mas você deve parar de se fascinar, pois sua mãe só permitiu que você posasse para mim sozinha com a condição de eu mostrar o trabalho quando ela vier nos ver mais tarde. Se, ao final das duas horas que ela me concedeu, minha tela ainda estiver em branco, ambos estaremos em apuros.

— Oh, não sei. Ela estava notavelmente tranquila sobre eu ter tirado a roupa para você.

Cassius empalideceu. — Saber que ela tem conhecimento disso, e que seu pai provavelmente também tem, ajuda muito a minha mente a focar. Agora, fique quieta.

Lottie suspirou com pesar, e Cassius a olhou carrancudo. Como ele conseguiria aguentar as próximas duas semanas, não podia imaginar, mas então... então eles estariam casados. Seu pai lhes havia dado uma bela casa antiga em Aylesbury. Era uma bela mansão Tudor que o conde havia remodelado extensivamente, sendo luxuosa e confortável, e os jardins eram magníficos. A ideia de poder morar lá sempre que voltassem de suas viagens era suficiente para fazer Cassius se sentir verdadeiramente o sujeito mais sortudo do mundo. Então, ele se comportaria bem e garantiria que Lottie estivesse exatamente como deveria estar quando andasse pelo corredor da capela privada deles.

Durante a próxima meia hora, Lottie fez o que ele pediu, e não se mexeu nem reclamou, e ele progrediu bem com o desenho.

— Está muito quente aqui — disse ela, com um suspiro pesado, deslizando um dedo lentamente na lateral do pescoço.

Cassius parou, com o lápis suspenso no ar enquanto observava aquela mão lânguida deslizar pelo elegante pescoço, ao longo da clavícula, até o decote do vestido. Ele pausou diante do leve decote, que atraía o seu olhar enquanto sua respiração se alterava. O dedo travesso, então, se moveu de um lado para o outro sobre o topo de seus seios enquanto ela respirava fundo e suspirava novamente, agora de forma sonhadora.

— Lottie — disse ele, com um tom de aviso.

Ela virou os olhos ternos para ele, toda inocente. A diabinha.

— O que foi?

— Você sabe muito bem. Pare com isso.

Lottie fez beicinho, mas retomou à sua pose. Cassius se concentrou em capturar a curva exuberante de seu seio, a maneira como a musselina suave de seu vestido branco abraçava sua forma. O decote vestido era proeminente, expondo uma grande extensão de pele macia e sedosa. Cassius engoliu em seco, respirou fundo e continuou. Seguiu até o pescoço gracioso, para garantir que aquele queixo teimoso fosse tão determinado na tela quanto era na realidade, e passou a estudar a boca dela. Seu foco vacilou quando uma pequena língua rosada apareceu e umedeceu seus lábios. O lápis pairou, perto da tela, mas sem tocá-la. Cassius limpou a garganta, mas cometeu o erro de encarar os olhos dela. Aqueles grandes olhos azuis capturaram os dele, expressivos com um convite tão descarado que sua pele se arrepiou, e, então, ele olhou para a boca dela e viu o canto se contorcer, só um pouco, e ele se viu completamente arrebatado.

— Lottie — disse ele, não conseguindo proferir o tom de aviso desta vez, muito atordoado de desejo para protestar.

— Sim?

— Você é o diabo em pessoa.

— Mas eu não fiz nada.

— Sim, você fez, sua criatura provocadora.

— Fiz mesmo?

— Sim, maldição. Como um sujeito pode se concentrar quando... quando...

Ele acenou com a mão para ela.

— O que eu fiz, Cassius? — perguntou ela, com a voz baixa. — Diga-me.

— Por quê? Para que você possa usar seus encantos contra mim de novo no futuro?

Ela riu disso, emitindo um som que causou pequenas explosões dentro dele, pequenos estalos de felicidade. — Sim, claro.

Ele gemeu e largou o lápis. — Você lambeu os lábios, para começar.

— Isso é provocante? — perguntou ela, e ele se perguntou sobre a expressão nos olhos dela.

Ela realmente não entendia o poder que tinha sobre ele? Provavelmente era melhor assim... pelo menos até que estivessem casados.

— É provocante quando você faz isso, quando eu quero sentir essa pequena língua rosada em mim, contra minha pele.

— Oh — disse ela, sentando-se mais ereta.

— *Oh* — repetiu ele, seus lábios se curvando; e, então, percebeu que também tinha o poder de se vingar um pouco. — Você não acha minha língua provocante se pensar nela deslizando sobre sua pele, descendo pelo seu pescoço... até seu seio, por exemplo?

Ela ficou muito quieta, os olhos se arregalando enquanto corava cada vez mais. Como se quisesse traçar o mesmo caminho, sua mão foi até o pescoço, imitando o percurso que ele acabara de descrever com a boca e a língua. Ele engoliu em seco.

— Quero fazer isso, muito. Quero beijar seus seios e levar cada pequeno montículo rosado à minha boca e chupar.

Seu queixo caiu, o que poderia ter sido mais engraçado se ele não estivesse agora excitado.

— Cassius — sussurrou ela. — Cass, p-por favor.

Ele já estava se movendo antes mesmo de ela terminar de dizer *por favor*, caindo de joelhos em frente ao divã onde ela posava para ele e puxando-a para seus braços.

— Oh, meu amor. Minha menina linda — murmurou ele, sua boca e língua fazendo exatamente o que ele havia prometido, pintando a pele linda dela até a barreira do vestido. Ele resmungou de frustração, e ela deu uma risadinha e, então, levantou as mãos, desabotoando os botões na frente do corpete e puxando o tecido.

— Oh — disse ela, frustrada, quando o espartilho embaixo se recusou a ceder.

Apesar de seu próprio desejo de remover a maldita coisa com pressa, ele riu, encantado com a impaciência dela.

— Menina indecente. Você está sempre tirando suas roupas.

— Bem, era muito mais fácil com uma camisola e um xale — retrucou ela.

Cassius sorriu e abaixou a cabeça. Lenta e deliberadamente, ele passou a língua sobre cada seio, as únicas partes acessíveis a ele.

Lottie estremeceu e deu um suspiro, e ele gemeu.

— Duas semanas. Duas semanas. Duas semanas, só duas semanas — disse ele, sussurrando as palavras.

— Isso são quatorze dias inteiros! — lamentou Lottie.

— Não está ajudando, meu amor.

Sentindo-se um pouco desesperado, ele se levantou e sentou-se na cama.

— Venha aqui — encorajou-a, fazendo-a montar em suas coxas como na outra noite. — Não temos muito tempo.

— Eu sei. Mamãe estará aqui em uma hora.

— Nem me fale. — Ele praguejou, puxando-a para baixo e lutando com as camadas abundantes de saias e anáguas. — Malditas coisas!

Lottie riu e ele bufou, determinado a alcançar a pele. Finalmente... *finalmente*, ele colocou as mãos nas coxas quentes dela e pressionou, fazendo-a apertar as coxas ao redor dele enquanto suas saias se espalhavam por todos os lados.

Cassius sorriu para ela. — Você parece estar emergindo de uma nuvem.

— É uma nuvem muito dura em que estou sentada — disse ela, arqueando uma sobrancelha.

Sua respiração ficou presa na garganta enquanto ela pressionava-se e chegava mais perto, e sua cabeça caiu para trás.

— Oh, meu Deus.

Lottie arfou, corando ao descobrir também o prazer na fricção.

— Oh!

Ela entendeu rapidamente, graças a Deus, talvez rápido demais, pois foi em um tempo tão embaraçosamente curto que Cassius teve que pedir uma pausa.

— Pare, pare.

— Mas eu... eu não quero...

Ele segurou os quadris dela, imobilizando seu movimento.

— Pare — disse ele, firmemente.

Ela gemeu e fez um biquinho, mas não discutiu. Cassius inspirou profundamente e depois soltou o ar lentamente.

— Cass?

Lottie deu um gritinho quando alguém bateu na porta da casa de verão, chamando pelo nome dele. Cassius a segurou novamente, pois ela se moveu tão rapidamente que quase caiu para trás.

— E-espere — gritou Cassius, ajeitando Lottie rapidamente e voltando para sua posição no cavalete o mais rápido possível. Embora ele ainda não tivesse começado a pintar, pegou a paleta e a segurou discretamente para cobrir sua parte íntima, já que seu corpo ainda não havia percebido que iria sofrer uma grande decepção. — Quem é?

— Ashton.

— Maldição, Ash, entre.

Ash enfiou a cabeça pela porta, parecendo envergonhado. — Sinto muito.

— Você vai sentir — resmungou Cassius. — O que diabos você quer?

— Bem, provavelmente estou me preocupando à toa, mas Eliza deveria nos encontrar no lago. Íamos fazer um passeio de barco, mas ela ainda não voltou do passeio a cavalo.

Lottie se sentou mais ereta, franzindo a testa. — Mas ela saiu muito antes de mim. Disse que só sairia por uma hora.

Ashton assentiu. — Ela deveria ter chegado quase uma hora atrás, e sei que pode ter perdido a noção do tempo, mas Eliza...

— Nunca se atrasa — respondeu Lottie, levantando-se. — Cassius.

Cassius foi até ela, sabendo muito bem que Eliza era pontual. Afinal, era terrivelmente indelicado se atrasar, e Eliza nunca era rude. Embora ela pudesse ter posto à prova essa verdade nas últimas semanas, ele não acreditava que ela deixaria seus amigos esperando.

— Vou procurá-la — disse ele. — Tenho certeza de que não é nada. Talvez o cavalo tenha perdido uma ferradura e ela esteja voltando a pé.

— Sim — disse Lottie, assentindo, embora seu rosto traísse sua preocupação. — Sim, tenho certeza de que é isso.

Uma hora depois, Cassius já não estava mais tão confiante. Ele voltou para a casa para ver se alguém a havia visto, se talvez ela tivesse retornado nesse meio tempo, apenas para descobrir que Lottie também estava se preparando para sair a cavalo. Ash também havia retornado e saído novamente com sua irmã. O pai de Eliza, assim como o dele próprio e o Marquês de Montagu, haviam saído em diferentes direções com muitos dos cavaleiros acompanhando-os.

— Oh, Lottie — disse sua mãe, de pé com seus outros filhos reunidos ao redor dela. — Onde ela pode estar?

— Tente não se preocupar, mamãe — disse Lottie, embora ela também estivesse pálida e ansiosa. — Eliza é uma excelente amazona. Tenho certeza de que ela está bem.

Sua mãe assentiu enquanto segurava suas duas filhas mais novas perto de si.

— Encontre-a — implorou a eles, e Cassius assentiu.

— Não voltaremos sem ela — prometeu ele, sentindo a ansiedade apertar seu coração.

Eles partiram e perceberam que estavam instintivamente se dirigindo na mesma direção, longe de onde os cavaleiros disseram que ela havia cavalgado.

— Bayham Abbey? — gritou Cassius para Lottie, que assentiu.

— Você sabe que ela sempre adorou aquele lugar, e ela o tem visitado frequentemente ultimamente. É romântico e tranquilo lá. Ela diz que a ajuda a pensar.

Era uma viagem de menos de vinte e cinco minutos até a abadia, mas a hora estava avançada, e eles não teriam muito mais luz do dia para procurar. Não havia dúvida agora de que algo havia acontecido com Eliza, e todos estavam tomados por um pavor doentio. Ele só podia admirar a determinação silenciosa de Lottie em encontrar sua irmã, apesar do terror que ela devia estar sentindo.

Eles cavalgaram até as ruínas da abadia, que eram de fato românticas, especialmente agora com o sol se pondo enquanto nuvens escuras se acumulavam umas sobre as outras, prometendo mais chuva. Os solitários arcos góticos da abadia estavam cobertos de heras e rosas selvagens. Pássaros gorjeavam entre as grossas paredes verdejantes e abelhas zumbiam em seu trabalho, mas, além disso, não havia sinal de vida.

— Eliza! — gritou Lottie, com um tom desesperado que transpassou o coração de Cassius.

— Eliza! — gritou ele, segurando firme seu cavalo quando ele se assustou, perturbado pelos gritos deles. Ele rezava para que Eliza os ouvisse e respondesse. — Vamos circundar o perímetro.

Embora as ruínas não fossem vastas, estavam tão densamente cobertas de hera e árvores que era impossível ver através de cada recanto e fenda. Cassius esperava encontrar algum sinal de que ela estivesse ali antes de começarem a procurar pelas ruínas. Um grito de Lottie lhe deu a resposta.

— Cassius! — gritou ela, apontando para o cavalo de Eliza, que pastava pacificamente próximo às ruínas.

Cassius desmontou rapidamente e amarrou seu próprio cavalo antes de correr para Lottie e ajudá-la a desmontar. Ela tremia, e lágrimas cintilavam em seus olhos, mas assim que seus pés tocaram o chão, ela levantou as saias e correu para dentro das ruínas.

— Eliza! — gritava ela, correndo desordenadamente entre os muros e arcos em ruínas.

— Eliza!

— *Eliza!*

Longas sombras os lançaram na obscuridade conforme o sol se punha ainda mais e os pássaros ficavam em silêncio. Suas vozes ecoavam pelas sombras, como em algum horrível conto gótico, até que

Cassius parou subitamente, um arrepio percorrendo sua espinha ao ver a figura frágil encolhida no chão.

— Eliza — disse ele, com a voz embargada.

Lottie estava logo atrás dele e viu um segundo depois. Ela gritou e correu até sua irmã, caindo no chão ao lado dela.

— Eliza! Eliza!

Cassius se juntou a ela, desesperadamente aliviado ao ver o movimento do peito de Eliza.

— Ela está respirando — disse ele, sua voz soando alta demais na crescente escuridão enquanto Lottie acariciava os cabelos de sua irmã.

— Cassius! — disse ela, mostrando-lhe sua mão trêmula e sua luva, que estava escura de sangue.

Cassius sentiu como se seu coração estivesse apertado dentro do peito.

— Ela... ela deve ter caído — disse ele, olhando para os muros baixos e em ruínas ao lado dela e sem compreender como ela poderia ter batido a cabeça com tanta força.

Mas, certamente, ela não poderia ter sido tão imprudente, tão tola a ponto de subir sozinha?

Qualquer que fosse a causa, eles não tinham tempo para descobrir e foi com imenso alívio que ele ouviu a voz de seu pai, chamando por ele.

— Pai! Pai, nós a encontramos. *Venha rápido!*

Capítulo 19



Nic,

Agora você está profundamente em dívida comigo, pois esse favor não foi de forma alguma fácil de arranjar. Até mesmo para mim.

Não se esqueça disso.

– Trecho da carta a Monsieur Nicolas Alexandre Demarteau, assinado... Wolf.

20 de agosto de 1838, Holbrook House, Sussex.

Lottie olhou para sua irmã com desespero. Ela parecia estar dormindo, o peito subindo e descendo regularmente, mas era como a princesa de um conto de fadas que havia espetado o dedo e estava adormecida há cem anos. Já fazia mais de um mês desde aquele dia terrível, e Eliza não tinha se mexido. Seus pais, desesperados, haviam trazido todos os médicos de todos os cantos do país e, embora alguns deles tivessem tagarelado com confiança sobre essa ou aquela condição e tentado vários remédios, Eliza ainda permanecia adormecida.

O único homem que eles realmente queriam e precisavam era um neurologista francês, mas o diabo estava envolvido em algum experimento revolucionário e tinha tantos compromissos que nenhuma quantia ou suborno poderia induzi-lo a atravessar o Canal. Seu pai até tinha ido ver o homem pessoalmente, para apresentar seu caso, mas o Dr. Archambeau permaneceu inabalável. Ele tinha seus próprios pacientes, disse o homem, cada um dos quais era amado e importante à

sua maneira, e a filha de um duque inglês não tinha maior prioridade em seu tempo do que qualquer outra pessoa. Seu pai retornou destroçado e sem saber mais o que fazer.

Lottie soltou um suspiro e segurou a mão de sua irmã, sua voz baixa enquanto falava.

— Ainda não sabemos quem é seu admirador. Mas todo dia chega um novo buquê. Não tem mais espaço no seu quarto, e eles ocupam toda a casa. Já recebemos de tudo. Principalmente rosas, mas também crisântemos, gardênias e... — Sua voz vacilou e ela fez uma pausa para respirar fundo, e manter a compostura, pois não podia chorar. — Então, você simplesmente precisa acordar, ou eu morrerei de curiosidade.

Lottie estremeceu, desejando não ter dito isso.

— Por favor, Eliza. Eu não posso me casar sem minha irmã. Na verdade, sinto que nunca mais poderei ser feliz sem você. Eu sei que Cassius sente o mesmo. Estamos ambos desolados, e pobre m-mamãe e p-papai...

Embora tivesse prometido a si mesma que não choraria na frente de Eliza, ela colocou a cabeça entre as mãos e soluçou. Um momento depois, barulhos e vozes altas no corredor chamaram sua atenção e ela enxugou os olhos e o nariz, levantando-se e indo em direção à porta, prestes a repreender quem quer que estivesse fazendo tanto barulho, quando seu pai entrou apressadamente, o rosto iluminado de esperança.

— Dr. Archambeau — disse ele, abraçando Lottie com força. — Ele está aqui.

— A-aqui? — perguntou ela, atordoada. — Mas ele disse que não viria. Sob nenhuma circunstância.

— *Oui*, e estava falando sério — respondeu uma voz lacônica antes que seu pai pudesse falar, e o sujeito entrou. — No entanto, há algumas forças que até mesmo eu não posso resistir. Você tem alguns amigos desagradáveis, *monsieur le duc*.

Seu pai franziu a testa para o médico, consternado.

— Mas... — começou ele, sendo silenciado por sua esposa que segurou seu braço e balançou a cabeça.

Lottie concordava com sua mãe. Deixe o homem pensar que eles tinham amigos desagradáveis exercendo influência indevida, se isso trouxesse esse aparente milagreiro ao auxílio de Eliza. Pela primeira vez em semanas, Lottie sentiu seu coração se alegrar.

Ele era um homem na casa dos quarenta anos, prematuramente careca, mas com sobrancelhas brancas monstruosas que lhe davam uma aparência terrivelmente selvagem. Seus olhos eram afiados e inteligentes, embora, pelo que podia perceber, também compassivos.

Por favor, oh, por favor. Deixe este homem ser o certo.

— *Sortez!* — disse o médico, agitando uma mão irritada para todos eles. — Todos para fora. Vocês podem posicionar um laçao ao lado da porta para atender às minhas necessidades. Fora isso, *saíam!*

O médico permaneceu com Eliza durante a maior parte dos três dias seguintes, recusando-se a dar-lhes qualquer informação sobre seu diagnóstico, embora, para alívio de Lottie, ele não tenha recomendado mais sangria. Eliza estava tão pálida, tão terrivelmente frágil, que a simples ideia de retirar mais sangue dela fazia Lottie querer chorar.

Quando ele finalmente se dignou a falar com eles, seus pais estavam em um estado de extrema agitação, embora isso não fosse aparente quando enfrentavam o homem. Mamãe sentou-se ereta e imóvel com papai ao seu lado, com uma mão em seu ombro, que ela segurava com toda a força. Lottie sentou-se ao lado dela, rezando para não mexer, chorar ou cair em histeria, embora sentisse vontade de fazer tudo isso.

— Sua filha está em estado de coma devido a um golpe severo na cabeça — disse o médico, com seu inglês preciso e sucinto. — No entanto, meu parecer é que ela se recuperará completamente, ainda que lentamente.

Mamãe emitiu um som desesperado, levou uma mão à boca e se levantou, lançando-se nos braços de papai.

— Robert, Robert — gritou ela, entre risos e lágrimas.

— Sim, sim, meu amor. — A voz de seu pai estava muito rouca enquanto ele segurava sua esposa próxima.

Lottie os observou, capaz de respirar corretamente pela primeira vez em meses, com lágrimas escorrendo por seu rosto.

— Como? — perguntou ela, mal ousando acreditar nele. — Como você pode saber?

— Ela está respondendo à luz, ao som e à dor.

— Dor? — gritou sua mãe, horrorizada.

— Só uma pequena alfinetada nos dedos e nos dedos dos pés, Vossa Graça, não se preocupe. As reações são leves, não mais do que um piscar de olhos ou um pequeno movimento de resposta. Não são facilmente percebidos, mas estão lá. Na verdade, tornaram-se mais evidentes nas últimas vinte e quatro horas. É um excelente sinal e deve se tornar mais pronunciado nos próximos dias. Ainda há a preocupação se algum dano permanente foi causado, mas acredito que temos motivos para sermos otimistas. Espero poder lhes dar mais detalhes até o final da semana.

Lottie mal ouviu o restante da conversa enquanto o médico dava aos seus pais instruções detalhadas sobre o cuidado e tratamento contínuo de Eliza. Ela estava aliviada demais. Uma vizinha em sua cabeça dizia para não se animar, que outros médicos haviam errado, prometido e falhado, mas seu coração dizia que esse traria Eliza de volta para ela.

Assim que pôde, correu para encontrar Cassius.

Ele estava na casa de verão, encarando sombriamente uma tela inacabada, quando ela irrompeu pela porta. Não questionara quando ele deixara de lado o retrato dela, aquele que começara no dia em que

Eliza se accidentara. Lottie sentia o mesmo: a felicidade deles teria que esperar.

— Cassius — disse ela, enquanto ele se levantava alarmado, encarando-a.

— O quê? O que foi? Eliza...?

Lottie se jogou em seus braços, tentando falar. — Archambeau disse que ela vai m-melhorar. Ele diz que ela vai se recuperar.

Cassius emitiu um som sufocado e a abraçou forte. — Oh, graças a Deus, graças a Deus.

Ficaram assim por um longo tempo, segurando um ao outro e enxugando as lágrimas.

— Ainda não sabemos quem o mandou, então? — indagou Cassius.

— Não, e ele não dirá mais nada além do que foi forçado. Chantagem, papai disse.

Cassius franziu a testa, balançando a cabeça. — Eu me pergunto quem iria tão longe por ela, e por quê?

— Não me importo quem ou por que, mas eu adoraria agradecer a quem quer que tenha sido, de todo o coração.

Ela suspirou quando Cassius beijou o topo de sua cabeça. — Eu também. Mas venha. Aposto que você não comeu nada o dia todo. Vou levá-la de volta para casa.



Para seu alívio e deleite, ela acordou por breves intervalos, apenas alguns segundos de cada vez, mas sorriu para Lottie e apertou a mão. Foi o suficiente para fazer Lottie soluçar de felicidade.

Mais tarde naquele mesmo dia, ao descer as escadas, Lottie ficou irritada ao descobrir que uma vizinha próxima de Holbrook House, a Srta. Dudley, havia vindo fazer uma visita. O conde e sua esposa não

estavam em casa, mas o mordomo informou que sua mãe desejava que Lottie se juntasse a elas imediatamente. Lottie entendia perfeitamente.

A Srta. Dudley era uma mulher de meia-idade e muito bondosa. Por esse motivo, Lottie sabia que não deveria ser impaciente com ela, mas era uma pessoa excêntrica com noções românticas e propensa a desmaiar por causa de pássaros mortos ou um gato carregando um rato. Um poema épico poderia deixá-la de cama por dias a fio. Lottie achava o sentimentalismo meloso e exagerado dela irritante e incompreensível para alguém que havia vivido toda a vida no campo. Como ela iria se comportar em relação a Eliza, ela só podia imaginar.

— Oh, e aqui está Lottie — disse sua mãe, quando Lottie entrou na sala de estar.

Ela estendeu a mão para Lottie, que foi até ela e a pegou, sentando-se ao seu lado. A duquesa lançou-lhe um olhar cheio de remorso, mas estava claro que ela precisava de apoio, então Lottie forçou um sorriso no rosto.

Meia hora depois, Lottie estava contemplando presentear a dama com o elegante lenço. Pelo menos, ela havia parado de chorar agora. Não importava quantas vezes Lottie e sua mãe lembrassem à irritante criatura que acabavam de receber as notícias pelas quais estavam rezando, e sua irmã estava acordando, ela continuava a divagar como se Eliza estivesse à beira da morte. Lottie queria gritar, e sabia que sua mãe estava mantendo a paciência por um fio.

— E para ela estar em um lugar tão romântico quando caiu, eu me perguntei, apenas... Não. Você sabe que não sou uma fofoqueira, então não devo dizer nada.

Lottie forçou sua atenção de volta para a conversa. Isso era pelo menos verdade. Ao contrário de algumas damas – e cavalheiros – de sua condição, a Srta. Dudley tinha boas intenções. Ela podia agir como se cada assunto trivial merecesse um coro grego, mas nunca tinha uma palavra negativa a dizer sobre ninguém, nem espalharia boatos. Era por

isso que os St. Clair sempre arranjavam tempo para a dama e a recebiam em sua casa, mesmo quando ela testava a paciência de todos.

— A que você estava se referindo, Srta. Dudley? — perguntou mamãe, franzindo o cenho, pois ninguém ali entendia como Eliza havia caído.

Lottie já havia sido imprudente o bastante para escalar os muros no passado, mas nem mesmo ela o fez usando um pesado vestido de montaria, e certamente nunca sozinha.

— Bem, eu a vi em Bayham Abbey, cerca de duas semanas antes do acidente. Foi logo antes de eu ir ficar com minha irmã em Lake District. Um lugar tão bonito. Você já esteve lá?

— Sim, é muito bonito — concordou Lottie, esforçando-se para não parecer impaciente. — Mas você disse que viu Eliza em Bayham Abbey? Eu sei que ela costuma cavalgar por lá quando estamos em Holbrook, pois ela acha o lugar romântico e tranquilo.

— Sim — disse a senhora, baixando os olhos. — Mas...

— Mas? — insistiu mamãe.

A Srta. Dudley mordeu o lábio, sua expressão preocupada. — Bem, eu não gostaria de causar nenhum mal à querida Eliza ou à sua reputação.

— À sua reputação? — exclamou Lottie, chocada. Seu coração batia forte em seu peito. — Minha nossa, Srta. Dudley, você não pode acreditar que *eu* faria ou diria qualquer coisa...

— Não, claro que não. Eu nunca quis sugerir... — A Srta. Dudley suspirou, balançando a cabeça. Ela se aproximou de Lottie e sua mãe e baixou a voz. — É que eu a vi lá... com um *homem*.

O queixo da Lottie caiu. Ela olhou para sua mãe, que também estava espantada.

— Sozinha? — exclamou ela, achando incompreensível que Eliza fizesse tal coisa.

— Você deve estar enganada — disse mamãe, de maneira incisiva.
— Eliza nunca...

Mas a Srta. Dudley assentiu, sua voz agora firme. — Sim, Vossa Graça. Eu sei que sou considerada uma criatura boba e frívola, mas não sou tão cabeça de vento assim. Ela estava lá, sozinha, com um homem. Um sujeito tão infamemente bonito, do tipo que seduziria uma moça inocente. *Oh*, não estou sugerindo por um momento que ele tenha conseguido.

A Srta. Dudley ficou de um tom avermelhado enquanto sua mãe encarava a mulher com indignação.

— Não. Claro que não — disse Lottie, mudando rapidamente o assunto ao lembrar-se do dia em que Eliza havia deixado o piquenique delas e cavalgado em estado de agitação, e que não retornara para casa até muito depois de Lottie. Ela também estava em um estado estranho naquele dia, e... e não fora a única a sair do piquenique mais cedo.

— Como era o cavalheiro, Srta. Dudley? — perguntou sua mãe, embora Lottie preferisse que ela não o tivesse feito, pois já tinha uma boa ideia.

— Oh — disse Srta. Dudley, seu semblante tornando-se melancólico. — Um homem grande e forte, com traços marcantes. Tão largos eram seus ombros, e tão alto. Sombrio, também. Cabelos pretos como as asas de um corvo.

Lottie engoliu em seco enquanto mamãe ficava dura ao seu lado.

— Obrigada, Srta. Dudley — disse ela, dando à mulher um aceno gracioso e mentindo descaradamente sem pestanejar. Lottie ficou bastante impressionada. — Eu acredito que o cavalheiro seja um amigo da família, então não houve nenhuma impropriedade. Na verdade, eu acho que eles apenas foram na frente do restante do grupo. Se você tivesse permanecido lá, os outros teriam chegado pouco depois. Mas já tomamos bastante do seu tempo. Obrigada por sua visita. Você foi muito gentil, e sei que posso contar com sua discrição...

Os olhos gentis da Srta. Dudley se enrugaram enquanto ela sorria. — Ah, bem. Eu me lembro como era ser jovem, e nunca faria ou diria algo para machucar uma moça tão adorável. Foi só quando ouvi falar do acidente dela e pensei como foi estranho ela ter *caído*, e...

Ela se interrompeu e algo frio e ansioso envolveu o coração de Lottie. Mamãe não permitiu que a Srta. Dudley ficasse por muito mais tempo depois disso, e a conduziu, educadamente, para fora com a maior pressa possível.

Assim que a dama se foi, a duquesa virou-se para Lottie.

— Você sabia? — perguntou ela.

Lottie balançou a cabeça. — Ela não o estava encontrando, mamãe, tenho certeza. Foi só aquela vez, quando a Srta. Dudley a viu, e tenho certeza de que foi... bem, acidental. Certamente não foi planejado. Não poderia ter sido. Ela saiu do piquenique mais cedo. Foi depois que Cassius disse a ela que não se casariam e ela cavalgou sozinha. Ela estava terrivelmente chateada quando saiu.

— Você acha que o Sr. Demarteau a seguiu?

Lottie engoliu em seco. Ela não ia quebrar a confiança de sua irmã e contar para mamãe que Eliza estava apaixonada pelo homem, ainda assim, ela não queria que o Sr. Demarteau fosse implicado em... em quê? *Será* que ele esteve lá quando Eliza caiu? Será que ele tinha sido *responsável*, ou a tinha deixado ferida? Não. Não, ela não acreditava nisso.

— Eu não sei — disse ela. —, mas Eliza voltou em segurança e não mencionou ter visto ele.

— E ela conta tudo para você, não é?

— Sim. Geralmente — disse Lottie, sabendo que Eliza certamente não lhe contara tudo, e ela não podia reclamar, pois tinha guardado segredos dela também.

No entanto, mamãe estava doida de preocupação, e Lottie não queria agravar sua ansiedade dizendo que temia que houvesse mais por trás disso.

— Bem, Eliza vai nos explicar quando estiver bem, mas eu não acho que ela irá ver o Sr. Demarteau novamente. Seu pai já se virou contra o irmão dele e, em comparação, Louis César é *quase* respeitável.

Havia uma expressão nos olhos de sua mãe que Lottie reconhecia bem, e ela suspirou. Papai era superprotetor e mamãe era teimosa, mas... Eliza também era.

Capítulo 20



Querido Cassius,

Estamos tão encantados em ouvir que Eliza está bem novamente. Que presente de casamento maravilhoso para você e Lottie. Claro que iremos a Holbrook para a cerimônia. Nada nos impedirá.

– Trecho de uma carta dirigida a Cassius Cadogan, Visconde Oakley, de Ashton Anson – filho de Lorde Silas Cavendish e Lady Aashini Cavendish.

20 de setembro de 1838, Maison Blanchet, Londres.

— Oh, Lottie, você parece uma princesa das fadas — disse Eliza, radiante.

Lottie sorriu e deu uma volta, enquanto a proprietária da Maison Blanchet observava com satisfação. Madame Blanchet era uma mulher bonita e elegante, na casa dos trinta anos, que era um excelente exemplo de sua própria mercadoria. A Marquesa de Montagu descobrira a Maison Blanchet na temporada passada e assegurou o futuro da nova casa de moda parisiense, pois ainda era uma figura proeminente no mundo elegante da alta sociedade. Se Matilda dizia que algo estava na moda, é porque estava.

Madame Blanchet fez um gesto para o vestido. — Veja, minha criação é de um delicado cetim azul-acinzentado que realça a cor dos olhos da Lady Charlotte. Há um padrão de ramos florais e vinhas. As mangas curtas são adornadas com babados e rendas, um colarinho

rendado dourado, e criamos três fileiras de bordado na altura da cintura. A saia é ampla com duas pregas profundas de gaza em babados, forradas em escumilha endurecida, e os resultados...

Madame suspirou alegre ao olhar para sua criação com evidente orgulho.

— É perfeito — disse a mãe delas, enxugando os olhos.

— Mamãe, você está chorando? — indagou Lottie, com espanto, pois sua mãe era uma mulher prática e sensata que não era dada às lágrimas.

— Oh, é o bebê — disse ela, dando tapinhas em sua barriga arredondada e fungando. — Você sabe que eu viro uma maldita chorona sempre que estou gerando uma vida.

— Mamãe — murmurou Eliza, sacudindo a cabeça em desespero para sua mãe. — Ninguém diz *gerando uma vida*.

Lottie riu.

— Oh, céus — disse a duquesa, indignada. — Eu não posso lidar com toda essa sensibilidade. Por que não podemos apenas chamar as coisas pelo que são sem fazer jovens mulheres desfalecerem? Eu declaro que já foi ruim o suficiente na minha época, mas esse excesso de formalidade se tornará intolerável se não tivermos cuidado.

— Sim, mamãe — disse Eliza, seus lábios se curvando enquanto encontrava o olhar de Lottie.

Lottie sentiu seu coração se alegrar ao ver sua irmã sorrir. Eliza ainda estava frágil e terrivelmente fraca, com pouca energia. Essa viagem à Maison Blanchet provavelmente a deixaria de cama pelo resto do dia, mas ela estava determinada a acompanhar Lottie na última prova.

— Bem, Madame Blanchet, vamos revisar a lista para o enxoval e garantir que não esquecemos nada — disse mamãe, levando Madame Blanchet para fora do provador com ela.

— Estou tão feliz por você, Lottie. Será o dia perfeito — disse Eliza, seu prazer óbvio e genuíno.

— Será — concordou Lottie, virando-se de volta para o espelho por um momento para admirar seu vestido. Ela sorriu para seu reflexo e capturou o olhar de Eliza no espelho. — Agora que você está bem o suficiente para estar lá, será perfeito, de qualquer forma.

Eliza sorriu para ela, mas, então, seu sorriso vacilou.

— Eu lembrei — disse ela. — Do que aconteceu naquele dia.

Lottie não precisava de explicação para deduzir a qual dia ela se referia. Por acordo tácito, nem ela nem mamãe tinham pressionado Eliza, nem questionado sobre o Sr. Demarteau. Ela ficava facilmente perturbada e agitada, e sua memória ainda estava nebulosa em alguns lugares. Elas não queriam dizer ou fazer nada que a deixasse ansiosa.

Lottie virou-se e correu até ela.

— Eu escalei o muro — disse ela, olhando para Lottie em consternação. — Por que eu faria isso? Eu estava completamente sozinha, e minha saia era pesada. Por que eu seria tão tola?

Lottie balançou a cabeça. — Não sei, querida, mas... você tem *certeza* de que estava sozinha?

Eliza lançou-lhe um olhar afiado. — Por que você pensaria o contrário? Com quem eu estaria?

— Sr. Demarteau.

Eliza deu um suspiro, uma mão indo para a garganta. — Você acha... você acha que eu fui até lá encontrá-lo?

Lottie deu de ombros. — Você me disse que estava apaixonada por ele e... bem, é o tipo de coisa que eu faria, Eliza, se estivesse apaixonada por um homem.

— Você faria, não é? — disse Eliza, olhando para Lottie com uma expressão que ela não conseguia decifrar. Então, ela deu uma risadinha. — Bem, você pode ficar tranquila. Eu nunca fui, nem nunca serei tão

corajosa quanto você. Eu estava sozinha. Estava sozinha e claramente fora de mim. Não tenho explicação para isso, exceto... exceto que lembro de me sentir inquieta e selvagem, como se quisesse escapar. Era como se os muros da abadia representassem as barras de uma gaiola e... oh, quanta bobagem.

— Não é bobagem — disse Lottie, entendendo muito bem a sensação. — E logo você estará forte o bastante para fazer o que quiser. Pode ser tão corajosa e imprudente quanto quiser, só não vá escalar muros sem mim.

Eliza riu. — Oh, não irei. Eu prometo.



Cassius recuou, observando o quadro. Orgulho, amor e uma onda de emoção que parecia grande demais para caber dentro dele pressionaram a sua caixa torácica. Ele engoliu em seco e disse a si mesmo para parar de ser tão tolo, mas sabia que Lottie amaria aquilo e mal podia esperar para mostrar a ela. Não tinha retornado ao quadro até terem certeza de que Eliza se recuperaria. As semanas haviam sido difíceis para ambos. Sentira culpa por sua felicidade ao estar com Lottie, e sabia que ela também sentia. Como poderiam ser felizes quando Eliza estava presa em algum mundo adormecido, nem viva nem morta, mas de alguma forma suspensa entre os dois mundos? O alívio quando ela despertou pela primeira vez tinha sido tão avassalador que ele havia chorado. Sentira muito a falta de sua amiga, e não deixaria que Lottie suportasse a perda de sua irmã, assim como ele não suportava perder alguém que amava e dependia desde pequeno.

Mas isso tinha acabado. Eliza ainda estava fraca como um gatinho, mas era uma jovem determinada que odiava ser uma inválida. Ela se recuperaria e voltaria a ser a amiga generosa e gentil e a irmã que conheciam e amavam.

Com pesar, ele estendeu a mão para pegar o pano para cobrir o quadro de Lottie novamente e virou-se quando a porta da casa de verão

se abriu abruptamente.

— Cassius!

A voz de Lottie encheu o cômodo, alegre e excitada, enquanto ela corria até ele e lançava os braços ao redor do seu pescoço. Cassius deu um passo para trás, surpreso, e envolveu os braços ao redor dela.

— O que foi? — perguntou ele, incerto se deveria se alarmar, mas ela estava sorrindo e feliz.

— Eu te amo! — disse ela, radiante. — E meu vestido é glorioso, e vamos nos casar em *dois* dias!

Ele riu, encantado por ela, e, então, praguejou quando seus olhos se arregalaram e ela viu a pintura.

— Diabos, Lottie! Esse é seu presente de casamento. Você não deveria vê-lo ainda.

— Oh — disse ela, boquiaberta, e seus grandes olhos azuis ficando muito brilhantes. — Oh, Cass.

Cassius suspirou e se moveu para ficar atrás dela, deslizando os braços ao redor da sua cintura e puxando-a contra ele enquanto ela observava seu retrato. Não conseguia ficar bravo com ela por muito tempo, era impossível, e ele estava impaciente para que ela o visse, de qualquer maneira.

Era exatamente como ele tinha imaginado. Ela estava linda, quase etérea, com a luz do sol criando um nimbo de luz dourada ao redor de seu cabelo loiro. O vestido branco apenas realçava a sensação de pureza e inocência, mas havia um brilho em seus olhos que era completamente de Lottie e prometia ao espectador que essa jovem não era uma imagem idealizada de perfeição. Ela era uma garota real, com uma alma travessa, o tipo de garota pela qual se poderia passar uma vida amando e se surpreendendo. E ele tinha toda a intenção de fazer exatamente isso.

Ela se inclinou para trás nele e suspirou. — Pensei que você pintasse a realidade, com defeitos e tudo o mais. Tenho certeza de que não sou tão bonita assim.

— Você está errada — disse ele. — Você é a coisa mais bonita que já vi. Nunca vou me cansar de pintar você. Vou pintá-la na Itália, no Egito, na Índia, e aqui em casa também, e nunca vou ficar entediado. Nem mesmo quando você for uma velhinha bem gorda e seu cabelo estiver branco. Vou pintá-la com nossos filhos, nossos netos, e toda vez pensarei: *Cassius, seu diabo sortudo*.

Ela virou-se e sorriu para ele. — Quero uma família grande, como a minha.

— Oito filhos? — Cassius, encolhendo um pouco diante da ideia. — Ah, bem. O que você quiser, amor. Afinal, você sempre consegue o que quer no final.

— Será? — perguntou ela, toda inocente, inclinando a cabeça para trás para olhá-lo.

— Sim — respondeu ele, vendo a curva elegante do pescoço dela onde encontrava o ombro, o delicado aroma de jasmim pairando suavemente em sua pele. Sem resistir, ele abaixou a cabeça, pressionou os lábios naquela curva deliciosa e gemeu. — Oh, você cheira tão bem, Lottie. O que é? Eu sei que é jasmim, mas tem algo mais... algo verde...

Um toque de cor tingiu suas bochechas, o que o intrigou. — Eu uso jasmim como meu perfume, mas minha criada coloca ervas nas gavetas com minhas... minhas meias e roupas íntimas.

Seus lábios se curvaram em um sorriso sem esperança. — É mesmo?

Ela riu e se afastou dele, correndo para o outro lado do ateliê.

— É — disse ele, erguendo o queixo. — Mas eu não posso acreditar que você consiga sentir esse cheiro. É bem fraco.

— Querida, isso tem me atormentado há semanas.

— Tem? — perguntou ela, inclinando a cabeça para olhá-lo, com aquele brilho travesso nos olhos que ele tanto amava fazendo seu coração acelerar.

— Que ervas ela usa? — perguntou Cassius, rezando para que ela o convidasse a descobrir.

Lottie virou-se, afastando-se dele, caminhando na direção do divã. Ela parou para olhar para a explosão de tinta que ainda manchava o chão de pedra e deu-lhe um sorriso encantador. — Eu não posso acreditar que você deixou isso aqui.

— Finalmente está seco — disse ele. — E eu gosto disso. Isso me lembra você, da maneira como você entrou na minha vida e a encheu de cor e emoção.

— E fiz uma bagunça danada — acrescentou ela, com um resmungo.

Ela contornou a tinta, mesmo que ele tivesse dito que estava seca, levantando suas saias um pouco mais do que o necessário para lhe dar uma bela vista de seus belos tornozelos. Ela se sentou no divã, parecendo recatada e doce por um momento, mas isso não duraria, graças aos céus. Cassius engoliu em seco quando ela estendeu uma perna à sua frente e, lentamente... tão lentamente, levantou suas saias até o joelho.

— Venha ver se você consegue descobrir — disse ela.

Ele não precisava de um segundo convite.

Lottie jogou uma das almofadas no chão e ele arqueou uma sobancelha para ela, mas ajoelhou-se aos seus pés, um humilde suplicante diante da deusa. Ela se acomodou entre as almofadas restantes enquanto suas mãos deslizavam em torno de seus tornozelos, as meias delicadas deslizando sob seus dedos. Um leve aroma emanou da seda fina enquanto Cassius levantava um dos pés delicados. Ele roçou os lábios em seu tornozelo, respirando o perfume, tão sutil, mas completamente intoxicante.

— Tomilho — disse ele, consciente de que sua voz estava arranhada e rouca.

Lottie balançou a cabeça e levantou suas saias mais um pouco.

— Não — disse ela. — Próximo palpite.

Sua boca estava seca quando ele colocou o pé dela no chão e pressionou seus lábios no interior de seu joelho. Ele abriu ainda mais suas pernas, consciente de sua respiração ficando mais rápida enquanto traçava uma linha de beijos por sua coxa. Uma onda de anáguas caiu sobre seus quadris, escondendo o prêmio de seu olhar faminto. O perfume era mais forte ali e ele pensou que poderia reconhecê-lo, mas disse em vez disso: — Lavanda.

— Errado novamente — murmurou ela.

Cassius fez um som com a língua e balançou a cabeça. — Acho que preciso fazer perguntas mais profundas.

Lottie mordeu o lábio. Suas bochechas estavam coradas, e ela parecia dividida entre o riso, o desejo de provocá-lo ainda mais, e sua curiosidade muito real sobre o que ele faria em seguida. Ele esperou, incerto sobre qual aspecto de seu caráter prevaleceria.

— Muito bem — disse ela, com a voz não muito firme. — Mas é sua última chance.

— Então é melhor eu ter certeza antes de dar minha resposta — disse ele, gravemente, e então lançou suas anáguas sobre a cabeça e desapareceu em uma nuvem de renda branca.

— Cassius! — gritou ela, mas ele a ignorou, contente de que ela estivesse apenas surpresa e não expressando objeção alguma.

Estava quente e escuro e docemente perfumado sob as camadas de seu vestido e anáguas. O jasmim se misturava com o perfume herbáceo e um aroma feminino único que turvava sua mente com luxúria. Sua boca encontrou a pele macia da parte interna de sua coxa e ele a beijou, subindo até chegar à junção da perna e do quadril e à pele sedosa e

extremamente macia que envolvia o triângulo suave de cachos. Sua língua desenhou uma linha fina ao longo daquela carne acetinada e ela emitiu um som assustado, saltando sob ele.

— Devo parar? — perguntou ele, ciente de que a havia surpreendido.

— Não se atreva!

Ele riu, e seu hálito quente deve ter soprado sobre ela porque ela deu um suspiro. Satisfeito, ele decidiu que sua futura esposa deveria ser punida por arruinar sua linda surpresa. Ele levantou as anáguas e a expôs à sua visão.

— Está quente lá embaixo — disse ele, exibindo um sorriso malicioso para ela. — E eu quero ver o que estou fazendo.

— Mas a porta não está trancada — disse ela, respirando rapidamente.

— Vou fazer isso — disse ele, movendo-se para trancá-la, mas ela agarrou seu cabelo.

— Não, não vá. É excitante.

— Que garota indecente você é — murmurou ele, seu sangue pulsando pelas veias, embora soubesse tão bem quanto ela que era improvável que alguém passasse pelo seu ateliê hoje, não com tantas outras coisas para ocupá-los com o casamento para organizar. — Meu Deus, eu te amo, Lottie.

Ela riu, um som agradável e feliz que fez seu coração se sentir leve, mas que parou abruptamente quando ele inclinou a cabeça novamente e pressionou um beijo nos cachos macios. Suas mãos ainda estavam cerradas em seu cabelo e apertaram reflexivamente. Cassius sorriu e tocou um dedo nos cachos dourados e macios entre suas pernas, fazendo suaves cócegas nela enquanto seu dedo percorria levemente o vinco de seu sexo.

— Cass — implorou ela, contorcendo-se sob seu toque.

Havia impaciência em sua voz, o que não o surpreendeu. Ela sempre queria se jogar de cabeça em qualquer aventura, direto para qualquer coisa nova e excitante, sem nunca olhar antes de pular.

— Relaxe, amor. Não há nada que você precise fazer, apenas aproveite meu toque. — Ele lhe lançou um olhar travesso e deliberadamente a provocou, dizendo: — Afinal, você deveria obedecer ao seu marido.

Ela devolveu um olhar indignado, mas antes que pudesse dar-lhe uma reprimenda, ele abaixou a boca para aquele lugar secreto e lambeu.

Quaisquer palavras indignadas que estivessem se formando em sua boca se transformaram em um som incoerente de gemidos que só ficava mais alto e mais selvagem conforme ele provocava com a língua ao longo das dobras delicadas, e ela tremia e ofegava debaixo dele. Seus lábios implacáveis continuaram a arrancar os sons desesperados dela enquanto sua língua buscava o pequeno pedaço de carne que a fazia se contorcer e exclamar de prazer e choque.

— Fique quieta, meu amor — repreendeu-a suavemente. — Você é terrivelmente agitada.

— Oh! — resmungou. — Você que é terrível. Como eu posso ficar quieta com você me provocando assim? Espere um momento, Cassius. Assim que eu souber como, eu vou... eu vou...

Ele não conseguiu ouvir o que quer que fosse que ela tinha em mente, embora estivesse certamente mais do que ansioso para descobrir. Hoje era sua vez de dar prazer à sua amada, e provocá-la um pouco também. Os gemidos cada vez mais altos de prazer que ele arrancava dela o deixaram muito aliviado com o fato de que passariam a noite de núpcias em um hotel antes de irem para sua nova casa. A ideia de estar sob o mesmo teto que o pai dela era o suficiente para fazer qualquer homem hesitar. Holbrook poderia ser vasta, mas não havia casa grande o bastante para ficar tranquilo quando se tratava de

deflorar a filha do Duque de Bedwin, com o duque em pessoa sob o mesmo teto.

Pensamentos sobre sua noite de núpcias eram tentadores demais para resistir, mas ele não iria antecipar seus votos mais do que já estava fazendo. Foi apenas porque Lottie era uma tentação profana, e eles haviam esperado muito mais do que inicialmente imaginaram, que sua sanidade estava se desfazendo. Ele ansiava por mais, mas não faria com que ela tivesse a primeira vez na casa de verão. Mas, de acordo com os boatos, havia uma história de uma tradição familiar naquele lugar, ele pensou com um sorriso irônico.

Ela emitiu um som suave, puxando seu cabelo. Cassius riu e deslizou um dedo dentro do calor apertado dela. Seu próprio corpo se contraiu, sua respiração cada vez mais rápida enquanto ela tremia e gemia. Ele a acariciou suavemente.

— Devo parar? — perguntou ele, preguiçosamente.

— Se parar, não me responsabilizo pelas consequências — advertiu-o, ofegando e gemendo, enquanto ele voltava sua boca para o botão delicado de seu sexo e sugava-o enquanto continuava a acariciá-la intimamente.

Ela se desfez sob ele, com um grito ofegante de prazer que o percorreu com a força de um raio levando-o tão perto do limite que foi o máximo que pôde fazer para evitar se envergonhar.

— Oh — disse ela, com a voz confusa e indistinta depois que os tremores cessaram. — Oh, isso... isso foi... Meu Deus, quanto tempo até nos casarmos? Eu quero fazer isso de novo.

Cassius soltou uma risada indefesa e enterrou o rosto em suas anáguas.

— Alecrim — disse ele, forçando a palavra a saírem de sua boca enquanto o perfume embriagador dela, jasmim e aquele perfume verde tentador, faziam-no se sentir bêbado, feliz e um pouco atordoado por ela realmente ser dele.

— Oh, seu canalha. Você sabia disso o tempo todo? — exigiu saber ela, e então jogou a cabeça para trás com uma risada. — Estou feliz que não tenha dito.

Ambos paralisaram ao ouvirem o som abafado de vozes se aproximando. Alguém estava chegando.

— Meu Deus — disse Cassius, levantando-se em um salto enquanto Lottie fazia o possível para ajeitar suas volumosas anáguas e sua saia amarrotada.

— Oh, seu cabelo — lamentou ela, apontando para ele enquanto Cassius tentava alisá-lo novamente, mas sem sucesso.

Ambos estavam ruborizados e um pouco desalinhados, e ele só podia esperar que quem quer que fosse continuasse seu caminho.

— Sim, bem, tenho certeza de que ficarão muito felizes em nos acompanhar — disse uma voz excessivamente alta que Cassius reconheceu.

— Mamãe! — gritou Lottie, horrorizada.

— Essa não — disse ele lançando-se para agarrar a parte de trás do vestido de Lottie, que não havia sido colocado adequadamente e mostrava um bom pedaço das anáguas. Ele conseguiu endireitá-lo a tempo de a porta se abrir e o Duque e a Duquesa de Bedwin entrarem. O pai de Lottie parou na entrada, seu olhar verde e frio indo da filha amarrotada para Cassius. Apesar de ser um homem adulto, alguém que havia visto o mundo e sobrevivido a ele, Cassius naquele momento se sentiu como um garotinho devasso. Ele sentiu o calor subir pelo pescoço quando o rosto do duque se tornava sombrio.

— Lottie, querida — disse a duquesa, aproximando-se de sua filha antes que o homem pudesse falar, e ajustando sorrrateiramente o decote de Lottie, protegendo-a do olhar de seu pai. — Precisamos de você em casa, minha querida. Tedioso, eu sei, mas há algumas decisões que só você pode tomar e... e...

A duquesa parou de falar e Cassius seguiu seu olhar, percebendo que ela tinha visto a pintura.

— Oh — disse ela, uma mão elegante movendo-se para cobrir o coração. — Oh, Robert.

O duque lançou a Cassius um olhar que deixou claro que ele não permitiria que ele se aproximasse de sua filha novamente antes do casamento, se dependesse dele, antes de ir ficar ao lado de sua esposa.

— Não é lindo, mamãe? — disse Lottie, pegando no braço de sua mãe. — Ele me bajula tanto, é claro, mas eu dificilmente posso reclamar desse fato.

Houve um momento de silêncio enquanto seus pais estudavam a pintura.

— Não — disse o duque após um tempo. — Não, ele não te bajulou. Ele te viu como você realmente é, como eu sabia que ele via, pois não teria deixado você ir embora tão cedo, de outra forma.

— Oh, papai — disse Lottie, ouvindo assim como Cassius, o leve tremor de emoção na voz do homem. Ela correu para seu pai e abraçou-o forte.

— Oh, pare com isso! — lamentou a duquesa, lutando para tirar um lenço de renda de sua manga. — Você sabe que atualmente qualquer coisa me leva ao limite, e como eu posso resistir...?

No momento seguinte, o duque estava abraçando tanto sua filha quanto sua esposa e Cassius se sentiu um intruso.

— Cassius — disse o duque, dando, primeiro, um beijo em Lottie e, depois, em sua esposa antes de se desvencilhar. Ele se aproximou, estudando Cassius por um longo momento, e então estendeu a mão. Cassius a pegou. — É extremamente difícil entregar sua filha ao cuidado de outro homem, não importa o quão digno ele possa ser, mas... mas estou orgulhoso do homem que você se tornou, e confio que você a fará feliz.

— Juro que farei tudo que estiver ao meu alcance, senhor.

Bedwin assentiu, com um leve sorriso nos lábios enquanto algo sombrio piscava em seus olhos. — Certifique-se de fazer isso.

Capítulo 21



Querido diário,

Estamos voltando para Holbrook House para o casamento e estou tão feliz. O verão foi cheio de emoção e drama, exatamente como eu esperava, mas agora percebo que o drama, que é emocionante e arrepiante nos livros, não é nada agradável de se experimentar em primeira mão. Estávamos todos tão preocupados com a pobre Eliza e estamos tão felizes que ela esteja se recuperando bem. Embora ainda esteja terrivelmente frágil, como uma pequena boneca de porcelana. Acho que ela vai precisar de muitos cuidados, mesmo que todos os seus irmãos e irmãs a mimem, assim como o restante nós. Na verdade, acho que nosso excesso de zelo está deixando ela um tanto inquieta.

– Trecho de uma anotação no diário de Lady Catherine 'Cat' Barrington, filha mais nova do Marquês e da Marquesa de Montagu.

22 de setembro de 1838, Holbrook House, Sussex.

Eliza observava, divertida, enquanto sua irmã corria pelo quarto, tão eufórica quanto uma criança no Natal. Ela tinha deixado sua pobre mãe e sua criada completamente loucas com sua incapacidade de ficar quieta por cinco minutos seguidos. As duas mulheres corriam atrás dela tentando arrumar seu cabelo, apertar seu espartilho e colocá-la em seu vestido, mas Eliza ficava alegre ao ver Lottie transbordando de felicidade. Era assim que deveria se sentir ao se casar com o homem que se ama. Eliza percebia isso agora, e sabia que não teria se sentido

nada assim no dia de seu casamento se Cassius não tivesse sido corajoso e honesto o suficiente para dizer que não iria se casar com ela.

Finalmente, as coisas estavam acontecendo como deveriam, e embora fosse um pouco constrangedor ter sua irmãzinha se casando antes dela, Eliza não estava prestes a se deixar abalar por isso. Lottie estava feliz e Cassius era seu amigo novamente. Isso era tudo o que importava. Ele havia passado a tarde de ontem com ela, jogando cartas e conversando, e fingindo estar absorto em um livro quando ela adormeceu, algo sobre o qual ainda parecia não ter controle e acontecia ao menor sinal se fechasse os olhos. Toda a atenção que estava recebendo era tediosa, porém, e ela desejava que parasse, mesmo que apreciasse o cuidado de todos. Ela só queria ser como antes, mas sabia que precisava ser paciente. Eliza deu uma risadinha suave. *Paciente.* Lady Elizabeth Adolphus, conhecida por ser uma das damas mais serenas e pacientes da alta sociedade, estava cada vez mais impaciente, mal-humorada e petulante como uma criança.

Ela era uma tola. Não, ela tinha *sido* uma tola. Escalar os muros em ruínas da abadia, usando um traje de montaria, tinha sido o ápice da idiotice. O problema era que ela ainda se lembrava do desejo de ser imprudente e desafiar as regras, de fazer seu coração bater mais rápido e de se sentir viva. Não apenas se lembrava disso, ainda o sentia, uma inquietação fervilhante sob sua pele. Havia outras coisas também, como o dia em que galopou pelos campos ao lado do Sr. Demarteau, seus olhos escuros e travessos desafiando-a, incentivando-a a continuar. Ela *havia* ousado, ou, pelo menos, pensou que tinha. Ainda estava tudo tão confuso em sua mente que não conseguia ter certeza se não teria sonhado tudo aquilo. Parecia tão improvável que fosse real, pois ela ousara conduzi-lo até a abadia e, uma vez lá, o observara, fascinada, enquanto ele escalava os muros, ágil como um gato. Então, ela havia ficado ali, sem ousar respirar, enquanto ele se apresentava para ela. Ele tinha ficado de cabeça para baixo, depois – de forma impossível – se equilibrado em uma mão, e mostrado a ela proezas de força e agilidade que ela jamais imaginaria serem possíveis. Ele encerrou sua

performance descendo do muro com uma acrobacia, enquanto ela abafava o grito de surpresa, temendo que ele se machucasse. Mas ele não caiu; ele retornou ao chão, como uma criatura mítica, ou pelo menos um artista como aqueles do Anfiteatro de Astley. Como ou onde ele havia aprendido tais coisas, ela não sabia, e ele se recusara a contar. Mal tinha falado com ela, mas a lembrança de seus olhos escuros sobre ela permanecia como uma marca em seu coração, agitando seu sangue. Lembrar disso agora fazia seu coração bater rápido demais, saltitando erratically em seu peito. *Se é* que era uma lembrança. Será que ela realmente poderia ter sonhado uma coisa dessas? Parecia improvável demais para ser real.

— Eliza?

Ela deu um pulo ao ouvir a voz preocupada de sua mãe penetrar seus pensamentos distraídos.

— Você está bem, querida? Está corada.

Eliza tentou afastar a mão de sua mãe quando ela a colocou em sua testa.

— Sally, você acha que ela está com febre?

Eliza gemeu e se submeteu ao exame de sua mãe enquanto Sally – que era uma criatura sensata, graças a Deus – assegurava sua mãe que ela não estava prestes a sucumbir a algum mal desconhecido.

— Bem, então, você está certa mesmo de que está bem, meu amor?
— persistiu sua mãe.

— Ah, pelo amor de Deus. Na verdade, estou ótima. Só estou impaciente e animada para ver minha irmã casada, mamãe, e se você não a deixar descer imediatamente, o pobre Cassius vai pensar que ela fugiu.

— Eu acho que papai poderia me ajudar se eu decidisse — disse Lottie, com um sorriso. — Ele está terrivelmente tenso.

A duquesa suspirou. — Oh, seu pobre pai. É difícil para ele ver você partir, querida Lottie.

Lottie bufou. — Bobagem. Eliza ainda está aqui, então ele estará perfeitamente contente, embora eu ache que será um homem corajoso que virá pedir sua mão, minha querida. Todo mundo sabe que você é a favorita dele.

— Não seja tão ridícula — protestou Eliza. — Eu não sou nada disso.

— Sim, você é. Você é o *aaanjo* dele — disse Lottie, alongando a palavra e dando um sorriso malicioso. — Ele nunca me chamou de “anjo” na vida dele.

— Não, verdade — disse sua mãe com um sorriso irônico. — Você nunca lhe deu motivo para isso, sua criatura travessa. Talvez eu deva aproveitar esta oportunidade para perguntar exatamente o que você estava fazendo na casa de verão. *Hmmmm*? Você tem sorte que eu tenho uma voz tão alta, eu suspeito.

Para diversão de Eliza, Lottie ficou com um tom de vermelho chocante. Ah, ela teria que perguntar à sua irmã exatamente o que havia acontecido antes de ela desaparecer em sua lua de mel. Mamãe tinha sido direta ao explicar os detalhes do sexo e as maneiras pelas quais as garotas ingênuas poderiam se meter em situações complicadas. Ela acreditava que as garotas não deveriam ser ignorantes com relação ao mundo, ou aos homens e, certamente, não aos seus próprios corpos. Ela nunca as enviaria para a noite de núpcias sem ter ideia do que iria acontecer, mas simplesmente não se podia perguntar a ela sobre os detalhes mais íntimos – era constrangedor demais para expressar em palavras!

— Agora, não faça esse pobre rapaz esperar mais — instruiu a duquesa, entregando o buquê a Lottie e enxotando todos para fora do quarto. — Ele parecia terrivelmente pálido e ansioso quando chegou, e duvido que seu pai tenha feito qualquer coisa para deixá-lo à vontade.



Cassius caminhava de um lado para o outro na extensão da vasta lareira de mármore na grande sala de visitas e tentava resistir à vontade de verificar as horas. De novo.

— Você deveria parecer resignado com o seu destino, meu velho — falou Ash, com a voz arrastada e o divertimento iluminando em seus olhos azuis brilhantes. — Não como se estivesse desesperadamente ansioso para se jogar no fogo.

Cassius virou-se para o amigo e bufou. — Espere só até chegar a sua vez. Eu juro, se eu tiver que esperar muito mais para torná-la minha esposa, acho que vou enlouquecer.

Ash suspirou, arrumando elegantemente seus membros longos enquanto se apoiava na lareira. — Esse negócio de se apaixonar parece ser muito cansativo para a minha mente. Acho que prefiro ser adorado pelos outros, mas manter meu coração para mim mesmo. Parece terrivelmente desconfortável estar sempre à mercê das próprias emoções.

— Diz o homem usando um colete desses — disse Cassius, fazendo uma careta enquanto observava o peito ricamente adornado de seu amigo. O de hoje era de seda roxa bordada com... com... Ele semicerrou os olhos para ver o desenho. — São lagostas?

Ash franziu o cenho com indignação, alisando carinhosamente a criação roxa que estava agredindo os sentidos de Cassius. — Na verdade, não são, seu cretino. Isso é um coração com uma coroa, segurados entre duas mãos. É um símbolo irlandês de amor, lealdade e amizade. Foi um presente de aniversário da Lady Aisling.

Cassius arqueou uma sobrancelha. Aisling era a filha mais velha do Conde e Condessa de Trevick, Luke e Kitty Baxter. Ela também tinha um irmão mais velho – o Visconde Harleston – que a protegia, assim como à sua irmã mais nova, da mesma forma que Cérbero patrulhava os portões do inferno.

— Conor sabe que você está recebendo presentes da irmã dele?

— Não, e não conte a ele — disse Ash, irritado. — Ela é uma criatura adorável e, sim, ela tem uma *quedinha* por mim, e a vejo uma vez por ano, então, não há mal nenhum nisso. E ela é muito habilidosa com a costura. Parecia um desperdício deixar um trabalho tão sofisticado nunca ver a luz do dia, e ela me fez prometer que usaria em uma ocasião especial.

— Bem, você estará usando enquanto Conor te jogar do penhasco mais próximo se souber disso — disse Cassius, secamente, e, então, seu coração deu uma batida irregular em seu peito ao ver a duquesa e Eliza virem tomar seus lugares.

Eliza deu-lhe um sorriso deslumbrante e os outros convidados olharam com expectativa para a porta.

— Ash — disse ele, tateando pelo braço de seu amigo porque não conseguia tirar os olhos da visão diante dele. — *Ash!*

— Eu sei, eu sei, velho. É hora de você fazer sua parte — disse Ash, e Cassius ouviu um tremor decidido na voz do amigo. — Ah, e ela está maravilhosa. Retiro tudo o que disse. Você é um cara de sorte, então, não estrague tudo.

Cassius mal conseguia respirar ou se mexer, e mal ousava piscar. Para sua surpresa, sentiu a garganta apertar e os olhos arderem, tendo que lutar para manter a compostura para não ser caçoado pelo resto da vida por choramingar em seu próprio casamento. Sentiu-se um pouco melhor quando Ashton fungou e aceitou um lenço de sua irmã gêmea, que obviamente estava preparada sabendo que seu irmão era do tipo sentimental. Cassius não era assim, e, ainda assim... e, ainda assim, Lottie estava tão linda, tão radiante de felicidade que ele queria chorar. A felicidade brilhava através dela, transformando uma bela garota em algo além de qualquer descrição. A força da emoção que sua alegria provocava nele dificultava a respiração. Afinal, ele tinha a alma de um artista, e não era a grande beleza que movia esses homens? Beleza dessa magnitude havia inspirado sonetos e odes, óperas e pinturas

daquelas que faziam as pessoas olharem e suspirarem e se maravilharem com tamanho primor de realização artística. Ela era seu coração, sua alma, sua musa, e ele nunca se cansaria, nunca se acostumaria com alguém tão constante e mutável quanto o mar ou o céu.

A solenidade com que o duque entregou a mão dela a ele não ajudou em nada sua postura. Os olhos verdes de seu pai estavam muito brilhantes, embora isso o fizesse sentir-se melhor, pois, se um homem como o duque era movido às lágrimas, então, certamente os meros mortais tinham o mesmo privilégio?

— Você parece uma poesia, ou uma pintura de um dos grandes mestres — disse Cassius, sua voz não tão firme quanto ele gostaria, mas determinado a dizer as palavras. — Uma obra de arte.

Ela lhe lançou um olhar afetuosamente exasperado e se inclinou para sussurrar em seu ouvido. — Espero que não, Cassius, pois não são coisas assim intocáveis? E eu estava tão ansiosa pela minha noite de núpcias.

Ele deu uma gargalhada repentina, pois é claro que Lottie diria tal coisa com todos os observando. Cassius virou-se para o padre e descobriu os olhos perscrutadores do homem fixos nele com suspeita. O calor subiu-lhe pelo pescoço e ele lançou um olhar para Lottie, cujos ombros tremiam com risos silenciosos.

— Danadinha — murmurou.

Felizmente, a cerimônia prosseguiu pacificamente depois disso, exceto por alguns fungados enquanto recitavam seus votos. Quando terminou, Cassius não teria conseguido dizer se havia durado horas ou um piscar de olhos. Parecia ter sido ambos, de alguma forma, o que o deixou atordoado e feliz, finalmente chegando ao ponto que ele aguardava ansiosamente.

— Você pode beijar a noiva.

Ele sorriu para o duque, que revirou os olhos, e, então, Cassius se inclinou e beijou sua nova esposa.

Embora ele tivesse planejado que fosse apenas um leve toque de lábios – afinal, tinham uma plateia – Lottie jogou os braços em volta de seu pescoço e se agarrou a ele. Ele riu, sabendo que ela sempre traria alegria e diversão para sua vida, além de confusão, loucura e Deus sabe-se lá o que mais, porém, ele estava pronto, pronto para tudo isso.



— Oh, você está divina. Que vestido glorioso.

Lottie sorriu para sua Tia Helena. — É lindo, não é? É da Maison Blanchet. Madame Blanchet é tão habilidosa, ela criou coisas tão bonitas para o meu enxoval.

Helena suspirou e se inclinou para o marido. — É tão romântico. Você se lembra quando éramos recém-casados, Gabe?

Tio Gabriel olhou para o pai dela e fez uma carranca.

— Vividamente — disse ele, com um tom seco.

Todos riram, pois toda a família sabia que Helena e Gabe haviam fugido para Gretna Green, e o duque os havia perseguido até lá, chegando a tempo de interromper o casamento. Ele acabou cedendo, uma vez que percebeu que Gabriel realmente amava sua irmã, e ela a ele. Gabriel Knight tinha uma terrível reputação, é claro, um industrial infame, um homem que veio do nada, que não tinha lugar na sociedade... até que ele mesmo criou um lugar para si. Com a ajuda de Helena, naturalmente.

— Não posso acreditar que você se casou antes de mim, Lottie — resmungou Florence, com seu belo rosto expressando consternação.

Helena e Gabe tinham uma filha mais velha, Florence – prima de Lottie – da mesma idade que ela, e sempre foram terrivelmente competitivas.

— Bem, não foi algo que eu planejei — disse Lottie, alegremente. — Não se preocupe, querida, o seu tempo vai chegar.

Florence fez um gesto de jogar a cabeça para trás com um resmungo imperioso, seus cachos negros e espessos balançando em volta do rosto. — Ah, pare de me tratar com condescendência, senão eu vou pisar no seu pé.

Lottie riu, sabendo muito bem que Florence estava apenas brincando, mesmo que *estivesse* com um pouco com inveja.

— Desculpe, Flo, mas não é como se você estivesse sem pretendentes — disse Lottie, pegando o braço da prima.

— Nem com tempo para escolher um — interveio Tio Gabe. — Então, pare de ter tanta pressa.

— Oh, papai! — disse Florence, balançando a cabeça. — E sim, claro que eu tenho pretendentes. Todos eles são terrivelmente amolantes.

Seu pai franziu a testa.

— Maçantes — explicou Lottie, apressadamente. — Ela quer dizer terrivelmente maçantes, e não vi você falando com o Visconde Roxborough na festa dos Hely-Hutchinson? Ele é terrivelmente bonito e charmoso também.

— E pobre como um rato de igreja — resmungou o Tio Gabe, cruzando os braços.

— Oh, papai! Nem todo mundo pode ser rico como Creso — protestou Florence, os olhos verdes faiscando.

— Não — respondeu o pai, suavemente. — Mas eles *poderiam* desaparecer.

— Viu? — disse Flo, jogando as mãos para o alto. — Viu com o que eu tenho que lidar?

Pressentindo uma discussão prestes a acontecer, Lottie pegou Florence pela mão. — Venha ver Ash e Vivien. Ainda não tive a chance

de provocar Ash adequadamente por choramingar, e estou ansiosa por isso.

Ela puxou Florence para longe, movendo-se pelo salão e soltando um gritinho de surpresa quando uma mão deslizou em volta da sua cintura.

— Que travessura você está aprontando, esposa? — exigiu saber Cassius, com a voz baixa e íntima.

Lottie estremeceu de expectativa, olhando para ele. — Eu estava sendo uma boa amiga e intervindo antes que Florence se trancasse num convento pelo resto da vida — disse ela, corando com o olhar intenso de seu marido. Seu *marido!* Céus.

— Ela está tentando me animar com a perspectiva de zombar de Ash por chorar como uma menininha durante a cerimônia — disse Florence, com um suspiro. — O que pode funcionar, para falar a verdade.

— Parece divertido — disse Cassius, sorrindo, e ofereceu um braço para cada uma das senhoras.

Eles pararam para falar com Tia Bonnie e Tio Jerry e suas três filhas no caminho. As duas mais velhas eram gêmeas, embora, ao contrário de Vivien e Ashton, ninguém pudesse adivinhar, pois eram bastante diferentes apesar dos cabelos loiros, puxando o pai.

— Não se esqueça de jogar seu buquê — disse Greer, sorrindo para Lottie. Sua irmã, Elspeth, que era muito mais séria, revirou os olhos.

— Não zombe de mim, Gee — respondeu Elspeth, pacientemente.

— Eu não estava zombando, caramba — respondeu Elspeth pacientemente. — Que besteira. Como se pegar um buquê pudesse determinar quando você vai se casar.

Greer cruzou os braços. — É tradição, e como você sabe?

— Bem, pelo mesmo motivo que sei que não existem unicórnios, ou fadas — disse Elspeth, jogando as mãos para o alto.

— Oh, meninas, parem de brigar — repreendeu a mãe delas. — Elspeth, se sua irmã fica feliz em pegar o buquê, então, não estrague isso para ela. Você sempre precisa ser tão sensata?

— Não estou sendo sensata, mãe, apenas faz sentido...

Cassius e Lottie se afastaram com Florence em seu encalço antes que as coisas pudessem esquentar.

Ashton gemeu ao vê-los se aproximando.

— Viv — disse ele, lamentando. — Faça-os parar.

Vivien apenas bufou. — Eles ainda nem começaram, Ashton querido. E, realmente, o que você esperava? Você deveria ter se lembrado de trazer um lenço. Você sabia que ia chorar, com certeza. Eu me lembrei. Nunca conheci alguém tão sensível.

Ash franziu o cenho.

— Foi *emocionante*, ver dois dos meus amigos mais próximos proferirem aqueles votos – *renunciando a todos os outros*. — Ele suspirou colocando a mão sobre o coração. — Não pude deixar de pensar – que pobres tolos.

Lottie deu um tapa nele com seu leque, e ele sorriu para ela.

— Estava só brincando, Lottie. Você sabe que não pensei nada disso. Estou tão feliz por vocês dois. Vocês serão felizes de forma idílica, na minha opinião. É que agora que o resto de nós sabe o que é possível, nunca ficaremos satisfeitos. Vocês estabeleceram um padrão impossível de ser alcançado.

— Oh — disse Lottie, com um bufo. — Eu estava tão ansiosa para te atormentar por ser um chorão, e agora não posso porque foi tão gentil o que você disse.

— Eu sei — disse Ash, com um ar de superioridade.

— Onde está Eliza? — perguntou Cassius, escaneando o salão.

— Ela saiu para tomar um ar — disse Lottie, aproximando-se dele.
— Ela voltará para o café da manhã do casamento. Coitadinha, estava

achando barulho demais.

— Ela ainda está muito fraca — disse ele, franzindo a testa.

Lottie assentiu, sentindo seu coração apertar um pouco ao lembrar de como Eliza estava em boa forma e saúde quando eles chegaram a Holbrook. Tanta coisa tinha mudado em tão pouco tempo. Antes do acidente, eles tinham planejado viajar para a lua de mel, mas nenhum deles se sentia à vontade para partir até que Eliza se recuperasse completamente.

— Sim, mas ela está determinada a ficar bem novamente, então ficará — disse Lottie, lembrando a si mesma desse fato. — Ela pode ser quieta, mas é obstinada quando quer.

Cassius riu. — Isso é verdade. Não duvido que agora ela vá mirar em um duque ou marquês, como sempre disse que faria. Tenho certeza de que sempre ficou desapontada por eu ser apenas um visconde. Um duque seria muito mais adequado. Ainda mais para pôr em prática seus planos de tornar o mundo um lugar melhor.

— Se alguém pode fazer isso, é ela — disse Lottie, sorrindo para ele com tanta adoração que ele fez o que ela esperava e se inclinou para beijá-la.

Eles se separaram ao som de uma tosse discreta enquanto um lacaio se aproximava deles.

— Com licença, milorde — disse ele para Cassius. — O *Comte* de Villen está aqui. Ele está esperando no salão amarelo. Devo dizer a ele que a família não está recebendo visitas hoje?

— Oh, não — disse Lottie. — Vamos lá vê-lo, não é, Cass?

Cassius agradeceu com um aceno ao lacaio e dispensou-o. — Não tinha como ele saber que estávamos nos casando hoje. Ainda não foi anunciado. Apenas a família e alguns dos nossos amigos mais próximos sabiam.

Lottie o seguiu para fora do salão. — É verdade. Eu me pergunto o que ele quer — disse ela. — Papai não ficará nada contente.

— E o meu também não, mas não precisam saber. Vamos lá descobrir o que ele quer antes que sintam a nossa falta. Afinal, não pode haver um café da manhã de casamento sem os noivos.

Capítulo 22



Querida Tia Minerva,

Agradeço por sua gentil carta. Estou de fato convalescendo bem e determinada a estar completamente recuperada até a próxima temporada. Peço que não dê ouvidos à mamãe e papai, que estão fazendo um alvoroço exagerado. É verdade que fico cansada, mas eles exageram, especialmente papai, e se preocupam à toa. Pelo menos, mamãe tem uma desculpa, pois é sua condição que a faz se preocupar tanto. Ficarei feliz quando meu mais novo irmão ou irmã chegar, e sua atenção se desviar um pouco.

Sentiremos muito a sua falta no casamento, mas todos entendemos como o trabalho de Tio Inigo é importante. Espero que se divirta na Escócia. É muito bonita nesta época do ano.

– Trecho de uma carta de Lady Elizabeth Adolphus à prima da sua mãe, a Sra. Minerva De Beauvoir.

22 de setembro de 1838, Holbrook House, Sussex.

Nic encarou o imenso prédio que era Holbrook House. De uma certa forma, ele esperava que o conde, senão o próprio duque, saísse pela porta da frente e o expulsasse à força da propriedade. Não que eles devessem saber que Nic estava ali. Ele tinha se mantido escondido, permitindo que Louis César entrasse sozinho. Era o papel dele, afinal. Ele deveria ser o irmão respeitável, aquele cortejando Eliza, se o duque permitisse que Louis chegasse perto dela novamente depois que

Madame Lafitte fez de tudo para arruinar tudo. Nic devia ter imaginado que ela estaria determinada a segui-lo até aqui, não que isso adiantasse de alguma coisa.

Ele permaneceu nas sombras, algo a que estava acostumado e era habilidoso. Ainda estava surpreendentemente quente, mesmo sob as árvores, embora já houvesse o cheiro de outono no ar, e um toque de dourado se espalhava pelo campo e pelas as árvores. Era algo a que ele não estava totalmente acostumado, tendo passado a maior parte de sua vida em uma ou outra cidade suja e fedorenta. O campo, especialmente este campo inglês bem cuidado e verde, era uma terra estrangeira para ele. Ele se dirigiu para o jardim, atraído pelo som da água borbulhando e pelo cheiro das rosas. Esse perfume sempre o fazia pensar nela, naquele dia no terraço quando a viu pela primeira vez. Bem, sem contar no pequeno esboço a lápis que Cassius havia mostrado a ele, e de sua imaginação vívida demais, pelo menos. Ela tinha sido muito real, cercada por belas louças e tigelas de cristal de orquídeas perfumadas e rosas, e ela tinha virado sua vida de cabeça para baixo sem nem mesmo perceber. Por que e para quê? Por causa de alguma garota inglesa boba, quando a sociedade não o julgava digno nem de beijar suas botas, muito menos qualquer outra parte dela.

Uma garota destinada a se casar com seu irmão.

Maldito tolo.

Ainda assim, ele não suportava ficar longe. Ele ficara arrasado quando ouvira falar de seu acidente. Culpa dele. Sua maldita culpa. Por que ele tinha feito isso? Realizando truques que aprendera na juventude, como um cachorro adestrado, como um idiota, mostrando-se para a garota por quem estava apaixonado. Mal tinha estado em sua companhia ainda, e, de alguma forma, a influenciara o suficiente para escalar aqueles malditos muros, e ela... e ela...

Sua garganta se apertou.

Não pense nisso.

Todos os relatos diziam que ela estava bem e se recuperando. No entanto, ele precisava ter certeza, ver com os próprios olhos se não pudesse ser através de Louis César. Louis não queria vir. Ele havia escrito para ela e para a família dela, e enviado flores toda semana, como um pretendente preocupado e respeitoso devia fazer, mas não havia desejado fazer uma visita. Nenhum dos dois entendia por que a família ainda estava ali e não tinha retornado para sua própria casa. Nic estava preocupado que Eliza não estivesse tão bem quanto diziam e não pudesse viajar ainda. Louis deu de ombros e apenas lembrou que as duas famílias eram próximas, mas Nic se recusava a se tranquilizar. Louis protestou, certo de que seria recebido com fria civilidade, na melhor das hipóteses. Seu irmão ficaria furioso com ele agora, já que havia ficado claro que estavam interferindo em algum evento familiar e sua visita não era oportuna. Louis achava melhor esperar até a próxima temporada, quando os ânimos estivessem mais calmos, e ele poderia reconquistar a confiança da família aos poucos. Nic, no entanto, perseverou, refutando cada argumento sem nunca revelar o motivo de precisarem voltar, por que *ele* precisava voltar. Apenas para estar perto dela, apenas por um momento, apenas até ele saber...

— *Monsieur Demarteau?*

Ele parou. Aquela voz. Aquela voz inglesa familiar e fria pronunciou seu nome, encurtando as sílabas e fazendo-as soar tão diferentes, estranhas aos seus ouvidos e, ainda assim, estranhamente encantadoras. Seu coração pulou dentro do peito e ele se repreendeu por ser tão idiota. Ele não era um menino que havia se apaixonado por uma garota pela primeira vez, embora pudesse muito bem ser. Ele tinha sido fisgado por ela antes mesmo de conhecê-la, encantado pela descrição que Cassius havia dado dela, e pelo pequeno retrato que ele tinha mostrado da adorável Elizabeth.

A idealização de Nic.

Sua perfeita rosa inglesa.

Não. Não dele. Nunca isso.

— Lady Elizabeth.

Ele se curvou, consciente de que sua maneira era rígida e desajeitada, mas incapaz de fazer qualquer coisa a respeito. Por mais que tivesse aprendido a imitar os modos de um cavalheiro, ele se sentia desajeitado e grosseiro diante dela, sem refinamento. Indigno.

— Não esperava vê-lo aqui — disse ele, e Nic mal ouviu as palavras enquanto contemplava sua visão.

Seu coração apertou, a preocupação tomando conta de seu peito enquanto ele notava o quão pálida ela estava, quão frágil parecia. Ela tinha perdido peso, muito peso, e aqueles olhos verdes – que lhe tinham prometido que ele estava em uma enrascada – eram grandes demais em um rosto tão delicado quanto o de uma boneca de porcelana. Um instinto protetor surgiu nele, tão avassalador que ele teve que cerrar os punhos para se conter de pegá-la nos braços e levá-la embora. Ele queria cuidar dela, mantê-la segura, envolvê-la em papel de seda e garantir que o mundo nunca mais pudesse machucá-la. *Mon Dieu*, que grande piada ele era, não? Provavelmente era culpa dele que ela tivesse se machucado, e estar perto dele a prejudicaria mais do que qualquer outra coisa.

— *Monsieur?*

Ele percebeu que não tinha respondido à pergunta dela. Ele apenas havia ficado parado, encarando-a, embora ela não recuasse.

— Meu irmão estava preocupado com você — disse ele, roucamente. — Ele veio ver como você estava.

Aqueles olhos verdes estudaram o rosto dele, avaliando-o. Ele lutou para evitar o olhar dela, querendo desviar o olhar caso ela visse demais.

— Você não estava preocupado comigo, então? — perguntou ela, ainda o examinando, tão perspicaz que era.

A mandíbula dele se apertou.

Eu não consegui respirar, não tive um momento de paz desde que ouvi sobre seu acidente, ele não disse. Meu coração dói. Eu tenho vivido em um pesadelo, um suspense agonizante, incapaz de fazer qualquer coisa por você, incapaz de vir até você, de cuidar de você. Eu tenho estado tão indescritivelmente miserável que é inimaginável.

— Claro — disse ele. — Meu irmão teria ficado arrasado se você não tivesse se recuperado.

— Sim, seu irmão. Claro — disse ela, com um sorriso forçado nos lábios. Ela virou a cabeça para longe dele, seu perfil tão lindo que era como uma flecha perfurando seu coração.

Ela parecia infeliz. Será que ela estava infeliz? Ela queria que ele se importasse?

— Você está bem, Eliza, de verdade?

As palavras escaparam antes que ele pudesse detê-las, antes que pudesse esmagá-las e forçá-las de volta para a escuridão. Aquela era a pergunta de seu irmão para fazer, não dele, e havia muita emoção nela, com as palavras revelando demais. Ela poderia... ela poderia pensar...

Ela virou-se bruscamente para ele, seus belos olhos cheios de uma pergunta que ele queria responder, mas não podia, mas o movimento pareceu desequilibrá-la, e ela vacilou.

Ele se moveu, erguendo-a nos braços como tanto havia desejado desde o início e, meu Deus, ela não pesava nada. Ela se encaixava tão perfeitamente contra ele, sua mão fechada na lapela de seu casaco enquanto ela o encarava atônita.

— V-você precisa me soltar — disse ela, com um rubor parecido com a cor de amanhecer em suas bochechas, na sua pele fina e pálida como porcelana.

Nic balançou a cabeça. Ele não conseguia falar, não ousava. Nem mesmo conseguia olhá-la, certo de que cederia ao desejo avassalador de roubar-lhe um beijo se assim o fizesse. Em vez disso, ele a carregou de volta para a casa. O que diabo ela estava fazendo ali sozinha?

Ninguém estava cuidando dela? O que sua família estava pensando? Ninguém zelava por ela como deveria? O instinto exigia que ele a levasse de volta para a carruagem e a partisse, que nunca mais voltasse, mas isso era loucura. Ele não estava louco. Ele também não era um bárbaro, não mais.

— Ponha-me no chão, senhor.

Ele a ignorou. Seu coração batia rápido demais, com pânico e medo competindo para ver quem conseguia dominar seu peito. E se ele não estivesse ali, e se ela tivesse desmaiado? Nunca deveriam perdê-la de vista. Deveriam chamar um médico. O Dr. Archambeau deveria ter ficado mais tempo. Por que diabos ele partira quando ela ainda estava tão frágil, tão doente? Ela precisava de cuidados, ela precisava...

— Eu consigo andar! — protestou ela.

A mão dela ainda estava cerrada em sua lapela, contra seu peito, e ele estava desesperadamente consciente dela ali, perto de seu coração. O ridículo órgão parecia tentar se aproximar ainda mais, batendo quase para fora de suas costelas. A mandíbula de Nic estava muito apertada e ele não conseguia abrir a boca. Seu peito era um emaranhado de emoções com as quais ele não sabia lidar, não tinha experiência com isso.

— Sr. Demarteau.

Aquela voz inglesa cortante novamente, pronunciando seu nome de uma maneira deliciosa, como uma governanta. Ele experimentou um desejo selvagem de que ela o repreendesse. Bem, ela teria que fazer melhor do que isso se quisesse que ele a soltasse. Alguém tinha que cuidar dela.

Ele continuou a andar.

— Nic.

Ele prendeu a respiração e hesitou, o peito arfando. Ousou olhar para baixo e viu algo suave e compreensivo em seus olhos.

— Eu só fiquei tonta por um momento. Não se preocupe tanto. Eu sei que perdi peso, mas não estou tão frágil quanto pareço, eu lhe asseguro.

— Você teria caído. Está muito fraca, pura pele e osso — falou com raiva. — Não te alimentam? O que o médico disse? Não há ninguém...?

As palavras cessaram quando ela levantou a mão até sua bochecha. Ele prendeu a respiração, diante da impossibilidade disso, da impossibilidade de ela o tocar voluntariamente, com tamanha ternura. Embora ela usasse uma luva fina de seda, o contato o queimou, marcando-o como sendo dela. A contragosto, ele fechou os olhos, saboreando o momento enquanto o polegar dela se movia suavemente sobre sua pele. Meu Deus, se ela soubesse... se tivesse a menor ideia do que seu toque fazia com ele, não distribuiria suas carícias tão facilmente.

— Estou bem — disse ela, suavemente. — Agora, ponha-me no chão antes que alguém veja.

Ele não queria. Todo seu instinto se rebelava contra a ideia, mas ele não resistiu ao comando gentil. Nic a colocou no chão tão cuidadosamente como se fosse feita de vidro soprado, e ela sorriu para ele. Interiormente, ele a xingou por isso, por amarrar seu coração ainda mais apertado, por prendê-lo a ela de forma tão inextricável.

— Eu preciso voltar para a casa antes que se preocupem comigo. Lottie e Cassius se casaram esta manhã, e o café da manhã começará em breve.

Ela sorriu diante da indignação em seus olhos.

— Fico feliz por eles. Cassius estava certo, nunca teríamos combinado.

Nic não conseguiu dizer nada. Se tentasse, diria algo ridículo e faria papel de bobo, e, então, ela *saberia* e teria pena dele ou seria gentil com ele e... e ele preferiria morrer a isso.

— Você mandou todas aquelas flores lindas para mim? — perguntou ela.

Para seu horror, ele sentiu o calor percorrer sua espinha, seu rosto queimando por ela ter percebido. Ele. Dentre todos os homens. *Corando?* Meu Deus, ele estava em apuros, mas nem pensar confirmaria as suspeitas dela. Em vez disso, virou-se, forçando-se a deixar o assunto de lado. Ela estava segura agora, perto o suficiente da casa.

— Você virá me ver novamente? — indagou ela atrás dele.

Nic parou abruptamente, mal ousando acreditar que ela tinha *perguntado a ele* para ir vê-la novamente. Será que ela estava fora de si? Mas ela *tinha* perguntado a ele.

Não.

Não.

Muito perigoso.

Ele balançou a cabeça antes que seus sentidos o abandonassem completamente, franzindo o cenho para o chão e evitando seus olhos. — Não.

Ela deu a volta para ficar de frente para ele novamente, sua voz suave e persuasiva. — Nem mesmo se eu pedir gentilmente?

Embora ele soubesse que não deveria, olhou para ela. Ele queria implorar para que ela não colocasse tentação em seu caminho quando cada fibra de seu ser queria fazer exatamente o que ela havia pedido, mas... era impossível.

Ele cruzou os braços.

— *Não.*

— Oh — disse ela, com um suspiro, e... havia *decepção* nos olhos da tola? — Então devo esperar até que a temporada comece. Sem dúvida, nossos caminhos se cruzarão novamente.

— Não — disse ele, lutando para esconder o pesar em suas palavras. — Eles não vão.

E forçou-se a virar e se afastar.



— Aí está você, Eliza — disse Lottie, aliviada ao ver que sua irmã tinha voltado do passeio. — Oh, o ar fresco fez bem a você. Finalmente há cor em suas bochechas, e olhe, tenho uma surpresa para você!

Eliza sorriu quando Louis César se aproximou para cumprimentá-la, mas não parecia tão surpresa quanto Lottie poderia ter esperado.

— Que prazer vê-lo — disse ela, enquanto o *comte* levava sua mão aos lábios e beijava seus dedos.

— O prazer é todo meu, Lady Elizabeth. Nós ficamos terrivelmente preocupados com você. Simplesmente não pude ficar longe por mais um momento sem ver com meus próprios olhos que você estava se recuperando bem. Ainda assim, parece que estou interferindo em uma comemoração em família.

Cassius sorriu para ele, colocando o braço ao redor de Lottie. — Não está interferindo, mas certamente é uma comemoração.

— Dá para ver — disse Louis, seus olhos azuis brilhantes estudando os dois por um momento antes de olhar para Eliza.

Eliza riu. — Estou encantada por eles. Cassius é finalmente meu irmão, assim como sempre deveria ter sido. Tudo está perfeito.

Louis assentiu, sorrindo. — Nesse caso, acredito que devo me despedir antes que seus pais descubram minha presença e decidam me jogar no lago por perturbar este dia maravilhoso. Estou muito feliz por vocês dois, e encantado em vê-la tão bem, milady. Espero vê-la novamente, *muito* em breve.



Finalmente. *Finalmente*, o café da manhã de casamento havia terminado, e a família se reuniu na frente da casa para dizer adeus para eles. Tarde demais para Cassius, que estava muito ansioso para levar

sua esposa para sua nova casa e, mais importante, sua nova cama de casal. Esta noite, no entanto, eles tinham uma suíte adorável reservada em um hotel em Londres, para uma parada na viagem até Aylesbury.

— Obrigado por tirá-la de nossas mãos, velho amigo — disse Jules, dando um tapa nas costas de Cassius e sorrindo, a briga deles há muito tempo esquecida. — A vida será muito mais tranquila.

Lottie mostrou a língua para o irmão, que soltou um muxoxo e revirou os olhos. — Que perfeita jovem dama você arrumou. Meu Deus, só de pensar que agora ela é Viscondessa Oakley.

Cassius riu. — Tudo bem, Jules, pare enquanto está na frente ou ela vai encontrar algo para te acertar.

— Eu não vou — retrucou Lottie. — Eu só vou chutá-lo no...

— É melhor deixarmos as coisas como estão — observou secamente o pai dela, lançando um olhar para seu filho e herdeiro. — É o dia de casamento de sua irmã, Blackstone.

O tom repreensivo e o uso do título de Jules foram indicação suficiente de que ele deveria ser simpático.

Jules soltou um suspiro de quem sofre muito, mas abriu os braços para a irmã. — Boa sorte, melequenta. Acho que vou sentir saudades suas.

Lottie bufou, mas o abraçou de volta. — Acho que vou sentir saudades suas também, Pedregulho.

— *Ha-ha*, essa foi boa! Pedregulho, por causa do sobrenome — gargalhou Felix, o primo de treze anos de Florence, irmão mais novo dela.

Jules lhe lançou um olhar gélido e o menino adquiriu um tom de vermelho chocante, aquietando-se imediatamente.

— Sim, sim, já chega de demonstração de afeto familiar — murmurou o duque, com sofrimento. — Saiam agora.

Cassius concordava totalmente. Ele virou-se para onde seus pais estavam esperando para vê-los partir.

— Prometa que vai escrever — disse sua mãe, com a voz embargada enquanto aceitava o lenço que seu pai lhe entregava. — Mais do que você fez quando esteve na França, seu garoto terrível.

— Harry, eles vão para Aylesbury, não para a Índia. Ainda não, de qualquer maneira — disse papai com carinho, abraçando sua esposa e beijando o topo de sua cabeça.

— Eu sei, eu sei — disse ela. — Mas ele ainda é meu garotinho.

Cassius trocou um olhar divertido com seu pai antes de abraçar sua mãe com força. — Você pode vir nos visitar em breve, mamãe, então pare com isso.

— Mas não muito cedo, *hmm?* — murmurou seu pai antes de adicionar um sussurro discreto no ouvido da mãe. — Teremos a casa só para nós. — Mamãe corou furiosamente e Cassius limpou a garganta, decidindo que era hora de partir. Reunindo sua esposa, ele apressou Lottie para dentro da carruagem.

— O buquê! — gritaram todas as meninas, correndo para frente quando Cassius deu um sinal ao cocheiro.

Lottie riu ao ver a pequena Cat tentando ficar na frente. Ele observou enquanto Lottie ficava de pé na carruagem aberta de costas para todos antes de jogar o buquê por cima do ombro. Ela se sentou com um grito, quando a carruagem deu um tranco, e caiu no colo de Cassius, para sua diversão.

Ela se levantou às pressas antes que ele pudesse aproveitar, olhando para ver quem havia pegado as flores. Cassius observou uma pequena confusão entre Greer e Florence, e, então, viu o buquê voar novamente, caindo aos pés de Eliza.

— Oh! — exclamou Lottie, batendo palmas com alegria. — Você é a próxima, irmã! Espere só para ver.

Eliza riu enquanto Jules pegava o buquê e o empurrava para sua irmã, parecendo levemente enojado. Eliza pegou e acenou para Lottie.

— Escreva para mim! — disse ela, antes de dizer com a boca sem emitir som “*e conte-me tudo*”.

Capítulo 23



Querida Florence,

Foi tão bom te ver no casamento de Lottie, é tão bom ter alguém sensato com quem conversar. Greer é uma idiota. Juro que a matarei se for obrigada a ficar trancada com ela o inverno todo. Oh, minha querida amiga, por favor, seja minha salvadora, salve-me da perspectiva de sororicídio (sim, eu pesquisei) e me convide para ficar com você pelo menos por algumas semanas. Prometo ajudar a entreter Felix e a pequena Emmeline.

Ou, então, a morte de Greer será culpa sua. Você foi avisada.

– Trecho de uma carta da Srta. Elspeth Cadogan (filha da Sra. Bonnie e do Sr. Jerome Cadogan) à Srta. Florence Knight (filha de Lady Helena e do Sr. Gabriel Knight).

22 de setembro de 1838, na London Road.

Cassius tinha arranjado a carruagem aberta para a partida deles, pois era romântica e bonita, e o dia estava ensolarado e adorável. Ele sabia que sua noiva ficaria encantada com a imagem que formariam quando descessem pela impressionante entrada de Holbrook, e ela poderia se despedir de sua família com estilo. No entanto, sendo um rapaz sensato por natureza e levando em consideração um conselho de seu pai, ele também tinha uma carruagem fechada esperando alguns quilômetros adiante.

— Oh — disse Lottie, quando a carruagem parou e ela avistou a luxuosa carruagem fechada que os levaria a Londres. — É um dia tão lindo e ensolarado. Parece um desperdício ficar trancado em uma carruagem abafada.

Cassius nada disse, apenas a ajudou a descer de uma carruagem e subir na outra. No entanto, no momento em que o novo veículo começou a andar, ele a puxou para o colo.

— Pode até ser um lindo dia para uma carruagem aberta — disse ele, com um tom seco. —, mas não dá para fazer isso.

Ele deslizou a mão para a nuca dela e a puxou para perto, pressionando a boca na sua.

Lottie suspirou, imediatamente receptiva em seus braços.

— Como eu fui boba — disse ela, de maneira sonhadora, piscando para ele através de espessas pestanas douradas quando finalmente ele a soltou. — No que eu estava pensando?

— Você não estava pensando, amor — repreendeu-a, sabendo que ela perceberia que ele estava apenas brincando. —, mas eu estava. Na verdade, não pensei em outra coisa além de ficar sozinho com você desde... sempre!

Ela bufou ao ouvir isso. — Você nem sabia que eu existia até alguns meses atrás.

— Oh, vamos lá. Você sabe que isso não é verdade.

— *Hmm* — murmurou ela. — Não tenho certeza se acredito nisso, mas não importa. Insisto que você me mostre o que estava pensando.

Cassius não estava prestes a fazer amor com sua esposa em uma carruagem, mas não se opunha a lhe dar um gostinho do que viria. Quando chegaram a Londres, ela estava corada, amarrotada e completamente deliciosa.

Eles passariam a noite no Brown's, em Mayfair, um dos hotéis mais luxuosos da capital, e Lottie estava extremamente curiosa para

conhecê-lo. O local tinha sido inaugurado há pouco mais de um ano, sendo os proprietários o Sr. e a Sra. Brown, anteriormente mordomo e dama de companhia do Lorde e da Lady Byron. Cassius tinha ouvido coisas boas sobre o aconchegante e bem-administrado estabelecimento, e por isso estava mais do que feliz em atender aos desejos de Lottie.

Eles foram conduzidos para o quarto que o próprio Sr. Brown orgulhosamente informou ser a melhor suíte deles. Era iluminada, arejada e lindamente decorada. Os comentários lisonjeiros de Lottie sobre o estilo da decoração claramente agradaram muito ao Sr. Brown, e ele prometeu transmitir isso à sua esposa, que, segundo ele, era responsável por grande parte dela. Se já não tivessem recebido tratamento de primeira antes, Lottie agora havia garantido um serviço exemplar, como se já não fosse impecável.

Flores adornavam várias superfícies em belos vasos de vidro, e uma mesinha íntima estava posta com uma seleção de deliciosos doces, frios, queijo, pão e frutas frescas, além de uma garrafa de champanhe. Mais importante ainda, na opinião de Cassius, enquanto ele se dirigia para o quarto deles, era a cama grande e convidativa.

— Você está com fome? — perguntou-lhe Lottie, pegando uma uva da fruteira e colocando-a na boca.

— Morrendo de fome — respondeu Cassius.

Lottie arrancou outra uva e se virou para olhá-lo. Ela congelou, a uva suspensa a meio caminho de sua boca. Seus lábios se curvaram para cima e uma sobrancelha se ergueu. — Você... não está falando da comida.

— Não estou.

— Oh.

— Ah. — Ela colocou a próxima uva na boca, observando-o e mastigando pensativamente. — É possível ter fome de... bem, certamente *você* sabe.

— Eu sei?

— Claro que você sabe — disse ela, agora mais cortante, embora seus olhos cintilassem. — Não me provoque.

— Mas é meu desejo passar a noite inteira te provocando — disse ele, apoiando-se no batente da porta e vendo-a pegar outra uva.

— Eu acho que você já fez bastante disso no caminho até aqui — observou ela, com um leve rubor nas bochechas.

— Oh, amor — disse ele, balançando a cabeça. — Longe disso. Na verdade, lamento informar que suspeito que isso não seja suficiente quando se trata de você.

— Sério? — disse ela, franzindo os lábios.

— Seríssimo.

— Oh, então... sendo assim, sou sua esposa, afinal de contas, e obrigada a te agradar. — Ela levantou o queixo e abriu bem os braços. — Você pode me devorar.

Cassius bufou. — Não, com tudo isso, não dá. Eu quase morri sufocado da última vez. Morto por anáguas.

— Que jeito de morrer — retrucou Lottie, caminhando até ele e arrastando suas anáguas provocativamente.

Ele deu uma risada e se afastou do batente da porta. Cassius atravessou o quarto e a envolveu em seus braços enquanto as delicadas camadas de renda e seda farfalhavam e balançavam.

— Já te disse como você está extraordinariamente linda hoje? Esse vestido é simplesmente deslumbrante. Na verdade, eu mal consegui respirar quando te vi pela primeira vez. Eu estava perigosamente perto de chorar. Felizmente, Ash me antecipou e desviou a atenção.

Seus olhos se abriram largos e doces, com adoração, e ele ficou feliz por tê-lo dito, mesmo que se sentisse um pouco bobo ao fazê-lo.

— Fico feliz — sussurrou ela. — Isso porque meu coração estava batendo tão forte no peito e foi tão difícil não correr até você e me jogar

em seus braços, mas prometi a papai que iria me comportar como uma dama, nada de escândalos, e eu *quase* consegui.

— Quase? — respondeu ele, sorrindo para ela.

Ela assentiu. — Até você me beijar e eu não pude mais te deixar ir. Esses beijos deveriam ser tímidos e comedidos.

Cassius riu. — Bem, estávamos entre família e amigos, então, não acho que eles ficariam terrivelmente chocados, embora eu esteja feliz em manter distância de seu pai.

— Pobre papai — disse Lottie, com um suspiro.

Cassius balançou a cabeça, carregando-a até o quarto. — E essa será a última menção que faremos dele, obrigado.



Lottie olhou para a cama enquanto Cassius a carregava. Apesar de tudo o que haviam feito juntos, seu coração batia muito rápido. Principalmente de expectativa. Afinal, mamãe tinha dito que era mais desconforto do que dor, e apenas na primeira vez, se o homem fosse um amante atencioso e preparasse o caminho adequadamente.

E seu pai é St. Clair, afinal, ela tinha dito com um sorriso travesso.

— Seu pai tinha uma reputação infame antes de se casar? — indagou Lottie, enquanto ele a colocava no chão.

— Tinha, sim. Embora ele negue que grande parte disso fosse verdade — respondeu Cassius, virando-a para examinar os fechos de seu vestido. Ele seguiu pelos botões, abrindo-os com uma rapidez impressionante. — Por quê?

— Oh, nada — respondeu ela, enquanto seu vestido deslizava pelo chão com um som suave e um farfalhar de renda. Lottie desfez os laços de sua pequena anágua de linho e jogou-a para longe. — Apenas algo que mamãe disse.

Os dedos que estavam fazendo um trabalho rápido de sua pesada armação de crinolina pararam. — Lottie.

— Sim?

— Sua mãe, ela... ela te contou...?

Lottie olhou por cima do ombro e viu uma expressão de horror em seu rosto. Era tão cômico que ela acabou rindo.

— Oh, Cass — disse ela, segurando o espartilho, que de repente estava apertado demais. — Oh, tire isso, tire isso!

— Bem, eu o tiraria se você ficasse quieta — resmungou ele, agarrando os laços da crinolina novamente. — Mas ainda tem umas duas dúzias de anáguas para passar por aqui. Eu juro que quem desenha as roupas femininas é um maldito sádico.

Finalmente a crinolina cedeu, embora fosse tão rígida que não caía, feita de crina de cavalo e linho. Lottie a empurrou para baixo e saiu dela, então, esperou impacientemente enquanto Cassius lutava com as duas anáguas de algodão restantes. Ele murmurou furiosamente entredentes e Lottie mordeu o lábio, tentando não rir ou se mexer. Finalmente, elas foram tiradas, e seus dedos habilidosos estavam puxando as cordas do espartilho.

— Obrigado, Senhor — disse ele, com um suspiro quando o espartilho cedeu. Lottie o abriu e empurrou o espartilho para o chão, dobrando os braços sobre os seios enquanto se virava para ele, ciente de que sua camisola era tão fina que quase dava para ver através dela.

— Você está se sentindo tímida, Lottie? — perguntou, surpreso. — Comigo?

— N-não exatamente tímida — disse ela, e, então, viu o espanto em seus olhos enquanto ele a observava, com o forte rubor em suas maçãs do rosto, e a maneira como seu peito subia e descia.

— Meu Deus — murmurou ele, reverente.

— Não — disse ela, conforme as últimas inibições desapareciam, porque esse era Cassius, a quem ela adorava desde sempre. Isso era perfeito e não havia a menor razão para se sentir tímida ou ansiosa. — Não. Nem um pouco tímida.

Para provar isso, ela tirou a camisola e o deixou olhá-la, observando-o enquanto ele a fitava. Sua garganta se movia, seus belos olhos turquesa escureciam de desejo.

— Sem palavras — disse ele, com a voz rouca.

Ele balançou a cabeça impotente e riu, um som levemente engasgado que fez o coração dela disparar. Então, ela correu para ele, lançando os braços ao redor de seu pescoço como sempre quis fazer quando ele estava por perto. Seus braços se apertaram ao redor dela, o frio dos botões pressionando contra sua pele superaquecida enquanto ele a puxava para junto dele.

Ela suspirou quando sua boca foi para seu ombro e seu pescoço, deixando um rastro de beijos ardentes que permaneceram por um tempo na pele delicada sob sua orelha, fazendo-a tremer. Depois desceu novamente, percorrendo um caminho inevitável até seu seio, onde ele se demorou ainda mais tempo, provocando os mamilos sensíveis com seus lábios, língua e dentes até que ela estivesse corada e ofegante. Ele ajoelhou-se diante dela, olhando ao longo de seu corpo.

— Essa é minha tonalidade de rosa favorito — disse ele, sua voz impossivelmente baixa e grave, o som ressoando através dela, e provocando sensações profundas em seu ventre. Cassius tocou um dedo em um mamilo tenso. — Todas as suas melhores e mais indecentes partes são rosadas. Deliciosamente, diabolicamente rosadas. Todos acreditam ser uma cor tão inocente, mas é terrivelmente pecaminosa.

Lottie ficou sem fôlego quando ele beijou sua barriga, sua língua fazendo círculos ao redor do umbigo. Ela teria rido, pois fez cócegas, mas a sensação foi se intensificando à medida que sua boca se movia para baixo. Ela sabia o que viria a seguir.

— Vamos encontrar outro lugar para essa tonalidade perfeitamente indecente, hein? — murmurou ele contra sua pele, e então, ele estava se aninhando nos cachos dourados entre suas coxas, e sua língua estava lá, e...

Ela estava tonta, com uma mão tentando agarrar o poste da cama enquanto sua língua se insinuava mais fundo e acariciava e...

— Cass... Cassius...

Ele continuou, provocando e torturando e, embora ela nunca tivesse desmaiado em toda a sua vida, ela tinha certeza de que seus joelhos cederiam a qualquer momento.

— E-eu não vou... — conseguiu dizer, respirando com dificuldade, os nós dos dedos brancos enquanto ela agarrava a cabeceira da cama..

— Cass....

Ele riu, o calor da respiração escapando como um sopro fresco contra a pele quente demais dela. Arrepios percorreram seu corpo em resposta.

Cassius se levantou e a guiou até a cama. — Deite-se então, meu amor, antes que você caia.

Ele parecia terrivelmente satisfeito com isso, o diabo. Não que ela se importasse. Se ele continuasse a fazê-la se sentir daquele jeito, ele tinha todas as razões para parecer satisfeito.

Lottie se jogou contra os travesseiros, desesperadamente impaciente para que ele se juntasse a ela, mas... mas, então, ela percebeu que ele estava se despindo, e *isso* valia a pena assistir.

Ela o tinha visto quase nu uma vez antes, quando tinha escondido suas roupas depois que ele havia nadado no lago. Ele ainda estava usando suas roupas íntimas, que estavam tão enxarcadas que escondiam pouco, mas ele tinha coberto suas partes mais interessantes com as mãos, para sua total consternação. Desta vez, ele era dela, seu marido, e ela estava livre para olhar à vontade.

Ele se moveu rapidamente, seu casaco e colete jogados sobre a cadeira mais próxima de uma maneira que garantiria que seu pobre valete ficasse apavorado quando os visse, e então, puxou a camisa pela cabeça. O coração de Lottie deu uma batida irregular e era difícil respirar. Ela observou os ombros poderosos, aquele magnífico peito largo e os pelos ralos ali, que capturavam o sol da tarde e brilhavam em cobre e ouro. Finalmente, ela podia tocá-lo como tanto desejava. Seu corpo ansiava por tê-lo mais perto, por sentir o peso dele sobre ela, dentro dela. Essa ideia fez o lugar entre suas pernas pulsar, um clamor de desejo que se tornava mais insistente enquanto ela o observava se despir. Agora, ele estava apenas com suas roupas íntimas, e, então, elas também desapareceram, e ele caminhou em direção à cama.

Lottie estava dividida entre exigir que ele ficasse parado para que ela pudesse olhá-lo adequadamente e implorar para que ele se apressasse. No final, ela estava tão atordoada que não fez nem uma coisa nem outra, e lá ele estava lá, subindo no colchão, seu corpo movendo-se sobre o dela. O choque de sua pele contra a dela foi surpreendente. Quente, ele era intensamente quente e, surpreendentemente, sedoso, mas, ao mesmo tempo tão firme, sua carne rígida, músculos e tendões, o peso dele era tudo o que ela sempre desejou e precisou. Ela ofegou quando seu pau ereto deslizou pelo seu sexo, a sensação tão deliciosa que ela só pôde arquear em sua direção, buscando mais.

— Lottie, oh, Deus, amor. Eu pensei que ficaria louco querendo isso, querendo você.

— Apresse-se, então — pediu ela, fora de si.

Ela sabia o que vinha a seguir e a desejava, seu corpo exigia. Suas mãos o agarravam, suas pernas puxando-o para mais perto.

— Eu não quero te machucar — disse ele, com desespero em sua voz enquanto tentava acalmá-la. — Talvez devêssemos...

— Não — disse ela, quase irritada. — *Agora, não.* Você não vai me machucar, apenas... por favor...

Ele gemeu, claramente ciente de que era inútil argumentar, graças a Deus. Ela prendeu a respiração enquanto ele encontrava seu lugar entre suas pernas e, então, ele estava se movendo para dentro dela. Lottie ofegou, à medida que o estranho senso de plenitude se tornava desconfortável e ele pausava.

— Respire — disse ele, roçando os lábios suaves em seu pescoço, antes de encontrar sua boca e beijá-la, profunda e lentamente, até que seus músculos e seu corpo relaxassem, aceitando-o. Ele interrompeu o beijo e gemeu. Ela podia ter relaxado, mas seu corpo cantava com tensão, os músculos duros e tensos sob sua mão até que ele se moveu novamente. Ele emitiu um som desesperado que a excitou e penetrou-a ainda mais.

Houve uma pontada de desconforto, mas Lottie a ignorou, tão fascinada pela visão de Cassius, suado e perdido na paixão, perdido na sensação de estar dentro dela. Seu prazer era o maior afrodisíaco do mundo, e ela amava os sons selvagens e masculinos de esforço e satisfação que ele fazia, enquanto seus movimentos se tornavam mais firmes, mais rápidos e cada vez mais erráticos. Ela acariciou suas mãos sobre seus ombros, sentindo o rolar do músculo, o deslizar molhado da paixão de sua pele sob suas palmas. Então, ele se moveu, prendendo sua perna sobre seu braço, aprofundando o ângulo, e... ela gritou, agarrando seus bíceps como se precisasse se ancorar à terra enquanto a sensação tomava conta dela, intensificando-se até um clímax que ela sabia que a dominaria. Ela o acolheu, perseguiu-o, fechando os olhos e correndo em direção a ele enquanto ele estremecia em seus braços. A cama grande tremia com a força disso, seu grito gutural alto e brutal o suficiente para fazê-la cair depois dele. Ele roubou seu grito com um beijo, e ela se agarrou a ele, sem fôlego enquanto piscava para o seu belo rosto.

— Lottie? — disse ele, respirando com tanta dificuldade que mal conseguia falar. — Lottie?

— Maravilhoso — respondeu ela, atordoada, mas compreendendo sua pergunta pelo olhar ansioso em seus olhos. — Simplesmente maravilhoso.

Ele deu uma risadinha e caiu em cima dela, completamente exausto.



O céu lá fora já havia escurecido há muito tempo quando a fome os tirou da cama. Mas não por muito tempo. Eles levaram as bandejas de comida de volta com eles e organizaram um piquenique no colchão, compartilhando uma taça de vinho embora o decantador estivesse sobre a mesa de cabeceira.

— Estou faminta — disse Lottie, devorando um pequeno e delicado doce de uma vez só. Ela fechou os olhos, mastigando com uma expressão de êxtase.

Cassius a observava com atenção, a coxa de frango que ele havia pegado suspensa no ar.

— O que foi? — perguntou Lottie, lambendo as migalhas dos lábios. — Os meus modos são terríveis? Você está horrorizado?

— Sim. Você é uma vergonha. — Seu olhar caiu para a boca dela. — Ficarei tão envergonhado de levá-la a qualquer lugar. Acho que devo te confinar ao seu quarto e nunca mais deixá-la sair.

Lottie levantou a taça de vinho e deu um grande gole, observando-o pensativamente. — Você vai me fazer companhia na minha prisão?

— Sempre — disse ele. — Alguém precisa te entreter, e eu sou seu marido. Eu fiz votos, lembra?

Ela deu de ombros e pegou outro doce. — Tudo bem, então.

Ela colocou o pedaço na boca. Cassius observou enquanto ela lambia cada dedo em sequência.

— Você vai comer isso? — Ela fez um gesto para a coxa de frango e, quando ele não respondeu, pegou-a de seus dedos.

— Você é terrível — disse ele, reprovando-a.

Ela emitiu um ruído parecido com um grunhido de porco e ele riu, caindo de volta contra os travesseiros, muito feliz para dar sentido aos seus sentimentos, e realmente, qual era o ponto de analisar isso? Ele a amava, ela o fazia rir, fazia seu coração se sentir leve, e fazia sua mente correr com as perspectivas para o futuro deles.

— Meu Deus, sou um sortudo — disse ele, com um suspiro.

— Sim — concordou ela, pegando outro docinho e segurando-o nos lábios dele. — Você é.

Ele pegou o doce dela, garantindo cuidadosamente que seus lábios tocassem seus dedos. Ele segurou a mão dela até terminar de mastigar e, então, lambeu cada dedo em sequência, observando os olhos dela escurecerem enquanto fazia isso.

— Nós vamos fazer uma tremenda bagunça — avisou-o, os lábios se curvando.

Ela tinha aquele brilho malicioso nos olhos que ele adorava acima de tudo, que fazia seu peito querer explodir com a força da felicidade que inflava dentro dele.

— Sim — disse ele. — Nós vamos.

Epílogo



Dr. Archambeau,

Apesar de suas garantias, Lady Elizabeth ainda está sofrendo de dores de cabeça e enxaqueca. Ela está pálida e desmaia com frequência. Acho que não preciso lembrá-lo de que garantir sua saúde é sua prioridade, nem da penalidade que incorrerá se falhar em fazê-lo.

Sugiro que você faça sua travessia pelo Canal antes que o clima torne a viagem impossível.

– Trecho de uma carta de Monsieur Nicolas Alexandre Demarteau ao Dr. Archambeau – traduzida do francês.

30 de novembro de 1838, Beverwyck.

— Lottie! — repreendeu-a Cassius, enquanto ela pulava da carruagem, erguia suas saias e corria desembestada escada acima até a porta da frente.

Ela se abriu, e o mordomo da família, o Jovem Jenkins, conduziu-os para dentro e fechou a porta na gélida tarde de novembro.

Cassius sacudiu a neve do cabelo enquanto entregava o chapéu para um lacaio.

— Onde ela está? — exigiu saber Lottie, ignorando o lacaio que esperava para pegar seu bonnet e capa. — Ela está bem? Ela está segura? O quê...?

— Está muito bem, Lady Charlotte — disse o mordomo, seu sorriso caloroso e sua tranquilidade ajudando a acalmar o terror que Lottie sentia. — Se puder esperar um pouco na sala de visitas, irei verificar se já pode entrar.

— Mas... — começou Lottie, seu belo rosto pálido de preocupação.

— Querida — interrompeu Cassius, tirando sua capa e entregando-a antes de desamarrar as fitas do seu bonnet. — Jenkins disse que ela está muito bem. Acha que ele está mentindo?

— N-não — respondeu ela, torcendo as mãos nervosamente.

— Não — repetiu Cassius. — Então, pare de se preocupar.

Ele a guiou pelas escadas até a sala de visitas, sentou-a perto da lareira e colocou um pequeno cálice de conhaque em suas mãos. Depois de servir outro para si mesmo, ele se sentou no braço da cadeira e se inclinou para beijar sua esposa.

— Melhor? — perguntou ele.

— Um pouco, mas não estarei feliz até ver os dois. Eu me pergunto se é menino ou menina.

— Isso importa?

— Oh, não — disse Lottie, com um sorriso nostálgico. — Contanto que ambos estejam saudáveis.

— Não sei como seu pai aguentou. Oito filhos? — Cassius balançou a cabeça, seu coração e estômago se apertando com a ideia de Lottie enfrentando os perigos do parto. Ainda assim, era inevitável.

Ela deve ter percebido a direção em que seus pensamentos vagavam, pois estendeu a mão e segurou a dele.

— Eu quero ter uma família grande, se Deus quiser — disse ela, firmemente. — E estou em forma, sou forte e saudável. Não há nada com que se preocupar.

Cassius a encarou, observando a certeza em seus olhos. Ele se inclinou e a beijou, exprimindo toda a ternura que sentia.

— Eu te amo — murmurou ele.

Ela sorriu para ele e a tensão em seu peito se dissipou, como sempre acontecia quando ela o presenteava com um olhar desses. — E eu, você. Sempre.

Cassius se levantou quando a porta se abriu e Eliza entrou. Ela tinha ganhado um pouco de peso desde a última vez que a tinha visto, e havia um leve rubor em suas bochechas, mas ainda não estava tão forte quanto costumava ser.

— Eliza — disse ele, indo cumprimentá-la antes que Lottie tomasse seu lugar e abraçasse sua irmã com força.

— Você está bem? — perguntou ela, examinando Eliza criticamente.

— Melhor impossível — disse Eliza, sorrindo e assumindo uma posição de boxe, o que era tão incomum para ela que fez Cassius rir.

— Quem te ensinou isso?

— Fred — disse ela, erguendo o queixo com um brilho desafiador nos olhos. — Jules o está ensinando os detalhes mais refinados do pugilismo.

Cassius resmungou e tocou no queixo, onde ainda persistia a lembrança de um soco. — Bem, ele sabe uma coisa ou outra sobre isso, eu admito.

— Como está mamãe? — perguntou Lottie, segurando o braço da irmã.

O rosto de Eliza suavizou. — Ela está bem. Muito cansada, mas feliz. O médico disse que ela está muito bem e... e nós temos uma nova irmãzinha. Octavia.

Lottie soltou um pequeno gritinho de alegria e as duas irmãs se abraçaram novamente.

— Que ótima notícia — disse Cassius, mais do que aliviado ao saber que a duquesa e a bebê estavam bem. Lottie morreu de preocupação nas últimas semanas, pois a duquesa estava tão cansada que nem

energia tinha para escrever cartas e, mais chocante ainda, era o fato de que tinha deixado de lado a escrita de seu último romance. — Mas por que ela decidiu voltar para a cidade para ter o bebê em Beverwyck?

— Nós todos nascemos aqui — disse Eliza, com carinho. — É o lugar favorito dela. Ela se sente confortável aqui, e seu médico mora perto daqui.

Todos olharam quando ouviram uma batida suave na porta, e um momento depois o Jovem Jenkins abriu-a.

— A duquesa está pronta para recebê-los agora — disse ele, parecendo quase tão orgulhoso quanto Cassius suspeitava que o duque estivesse.

Eles caminharam até os aposentos da duquesa e entraram. O quarto era tão luxuoso e opulento quanto convinha à Duquesa de Bedwin, mas a cena ao centro era íntima e tranquila. O duque estava sentado com o braço ao redor de sua esposa, e ambos olhavam encantados para o pacotinho nos braços da duquesa. Eles não tinham ouvido suas filhas nem Cassius entrar, tão perdidos que estavam em seu próprio mundinho, e Cassius ficou sem fôlego diante da troca de olhares entre eles. Ele entendia aquele olhar, a profundidade do amor e devoção entre duas pessoas que escolheram viver suas vidas juntas. A mão de Lottie deslizou na dele. Evidentemente, ela tinha visto também. Seus grandes olhos azuis estavam muito brilhantes, cintilando de felicidade.

— Meninas! — exclamou a duquesa, finalmente percebendo-os.

Ela cuidadosamente entregou a recém-chegada ao marido e estendeu os braços. Eliza e Lottie correram para ela, abraçando-a e beijando-a uma de cada vez.

— Bom trabalho, mamãe! — exclamou Lottie, enquanto seu pai contornava a cama, parecendo muito satisfeito consigo mesmo.

— E eu? — disse o duque, exibindo uma expressão de indignação.

Lottie acenou com a mão. — Ah, você fez a parte fácil — disse ela, com desdém. — Deixe-me abraçar a minha nova irmã. Eu tenho tantas

coisas para contar a ela.

O duque olhou para a bebê e balançou tristemente a cabeça. — Oh, já posso sentir os cabelos grisalhos crescendo.

Relutantemente, ele passou a bebê para Lottie enquanto Eliza espiava por cima do ombro dela.

— Ela é linda — disse Eliza, uma mão magra estendendo-se para tocar a cabeça macia da bebê. — Eu me pergunto se ela terá o cabelo loiro como o seu, ou castanho como o meu?

— Qualquer que seja seu futuro, ela será tão bonita quanto vocês duas — disse Cassius.

— Pare de deslumbrar minhas filhas e tentar fazê-las parecer doces, jovem rapaz. Você já tem uma, e acredite em mim, isso é mais do que suficiente.

Cassius sorriu para o duque. — Oh, eu sei disso, senhor. Acredite, tenho a mais profunda admiração por tudo o que você passou.

— Assim espero — murmurou o duque.

Ele passou o braço ao redor de Lottie, olhando para a bebê em seus braços antes de alcançar Eliza e puxá-la para perto também.

— Oito crianças — disse ele, com um suspiro, antes de acrescentar com desespero —, e *cinco* meninas. Cinco meninas *lindas*! É um milagre eu não ter enlouquecido.

— Sim, e considerando que fiz todo o trabalho pesado, posso ter minha filha de volta? — exigiu a mãe delas.

O duque riu e pegou a bebê de Lottie, que parecia relutante em entregá-la.

— Oh — disse ela, abraçando-se. Ela virou-se para olhar para Cassius. — Eu quero um.

Cassius empalideceu enquanto Eliza dava uma risada.

— Oh, pare com isso, Lottie. Você o está assustando.

Lottie bufou.

— Bem, não há pressa — admitiu ela. — Além disso, tenho um projeto nesta temporada. Mamãe vai estar ocupada com a pequena Octavia, então, agora que sou uma respeitável dama casada, vou levá-la a todos os melhores eventos e arranjar um marido para você.

Cassius riu enquanto era a vez de Eliza empalidecer, boquiaberta.

— Oh, não — disse Eliza, balançando a cabeça. — De jeito nenhum. Eu sei muito bem que vocês dois estão desesperados para embarcar em suas aventuras e eu não vou impedi-los. Vou encontrar meu próprio marido no meu próprio tempo.

— Impossível — respondeu Lottie. — Você precisa de minha ajuda porque tem um péssimo gosto.

— Ei! — Cassius encarou sua esposa, indignado.

— O quê? Ela não queria *você* — respondeu Lottie.

Ambas as irmãs, o duque e a duquesa riram muito disso.

Bem, pensou Cassius ironicamente, você sabia que realmente fazia parte da família quando começavam a fazer piadas às suas custas.

Lottie aproximou-se mais de sua irmã e baixou a voz. — Você ouviu mais alguma coisa de... você sabe quem?

Para sua surpresa, Eliza ficou vermelho-escarlate.

— Quem? — exigiu saber ele, instantaneamente suspeito.

Eliza era sua irmã agora, sendo assim, estava sob sua proteção. Se algum sujeito estivesse demonstrando interesse, ele precisava saber. Afinal, poderia não ser adequado.

Eliza encarou Lottie antes de se virar para ele.

— Ninguém — disse ela, com a voz tranquilizadora. — Você sabe como Lottie pode ser boba e romântica.

— Já descobrimos quem enviou todas aquelas flores quando você esteve doente? — perguntou ele, não totalmente convencido com

aquela resposta evasiva.

— Não — disse Eliza, dando de ombros. — Ainda não descobrimos. Quem quer que tenha sido é claramente alguém tímido e não consegue se revelar. Então, obviamente, não é o tipo de homem com quem você precisa se preocupar.

— *Hmph*. — Cassius não se sentiu muito convencido com o fato.

Eliza voltou para a cama para se sentar com seus pais e admirar Octavia. Lottie se moveu para segui-la, mas Cassius estendeu a mão, impedindo-a.

— Você estava certa — disse ele, baixinho. — Vamos ter que ficar de olho nela. Se é que ela estará forte o suficiente para participar da temporada. Eu admito, gostaria de saber quem é esse admirador secreto.

Lottie assentiu. — Sim. Vamos ficar de olho nela. Não podemos permitir que minha querida Eliza se entregue a algum homem que não mereça. Isso partiria meu coração.

— O meu também — disse Cassius, levando a mão dela aos lábios e beijando os dedos. — Ela merece ser tão feliz quanto nós.

— Sim — concordou Lottie, com um brilho nos olhos que o fez desejar poder levá-la de volta para casa naquele exato momento. — Verdade. Ela merece, e vamos ajudar a garantir que ela seja.

— Oh, parem de cochichar aí — disse Eliza, chamando-os para a cama. — Eu sei que vocês estão tramando algo, e não vou aceitar isso. Não vou concordar com nada que eu não queira. Nunca mais.

Isso foi dito com tanta determinação que seu pai a olhou horrorizado.

Eliza riu e afagou a mão dele. — Ah, não se preocupe tanto, papai. Não estou prestes a começar uma revolução ou fugir para Gretna Green.

— Fico muito feliz em ouvir isso — disse o duque, com evidente alívio, mas Cassius manteve sua atenção em Eliza, muito tempo depois

de todos os outros voltarem a focar na bebê.

Havia algo perigosamente brilhante em seus olhos verdes, e ele apenas esperava que ele e Lottie estivessem à altura do desafio.



Lottie observava Cassius enquanto ele tirava o resto de suas roupas e, então, voltava-se para a cama. Ele parou quando notou como ela o observava, ficando imóvel e permitindo que ela o admirasse.

— Está gostando do que vê? — perguntou ele, com um leve sorriso nos lábios.

— Oh, sim — suspirou Lottie, feliz, lembrando da última vez que ele lhe perguntara isso. — Gosto muito. Estou tão feliz por ter me casado com você.

Cassius soltou uma risada e então suspirou. — Você só me quer pelo meu corpo.

— Oh, isso simplesmente não é verdade — protestou Lottie, pressionando a mão no coração com um gesto teatral. — Você também é um artista muito bom e me adula terrivelmente. Você sabe que nós, deusas, precisamos que nossos egos sejam inflados regularmente.

— É mesmo? — perguntou ele, subindo na cama ao lado dela e fazendo o colchão saltar.

— É.

Ele se aproximou dela, baixando a voz para um ronronar profundo que fez seu coração pular de excitação. — Certo, então. Melhor eu cuidar disso agora, não?

— Acho que sim.

Cassius se inclinou e beijou seu pescoço, encontrando o lugar delicado abaixo da orelha que a fazia rir e gritar se ele fuçasse ali do jeito certo. Ele fez do jeito certo, como sempre fazia, e ela gritou e se contorceu sob ele, agarrando seus ombros largos.

— Assim? — murmurou ele, rindo contra a pele dela.

Lottie suspirou e deslizou a mão pela coluna dele. Como era maravilhoso compartilhar sua vida com ele, esse homem maravilhoso que era seu amigo e amante. — Exatamente assim.

Ele parou, recuando para olhar para ela, seus olhos azul-turquesa cheios de adoração.

— Você tem arrependimentos? — perguntou ele, suavemente. — Você não desejava ter escolhido outra pessoa, alguém que conhecesse a vida toda? Eu me preocupo que você fique entediada, conhecendo-me tão bem como conhece.

— Entediada? — exclamou ela, olhando para ele, chocada. — Cassius, você diz as coisas mais ridículas do mundo. Como posso de algum modo ficar entediada quando logo estaremos partindo em busca de aventuras?

Cassius franziu a testa. — Estaremos?

— Claro que estaremos — disse ela, balançando a cabeça para ele.

— Mas Eliza...

— Sim, tem Eliza, mas tenho certeza de que não vai demorar. Todo mundo a ama, então, ela poderá escolher dentre todos os homens. Tenho certeza de que podemos encontrar um bom rapaz para ela e ela se apaixonará rapidamente. Então, assim que ela estiver estabelecida e feliz, partiremos. Iremos para a França primeiro, e você poderá me mostrar tudo o que fez da última vez.

— Tudo? — perguntou ele, arqueando uma sobrancelha.

Lottie lembrou-se da pintura nua da adorável garota que ela havia corretamente assumido ter sido uma de suas amantes.

Ela estreitou os olhos para ele. — Sim, *tudo*, contanto que eu seja a única dama em quem você dedica suas atenções.

— Como você é rigorosa. Muito bem, então. Vamos atrás de uma aventura. Vou levar minhas tintas e um chapéu. Do que você vai

precisar?

Lottie considerou, mordendo o lábio enquanto pensava, ciente de que seu olhar ardente estava fixado em sua boca.

— Apenas de você — disse ela, finalmente, sorrindo para ele. — Você é tudo de que eu preciso.

— Boa resposta — disse ele, com um sorriso convencido. — E por quanto tempo ficaremos fora?

— Até sentirmos saudades de casa, ou até você cumprir seu dever de marido e formos forçados a voltar, o que vier primeiro.

— Meu Deus... — começou ele, lembrando-se da exigência dela de que ele lhe desse um bebê. — Oh. Eu pensei que você tivesse dito que não havia pressa?

— Oh, não há, vamos ver o mundo, e você o pintará, e então voltaremos para casa e começaremos outro tipo de aventura.

— Você tem tudo planejado, pelo que eu vejo.

— Naturalmente — respondeu ela, deslizando os dedos no calor sedoso de seus cabelos loiros.

— Naturalmente.

— Eu também planejei esta noite inteirinha — acrescentou ela, com algo travesso brilhando em seus olhos.

Cassius arqueou uma sobrancelha. Lottie puxou sua cabeça, aproximando-o para que pudesse sussurrar em seu ouvido.

Quando ele recuou, seus olhos estavam muito escuros, com as pupilas dilatadas contra uma fina borda azul-turquesa.

— Sua menina indecente — disse ele, olhando para ela chocado, com um sorriso intrigado curvando seus lábios. — Eu me pergunto como você ousa me encarar nos olhos.

— Oh — Lottie disse com um sorriso, enroscando-se nele. — Eu ousa. Sempre ousarei ser indecente com você.

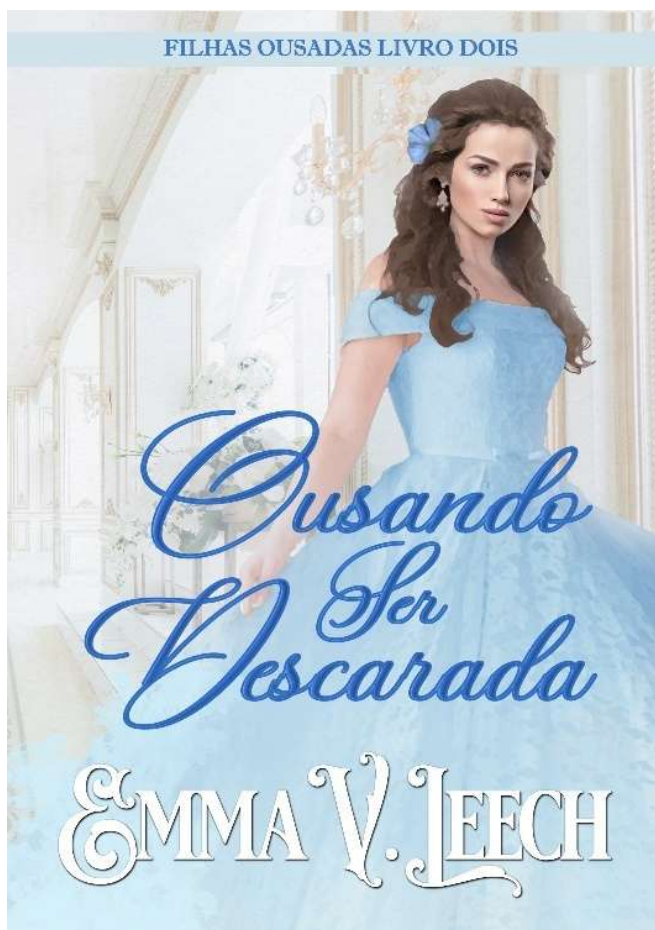
As histórias do **Clube do Livro das Senhoritas Peculiares** e seu chapéu cheio de desafios tornou-se lenda entre seus filhos. Quando o chapéu é redescoberto, empoeirado e abandonado, os desafios restantes desencadeiam uma série de eventos que ecoarão por todas as famílias... e suas...

Filhas Ousadas

No próximo livro, desta nova série empolgante...

Ousando Ser Descarada

Filhas Ousadas – Livro Dois



*Suas mães ousaram tudo por amor.
Imagine o que suas filhas farão...*

A dama perfeita...

Lady Elizabeth Adolphus, filha mais velha do Duque e da Duquesa de Bedwin, é a jovem mais desejada da sociedade. Vista como a debutante perfeita, bela, amável e recatada, ela é cercada por ofertas de casamento de cavalheiros elegíveis.

E ela não quer nenhum deles.

Há apenas um homem que ela deseja conquistar, e ele está longe de ser um bom partido.

Um homem perigoso, com um passado sombrio...

Monsieur Nicolas Alexandre Demarteau, dono do infame clube parisiense *Rouge et Noir*, é meio-irmão ilegítimo de Louis César de Montluc, *Comte* de Villen. Após deixar Paris para escapar de um escândalo, Nic está determinado a fazer com que Louis César se case com a perfeita dama inglesa para garantir sua posição na alta sociedade londrina, só que descobre que a mulher que Louis veio conquistar na Inglaterra é a personificação de todos os sonhos de Nic. Manter as promessas que fez a Louis César testará sua determinação quando todos seus instintos exigem que ele fique com Eliza para si mesmo.

Uma rosa inglesa com vontade de ferro...

Agora, recuperando-se de um acidente quase fatal, Eliza pode parecer mais frágil do que antes, mas sua determinação em fazer suas próprias escolhas é mais forte do que nunca. Ela está cansada de fazer sempre a coisa certa, de ser educada em vez de falar o que pensa, de dançar com homens respeitáveis quando o que ela deseja é a personificação da infâmia... e ele nem parece gostar muito dela.

Um desejo intenso...

Tudo o que Nic quer é que Eliza esteja segura, mas como ele pode protegê-la quando tudo o que ela quer é ele? Como ele pode resistir a ela quando ela se recusa a ser a dama perfeita por mais um instante?

Quando ela decidir... será hora de ser descarada.

Vire a página para uma prévia...

Prólogo



*N'écris pas. Je suis triste, et je voudrais m'éteindre.
Les beaux étés sans toi, c'est la nuit sans flambeau.
J'ai refermé mes bras qui ne peuvent t'atteindre,
Et frapper à mon cœur, c'est frapper au tombeau.
N'écris pas!*

*Não escreva. Estou triste e reflexiva, queimando minha chama interior.
Verões ensolarados sem você são como um quarto mergulhado na
escuridão.
Meus braços estão cruzados novamente, mas sem o mesmo desejo.
Bater no meu coração é como ecoar nos portões de um túmulo.
Não escreva!*

– Marceline Desbordes-Valmore 1786-1859

12 de novembro de 1825, Perigueux, França.

Nic colocou suas mãos em concha sobre a boca e soprou para aliviar a dormência de seus dedos. A casa estava silenciosa há pelo menos uma hora, mas isso não era garantia de que todos os moradores estivessem dormindo.

Ele olhou para cima, resmungando um palavrão obsceno enquanto flocos brancos e macios de neve caíam dos céus negros acima. A noite já estava extremamente fria; só faltava todas as superfícies ficarem escorregadias de gelo. O tempo não se importava com os dias que ele

tinha levado para chegar ali, nem com seus planos meticulosamente traçados, e a neve caía com uma insistência delicada, forçando-o a tomar uma decisão. Ou agia agora ou teria que voltar outra noite. Tudo o que havia descoberto até agora dizia-lhe que não podia esperar. O instinto que o havia safado de mais problemas do que um jovem de vinte anos deveria enfrentar, dizia-lhe que esta era sua única oportunidade.

Nic levantou-se, seus membros protestando ao fazer o movimento, após ficar agachado nas temperaturas congelantes, imóvel por horas no telhado do prédio em frente ao seu alvo. Tinha sido uma grande decepção que ele não pudesse encontrar uma maneira mais fácil de entrar, mas a casa estava trancada, com uma porta da frente pesada, e as poucas janelas estavam fechadas com persianas. No meio da pequena cidade de Perigueux, no sudoeste de França, e com casas por todos os lados, não havia como invadir sem ser visto. Sua melhor chance era acessar os fundos da casa que ficava do outro lado, subir pelo telhado e então entrar pelo pátio interno, que provavelmente estaria menos protegido. Havia apenas um problema. Nic se aproximou da borda, olhando para baixo em direção a uma queda que garantiria membros quebrados, na melhor das hipóteses, e uma sentença de morte, na pior das hipóteses. Talvez devesse ser ao contrário, refletiu, estendendo a mão para o grosso rolo de corda. Que tipo de vida levaria um homem com seus talentos se seu corpo estivesse irremediavelmente destroçado? Ele não pensaria nisso. Nic foi ensinado desde muito jovem que o medo era normal, mas algo que ele poderia ignorar caso se concentrasse. Quando ele estava preparado, sabia o que estava fazendo e o fazia com a mente lúcida, com concentração absoluta, e o medo simplesmente... desaparecia.

Ele respirou profundamente, girou no ar várias vezes o gancho de escalada e o lançou em direção ao prédio que ficava do outro lado. Ele o atingiu com um barulho que para Nic soou como tiros na quietude da noite. Um cachorro latiu em algum lugar da rua e uma voz gritou para silenciá-lo. Ele se agachou novamente, esperando que alguém soasse o

alarme, saísse e investigasse, mas a neve continuava caindo e as chaminés continuavam exalando fumaça. Tudo estava em silêncio. Soltando um suspiro de alívio, Nic prendeu a corda. Ele tirou as pesadas botas e atou os cadarços de uma na outra, pendurando-os no pescoço. Em seguida, calçou as botas de couro macio, amarrando os cadarços firmemente ao redor dos tornozelos. Levou mais tempo do que ele gostaria para testar e retestar a tensão e a segurança da corda, para se convencer de que ela aguentaria, pois ele não serviria para nada com o pescoço quebrado. Normalmente, a corda era fixada em todos os lados para mantê-la imóvel, mas aqui não havia tais precauções, e ele precisaria de toda sua habilidade para atravessar o vão à sua frente.

Finalmente, estava pronto, e ele ficou na beira do prédio, com a corda esticada diante dele. Ele controlou sua respiração, esvaziando a mente de tudo, exceto a corda e seu próprio corpo, deslizando um pé ao longo do comprimento tenso e depois o outro. Era realmente uma brincadeira de criança, mesmo com o balanço desconcertante: uma distância muito menor do que ele atravessava diariamente, encantando as multidões com o que consideravam um talento surpreendente e que desafiava a morte. A corda bamba rangeu quando ele chegou à metade, e o coração de Nic deu um pequeno solavanco, mas ele continuou avançando. O movimento era seu aliado, e qualquer hesitação poderia resultar em sua queda. Finalmente, o telhado oposto estava ao seu alcance. Ele deu um passo à frente e aproveitou o momento para respirar; em seguida, pegou o gancho de escalada e o lançou de volta para onde tinha vindo. Ele não seria capaz de escapar dessa forma se tivesse sucesso, e não poderia arriscar deixar rastros. Mais uma vez, o barulho do gancho batendo nos azulejos pareceu alto o suficiente para acordar os mortos, mas o destino foi gentil nesta noite, e uma briga de gatos na rua abaixo foi suficiente para fazer qualquer um acreditar que os felinos furiosos eram responsáveis por qualquer som que parecesse um estrondo.

Cinco minutos depois, Nic, tão confiante quanto as criaturas sibilantes na rua abaixo, atravessou o telhado e desceu para o pátio

interno. Praguejando devido ao fato de que a neve havia deixado suas pegadas visíveis, ele agachou-se ao lado do que supôs ser a porta da cozinha e tirou suas ferramentas de forçar fechaduras. Moleza, ele pensou com um sorriso malicioso, feliz por ter se dado ao trabalho de aprender antes de girar a maçaneta bem lubrificada e entrar na casa sem fazer barulho. Ele fechou a porta e ficou parado por um momento, acostumando-se à casa silenciosa e tentando identificar atentamente qualquer sinal de perigo. O silêncio o envolvia enquanto ele atravessava a área de serviço e chegava à cozinha. O fogo estava se extinguindo, as brasas ainda crepitavam bem fraquinhas, sem chama, proporcionando apenas luz suficiente para ver a pequena figura encolhida no chão em frente à lareira. O coração de Nic ficou apertado, com piedade e fúria se misturando, mas não havia tempo agora, nem para sentimentos, nem para explicações. Ele se aproximou, agachou-se e colocou a mão firmemente sobre a boca do menino.

O garoto acordou abruptamente, com suas mãos agarrando o pulso de Nic, mas ele era magro e fraco, não sendo páreo para um homem do tamanho de Nic.

— Fique quieto — disse Nic, com a voz séria. — Eu vim para te ajudar. Quer ir embora daqui?

O garoto se aquietou, e Nic se moveu para ficar de frente para ele, surpreso pelos olhos de um azul tão brilhante que não havia dúvidas quanto à cor, mesmo na fraca luz do fogo.

— Eu não vou te machucar. Se vier comigo, não permitirei que ninguém mais machuque você. *D'accord?*

O menino encarou-o e, em seguida, assentiu bruscamente.

— Vou remover a minha mão agora. Se você gritar por ajuda, essa será sua vida: dormindo no chão da cozinha, trabalhando para aquele maldito que te trata pior do que um cachorro. Entendeu?

O menino encarou-o, impassível, e assentiu novamente. Nic removeu a mão.

— Vem comigo? — perguntou ele.

— Sim — disse o menino, imediatamente.

Nic sorriu. — Você não se importa para onde estamos indo?

— Não.

— Você confia em mim? — disse Nic, sem saber se deveria ficar contente ou horrorizado com o aceno que se seguiu, pois o garoto colocava-se sob os cuidados de um homem que não conhecia sem uma única palavra de protesto.

— Sim. — A resposta foi fervorosa, determinada.

Nic franziu a testa e, apesar da necessidade de escapar imediatamente, não pôde deixar de perguntar: — Por quê?

— Porque você é meu irmão.

Capítulo 1



Querida Eliza,

Espero que esteja se sentindo melhor agora. Mamãe me contou o quão doente você estava na semana passada, e que a enxaqueca não passou por vários dias. Não acha que estão certos e talvez você não devesse frequentar a temporada este ano? Será que o sul de França não é uma boa opção? O sol pode te fazer bem. Cassius e eu ficaríamos felizes em acompanhá-la.

– Trecho de uma carta de Lady Charlotte Cadogan, Viscondessa Oakley, à sua irmã, Lady Elizabeth Adolphus – filha mais velha do Duque e da Duquesa de Bedwin.

5 de março de 1839, Beverwyck, Londres.

Nic ergueu os olhos do livro que estava lendo quando o seu meio-irmão, Louis César, entrou no cômodo. Louis dirigiu-se ao armário que abrigava uma garrafa de conhaque, serviu-se de uma grande dose e foi ficar junto ao fogo, com um braço no mantel da lareira.

Nic pegou seu relógio de bolso, franzindo a testa para o acessório.
— Você voltou cedo.

— *Elle n'était pas là* — disse Louis, irritado.

— Fale em inglês, Louis. — Nic suspirou diante do olhar fulgurante que Louis lhe lançou. — Nós concordamos. Se quisermos que você seja aceito pela sociedade e construir nossas vidas aqui, isso deve ser tão natural quanto nossa língua materna.

Louis revirou os olhos.

— Ela não estava lá — repetiu, articulando cada palavra com um sotaque preciso e meticuloso que ilustrava sua impaciência. — Está doente, eu acho.

— O quê? — Nic sentou-se mais ereto, fazendo uma tentativa fútil de acalmar o pânico que fez seu coração bater mais rápido no peito.

— Uma dor de cabeça, disseram, e antes que você pergunte, sim, eu disse todas as coisas certas, assegurei-me de parecer devidamente desolado, e enviarei flores pela manhã. Só não me peça para suportar o restante da noite, extremamente entediado, quando não havia propósito algum nisso.

Nic encarou furiosamente o irmão, mas não disse nada. Eliza estava doente novamente, ou pelo menos sofrendo de mais uma dor de cabeça, que não era apenas uma dor de cabeça, mas uma enxaqueca que a deixaria pálida e dolorida por dias a fio. Ele tinha que chamar o médico idiota de volta. Ela não merecia estar sofrendo assim depois de tudo o que passou. A culpa pesou em seu peito, sufocante e esmagadora, tornando difícil até mesmo respirar. Era sua culpa. Sua maldita culpa. Ele nunca deveria ter se colocado no caminho dela. Como ele tinha sido um idiota egoísta. Bem, isso já estava feito. Agora, ele precisava ficar longe dela. Muito, muito longe.

— Eu estive pensando... — disse Nic, com as palavras soando tão indiferentes quanto possível. — Eu preciso voltar a Paris por um tempo, para ver como estão as coisas por lá.

Olhos azuis elétricos voltaram-se para ele, cheios de intensidade e brilhando de irritação. — Então, você está tentando pensar em uma razão para me abandonar, é, irmão?

— Não estou abandonando você — protestou Nic. — Pelo amor de Deus, Louis, você não é mais um menino.

— Não, e eu nunca fui um tolo. Ambos sabemos que o *Rouge et Noir* está em boas mãos. Jacques não precisa de você respirando em seu

cangote e agindo como se não confiássemos nele. Você só vai irritá-lo. Então, diga-me por que tem agido de maneira tão estranha ultimamente?

Nic rangeu os dentes. O problema era que Louis o conhecia muito bem. Era um milagre ele não ter descoberto qual era o problema semanas atrás. Ele sabia que era apenas porque era tão improvável que jamais ocorresse ao seu irmão que Nic tinha se apaixonado por uma mulher que mal conhecia. E não era apenas qualquer mulher, mas a filha de um duque. Se não fosse tão doloroso, seria até hilário.

— Não estou agindo de forma estranha — respondeu Nic, ciente de que parecia um menino mal-humorado.

Louis bufou.

— Eu acho que você está entediado — disse seu irmão, estudando-o criticamente. — Em Paris, você estava ocupado com o clube dia e noite. A vida de um cavalheiro ocioso não combina com você.

Nic olhou com incredulidade para Louis. — E com você?

Louis acenou com uma mão impaciente, embora elegante. — Eu sempre fui melhor em dissimular do que você. Além disso, um homem pode encontrar uma ocupação satisfatória se se dedicar a isso de verdade.

Nic emitiu um som descontente, mas não disse nada.

— Por que não ir em frente com o novo clube que você mencionou?

— Porque você disse... — começou Nic, mas Louis o silenciou.

— Eu sei o que disse e estava certo.

— Naturalmente. — A palavra destilava sarcasmo, o qual Louis ignorou.

— Você não pode abrir um clube como *o Rouge et Noir* aqui na Inglaterra. Isso iria prejudicar a nós dois. Mas você poderia abrir algo diferente. Algo exclusivo e respeitável.

— Respeitável? — Nic observou a expressão divertida de seu irmão, ciente de que havia exclamado a palavra da mesma forma que alguém poderia gritar “*praga!*” em desespero

— É realmente uma ideia tão repreensível? Viemos aqui para sermos respeitáveis, não?

— *Você* veio — resmungou Nic.

Ele poderia ser ilegítimo, mas seu pai o reconheceu em consideração a Louis. Se Louis conseguisse um bom casamento e, evitassem qualquer escândalo, Nic poderia... bem, ele *poderia* não causar muitos problemas ao seu meio-irmão devido à sua contínua associação. Nic tentou sugerir que ele se afastasse completamente em várias ocasiões. Os resultados não foram bons. Louis acreditava que devia a Nic sua vida, certamente sua liberdade, e ele se recusava a aceitar qualquer versão do futuro onde Nic não estivesse totalmente presente. Por alguma razão que Nic não conseguia entender, Louis o idolatrava. Esse amor e a lealdade tocavam Nic de uma forma que ele preferia não admitir. Louis sabia disso.

Nic suspirou, ciente do escrutínio contínuo de seu irmão. — Tudo bem, tudo bem. Vou investigar.

Louis sorriu, exibindo uma expressão que deixava as pessoas sem fôlego, pois era simplesmente devastadora.

— Oh, chega — disse Nic, beligerante agora.

— *Perfeito*, Nic. Parece até um nativo!

Nic franziu a testa. Era hora de dormir.



Duas semanas depois. Cheapside, Londres.

Eliza virou-se para olhar sua criada, Martha, que estava de pé, rígida de nojo, em um canto da sala suja. Martha era uma mulher sensata e leal na casa talvez dos trinta e poucos anos, e não estava acostumada a um ambiente tão desagradável, tendo sido criada de Eliza

há quase uma década. O olhar da mulher disparava da porta para a janela imunda em intervalos cada vez mais curtos. Algo correu nas sombras do lado oposto da sala, e Martha recuou.

— Relaxe, Martha querida. Temos dois lacaios corpulentos esperando do lado de fora da porta da frente, e não há outra entrada... o que admito que não é sinal de coisa boa, pensando bem nisso. E se houvesse um incêndio?

— Um i-incêndio?

Os olhos de Martha se arregalaram alarmados e Eliza suspirou.

— Não agora. Meu Deus, como você se preocupa com as coisas! Céus. Aqui não vai servir, e eu tinha altas expectativas para este lugar.

— Oh, graças ao Senhor — disse Martha, soltando um suspiro sincero. — Podemos ir embora então, milady? O duque arrancaria meu couro se descobrisse...

— Martha, eu lhe disse repetidamente que você não será responsabilizada por minhas ações. Nunca permitiria isso e o meu pai não agiria de forma tão injusta. Eu a obriguei a me acompanhar, não é mesmo?

— Sim, milady, mas, mesmo assim, você não deveria estar aqui neste lugar sujo e perigoso. Não com a sua saúde tão...

Eliza ergueu a mão, impaciente, tendo ouvido bastante sobre sua frágil saúde. Suas próprias limitações a deixavam louca de frustração, sem que elas fossem jogadas em sua cara a cada oportunidade. Se ela permitisse, aqueles que mais a amavam a impediriam de realizar seus planos e a manteriam trancada em casa, aquecida perto da lareira e enlouquecendo de tédio.

Martha se acalmou, embora Eliza estivesse ciente do desejo da mulher de sacudi-la com força. Para sua intensa irritação, ela sentiu uma onda de fadiga se abater sobre ela, reprimindo seu ânimo e deixando seus membros pesados e desajeitados.

— Oh, vamos embora, Martha — disse ela, derrotada, pelo menos por hoje.

Este devia ser o décimo prédio que ela visitava em várias semanas. Nenhum tinha sido um lugar adequado para começar sua escola. Ela tinha grandes esperanças para este, pois parecia tão promissor no papel. Era grande o suficiente e não ficava em uma parte *tão* terrível de Londres, mas era sombrio e sinistro. Havia pouco espaço externo e a única entrada e saída não apenas era impraticável, mas perigosa.

Elas desceram as escadas. Eliza ignorou os olhares ansiosos que Martha lhe lançava e a maneira como ela ficava muito próxima, apenas por precaução. Em vez disso, ela segurou com firmeza o corrimão e concentrou-se em dar um passo de cada vez, movendo-se lentamente. Mesmo assim, estava sem fôlego quando alcançaram o térreo e saíram porta afora. O ar na viela escura era um pouco melhor do que o odor fétido de ratos e abandono lá de dentro, mas, mesmo assim, era um alívio. Os lacaios se posicionaram atrás das damas enquanto elas retornavam à carruagem.

Eliza segurava as saias, mantendo o simples algodão sarjado longe dos paralelepípedos imundos enquanto escolhiam cuidadosamente o caminho pela estreita rua lateral e voltavam à avenida principal. Ela estava trajando seu vestido mais simples, esperando não chamar muita atenção para si mesma. Ao pisarem na avenida principal, Eliza arregalou os olhos para o céu, como uma toupeira, aliviada por sentir o céu acima dela depois da escuridão opressiva da desagradável construção de tijolos vermelhos. Não. Certamente não era adequado para sua instituição de caridade. Suas meninas precisavam de ar puro, espaço e luz para crescerem, e ela certamente iria atrás disso.

Ela se virou em direção à carruagem e, então, parou no meio do caminho, cativada pela figura que a observava do outro lado da rua. Seu porte grande e impressionante dominava os que estavam ao seu redor, tão bruto quanto um touro num prado de primavera. Eliza ficou momentaneamente sem fôlego ao ver a presença agressivamente

masculina de *Monsieur* Demarteau. O vento gelado do norte que levantava suas saias e balançava as fitas de seu chapéu arrancou de seus lábios um pequeno suspiro de choque. O brilho furioso em seus olhos escuros não a ajudou em nada a se acalmar, momento em que ele atravessou a rua na direção dela.

— O que diabos você está fazendo aqui? — exigiu saber ele, antes mesmo de atravessar metade da rua, sem sequer um bom dia ou uma pergunta sobre sua saúde – algo que certamente não teria sido bem-vindo para ela.

— Bom dia, Sr. Demarteau. Como está? — disse ela, educadamente, ignorando suas péssimas maneiras.

— Não importa como estou — disse ele, quase tremendo de tanta agitação. — Como você veio parar neste bairro miserável? Seu pai sabe que você está aqui?

Eliza se irritou, sentindo-se ofendida e incomodada. — Meu pai não precisa ser informado de cada passo que dou fora de casa. Sou uma mulher adulta, senhor. Estou com minha criada e dois lacaios, que velam pelo decoro e segurança, e não preciso de mais nenhum acompanhante.

— O inferno que não precisa — retrucou ele. — Eu vou te acompanhar até em casa.

Eliza abriu a boca para repreendê-lo por sua maneira autoritária, mas, então, parou. O que ela estava pensando? Embora neste momento não conseguisse entender por que diabos, há semanas e meses ela ansiava por vê-lo, e agora ele estava ali, exigindo acompanhá-la até em casa. Era uma oportunidade boa demais para deixar passar. Ela lembrou-se da última vez que o tinha visto, há mais de seis meses. Ele tinha sido tão rude e mal-humorado como de costume, e ela tinha ficado magoada com isso, mas depois seus modos mudaram, e ele começou a falar com ela com tanta preocupação, tanta gentileza...

Você está bem, Eliza? De verdade?

Eliza tinha ficado tão surpresa que se virou rapidamente para olhá-lo e sua maldita cabeça rodou e quase desmaiou, para sua consternação. Então, ele a tinha erguido em seus braços. Ela se lembrava de como tinha se sentido naquele momento, como ele a tinha levantado como se fosse frágil como um cristal, e seu coração disparou no peito como um rato perseguido por um gato.

Você está bem, Eliza? De verdade?

Suas palavras soaram vulneráveis naquele momento, repletas de ternura e ansiedade. *Aquele* homem. Ela queria conhecer aquele homem, aquele que ele escondia por trás de uma máscara de fria indiferença. Ela o observou por um longo momento, surpresa quando um leve rubor tocou os traços severos de seu rosto.

— Estou muito bem — disse ela, baixinho, consentindo à sua exigência.

Ele não parecia totalmente satisfeito por ela ter concordado, por não ter contestado seu pedido; o aperto de sua mandíbula contradizendo seu firme aceno de aprovação. Ela repousou sua mão enluvada em seu braço, embora ele não a tivesse oferecido, imediatamente percebendo a tensão vibrando sob seus dedos. Ela olhou para cima, mas ele olhava para frente, guiando-a até a carruagem, com o rosto incompreensível. Já o rosto de Martha era totalmente compreensível. A criada estava rígida de desaprovação, as sobrelanceiras franzidas em consternação, e ela lançava um olhar furioso para o Sr. Demarteau como se ele fosse um personagem demoníaco com chifres e cascos fendidos de uma peça teatral, nascido para conviver com pessoas respeitáveis e tementes a Deus.

Eliza lançou-lhe um olhar que exigia que ela parasse imediatamente, mas Martha apenas resmungou e cruzou os braços, virando seu olhar indignado para as ruas desprotegidas de Londres do lado de fora da janela da carruagem. Assim que Eliza se acomodou em seu assento, o Sr. Demarteau abaixou a cabeça e entrou, fazendo as molas da carruagem balançarem e pularem ao acomodarem seu peso.

Ele colocou o chapéu de lado, já que sua cabeça quase tocava o teto. Para seu pesar, ele sentou-se de frente para ela, ao lado de Martha, que fez questão de ficar o mais próximo possível da porta da carruagem. Se o Sr. Demarteau percebeu, não comentou ou reagiu ao fato. Ele se sentou em uma posição para acomodar suas pernas muito compridas, caso contrário, seus joelhos se tocariam. Ainda assim, Eliza estava intensamente consciente de como suas saias e anáguas roçavam em sua calça. Seus lábios se contraíram quando ela percebeu que ele imitava a postura desaprovadora de sua criada, encarando as ruas como se elas o tivessem ofendido. Seus braços também estavam cruzados, embora os de Martha certamente não fossem musculosos da mesma maneira provocativa que devia causar tanto desconforto ao seu alfaiate quanto causava aos nervos de Eliza, que estavam à flor da pele.

Pare com isso, sua tola, ela se repreendeu, mas em vão. Eliza forçou-se a olhar para as ruas também, mas o que quer que seus acompanhantes achassem tão fascinante ela não entendia, e logo seu olhar voltou para o homem irritante à sua frente. O cabelo do Sr. Demarteau era espesso e encaracolado, completamente negro, e os boatos que o cercavam sugeriam que seu caráter combinava com a tonalidade implacável. Suas sobrelanceiras teriam orgulhado Mefistófeles, e o maxilar bem-definido já tinha o vestígio do que seria uma barba cheia se ele permitisse que crescesse. Ela suspirou sobre seus ombros formidáveis, largos e robustos. Tudo nele gritava força e poder. Não havia nada delicado nesse homem. Ele era cheio de traços bem-definidos e proeminentes, moldado pela vida em algo que parecia, para sua mente protegida, perigoso, civilizado apenas sob uma fina camada composta de botas brilhantes e excelente alfaiataria. O que ele seria sem essa fachada, ela se perguntava. Subitamente, uma imagem tentadora veio à sua mente do homem que estava tão próximo, sem a refinada vestimenta, com a pele em chamas e o desejo explícito. Eliza sentiu o calor subir pela garganta e queimar suas bochechas. Naturalmente, o diabo escolheu aquele momento para voltar sua atenção para ela.

Seus olhos se iluminaram com alguma emoção que Eliza não conseguia decifrar, mas ela teve a perturbadora sensação de que ele a lia como um maldito livro e sabia exatamente no que ela estava pensando. Ela engoliu em seco, com a boca ressecada e a respiração curta, mas se recusou a desviar o olhar dele. Seus olhos eram de um castanho tão escuro que havia pouca distinção entre a íris e a pupila, mas agora pareciam um preto escuro, um mar profundo contendo todos os seus segredos mais sombrios, tudo o que ela desejava saber. A tentação de mergulhar era tão intensa que Eliza cerrou os punhos, como se isso pudesse impedi-la de se atirar nele. Graças a Deus por Martha. Se sua fiel criada que lembrava um buldogue não estivesse ali, Eliza não tinha certeza se teria resistido. Meu Deus, o homem era uma ameaça. Inquieta e nervosa, ela lambeu os lábios e sentiu seu coração bater mais forte enquanto o olhar dele se tornava quente e sedutor, fixado em sua boca.

— Meu Deus, como o Cocheiro John está demorando. Tenho certeza de que essa viagem não costuma levar tanto tempo, milady. O duque vai se perguntar onde estamos metidas e estará esperando na porta, sem dúvida, se é que já não enviou uma equipe de busca.

O discurso um tanto desesperado de Martha ajudou a dissipar um pouco o clima tenso na carruagem, e Eliza ficou grata por isso. Bem, ela estaria grata se tivesse um pinga de bom senso, o que obviamente não tinha, pois se encontrava, ao invés disso, bastante irritada.

— Papai está fora hoje, como você bem sabe, Martha. Ele não voltará até a hora do jantar.

Martha parecia insatisfeita. — Sim, milady. Tinha me esquecido completamente disso.

Eliza virou a cara para sua criada a tempo de ver os lábios do Sr. Demarteau se contraírem.

— O que você estava fazendo em Cheapside? — perguntou ele, o que pelo menos desta vez era uma pergunta civilizada, mesmo que não fosse da conta dele.

— Estou procurando um local — respondeu Eliza, cuidando para manter seu tom frio. Não seria bom deixar o homem saber o quanto ele a incomodava, ou o quanto ela desejava que ele a perturbasse irreversivelmente.

— Você vai abrir um negócio? — perguntou ele, arqueando uma sobancelha espessa.

Ela se perguntou como seria sentir o toque de seus lábios com a ponta do dedo.

— Milady?

Eliza tentou voltar sua atenção para a conversa.

— Sim, vou criar um palácio de gin para rivalizar com o *Thompson and Fearon's*, em Holborn Hill. Ouvi dizer que em uma noite lucrativa eles podem ganhar um guinéu por minuto — disse ela, com uma expressão inocente.

Ele a encarou em choque por um longo momento e, então, sorriu. Isso transformou seu rosto, mudando-o de algo sombrio e ameaçador para algo muito, muito mais perigoso, dando a ela um vislumbre da criança travessa que ele devia ter sido um dia. Seu coração deu uma guinada estranha, como um navio sacudido por um mar impiedoso. O Sr. Demarteau explodiu em uma gargalhada que fez os cantos de sua boca se curvarem irresistivelmente, não importava o quanto ela tentasse impedi-lo.

— *Petit diable* — murmurou ele, tão baixo que ela mal captou as palavras.

Ela observou enquanto ele passava a mão pelo rosto, com uma expressão que parecia ser de frustração. Será que ela o frustrava tanto quanto ele a ela? Havia *algo* em suas palavras que *poderia* ser interpretado como afeto, se alguém estivesse completamente louco das ideias. Bem, aquele golpe na cabeça que ela sofrera ao cair no ano passado deve ter causado mais estragos do que qualquer um imaginara.

Diabinha. Dificilmente seria um elogio. Se alguma dama da alta sociedade tivesse sido tratada assim por seu amado, teria se sentido ofendida, sem dúvida, mas para Eliza... algo reconfortante e alegre tomou conta de seu peito pela primeira vez em seis meses.

Tinha sentido sua falta.

Encomende sua cópia aqui

[Ousando Ser Descarada](#)

E apresentando a mais nova série de Emma V Leech, Filhos Ousados, seguindo as vidas e amores dos filhos das Damas Ousadas.

Aproveite mais uma incursão no mundo das Damas Ousadas e de sua prole.

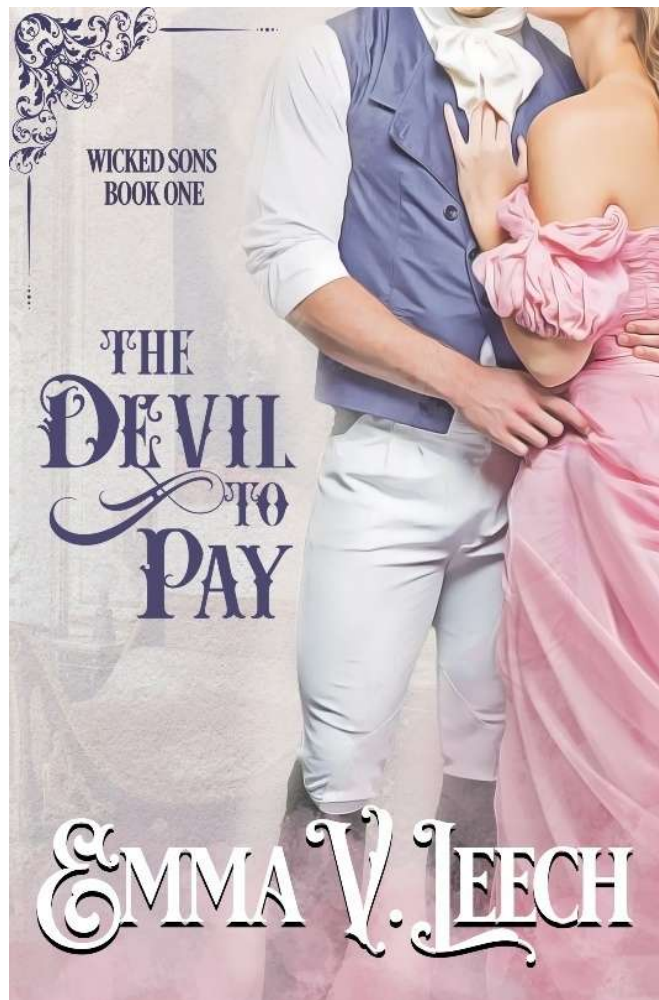
Suas mães ousaram tudo por amor.

Suas filhas fizeram o mesmo.

Algo ousado se aproxima...

Acertando as Contas com o Diabo (Em breve)

Filhos Ousados – Livro 1



Um Filho Ousado...

Alto, moreno e bonito, ridiculamente rico e herdeiro de um título. Com tantas bênçãos em sua vida, para este Filho Ousado, não há muito sentido em ser mais do que um enfeite. Ou, pelo menos... é isso que todos acreditam, mas esse homem tem um segredo. Sendo um homem de sua posição, se alguém descobrisse que ele é o misterioso autor de *Os Fantemas do Castelo Madruzzo*, seria motivo de chacota.

Seu primeiro romance foi um tremendo sucesso, e embora as vendas tenham sido excelentes, ele está ciente de que nunca mais atingirá o mesmo o êxito daquele primeiro livro. Seus leitores parecem não se importar e clamam por mais, mas uma certa crítica continua a atormentá-lo com avaliações ruins. De alguma forma, ela adivinhou que ele é um nobre e se deleita em encontrar falhas em seus personagens menos afortunados.

Passar um tempinho disfarçado deve resolver o problema, para provar a si mesmo e à dama que ele é nada menos do que dedicado à sua arte.

Uma dama a ser levada em consideração...

Como a mais velha – e única sensata – em uma família abarrotada de gente, Selina Davenport está lutando para manter a sanidade. A última coisa que ela precisa em sua vida é da presença de um nobre privilegiado fingindo ser alguém que não é. Até parece que ela não tinha percebido à primeira vista que ele não era o simples jardineiro que tinha fingido ser. Que palerma.

Isso não significa que ela não esteja preparada para se divertir um pouco à custa dele.

Um jogo que sai do controle...

Mas quando um objeto imóvel encontra um desafio irresistível, as faíscas estão destinadas a voar, mas será que elas irão incendiar tudo ao seu redor?

[Acertando as Contas com o Diabo](#)

As Damas Ousadas que deram início a tudo...

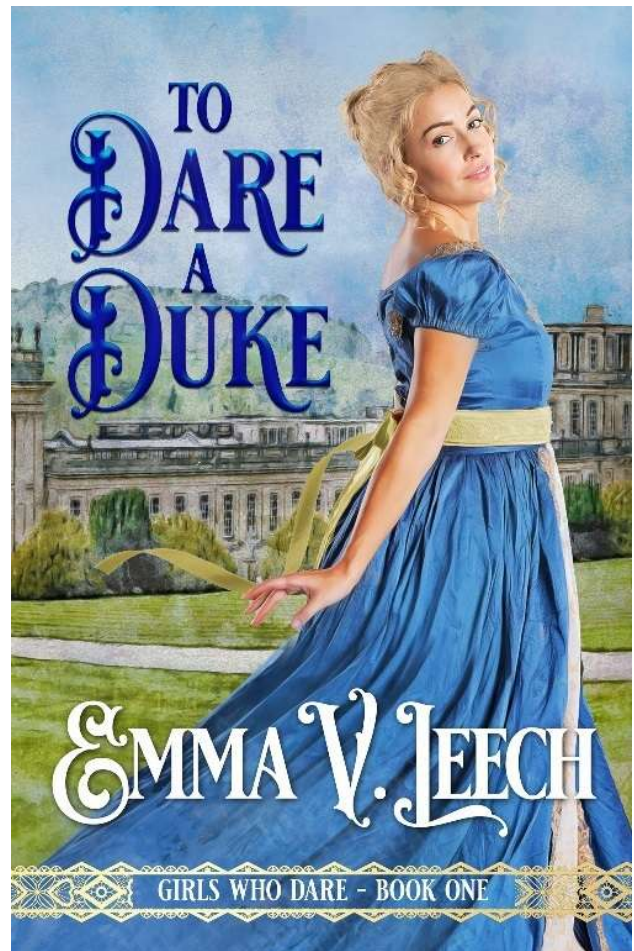
Damas Ousadas — A nova série emocionante de Emma V. Leech, a multipremiada escritora de romances top 10 da Amazon, por trás da série Patifes & Cavalheiros.

Dentro de cada jovem tímida e isolada, pulsa o coração de uma leoa, uma pessoa apaixonada disposta a arriscar tudo pelo seu sonho, se puder encontrar a coragem para começar. Quando essas jovens ignoradas fazem um pacto para mudar suas vidas, tudo pode acontecer.

Doze Mulheres – Doze Desafios Inesperados. Quem ousará arriscar tudo?

Desafiando um Duque

Damas Ousadas – Livro 1



Sonhos de amor verdadeiro e felizes para sempre.

Sonhos de amor são muito bons, mas tudo o que Prunella Chuffington-Smythe quer é publicar o seu romance. O casamento a custo de sua independência é algo que ela não considerará. Tendo experimentado o sucesso escrevendo sob um nome falso na revista semanal *The Ladies*, seu alter ego está alcançando notoriedade e fama e Prue gosta bastante disso.

Um dever deve ser suportado

Robert Adolphus, o Duque de Bedwin, não tinha pressa em se casar, ele já fez isso uma vez e repetir esse desastre é a última coisa que deseja. No entanto, um herdeiro é um mal necessário para um duque e não pode se esquivar disso. Uma reputação sombria o precede, visto que sua primeira esposa pode ter morrido jovem, mas os escândalos que a bela, vivaz e rancorosa criatura forneceu à sociedade não a acompanharam. Uma esposa precisa ser encontrada. Uma esposa que não seja nem bonita nem vivaz, mas doce e sem graça, e que com certeza fique longe de problemas.

Desafiado a fazer algo drástico

O súbito interesse de um certo duque covarde é tão desconcertante como indesejável. Ela não vai jogar suas ambições de lado para se casar com um canalha agora que seus planos de autossuficiência e liberdade estão se concretizando. Mostrar claramente ao homem que ela não é a juvenzinha tímida que ele procura, será suficiente para dar fim às suas intenções? Quando Prue é desafiada por suas amigas a fazer algo drástico, parece ser a oportunidade perfeita para resolver dois problemas com uma só solução.

No entanto, Prue não pode deixar de ficar intrigada com o patife que inspirou muitos de seus romances. Normalmente, ele desempenhava o papel de bonito libertino, destinado a destruir sua corajosa heroína. Mas será realmente o vilão da trama desta vez, ou poderia ser o herói?

Descobrir será perigoso, mas poderá inspirar sua melhor história até hoje.

[Desafiando um Duque](#)

Confira também a série de romance regencial de Emma, Patifes & Cavalheiros. Disponível agora!

O Patife

Patifes & Cavalheiros – Livro 1



O notório Patife que começou tudo.

Situado na Cornualha, em 1815.

Selvagem, indomável e solitário. A ilegalidade é predominante e o contrabando é abundante. Henrietta sempre se sentiu mais em casa na natureza ao ar livre, mas nem mesmo ela imaginaria como o misterioso e indomável viraria, em um instante, sua vida pelo avesso.

Enfeitiçada pelos seus infames olhos azuis

Henrietta Morton sabe fazer vista grossa quando os “cavalheiros” do livre comércio estão na ativa. No entanto, quando um notório pirata

invade uma loja em sua cidadezinha, ela não consegue mais fazer vista grossa. Encantada com seus infames olhos azuis, um momento de insanidade ocorre quando Henriqueta esconde o belo fugitivo da Milícia.

Sua recompensa é um beijo, demorado e inesquecível.

Em sua pressa de fugir, o belo pirata deixa cair uma carta que expõe uma história de traição. Quando o pai de Henriqueta oferece sua mão em casamento a um nobre rico e vil em troca do pagamento de suas dívidas, ela fica desesperada.

Chantagear um pirata pode ser sua única esperança de liberdade.

**** **Aviso:** Este livro contém o mais notório patife de toda a Cornualha e, ocasionalmente, é altamente provável que inclua algumas cenas de transpiração leve ou cenas de sexo descritivas. ****

Disponível no *Kindle Unlimited*: [O Patife](#)

Se você já está gostando de Patifes y Cavalheiros, o livro 12 chegará em breve... pré-encomende já o seu exemplar.

Uma Leve Indiscrição

Patifes & Cavalheiros Livro 12



Quando seu irmão mais velho e seu pai morrem em rápida sucessão, Fitzwilliam 'Will' Lancaster herda o título de Marquês de Henshaw. É o papel ao qual ele secretamente almejava e passou toda a sua vida se preparando para alcançar. Ao contrário de seus antecessores, ele decidiu que seu nome fosse digno de respeito, sem sombra de vergonha, nem mesmo o mais leve indício de algo escandaloso.

Então, a Senhorita Selina Darling entra abruptamente em sua vida.

A Senhorita Darling faz parte dos círculos artísticos, os seus amigos são poetas, pintores e escritores, e personagens glamourosas que não são inteiramente respeitáveis. A Senhorita Darling também tem o infeliz hábito de dizer exatamente o que pensa, sem ponderar sobre que está dizendo. O único homem em sua vida que a adora sem reservas é o seu escandaloso pai, o Senhor 'Bertie' Darling, amado por cantoras de ópera e belas moças de Londres.

Quando o marquês age de forma cavalheiresca e resgata Selina de uma situação delicada, as coisas rapidamente saem do controle. A única maneira de evitar ser o escândalo do século é casar-se com a maldita criatura, embora seja a última coisa que ele quisesse. Antes que perceba, Will se descobre casado com uma garota sem um pinga de decoro e uma propensão para envergonhá-lo em público com seu terrível amigo.

Por mais que tente, Selina não consegue ficar longe de problemas nem encontrar qualquer maneira de agradar seu severo, determinado e desanimado marido. No entanto, ela tem certeza de que há outro homem escondido sob suas vestes impecavelmente costuradas, apenas ansioso para se libertar... se ao menos ela pudesse alcançá-lo.

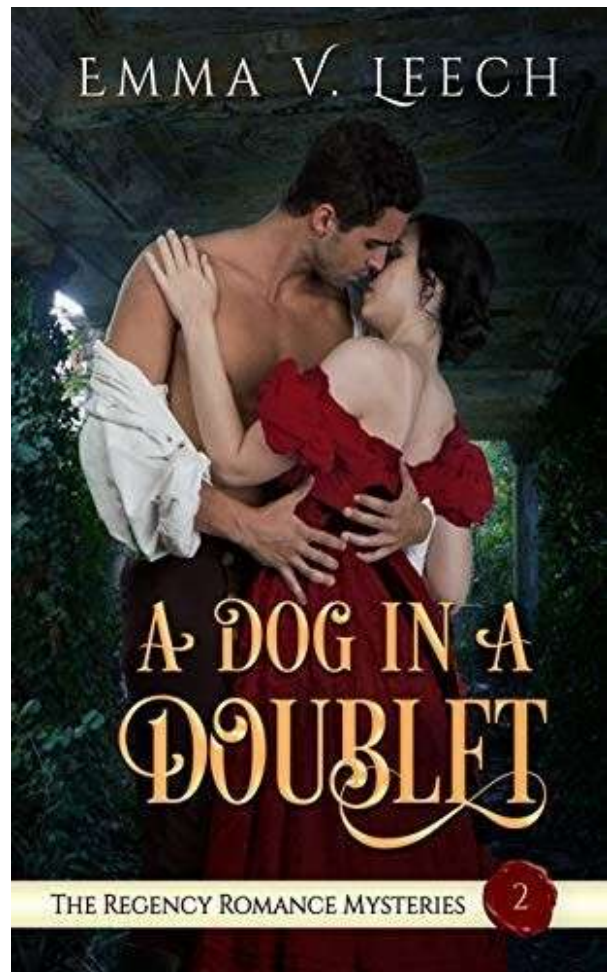
Encomende aqui

[Uma Leve Indiscricao](#)

Gosta de Romances Regenciais com reviravoltas?

O Lorde Indomável

Romances Regenciais de Mistério – Livro 2



Um homem com um passado

Harry Browning era uma criança de rua órfã, e na manhã em que se deparou com o idoso Alexander Preston, o Visconde Stamford, agarrado a uma parede rochosa íngreme, ele não acreditou no destino. Mas o destino tem planos para Harry, quer ele acredite ou não, e ele não está inteiramente certo se o aprecia.

Como recompensa por sua bravura, e em um momento incomum de caridade, o avarento Lorde Stamford o acolhe. Ele é ensinado a ler, a administrar a vasta e deteriorada propriedade, e a se comportar como

um cavalheiro, mas Harry sabe que isso é algo que ele nunca será verdadeiramente.

Fugindo de um passado sombrio, seu futuro está se tornando cada vez mais complexo quando ele se vê preso em uma teia de ciúme e vingança.

Uma jovem intrépida

A tentação, na forma da encantadora Srta. Clarinda Bow, é uma ameaça constante à sua paz de espírito, tentando-o a ser algo que ele não é. Mas quando o velho morre, seu testamento tem uma exigência surpreendente, e os destinos podem dar a Harry a chance de ter tudo o que sempre desejou, incluindo Clara, se ele ousar.

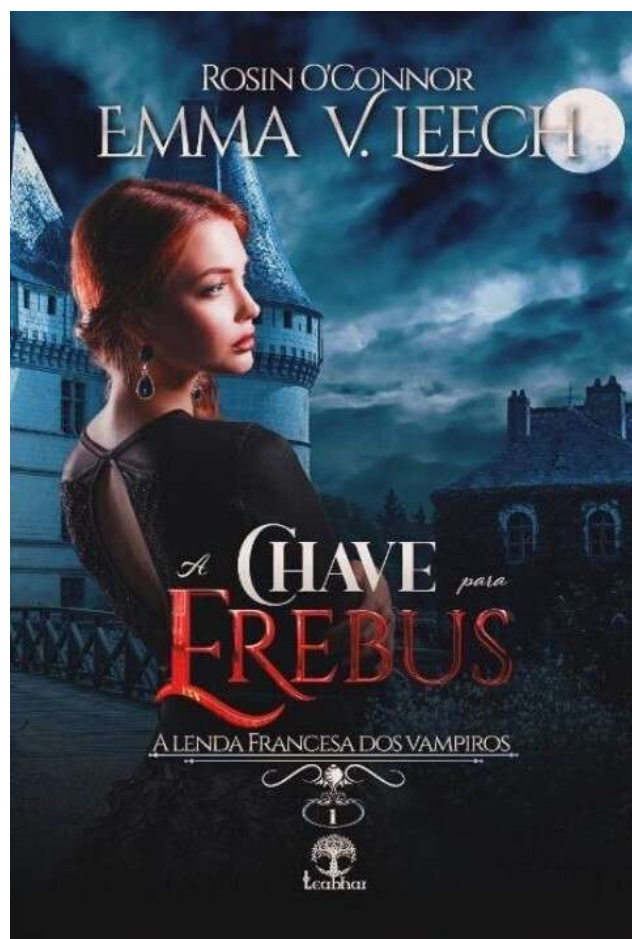
E à medida que aqueles próximos à família Preston começam a morrer, Harry pode não ter escolha.

[O Lorde Indomável](#)

Perca-se no mundo paranormal de Emma com a série A Lenda Francesa do Vampiro...

A Chave para Erebus

A Lenda Francesa do Vampiro – Livro 1



A verdade pode matar você.

Quando criança, é levada para longe para uma vida em que os vampiros, faes e outras criaturas míticas são reais e traiçoeiras. Ao regressar à França rural, Jéhenne Corbeaux, a bela jovem bruxa, está totalmente despreparada para viver com a sua excêntrica avó.

Lançada de cabeça em um mundo sobre o qual ela nada sabe, procura descobrir a verdade sobre si mesma. Nessa jornada, descobre segredos mais chocantes do que qualquer coisa que jamais poderia ter

imaginado e conclui que não é, de forma alguma, impotente para proteger aqueles que ama.

No entanto, apesar das terríveis advertências de sua avó, é inexoravelmente atraída pela figura sombria e aterrorizante de Corvus, um antigo vampiro e mestre da vasta família Albinus.

Jéhenne está prestes a encontrar as respostas que buscava e a descobrir que Corvus não somente é muito mais perigoso do que ela jamais poderia imaginar, mas também que ele detém muito mais do que a chave do seu coração...

Disponível no Kindle Unlimited

[A Chave para Erebus](#)

Confira a emocionante série de fantasia de Emma, aclamada pelo Kirkus Reviews como *“uma fantasia encantadora com uma heroína simpática, intriga romântica, e floreios narrativos inteligentes”*.

O Príncipe Sombrio

A Lenda Francesa dos Fae – Livro 1



Dois Príncipes Fae

Uma Mulher Humana

E um mundo pronto para separá-los.

Laen Braed é o Príncipe dos Dark Fae, com um temperamento e uma reputação que combinam com seus olhos negros e um coração que despreza a raça humana. Quando é enviado de volta, através dos

portões sagrados entre os reinos, para recuperar um antigo artefato Fae, ele volta para casa com muito mais do que esperava.

Corin Albrecht, o mais poderoso príncipe Fae já nascido. Dizem que seus olhos dourados são uma dádiva dos deuses, e o destino o chama. Com um amor profundo pelo mundo humano, seu relacionamento com Laen está sendo destruído pelos preconceitos de seu amigo.

Océane DeBeauvoir é uma artista e encadernadora que sempre confiou em sua imaginação fértil para superar uma vida infeliz e sem aventuras. Um punhal com joias exposto em um museu próximo chega às manchetes com especulações sobre uma outra raça, os Fae. Mas a descoberta também inspira Océane a criar uma extraordinária obra de arte que não pode ser confinada às páginas de um livro.

Com dois homens poderosos disputando sua atenção e a amizade deles chegando ao limite, Océane precisa decidir em quem confiar... e qual deles é realmente o Príncipe Sombrio.

O homem dos seus sonhos está chegando... ou são os seus pesadelos que ele visita? Descubra no primeiro livro da Lenda Francesa dos Fae.

Disponível no Kindle Unlimited

[O Príncipe Sombrio](#)

Quer mais Emma?

Se você gostou deste livro, por favor, apoie essa autora independente e reserve um momento para deixar algumas palavras em uma avaliação.

Obrigada!

Para manter-se informado sobre ofertas exclusivas e gratuitas (o que faço regularmente), siga-me em:

<https://www.bookbub.com/authors/emma-v-leech>

Para saber mais e receber notícias prévias do primeiro capítulo dos meus próximos trabalhos, entre no meu site e inscreva-se na newsletter:

<http://www.emmavleech.com/>

Ou siga-me aqui:

<http://viewauthor.at/EmmaVLeechAmazon>